



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

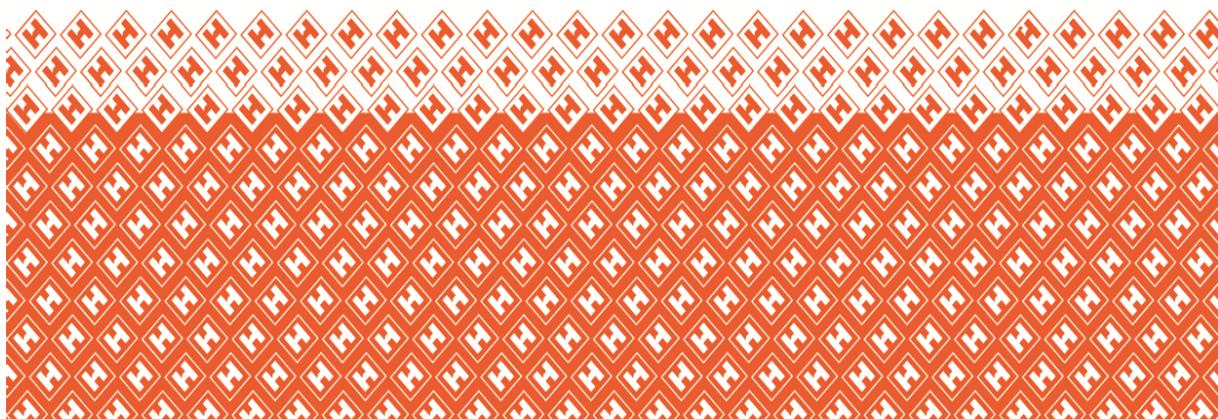
---

ANTÔNIO CARLOS NEGREIROS MACHADO

# O Romance Histórico na EJA, em busca de uma leitura historiográfica

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Maio / 2023





UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

ANTÔNIO CARLOS NEGREIROS MACHADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História - Mestrado Profissional, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Dissertação aprovada em 30/05/2023

M149r MACHADO, ANTÔNIO CARLOS NEGREIROS, 1878-  
O ROMANCE HISTÓRICO NA EJA, EM BUSCA DE UMA LEITURA  
HISTORIOGRÁFICA / ANTÔNIO CARLOS NEGREIROS MACHADO. -  
VOLTA REDONDA, 2023.  
193 f.

Orientadora: REBECA GONTIJO TEIXEIRA.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro/ProfHistória, 2023.

1. Romance Histórico. 2. Leitura. 3. Sensibilização  
histórica. 4. Ensino de História. 5. Literatura. I.  
TEIXEIRA, REBECA GONTIJO, 1968-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro/ProfHistória III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA



TERMO Nº 611 / 2023 - PROFHIST (12.28.01.00.00.00.79)

Nº do Protocolo: 23083.034560/2023-95

Seropédica-RJ, 30 de maio de 2023.

ANTONIO CARLOS NEGREIROS MACHADO

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM ENSINO DE HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História ? Curso de MESTRADO, área de concentração EM ENSINO DE HISTÓRIA.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29 de maio de 2023

REBECA GONTIJO TEIXEIRA - UFRRJ - orientadora e presidente

MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA - UFRRJ

MÁRCIA DE ALMEIDA GONÇALVES - UERJ

*(Assinado digitalmente em 30/05/2023 13:19 )*

MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matricula: 1544166

*(Assinado digitalmente em 02/06/2023 08:07 )*

REBECA GONTIJO TEIXEIRA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matricula: 1734363

*(Assinado digitalmente em 12/06/2023 11:23 )*

MÁRCIA DE ALMEIDA GONÇALVES  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 766.733.677-68

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **611**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **30/05/2023** e o código de verificação: **bf6c4b185a**

## AGRADECIMENTOS

Queria primeiramente agradecer ao programa Profhistória pela oportunidade a mim conferida de poder me atualizar enquanto profissional de ensino da área de História. Chego ao seu término, instrumentalizado e motivado para continuar na educação. Estou mais forte e decidido a não me entregar facilmente a um sistema capitalista que insiste em nos destruir.

Agradeço imensamente aos professores em que tive o prazer de conhecer e aprender. São eles, Alain Pascal Kaly, Rebeca Gontijo Teixeira, Patrícia Bastos de Azevedo, Marília Lopes de Campos e de forma online, Flavio Madureira Heinz e Luiz Edmundo de Souza. Além dos meus cadernos, abarrotados de anotações, guardarei em minha memória, os sentimentos produzidos durante as aulas, momentos valorosos que procurei valorizar.

Agradeço aos meus colegas do Profhistória, pela convivência afável e por aprender com suas reflexões nos debates dos artigos da cada semana. Nessa moçada eu boto fé.

Agradeço ao meu velho Celta vermelho, que mesmo sem totais condições, me levou a descer e subir a serra, rumo a Seropédica, ao Câmpus de Nova Iguaçu e a UERJ no centro do Rio de Janeiro. Garantiu para sempre sua vaga na garagem.

Agradeço aos meus familiares, pais e irmãos, que incentivaram e sentiram orgulho da minha presença no mestrado. Em especial, minha mãe Semírames, que me inspirou na arte de educar e que cunhou uma frase que carregarei sempre comigo: *Seja sensível antes de tudo!*

Agradeço às professoras Márcia de Almeida Gonçalves e Maria da Glória de Oliveira que participaram da minha qualificação. Suas contribuições foram fundamentais para a finalização da minha dissertação. Meu muito obrigado!

Um agradecimento especial a minha orientadora Rebeca Gontijo Teixeira, que com sua paciência e polidez, me amparou na medida certa, o que somente os grandes educadores conseguem fazer. Minha gratidão é eterna!

Por fim, agradeço a minha filha Amanda e minha esposa Dayane. Sem essas mulheres, não conseguiria conquistar um *mar nunca antes desbravado*. Como dizia Raul, elas são *o fim, o início e o meio*. Minha querida companheira Dayane, aliás, é a grande responsável por eu ter insistido e acreditado no meu potencial. Obrigado meu amor!

## RESUMO

O presente trabalho é resultado da confluência entre a experiência de lecionar aulas de História na Educação de Jovens e Adultos, a paixão por romances históricos e os estudos teóricos e educacionais que valorizam a literatura na sala de aula. A partir disso, foi colocado em análise o livro da historiadora e escritora Mary del Piore, *Beija-me onde o Sol não Alcança*, criando uma sequência didática de leitura e aprendizado como forma de potencializar o ensino de História. Esta pesquisa desenvolveu um guia didático teórico-prático como facilitador das práticas pedagógicas do professor com ações adaptadas e coordenadas na leitura integral da obra, permitindo discernir a pluralidade histórica no período retratado do Vale do Paraíba do século XIX. No mesmo guia, o professor vai encontrar atividades com referências da obra estudada e indicações de outros romances para serem inspirados e usados na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance histórico, leitura, escrita, literatura, ensino de história, sensibilização histórica.

## ABSTRACT

The present work is the result of the confluence between the experience of teaching History classes in Young and Adult Education, the passion for novels, and the theoretical and educational studies that value literature in the classroom. From this, the book by the historian and writer Mary del Piore, *Beija-me onde o Sol não Alcança*, creates a didactic sequence of reading and learning as a way to enhance the teaching of history. This research developed a theoretical-practical didactic material to facilitate pedagogical practices related to teachers with inclusive actions and coordinated in the whole reading of the book, allowing to discern the historical plurality in the portrayed period of the 19th century Vale do Paraíba. In the same guide, the teacher will find activities with references to the work studied and indications of other novels to be inspired and used in school.

**KEYWORDS:** historical novel, reading, writing, literature, history teaching, historical awareness.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: DEFINIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1: LITERATURA ENQUANTO FONTE PARA A HISTÓRIA E O USO DO ROMANCE HISTÓRICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA .....</b>	<b>16</b>
1.1 A OBRA LITERÁRIA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA .....	16
1.2 O POTENCIAL DO ROMANCE HISTÓRICO .....	24
1.3 COMPLETANDO A TRÍADE: ENSINO DE HISTÓRIA - ROMANCE HISTÓRICO – EJA .....	26
1.4 A EJA - “eu não leio para formar-me; eu me formo também lendo, entende?” .....	37
<b>CAPÍTULO 2: REGINA ANGELORUM DE SOUZA EM <i>BEIJA-ME ONDE O SOL NÃO ALCANÇA</i>, RETRATO DE RESISTÊNCIA NO MUNDO DOS BRANCOS .....</b>	<b>43</b>
2.1 O CARÁTER DA OBRA .....	47
2.2 RESISTÊNCIA INDIVIDUAL - (...) REGINA ANGELORUM... REGINA SANCTORUM OMNIUM .....	50
2.3 REGINA ESCAPA DO MARIDO, MAS NÃO DE SEU DONO... ..	54
2.4 ANGELORUM TEM HISTÓRIA .....	55
<b>CAPÍTULO 3: GUIA DIDÁTICO-METODOLÓGICO DO ROMANCE HISTÓRICO: <i>BEIJA-ME ONDE O SOL NÃO ALCANÇA</i> .....</b>	<b>62</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>165</b>

## INTRODUÇÃO

### Definição do tema e do problema

Sou professor há 19 anos atuando na rede municipal de Pinheiral-RJ, cidade de pouco mais de vinte mil habitantes no sul fluminense, tendo desenvolvido o currículo do componente curricular de História na Educação de Jovens e Adultos (fundamental II) em 2010. A VII fase, escolhida como foco de ação educativa neste projeto, dá ênfase ao tema “Resistências individuais e coletivas contra a opressão na História do Brasil”. Este projeto pretende contribuir para o desenvolvimento desse tema e o caminho escolhido para atingir esse objetivo foi elaborar um guia didático utilizando a literatura como meio de ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da história.

Mais especificamente, a proposta é utilizar o romance histórico *Beije-me onde o Sol não alcança* (2015), de Mary del Priore, no desenvolvimento da VII fase da Educação de Jovens e Adultos no Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, na cidade de Pinheiral-RJ. A obra cita resistências coletivas, como a campanha abolicionista e as fugas sistemáticas apoiadas, por exemplo, pelos caifazes.<sup>1</sup> Elas funcionam como pano de fundo social e político para os movimentos de resistência individual. Os três personagens principais cumprem papéis sociais determinados pela sociedade e o modo como eles reagem perante a vida exemplifica variadas formas de resistência. Tanto o currículo escolar como a obra escolhida, permitem, desenvolver reflexões sobre a história e podem servir como mote para atividades relacionadas ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

O livro conta a história factual de um triângulo amoroso entre a sobrinha dos riquíssimos Breves<sup>2</sup> do Vale do Paraíba Fluminense, Ana Clara Breves (Nicota), o conde russo Maurice Haritoff, que veio ao Brasil aumentar a fortuna da família e Regina Angelorum, uma escrava “de dentro”, nascida poucos dias depois da lei do ventre livre e mantida em cativeiro até a alforria em um festejo na fazenda Bela Aliança, com a presença do ilustre Joaquim Nabuco. Um enredo transcorrido em um espaço geográfico próximo do

---

<sup>1</sup> Grupo abolicionista radical intitulado “ordem dos caifazes” (memória cristalizada por memorialistas do início do século XX), sendo Antonio Bento identificado como mentor e líder, cujas práticas baseavam-se no planejamento e auxílio, por parte de homens livres, a fuga de escravos no interior da província de São Paulo. Presente na tese de dissertação de Alexandre Ferro Otsuka, 2015.

<sup>2</sup> A família Breves destacada pelo ramo dos Breves graúdos, sendo os mais conhecidos os irmãos, Joaquim e José de Souza Breves, donos de terras (e das maiores fortunas no auge cafeeiro) que ligava o litoral fluminense da Marambaia até o sul de Minas Gerais. Estudo presente na dissertação de Thiago Campos Pessoa Lourenço - O império dos Souza breves nos oitocentos. UFF, 2010.

mundo de vivência dos próprios moradores do Vale do Paraíba, onde a escola municipal em que atuo está situada.

Mary del Priore usou cartas (algumas inseridas *ipsis litteris*) trocadas entre Nicota e Maurice e entre este e sua família e amigos para construir o enredo. A execução de “fala” de Regina Angelorum é preenchida pela capacidade imagética da autora que, por um lado, se assemelha à imagem que a literatura do século XIX deu à mulher negra, por vezes sedutora, vitimizada e/ou submissa. Por outro lado, ao “dar voz<sup>3</sup>” a Regina, a autora traça uma personalidade forte, pois, conforme vai amadurecendo, ela toma decisões de maneira autônoma e racionalizada. Esse dado em especial, pode proporcionar reflexões sobre a importância da ressignificação-valorização da própria história e o seu registro, exercendo seu próprio “poder de fala”.

Importante salientar que a autora, em eventos promocionais de lançamento da obra em primeira edição no ano de 2015,<sup>4</sup> fez questão de ressaltar o cuidado em não incorrer em anacronismos na sua escrita. Ao ler e reler com atenção a obra sendo especialista em História do Brasil posso também conferir credibilidade a esta historiadora reconhecida em seu meio pela preocupação com o trato e cuidado de fontes primárias em suas pesquisas. Trazer esta obra como ponto de partida para o ensino de História em minhas aulas sempre foi um desejo, já que em minha carreira, enquanto professor, na Educação de Jovens e Adultos, sempre procurei usar textos literários com base histórica em sala de aula como meio de instrumentalização para o processo de ensino-aprendizagem.

A ficção literária oferece muitas possibilidades para pensar a história a partir de personagens e fatos reais. O desenrolar da narrativa segue uma cronologia da História do Brasil do Segundo Império até os primeiros anos da República. Enquanto romance histórico, a obra proporciona conhecimentos históricos, entendimento das relações sociais, humanização dos personagens feitos “de carne e osso” vivendo suas histórias de vida como qualquer um de nós, provocando identificação de espaços na localidade.

A obra será conhecida na sua integralidade por meio da leitura em voz alta em sala de aula, pretendendo-se uma aproximação dos sujeitos envolvidos, alunos e educador, uma intimidade que deve ser capaz de promover sensibilidades, possibilitando, além do aprendizado da leitura, a compreensão da historicidade.

---

<sup>3</sup> Sidney Chalhoub enumera a negra maranhense Maria Firmina dos Reis a pioneira da literatura no Brasil em “dar voz” aos cativos no romance *Úrsula* de 1859.

<sup>4</sup> Sempre um papo. “Beije-me Onde o Sol Não Alcança” - Mary del Priore no Sempre Um Papo em BH. 2016. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=BTUCA4\\_CyO4&t=3372s](https://www.youtube.com/watch?v=BTUCA4_CyO4&t=3372s)>

A história local é tratada na obra enquanto espaço natural e geográfico. Uma oportunidade de conhecer pontos de história e memória da cidade de Pinheiral-RJ (as duas sedes das fazendas, por exemplo, ficam perto da escola onde pretende-se dar o projeto), ressignificando seu espaço. Fortalecer a identidade enquanto moradores de espaços históricos é qualificar os indivíduos enquanto constituintes, protetores e disseminadores da cidade de Pinheiral, pouco conhecida pelo seu passado cafeeiro.

Na obra, histórias de vida são contadas pelos próprios personagens e como foi dito, a autora deu voz a Regina Angelorum dando-lhe “consciência” e condutora de seu destino. O professor-educador enquanto agente provocador pode incitar discussões interessantes. O romance histórico potencializa o aprendizado da história, induzindo reflexões e diálogos. A experiência obtida com o conhecimento da obra incentivará uma proposição aos alunos, a de registrar suas histórias de vida no *Museu da Pessoa* - por meio virtual (etapa 5 da sequência didática / capítulo 3). As mesmas poderão ser declamadas em um momento especial não apenas nas aulas de História mas envolvendo toda unidade escolar. Sendo assim, este trabalho também almeja contribuir para o aprimoramento e potencialização da escrita.

Nas práticas sociais cada um lê para si, do interesse às indicações, de modo particular e livre, mas, na escola é diferente pois existe um programa e um planejamento. Nada que se faz na escola é gratuito, temos objetivos, conteúdos e métodos. Então, pergunta-se os motivos do uso da literatura com base histórica em sala de aula, na escola. Este tipo de literatura que é o objeto de ensino que está sendo discutido. A escola reiteradas vezes enumera que os alunos não leem, portanto, se não tem tal prática, seria melhor objetivar esse ensino, seria mais útil trazer informações mais objetivas com um posicionamento de ensino mais racional, mais técnico, considerando neste caso que a literatura implica um outro tempo, uma outra relação com o universo do conhecimento, portanto, a escola considera que o aluno não estaria preparado para a recepção de saberes mais aprofundados. A escola faz parecer se comportar com uma cultura de massa, muito conteúdo, avaliações de larga escala onde o tempo da leitura e seu espaço não existe. Algumas redes e sistemas de ensino criam a “hora da leitura” com uma ou duas aulas por semana. Esse tempo exíguo para a leitura não seria o ideal. Redes particulares de ensino possuem em seus programas leituras de obras obrigatórias incluindo até mesmo obras em língua estrangeira. Não podemos relegar aos componentes da “classe operária” qualquer tipo de marginalização dos saberes produzidos pela humanidade, sendo preciso educadores conscientes em uma práxis ético-político-educativa “intencionalmente

pensadas como a possibilidade viável de concretização do sonho possível da construção de um mundo mais justo.” (HORTON, M; FREIRE, P. 2003, p. 8).

É preciso conhecer os textos a contrapelo da história, no sentido de Walter Benjamin (1987), com o propósito de elucidarmos, com maior discernimento, a sociedade em que vivemos. Uma nova postura é necessária em relação à função social da própria ciência, da sociedade e também da escola (AGOSTINI, 2019, P.13). A escola enquanto instituição coletiva precisa se posicionar frente ao quadro de exclusão social, às tendências político-sociais desumanizadoras e a falta de políticas públicas em prol da democratização do conhecimento. A escola cria consciências, forma pessoas, viabiliza mudanças e as mudanças mudam a sociedade. Paulo Freire dizia que a educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo e Karl Marx já delimitava que não bastava interpretar o mundo, era necessário transformá-lo. Essa é a esperança que não devemos perder dentro de um debate crítico constante sem perder a perspectiva de que possamos ter práticas pedagógicas cada vez mais transformadoras e é essa luta que nos move.

Avançar no processo de mudança a partir da leitura, representa um desafio ao professor, pois lhe falta tempo exclusivo à leitura, espaço adequado, parco conhecimento, dificuldades na didática da literatura e sobre a própria literatura. Conhecemos pesquisas com professores que lamentam sua própria formação tornando o desafio ainda maior. Oferecer uma hora por semana de literatura não resolve e é mais fácil e eficaz oferecer aqueles textos fragmentados mostrando como esses textos traduzem as matrizes estéticas de uma época, sendo muito provável que o aluno não consiga reter saberes. Não existe receita didática de leitura literária pronta (tampouco uma metodologia para a prática do romance histórico), mas há possibilidades de trazer problematizações e tentativas, uma possibilidade no trato de leitura de obra na escola.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza a cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as disciplinas serem expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá o lugar indireto, e esse direito é precioso. Por um lado ela permite designar saberes possíveis - insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...] o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem

derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens (Barthes, 1979: 18-19)

Acreditar na literatura, mesmo em um texto mais denso, mais complexo, não tem sido alardeado como prática, quase que desaparecido das aulas e muitas vezes se tornado um problema aos alunos acostumados aos textos vinculados na internet com linguagem simples, curto, linguisticamente mais contemporâneo. O papel da escola na formação dos estudantes, nas práticas escolares se nutre muito em grande parte das práticas sociais, uma educação para que o sujeito domine elementos necessários para a vida pública. No caso da literatura, necessitamos pensar as motivações de leitura fora da escola e as motivações são muitas. São muitos os tipos de leitores e cada qual com sua peculiaridade. Uma indagação que nos leva a um mundo de intenções e motivações difíceis de definir e identificar, o que não significa que não se processe uma identidade como leitor naquilo que lhe dá prazer, que dialoga com seu próprio mundo, com seu cotidiano, que remete a inquietações.

As experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz com que este leitor seja [de algum modo] semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade (Chartier, 1999:91).

Essa busca desinteressada de literatura não é inteiramente desvinculada de sentido para aquele que lê. Seja qual for o texto literário, há um diálogo com “aquilo que eu sou” e “como penso”. Então, essa leitura que se faz fora da escola seria muito diferente. O grande desafio é trazer esse leitor para a escola que lê para si, estabelecendo conexões com seu mundo.

O caminho que esse sujeito-leitor vai fazer é muito particular. Como trazer esse leitor para o seio da escola? O tipo de leitura que a escola acha importante difere daquilo que os **microtextos** contemporâneos oferecem. Há várias modalidades de leitura e a prática de diários de leitura mediante forma individualizada ou em grupo podendo oferecer experiências sociais e emoções diferentes do mundo virtual. Destaco as tertúlias literárias (para alunos mais avançados), uma prática de leitura vinda da Espanha, onde grupos de pessoas com afinidades de temas de leitura se encontram nas rodas de leitura e usadas geralmente no Ensino Fundamental, seria uma forma de pensar em possibilidade de ler efetivamente um texto literário em qualidade e não em quantidade. Cito também a prática em que o aluno possa

ler em casa e retomar em sala de aula em forma de debate sobre essa leitura. Associado a essas e outras práticas, considero essencial o uso dos diários de leitura\emoções onde os alunos possam estar trazendo suas dúvidas, inquietações e dificuldades para conversa em sala mesmo que não tenham conseguido ler o texto inteiro. Uma característica geral presente nos alunos é o interesse por temas sociais, lembremos sempre do quanto a discussão sobre a traição da mulher de Bentinho em forma de julgamento é bem comentada pelos professores. Ler uma obra completa é factível desde que haja uma mudança de olhar da escola para com a busca do leitor autônomo e comprometido com si mesmo e com o mundo que o cerca. Textos sem significado, sentido, implicação da vida diária, desafio e problematização terão dificuldade de produzir interação de leitura.

No intuito de elaborar uma proposta didático-pedagógica para o ensino de história em contexto escolar, precisamos pensar na concepção de sociedade e de ser humano que orientam e norteiam o trabalho enquanto educador. Esta concepção, tenhamos consciência ou não, vai de maneira inequívoca se desdobrar no modo como trabalhamos. Os valores embutidos nessa sociedade de mercado são incompatíveis com minha visão de mundo, portanto, parto do princípio de valorar ações educativas que visem à transformação, à criticidade, afetividade e humanização dos sujeitos. Seres humanos que possam continuar sua formação dentro do espaço escolar transformando sua realidade social. A estruturação do trabalho no contexto escolar tem esse viés de ressignificação do mundo através do uso da literatura. Um meio para se buscar uma transformação social.

Lembrar que o papel do educador, na educação escolar, não seria formar seres à imagem e semelhança do professor e sim desenvolver nos seres humanos aquela formação genérica, coletiva, necessária para que se viva em sociedade de uma maneira que possamos evitar destruição mútua. A educação escolar é aquela que vai formar cidadãos da forma mais ampla possível, desenvolvendo as máximas potencialidades do gênero humano, por isso, ela é genérica, uma formação mais universalista possível e é por isso que a educação escolar desde suas origens na modernidade vem se pautando por diferentes campos do conhecimento, tomando como lastro as mais altas realizações nas esferas artísticas, científicas e filosóficas. É neste espaço que se situa a educação escolar quando a gente fala de ensino e uso da literatura.

Então, nessa concepção a partir da qual eu oriento meu trabalho, a educação literária precisa ir além do mero exercício de leitura, mas sem abdicar da experiência singular de leitura. Então, é preciso convergir as duas coisas. De um lado, ler, de outro, não parar na leitura. A finalidade do trabalho pedagógico em contexto escolar com a literatura, não pode

parar apenas no objetivo de formar leitores competentes, proficientes, requer além de formar um leitor de literatura, formar o crítico, o revisor, o divulgador e o escritor. A experiência de procurar produzir pela escrita os sentidos desejados a partir de um texto literário, tem uma função pedagógica formativa muito importante. A complexidade da realidade literária, precisa atravessar nossas práticas pedagógicas, inclusive, uma visão crítica em relação aquilo que a indústria cultural tem feito no sentido de massificar o gosto das pessoas. Só vamos produzir questionamento dos nossos alunos, se abriremos o espaço para o debate e se dermos outras referências, outros modelos, outros exemplos para serem comparados. O papel da educação escolar não é enaltecer certos modelos ou clássicos, é prover para os sujeitos em formação uma outra perspectiva que não apenas aquela que já é formatada, induzida pelo mercado e que tende sempre a reproduzir “mais do mesmo”, então, para que possamos contestar o sistema, precisamos incentivar a criticidade, a reflexão, precisamos ir além da mera reprodução do cotidiano e a escola tem um papel fundamental nesse processo de mudança.

É a escola que vai oportunizar principalmente às camadas proletarizadas, o acesso ao conhecimento, a conteúdos, obras de arte e etc., reflexões que não teriam em outro espaço. Não há qualquer possibilidade de dúvida da riqueza e da produção do pensamento da cultura popular, é resistência e tem papel decisivo a essa massificação que vem sendo perpetrada pelas grandes corporações. Penso aqui no espaço da Educação de Jovens e Adultos, local de convivência interacional, intergeracional, local de trocas de culturas. Em poucos lugares do mundo pós-moderno podemos reunir pessoas dispostas a aprender e modificar a si mesmas e ao mundo. Talvez não seja o que o mercado deseja. Não é de se estranhar que seja a modalidade de ensino mais atacada pela falta de recursos financeiros e pedagógicos sempre denunciada pelos Fóruns EJA estaduais e nos seus encontros anuais (lembrar do seu esquecimento na BNCC, apesar da *carta de BH*<sup>5</sup> na Conferência Anual da EJA em 2019, requerer a sua não inserção).

Reitero que a escola precisa assumir a tarefa republicana a todos os sujeitos o provimento do acesso aos conteúdos historicamente produzidos pela humanidade e que ficaram no tempo como clássicos, as máximas realizações humanas. Pensando na cidade de Pinheiral, das letras-desafios do jongo à leitura do Grande Sertão Veredas, dos versos cantados da Folia de Reis aos livros de Ângela Davis. Não podemos prescindir dessa multiplicidade de elementos. A escola deve oferecer os trânsitos entre linguagens, o teatro, o

---

<sup>5</sup> Disponível em  
<<http://forumeja.org.br/mg/sites/forumeja.org.br/mg/files/CARTA%20DE%20BELO%20HORIZONTE%20-%20XVIeneja.pdf>>

cinema, o romance histórico. No caso deste projeto, o trato de um romance histórico onde a cidade de Pinheiral é uma das protagonista da história através das suas fazendas São José do Pinheiro e Bela Aliança, bem como toda a redondeza do Vale do Paraíba fluminense, traz amplas possibilidades para o ensino de história, um mergulho integral na obra em sala de aula em que professor mais do que narrador e mediador da leitura, favorece o diálogo com o conhecimento histórico, com as subjetividades dos ouvintes leitores e suas conexões com o presente. O professor faz papel de mediador (um guia que convida àqueles que adentram o mundo do romance histórico), daquele que ensina e aprende com estudantes da EJA, pois juntos, poderão ressignificar a obra e a própria vida individual e coletiva.

Em atividades interdisciplinares e transdisciplinares nas escolas é comum vermos a aproximação da história com as áreas de geografia, sociologia, filosofia, mas também a de língua portuguesa, mais especificamente com a literatura, nesse último caso, alia-se a facilidade do diálogo entre história e ficção já que usam a mesma forma de linguagem, a escrita e seus códigos. Os interesses são recíprocos e se complementam. Uma história que se quer ser ouvida precisa de uma narração esteticamente prazerosa e didática. O historiador que pretende ser ouvido e lido precisa compartilhar elementos de construção narrativa próprios da literatura. Essa relação tão próxima por vezes implica em dificuldades que terminam confundindo seus espaços próprios, perdendo suas especificidades. Uma obra literária, um romance histórico, que há de ser usada em sala de aula precisa ter elementos de verossimilhança e plausibilidades históricas. Daí a necessidade, conforme entendido e defendido nesta dissertação, do professor ir além da leitura e releitura de um romance histórico, prover uma análise geral das aproximações e distâncias daquilo do que é histórico nas narrativas, com aquilo que a pesquisa histórica já explorou, divulgou e debateu. Os vínculos e interações possíveis entre as narrativas históricas e ficcionais precisam ser sempre discutidos e aprofundados e assim produzir um quadro de análise do romance histórico, do quanto ele pode produzir em termos de conhecimento histórico, discussão de conceitos e das possibilidades de reflexões as continuidades e descontinuidades expostos nos textos. A riqueza histórica de uma obra quando acompanhada de um enredo com uma escrita fluida e atraente para os leitores, que dialoguem com interesses daqueles que serão apresentados a essa viagem no tempo e no espaço, figura na listagem que obras que podem ser apresentadas ao estudantes da EJA e de outras etapas e modalidades de ensino. Essas reflexões imediatas e a apresentação de um romance histórico por mim analisado para ser usado na EJA e em outros

segmentos da educação serão expostos mais claramente no decorrer deste trabalho, estruturado em três capítulos.

Os dois primeiros capítulos apresento as aproximações da literatura com a história, as discussões sobre a presença e a importância da leitura na escola, do grau de historicidade e potencialidades da obra escolhida para o trabalho pedagógico. O capítulo 3 traz um Guia Didático com direcionamento para o professor usufruir em sala de aula. E adicionando o suplemento da leitura com atividades baseados na obra estudada para o uso do aluno.

## **CAPÍTULO 1 - LITERATURA ENQUANTO FONTE PARA A HISTÓRIA E O USO ROMANCE HISTÓRICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA**

### **1.1 A Obra literária enquanto fonte histórica**

Pretendo discutir o valor do uso da literatura enquanto fonte histórica, como meio de investigação de uma determinada época, assim como seu uso na escola, como meio de ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da história.

Ao produzir conhecimentos sobre o passado, a literatura (re)constrói cenários, formas de enxergar o mundo de uma perspectiva individual ou mesma discutida e construída coletivamente. A História tem como objetivo traçar um caminho na busca do real e a literatura não possui o compromisso da cientificidade, ela é uma fonte para o imaginário e, no caso da obra escolhida, a ficção está baseada nos indícios que a ciência histórica desvela, produzindo olhares que só ela é capaz de conseguir. Nas palavras de Sandra Pesavento:

Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores (...) ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (...) é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2004, p. 82).

A obra literária a ser usada como fonte neste projeto, ao contar a história de vidas que se entrelaçam, fornece uma representação da vida senhorial-escravocrata do Brasil monárquico e suas relações. Compreender a representação ficcional, identificando e ensinando sobre semelhanças e diferenças em relação à representação produzida pela historiografia é um dos objetivos desta pesquisa, assim como ensinar os alunos a perceber aproximações e diferenças entre história e ficção é objetivo de aprendizagem.

Cândido (2006) enumera a possibilidade da literatura “estudar em que medida a arte é expressão de uma sociedade (...) e “em que medida ela é social, isto é, interessada em problemas sociais” (CÂNDIDO, 2006, p.23). Além da questão social, a obra, enquanto romance histórico, traz no seu bojo aspectos políticos e econômicos, portanto, ela assume um componente político, uma das características deste subgênero literário. Esse dado torna-se fundamental ao se escolher o romance histórico como fonte de possibilidades e potencialidades para a Educação de Jovens e Adultos, quando se assume a intenção de promover diálogo para conscientização e criticidade dos educandos. Fazer a leitura do mundo a ser conhecido na obra, tomando partido de algum personagem, criando interpretações a partir de seu modo de ver o mundo, um diálogo fundamental como seres conscientes instigados pela sequência didática proposta pelo professor enquanto mediador. Nas palavras de Paulo Freire:

(...) Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. E é enquanto são capazes de tal operação, que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres com o mundo. Sem esta objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo (FREIRE, 1981, p. 53).

Ler o mundo através da literatura é pré-condição para entender seu papel dentro da realidade, somente assim dar-se-á a transformação. A literatura, ao ser promovida como fonte para o ensino de história, ao mesmo tempo que traz possibilidade de investigação provoca sentimentos, promoção de sentidos e possibilidade de humanização dos sujeitos. Trabalhar sentimentos é trabalhar com a autoestima dentro e fora da sala de aula, ação fundamental nessa modalidade de ensino para o sucesso esperado que é a promoção da emancipação do sujeito. Antonio Candido, ao conferir a literatura como direito humano, traz a percepção de que sem a utopia e os sonhos produzidos pela arte não há mudança, tornando-a inválida. A ciência enquanto conhecimento e a arte enquanto sentimento precisam tornar-se objeto e assim fazer sentido. A fonte literária seria assim um instrumento que humaniza, isto não quer dizer que seja inofensiva ou amansadora, seria “a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (CANDIDO, 1989, p. 113). A possibilidade de diálogo com a literatura enquanto arte-estética, faz-se enriquecer a história em sua narrativa de contar a história dos homens na Terra. Segundo Guimarães:

Mas ambos os campos expõe de um jeito ou de outro o que somos e fomos como potência e ato, porque nossa vida não nos basta, temos necessidades de outras, de ler ou ouvir contar. (GUIMARÃES, 2012, p. 114)

As grandes vendas de livros de História como de Laurentino Gomes, Lira Neto e Eduardo Bueno, as biografias, as séries televisivas como Black Sails e Vikings, sem falar de filmes e jogos eletrônicos que fazem gerar milhões na economia, são uma amostra de linguagem artística que visa provocar entretenimento e interesse. Nesse sentido, pode-se transformar espectadores em seres dispostos a mudar o mundo, pois se sentiram impelidos a isso, tendo acesso à História, grande combustível para o sonho, a utopia e a ação.

Os recursos de aproximação com a realidade encontrados no romance histórico mostram-se relevantes para a pesquisa histórica. A verossimilhança com o passado dá credibilidade à narrativa e quando se aproxima de anacronismos, apresenta-se controlada, o que facilita para o professor no processo de mediação do conhecimento histórico. Ana Maria Monteiro (2011) advertiu para este risco, mas também reconhece que seu uso controlado pode ser uma ferramenta importante no processo de ensino. Nos momentos de mediação nas rodas de conversa do professor com os educandos, busca-se: “estabelecimento de conexões, associam elementos, conceitos, palavras de um tempo a outros de forma a estabelecer canais de comunicação, possibilidades de se fazer compreender a história ensinada.” (MONTEIRO, 2011, p.15).

Interessante ressaltar as cartas pessoais contidas na obra que seriam como testemunhos históricos, o fator fundamental para a construção do enredo, “assim, de conversas registradas em papel, que se vai compondo à autobiografia fragmentada do autor, sem que ele disso se dê conta” (LEMOS cita Rabelo, 2004, p. 15). As cartas\correspondências são consideradas um meio de comunicação escrito sendo largamente intensificado no Brasil no século XIX. Nas palavras de Baumann:

Enquanto documentos “(...) representam uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua relação com o mundo. Os avanços de estudos teóricos e metodológicos da arquivologia sobre os arquivos pessoais transformaram esses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais para pesquisadores, que a cada dia se debruçam sobre o estudo de documentos de personalidades do mundo da cultura, da filosofia e das artes (BAUMANN, 2011, p.24).

A literatura é fonte histórica capaz de dar vida às histórias de vida com seus dramas e sabores. Regina Angelorum ganhou uma narrativa sobre sua vida com o esmero da historiadora em recriar seus pensamentos e justificativas para suas ações. Mary del Priore destacou a importância da sensibilidade interpretativa no olhar histórico ao citar Febvre.<sup>6</sup>

Lucien Febvre já dizia que a parte mais apaixonante do trabalho do historiador é fazer falar as coisas mudas<sup>7</sup>. Tais coisas mudas podem ser tudo: documentos escritos (...) paisagens, telhas, formas dos campos e ervas daninhas, tudo o que, pertencendo ao homem, vem do homem, serve ao homem, exprime a presença humana na ausência de documento escrito. Historiador deve fabricar o mel.

Daí a preocupação da autora em construir uma estética que promova beleza, delicadeza e conhecimento. Cada frase, cada palavra, tem significado. A leitura em voz alta poderá trazer um momento de interação, com potencial de liberdade em conexões que poderão ser construídas através do diálogo e promoção de sentidos dentro da Educação de Jovens e Adultos.

Dito isso, cabe aqui tecer alguns comentários sobre pesquisas que utilizam a literatura na sala de aula como recurso de ensino.

A leitura de literatura na escola como arte possibilita a construção de imaginários contra hegemônicos o que contribuiu para o pensamento crítico e o potencial transformador da leitura sobre o desenvolvimento e formação do indivíduo. Acende a oportunidade de expandir seus horizontes sobre a narrativa ao mesmo tempo que produz imaginários.

Observamos atualmente um cenário de mudanças sociais, novas perspectivas culturais e a entrada de estudos culturais nas últimas décadas, implicando em novas propostas, novos textos e documentos.

Durante boa parte do século 20, lia-se o texto para se entender a literatura na História. As mudanças nos currículos culminaram na sua objetivação onde o ensino do texto passou a não mais estar presente, estudando apenas uma linha do tempo com seus movimentos estéticos descaracterizando a literatura. A leitura das obras passou a ser vista como não apropriada para as classes menos favorecidas. Depois do primeiro ciclo do Ensino Fundamental há um vácuo de leitura até o último ano do Ensino Médio quando os alunos lêem no máximo a síntese dos clássicos e seus principais autores. Esta é uma percepção de

---

<sup>6</sup> Territórios e fronteiras: Revista de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, v. 3, n. 1 jan - jun 2002.

<sup>7</sup> FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Collin, 1953.

quem atua no chão da escola pública, reconhecendo alguns projetos de leitura exitosos na minha região.

Roland Barthes, já em artigo de 1967, “A morte do autor”<sup>8</sup> criticava a ênfase demasiada que se dá na história do autor, nas intenções do autor. Diz que “a morte do autor se paga com o nascimento do leitor, critica fortemente essa desconsideração da leitura na escola. Hans Robert Jauss em texto da mesma época contido no livro *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*<sup>9</sup> em que ele vai também comentar como a história previamente fixada não dá conta das mudanças que passaram os textos ao longo das décadas, cada texto responde a um horizonte de expectativas, fala de sua época reiterando as ideias que estão ali presentes, a obra pode ser mais de vanguarda, experimental e trazer ideias que são críticas a essa época, obras que antecipam determinados fenômenos, mostrando como o cânone na escola é muito fixo. Esses clássicos dependem das leituras do leitor comum quanto do especialista-pesquisador fazem dessas obras.

Há muitas pesquisas que releem essas obras com novas perspectivas e análises. Por exemplo, os novos olhares do historiador Sidney Chalhoub sobre Machado de Assis em livro lançado em 2003 onde discute a relevância deste cânone como historiador e atualmente investiga<sup>10</sup> textos que falam sobre escravidão de maneira explícita como *A Cabana do Pai Tomás* da autora norte-americana Harriet B. Stowe, que ajudou a formatar a maneira como se pensava a crítica a escravidão em textos literários ao longo de toda a segunda metade do século XIX. As obras são vivas, elas respondem a um universo, um horizonte de expectativas, o leitor lê as obras a partir de sua época, então as leituras são fundamentais.

Tradicionalmente, a leitura do texto literário que se faz na escola, na análise do texto, não é considerada. Uma leitura dos educandos, suas impressões e interpretações sobre o texto, uma visão subjetiva e impressionista, não valeria a pena no âmbito da interpretação. Essa perspectiva tem mudado sendo que a leitura é fundamental para a interpretação seja ela qual for, uma leitura subjetiva, uma leitura implicada, uma leitura que associe o texto a sua própria vida, de identificação e outras. A leitura é fundamental para que haja um ensino, sem essa implicação do leitor, a obra se torna descarnada pois uma obra objetivada onde se aprende apenas algumas informações, não perdura no aluno-leitor. Uma informação que em breve é

---

<sup>8</sup> Texto publicado em: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004

<sup>9</sup> A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária de Hans Robert Jauss, Editora Atica - série Temas, volume 36, São Paulo, 1994.

<sup>10</sup> Unitevê UFF. Palestra com o Prof. Sidney Chalhoub (Harvard University) intitulada Literatura e Escravidão, com moderação do prof. Ronald Raminelli Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hXxKaFYyg7g&list=WL&index=22>>

esquecida porque ela não constrói significado e este aluno não dará sentido aquele trabalho que se quer realizar.

Hoje, são muitas as discussões sobre leitura literária com foco no leitor, um termo que ganhou projeção implicando uma mudança teórico importante substituindo o termo ensino de literatura. A leitura literária pressupõe “acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e dar a ele o tempo necessário é mais importante do que cobrir uma lista de conteúdos previamente definida” (DALVI, REZENDE, JOVER-FALEIROS, 2013, P. 107)

Hans Robert Jauss, escritor e crítico literário alemão falecido em 1997, apresentou o leitor como instância da literatura, onde na relação autor - texto - leitor, é o leitor que dará o real sentido. O crítico literário e poeta Otávio Paz diz, por exemplo, que o poema apenas se realiza na leitura.

*[...] o poema é um caracol onde ressoa a música, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. [...] o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!” (PAZ, 2012, p. 21)*

Então, essa dimensão da leitura como produtora de sentido, portanto, instância da literatura, mostra-se fundamental para construir o sistema literário. A visão da inclusão do leitor mostra-se fundamental na visão dos autores a partir dos anos 70.

Dito isto, gostaria de falar sobre o conceito de História.

Heródoto, o primeiro a registrar os fatos humanos sob o termo “histórias” para significar investigação (não os próprios feitos, mas aquilo que deles se conhece e se diz), por isso ter recebido a alcunha de o “pai da história”, ficção e história não se separavam fundamentalmente. Foi Tucídides, preocupado com a expressão racional da história, que instituiu uma ruptura, separando a história da ficção em um grande esforço que identificava como as duas narrativas se aproximavam. Aristóteles vai discutir a história no livro *Poética*, no século IV a. C., em que seguindo a linha de análise de Tucídides, consolida a separação entre história e literatura. A poesia seria mais importante pois teria um campo muito mais amplo, a arte de imitar e criar no campo da imaginação seria inacessível ao historiador apegado apenas aos fatos. Aristóteles delimita os terrenos específicos da história e da literatura, uma discussão que até hoje provoca debates e polêmicas. Lembremos Cícero que primeiro século antes de Cristo dispôs sobre as qualidades da história em seu livro *Do*

*Orador*, marca a história como *mestra da vida*, onde a história é um ramo da retórica. O orador e um bom político tem que conhecer a história para conversar com o povo.

A história mestra da vida possui certidão de nascimento grega [com a obra de Tucídides], o nome cunhado em latim [por Cícero], os primeiros exemplos que a compunham eram profanos. [...] Todavia, no século XVIII, essa forma de conceber a história se dissolveu. Um novo espaço de experiência criou um novo horizonte de expectativas e, nesse processo, a concepção de tempo foi transformada. (ANHEZINI 2009, p. 76).

Esse status da história não é muito distinto do estatuto da historiografia medieval e daquela do renascimento. A história é exemplo, o passado ensina o presente porque o homem é o mesmo e não há nada que seja imprevisível. Os exemplos de ontem servem para o hoje havendo previsibilidade.

A história como uma aventura humana na Terra é uma concepção posterior ao renascimento, de origem propriamente iluminista. Na segunda metade do século XVIII usa-se o vocábulo HISTÓRIA para designar o processo universal, sem a necessidade de complementos, para se referir à totalidade da dimensão temporal da própria existência humana. A ação humana constrói o futuro sendo a racionalidade seu motor, fundamento da ação política na medida que o futuro passa a ser apreendido como uma extensão temporal da lógica do processo da marcha da história. A ação humana construindo o futuro no presente levando o progresso criou um conjunto de justificativas ideológicas para a dominação, exclusão ou eliminação de grupos humanos e mesmo nações inteiras em nome do desenvolvimento da história universal.

As críticas a estas crenças históricas viriam nos romantismos diversos e sua apreciação dos passados nacionais, nas críticas de Tocqueville em que afirmava que a “revolução democrática” era um processo de redução progressiva das distâncias sociais entre nobres e plebeus, uma “realidade providencial”, nas considerações intempestivas de Nietzsche, nas vanguardas dos anos 10 e 20 do século XX.

As principais correntes da historiografia da segunda metade do século XX recuperaram a função narrativa da história contrastando com a historiografia positivista do período anterior. Surgiram propostas como as da Nova História Social inglesa (Edward Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill), da Nova História francesa (autores como Jacques Le Goff, Georges Duby), da História Cultural norte-americana (Hayden White, Dominick La Capra), da Micro-história italiana (Carlo Ginzburg, Giovanni Levi) e da Filosofia da História alemã (Reinhart Koselleck). A narrativa e a questão da interpretação

voltam ao debate das representações históricas e com ela o caráter semelhante ou distinto entre a narrativa histórica e a literária.

A perspectiva culturalista da história foi a que mais se aproximou da literatura. Hayden White e Dominick LaCapra por exemplo, destacaram o papel efetivo da linguagem e das estruturas de uma narrativa na representação histórica. Como o ficcionista, os historiadores também constroem seus textos, a neutralidade inexistente, portanto, possuem um papel ativo no tratamento que ele dá ao passado e em sua interpretação. A forma discursiva aproxima de maneira indelével a história com a literatura. Os componentes imaginativos não podem ser desconsiderados na leitura de um texto. O historiador Arthur Lima de Ávila<sup>11</sup> destacou:

Hayden White demonstrou, com seu talento literário e historiográfico ímpar, o trabalho dos historiadores era muito mais próximo da ficção, entendida como uma dotação de sentido ao mundo e não somente enquanto mentira ou invenção, e que não havia nada de errado nisso; pelo contrário, segundo ele, era somente através do contato com as formas e preocupações literárias (logo, políticas) de um dado tempo que a historiografia poderia atingir aquele objetivo que deveria ser, para White, seu principal: fazer com que as pessoas pudessem compreender seus lugares na história justamente para se libertar de seus fardos.

Hayden White e o francês Paul Ricoeur, lembram o modo de como lidar com a questão da linguagem e interpretação, onde ocorre a disputa entre o que deve ser lembrado e esquecido, pontos de conexão entre ficção e realidade e decisões sobre interferência dos jogos da memória.

A perspectiva dos historiadores “culturalistas” em estabelecer a necessidade de prover diálogos interdisciplinares pode levantar preocupações. Carlo Ginzburg expõem que o excessivo relativismo impede o reconhecimento da realidade da experiência histórica dissolvendo as fronteiras que separam história e ficção. Reitera a diferença de compromissos que marca cada uma delas e destaca a especificidade da narrativa histórica: ela fala de um passado real, que contém “verdades”.

---

<sup>11</sup> entrevista com o historiador Arthur Lima de Avila, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historiador-hayden-white-morre-aos-89-anos/#:~:text=%E2%80%93%20Hayden%20White%20demonstrou%2C%20com%20seu,contr%C3%A1rio%2C%20segundo%20ele%2C%20era%20samente>

“Creio que o acúmulo do conhecimento sempre ocorre assim: por linhas quebradas em vez de contínuas; por meio de falsas largadas, correções, esquecimentos, redescobertas; graças a filtros e esquemas que ofuscam e fazer ver ao mesmo tempo. Nesse sentido, o episódio interpretativo que reconstitui com minúcia talvez excessiva pode ser considerado quase banal: não a exceção, mas a regra” (GINZBURG, 2007, p. 111).

O recurso à literatura tem como objetivo localizar parte dos indícios que o passado nos lega. É a história em ação que nos possibilita enxergar o cotidiano, os sinais da história que nos ajudam com uma representação que reponha o que foi perdido, uma maneira de estarmos próximos com a nossa gênese.

A aproximação da história com a literatura é acima de tudo um diálogo e nos impõem desafios ao lidar com o texto literário, podem gerar novas problematizações, novas questões, novas perguntas para a história, gerando novas possibilidades. A história exposta em um romance histórico, por exemplo, traz experiência, emoção, sentido, um repertório que nos torna investigadores, levando-nos a buscar os sinais da história em meio a ficção. Um bom romance como *Beija-me onde o sol não alcança* traz uma significativa experiência histórica. Construído a partir de fatos e personagens reais, ligando as histórias de vida com plausibilidade e verossimilhança faz com que, no trato da sua leitura em sala aula, possamos desfrutar sem preocupação demasiada com a “correção histórica” e quando for necessário temos o professor de história, que antes de sua apresentação e uso, já se aprofundou com cuidado à obra, se envolveu e se entregou. Aqui, não há disputa pela representação da realidade.

## **1.2 O Potencial do Romance Histórico**

O uso do romance histórico como fonte principal para o ensino de história proporciona compreensão de uma época e as interações dos personagens e seus posicionamentos frente ao mundo, reproduzem mentalidades embutidas dentro da sociedade escravocrata à época de seu auge e de sua decadência. O diálogo com os educandos frente a essa realidade conhecida poderá provocar reflexões, imputar questionamentos através de analogias e discussão sobre continuidade e descontinuidade. Essas variadas possibilidades do trabalho com o romance histórico invocam uma riqueza para o ensino de história, pois a produção do conhecimento histórico mediado pelo professor caminha junto com as subjetividades produzidas ao longo da leitura e discutidas em rodas de conversa. O professor é

um agente mediador nesse processo de diálogo com a obra, sendo também um agente provocador e corregedor quando necessário.

A leitura compartilhada em voz alta provoca um sentido de grupo, pois faz parte de um mesmo processo, partilhando emoções e respeitando as individualidades. A oralidade que já foi constante nas escolas e na vida social enquanto comunicação na primeira metade do século XX fez Antonio Cândido comentar que tínhamos um público mais de “auditores” do que de leitores<sup>12</sup>. A Escola Nova e o avanço da alfabetização trouxeram-nos a um mundo de leitura silenciosa. Paulo Freire deu um novo sentido à leitura coletiva enquanto parte da ação educativa, uma ligação entre a leitura da palavra e a leitura do mundo.

Trabalhar com obra literária proporciona uma possibilidade de interdisciplinaridade entre a História e outros componentes curriculares. Professores serão convidados a participar da leitura em suas aulas, sendo que o livro físico estará disponível na sala de aula. Vinte minutos iniciais de leitura serão sugeridos. A expectativa de leitura diária poderá promover fruição e habilidades proporcionadas pela leitura. Leitura é hábito e a escola tem por obrigação oferecer tempo e espaço para a sua prática.

A mobilidade cognitiva proporcionada pelo romance histórico, a partir da leitura e depois da escrita, impulsiona os estudantes, uma estimulação ao aprendizado, pois o romance histórico acaba por induzir uma didatização. A oportunidade em realizar críticas ao enredo, a trama, através da escrita, da leitura e da fala, torna-os parte do centro da aprendizagem como criadores de novas ideias e desafios, expandindo o sentido da obra. Este aluno, não conduzido, mas que define a consequência da interpretação da leitura, tem na comunicação escrita e falada uma forma de autoaprendizagem, no debate e pelo professor leitor/mediador que o provoca ao mesmo tempo que o valoriza a partir daquilo que produz.

A percepção de tempo histórico tem no romance histórico o entendimento da obra que segue uma cronologia do Segundo Reinado e início da República. O acesso no ambiente de sala de aula da linha do tempo se enquadra na narrativa, proporciona sentido de tempo cronológico, algo que nós professores sabemos o quanto isso pode ser caro para aqueles que possuem dificuldades de “encaixar histórias no tempo” sem uma referência visual. Ela estará fixada em forma de mural dentro de sala com espaços para a inserção de sua síntese nas aulas de História.

As possibilidades de competências para o ensino de história mostra-se mais valoroso quando utiliza da leitura como centro da ação educativa em um país que está estagnado há

---

<sup>12</sup> <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-em-voz-alta>

uma década conforme os últimos dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) de 2018, que mostrou o pífio nível de proficiência em leitura. Apenas 0,2% dos 10.961 alunos atingiu o nível máximo de proficiência em leitura no Brasil. As escolas públicas são aquelas que apresentaram os piores resultados e mesmo somado às escolas particulares, a média nacional ficou abaixo da média dos países da OCDE.

Esses índices não são surpresa para quem conhece a realidade da educação básica brasileira com sua falta de infraestrutura, bibliotecas, baixa valorização e capacitação dos profissionais de educação e um quadro social que nos últimos anos mostra-se preocupante colocando cada vez mais jovens em uma realidade de vulnerabilidade das mais diversas formas de violência. Se observarmos o contexto do ensino noturno EJA, essas dificuldades avolumam-se, sendo o Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira da cidade de Pinheiral-RJ, a única escola de Educação de Jovens e Adultos na cidade<sup>13</sup>.

### **1.3 Completando a Tríade: Ensino de História - Romance Histórico - EJA**

A experiência de relações com os sujeitos da EJA e os trabalhos pedagógicos produzidos nesses vinte anos de dedicação a esta modalidade de ensino, me fez refletir criticamente sobre minha prática e o saber escolar produzido de forma coletiva. Entre as várias considerações e perguntas que fiz no seio da minha práxis foi sobre o projeto didático que mais produziu avanços no tocante ao conhecimento, capacidade de crítica, sensibilidade e conhecimento histórico para a vida. Trabalho com textos não fragmentados, com leitura em voz alta, espaço para uma escrita interpretativa, subjetiva, com leitura dessas produções e debate, associando-os com as mais variadas formas de atividades, foi uma das ações em sala de aula que mais despertaram um avanço em prol da autoestima, porque valoriza o lugar de fala do sujeito-estudante com suas visões de mundo, um ser pensador e produtor, bem como a oportunidade de agregação de conhecimentos históricos do passado e presente. A experiência de produção de um projeto com textos integrais, tendo clareza das especificidades didático-pedagógicas na EJA, diferentes do ensino regular, produziu um saber escolar, hoje,

---

<sup>13</sup> Desde o ano de 2002 foram 16 salas de aulas do noturno fechadas da rede municipal do município - Escola Municipal Rosa Conceição Guedes e escola municipalizada Manoel Teixeira Campos. Em todas elas, atuava como professor. Em 2005, passei a ser lotado no CMERS. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil em 2010 (IDHM), havia na cidade, 46,3% da população adulta sem o fundamental completo. Ressaltar que a cidade responsabiliza-se pelo 1º e 2º segmento do Ensino Fundamental -EJA.

reconhecido como uma forma de cientificidade na promoção de conhecimento dentro da escola, somado com a teoria produzida no âmbito da EJA e da Educação Popular e muito experimentada pelo país, traz-me solidez no discurso, na tentativa de contribuir com o processo de ensino aprendizagem nas aulas de História da EJA, com o foco do cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos em suas funções reparadora, equalizadora e qualificadora (e como diz o documento, “o próprio sentido da EJA” Pág. 11)<sup>14</sup>. Levar aos estudantes da EJA uma condição que propicie uma apropriação do conhecimento até então obstaculizado. Essa, foi a premissa que me levou a desenvolver uma prática pedagógica no ensino de História que contribua para a promoção das funções da EJA.

Em momentos em que os ataques a educação pública e de forma mais profunda a EJA, vide as denúncias ouvidas nos fóruns estaduais da modalidade nesses anos mesmo antes da pandemia mundial da Covid-19, precisamos lançar mão de práticas pedagógicas que promovam a conscientização de estudantes, profissionais de educação e para fora dos muros da escola. Essa conscientização, que é política, precisa de um entendimento histórico que permita entender o processo de precarização da escola pública enquanto projeto, como dizia o saudoso Darcy Ribeiro. Como mobilizar se ainda temos sujeitos - aqueles que estudam e trabalham na escola - que estão ao nosso lado, cotidianamente, com precário acesso a informações úteis que contribuam objetivamente para melhoria das condições de vida e de educação escolar? Sem informação, conhecimento e práticas escolares que imprimam transformação, não há disposição para organização de defesa contra os projetos neoliberais.

Por isso, julgo necessário empreender um histórico geral sobre as ações do governo\estado sobre a educação pública, as lutas sociais pela educação, em especial a “educação de adultos”, como uma necessidade de entender a maneira com que as funções da EJA se tornaram compromisso e de que forma a proposta do uso do romance histórico nas aulas de História na EJA contribui para sua efetivação.

Esse histórico é necessário não apenas para sedimentação desta dissertação mas também por entender que sem esse conhecimento, não se fortifica uma consciência política, podendo confundir-se ao se fazer uma análise do momento presente, de que lado devemos estar e como, através da escola e das aulas de história, produzir ideias e projetos coletivos onde a crítica a realidade é a tônica do processo educativo pois como dizia Paulo Freire, a educação muda as pessoas e são elas que mudam o mundo sejam jovens ou adultos.

---

<sup>14</sup> [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)

A colonização portuguesa trouxe no bojo da conquista, a educação como controle e catequese dos nativos da terra, chegando a pontos do litoral da Amazônia à antiga província Cisplatina onde muitas vezes não havia colonos. Foram dois séculos, podemos dizer, de grande sucesso no auxílio da promoção da colonização do Brasil, apesar dos percalços da mata desconhecida e principalmente das famosas divergências com os colonos em uma época em que não havia um quantitativo suficiente de escravizados vindos do outro lado do Atlântico. Em 1549, o padre Manoel da Nóbrega chega juntamente com o governador Geral para fundar a primeira escola em Salvador, de madeira cortada pelos próprios padres, para fundear as ideias civilizatórias de conquista. Até o fim do século XVI as escolas e colégios jesuítas se espalham de norte a norte principalmente nas regiões litorâneas<sup>15</sup>. Os inicianos foram a ordem religiosa que mais influenciou a vida na Colônia. Para Arnaldo Niskier (2011, p.51), tiveram os jesuítas a glória maior de terem contribuído para manterem a integridade territorial e a unidade religiosa da jovem nação.” Apesar de carmelitas, franciscanos e beneditinos também terem aportado por aqui e contribuírem para a instrução na Colônia, nada se compara a força que os jesuítas produziram no Brasil, inclusive economicamente em suas “missões”. Segundo Saviani (2010, p. 40), tanto os franciscanos, como os jesuítas tiveram um papel importante na cultura do povo brasileiro, mas como houve uma predominância jesuítica, tiveram maior influência na história da educação brasileira.

Entre as populações indígenas, a educação era acessível a todos, como afirmou Saviani (2010, p.36-37), um processo que envolvia toda a comunidade com base na oralidade com destaque aos mais velhos, na vida em experiência e ação prática. A educação à “moda europeia” era para poucos e não seria diferente nas terras de uma colônia em formação. De acordo com Paiva (2000, p.43), “as letras deviam significar adesão plena à cultura portuguesa”. Os índios adultos de aldeamentos aliados eram incentivados pelos missionários a frequentar as escolas, sendo mais fácil o trabalho com crianças, utilizando o manual de instrução de Manuel da Nóbrega, surgindo depois um programa de estudos escrito por Inácio de Loyola chamado *Ratio Studiorum*. Nas escolas frequentadas pelos índios a ênfase dos estudos seria diferente dos filhos dos colonos, de um lado a aprendizagem técnica para vários ofícios, além da língua latina, doutrina cristã e mesmo canto orfeônico, de outro, um programa abrangendo humanidades, filosofia e teologia. A diferenciação na utilidade e funções da escola de acordo com o “público alvo” já era característica no Brasil Colônia. Os filhos da elite agrária escravocrata podiam concluir os estudos em Portugal, pois era proibida

---

<sup>15</sup> Ver mais em <https://navegandohistedbr.comunidades.net/a-educacao-no-periodo-colonial-1500-1822>

a instalação de universidades no Brasil, ao contrário do que ocorria na América espanhola com as primeiras fundadas já no século XVI. Esse dado reforça a característica do atraso brasileiro na educação.

O relativo controle dos gentios com a catequese e todo processo de aculturação implementado, com mais amplitude na formação das *Missões*, grandes fazendas agrícolas com o uso da mão de obra indígena, com destaque aos Sete Povos das Missões no sul, é sempre o mais lembrado quando se pensa na educação da Colônia. Esta, que se firmou como empreendimento econômico destacado, foi desmantelada com o Tratado de Madrid e Santo Ildefonso em um conjunto de guerras chamadas de guaranílicas em fins do século XVIII, com a participação de padres ao lado dos guaranis aldeados. Uma situação inusitada que definiu o futuro da ordem no Brasil.

Antes de sua expulsão no Brasil, a Companhia de Jesus em sua tarefa evangelizadora e doutrinadora foi além dos ditames a ela conferidos pela metrópole, promoveu como caso único na história da colonização, onde o conquistador se preocupa em estudar a língua do dominado, uma ação que ajuda a explicar o pragmatismo jesuíta em uma terra frente às necessidades e aspirações de uma sociedade em formação na primeira fase do período colonial brasileiro<sup>16</sup>. Um amplo estudo sobre a língua tupi-guarani do litoral foi realizado, surgindo a “língua geral” falada na colônia brasileira. O tupi foi a língua mais falada no território até meados do século XVIII quando foi proibida por lei e como punição pela desobediência, a morte. A expulsão dos Jesuítas em 1759, provocou uma lacuna no ensino já precário ministrado no Brasil, pois não havia outra cartilha disponível e professores minimamente preparados e com experiência (os jesuítas vieram com os primeiros colonizadores). Essa desorganização gerou um problema que se tornou histórico no Brasil, que é a formação de professores, seja em número para suprir a demanda de uma população carente das letras, seja da qualidade e estrutura para a preparação dos mesmos.

Para Arnaldo Niskier:

(...) como a política colonial portuguesa fosse ver o Brasil apenas como celeiro, não havia porque nele investir a longo prazo. E não fosse a atuação dos jesuítas, levando a fé, mas também dilatando o império, as primeiras instituições educacionais só apareceriam na época da independência. (NISKIER, 2011, p. 51)

---

<sup>16</sup> Ver artigo de Alexandre Shigunov Neto e Lizete Shizue Bomura Maciel, O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões, 2008.  
<<https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/?format=pdf&lang=pt>>

Portanto, a educação na colônia<sup>17</sup> tinha função complementar no estratagema político de controle territorial, delegada em determinados pontos do litoral brasileiro, onde existiam escolas comandadas por Jesuítas, associada a catequese indígena e ao ensino primário de alguns colonos. O Brasil como colônia de Portugal, estava enquadrado na divisão internacional do trabalho<sup>18</sup> como um produtor de matérias-primas, uma economia complementar à Europa usando largamente mão de obra escrava para baixar os custos de produção.

O fomento a mudança do paradigma à restrição ao conhecimento formal e sistematizado foi colocado em discussão na independência política em 1822 quando na Constituição de 1824, o ensino primário passou a ser obrigatório sem restrição direta ao seu ingresso, conforme os artigos a seguir:

*Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Civis, e Politicos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Imperio, pela maneira seguinte.*

*XXXII. A Instrucção primaria, e gratuita a todos os Cidadãos.*

*XXXIII. Collegios, e Universidades, aonde serão ensinados os elementos das Sciencias, Bellas Letras, e Artes.*

*Brasil, Constituição (1824)<sup>19</sup>*

Um país que nasce com os cofres vazios, a mercê de mercenários para expulsar os portugueses, obrigado a contrair um empréstimo vultoso da Inglaterra para que Portugal aceite a independência e com uma economia agrário-exportadora herdada da colônia, não seria difícil imaginar que a educação formal da população fosse secundária em um estado dependente e em formação.

O império escravocrata manteve as restrições à cidadania na vida social para a maioria da população pobre brasileira, apesar da constituição de 1824 ter sido uma das mais liberais do mundo ocidental, garantindo, pelo menos na lei, o acesso aos direitos civis a todos os livres independente da cor, religião e mesmo os portugueses que aqui chegaram fixando

---

<sup>17</sup> Sobre o papel estratégico dos jesuítas no quadro educacional e social brasileiro. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/?format=pdf&lang=pt>>

<sup>18</sup> Papel do Brasil na divisão Internacional do Trabalho. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123743/Economia292768.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

<sup>19</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)> Acesso em 10 de janeiro. 2022.

residência e que tivessem aceitado a causa da independência. Um Estado independente com cidadãos e não apenas súditos se faria presente, mas até onde essa garantia de cidadania seria estendida, era o debate travado pelos deputados reunidos na Assembleia Constituinte de 1823, por exemplo. Como dar cidadania a uma população não branca, empobrecida ou escravizada que já era maioria muito antes de 1822?

Até onde essa nova perspectiva política seria delicada para uma elite agrária, preocupada em manter privilégios e que usava a revolução negra no Haiti em fins do XVIII e outras revoltas onde o povo teve participação relevante até a regência, como a Revolução Pernambucana de 1817, A Confederação do Equador em 1824, A Revolta dos Malês de 1835, Cabanagem e outras, para negar qualquer forma de democratização política nas suas zonas de controle? Até que ponto apoiar e financiar a expansão da educação alargando a precária cidadania, prejudicaria a manutenção do poder local?

O Brasil esteve à beira da fragmentação territorial e o controle central baseado no Rio de Janeiro, por meio da violência estatal, repetiu a estratégia da antiga metrópole, controle acima de tudo. Uma nova nação recém independente com uma elite com medo do povo. Por que seria esta elite abrir mão por exemplo do capital da educação, das letras e mesmo ela muitas vezes analfabeta com escravos letrados nas suas fazendas, oriundas de nações comerciais do centro africano? A má vontade, se é que podemos expressar nesses termos, dizia Darcy Ribeiro, de uma elite antinacional, que aprendeu desde a Colônia a perceber o Brasil de fora para dentro, nunca de dentro, sem interesse de compartilhar a vida política com a massa analfabeta, uma elite racista e intransigente, para ser direto ao ponto.

Um país jovem, precisava de uma formulação educação própria, com objetivos próprios, estávamos na era do fortalecimento do estado nacional, o que acontecia na América e também na Europa na luta contra a Santa Aliança e seus impérios. Mas com uma educação para poucos, pois pessoas de origem pobre e também de cor como Luiz Gama (1830-1882), foram impedidas muitas vezes de frequentar a escola, no caso de Gama (hoje, *Doutor Honoris Causa* da USP), a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco em São Paulo, não aceitou sua matrícula por ser pobre e também pela sua cor. Excepcional como era, aprendeu as regras do Direito pelo lado de fora da sala de aula, muitas vezes como ouvinte, conseguindo atuar como rábula no campo do direito, libertando juridicamente centenas de pessoas escravizadas ilegalmente. Os não excepcionais, a maioria, continuavam na dura tarefa da sobrevivência com mãos calejadas. Condições jurídicas e raciais prejudicaram a inserção no negro à educação formal, como salienta a professora Surya Pombo de Barros principalmente a escrava

“entre 1835 (ano das primeiras menções à proibição de matrícula a não livres) e 1887 (última proibição à matrícula de escravos).”<sup>20</sup> A condição de pobreza e/ou racial não impediu o letramento de muitos como Luiz Gama, sendo o privilégio do conhecimento elaborado alcançado gerou destaque nos espaços de vivência em que trabalhavam e viviam, como os engenheiros irmãos, Antônio Rebouças (1839-1874) e André Rebouças (1838-1898), os literatos Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861), Maria Firmino dos Reis (1822-1917) e Machado de Assis (1839-1908), os músicos formados na Academia Imperial de Belas Artes como Estevão Silva (1844-1891), os jornalistas Francisco de Paula Brito (1809-1861) José do Patrocínio (1853-1905) e o maestro Carlos Gomes (1833-1896). Os sujeitos que saíram da subalternidade no XIX através da instrução e formação, seja no público ou no privado, e assim o fizeram aproveitando a gama de oportunidades que ainda se impunha com muitos limites e condições.

Com a criação de algumas faculdades, do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e do colégio Pedro II e outros do gênero pelo país, permite uma organização de currículos próprios possibilitando criar quadros para ajudar o país a se desenvolver, sonho do rei como escrevera em seu diário, um rei com disposição de enfrentar a Inglaterra na chamada “Questão Christie” por algum tempo, por outro, sem tomar posição direta e incisiva na questão da escravidão, pois acreditava que o exemplo de não ter mais escravos servindo a família real bastava. Que discursos moderados na “fala do trono” bastavam e os súditos brasileiros naturalmente acompanhariam. Um rei que adorava assistir às aulas de surpresa no colégio que levava seu nome, sonhava ser professor ou presidente de uma República em um país de analfabetos. O censo de 1872, 82% das pessoas com mais de cinco anos eram analfabetas, em 1890, a proporção não mudara.

Portanto, a elite colonial e do império, que impediu o compartilhamento político com a massa trabalhadora, racista em essência, de um racismo estrutural como diz Sílvio de Almeida e que aprendera na ciência racialista europeia que a miscigenação tupiniquim não favorecia nosso futuro, continuará na República positivista fundada por um golpe militar, uma política de higienização da “ralé brasileira”, expressão cunhada pelo sociólogo Jessé Souza. A meta era construir presídios e casas de “repouso” para os indesejados pelo país e, assim foi feito. A escola continuaria sendo frequentada aos privilegiados nem todos brancos como o presidente Nilo Peçanha (1867-1924), cujo histórico dos dezessete meses na presidência, consta o início do fomento às escolas técnicas no país, um movimento pró-qualificação no

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp-content/uploads/2016/07/Livro-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Pesquisa-v42-n3-2016.pdf>>

início da segunda década do século XX, significando uma demanda de trabalhadores mais adaptados à indústria nascente nacional em meio à expulsão de trabalhadores estrangeiros - muitos líderes das greves gerais que viriam em 1914 e 1919 - mais habituados com a vida fabril.

Não era fácil um filho da classe trabalhadora matricular-se em uma escola pública, sem falar nas meninas fadadas ao trabalho doméstico, e, quando uma oportunidade surgia, era para trabalhar como enfermeiras ou professoras, estas últimas “*filhas dos oligarcas falidos pela quebra financeira, pressionadas pela urgência econômica, se sentaram nos bancos escolares da Escola Normal, juntamente com as jovens filhas de comerciantes, profissionais liberais e pequenos fazendeiros*”, escreveu a Doutora em História, Jane Soares de Almeida em artigo<sup>21</sup>. Ela também salienta neste artigo, as inúmeras restrições à vida pessoal que essas trabalhadoras eram obrigadas a aceitar se quisessem o emprego.

O ícone da esquerda no século XX, Luís Carlos Prestes, foi um daqueles poucos que saíram de uma condição desfavorável social-econômica, que estudaram em escolas e academias militares, formando assim uma juventude militar de classe média. Tornaram-se a partir do governo de Hermes da Fonseca (responsável por uma maior profissionalização do Exército) um grupo atento às questões nacionais e oposicionistas, tão importante, que foi chamado de Movimento Tenentista, importante na queda de Washington Luís, na chamada Revolução de 30.

As contradições no seio das oligarquias estaduais e crise mundial com a quebra da bolsa de Nova York trouxe ao poder uma elite mais progressista que cria uma ideia de educação voltada para o crescimento econômico do país, um dos pilares para a construção de um nacionalismo próprio do período entreguerras e uma educação que fornecesse mão de obra mais qualificada para a indústria nacional de base e de transformação, Petrobrás, Eletrobrás e outras obras estruturantes precisam de gente mais qualificada apesar de se manter uma massa industrial de reserva, boa parte vinda do interior de Minas Gerais, analfabetos e com instrução rudimentar, seriam chamados de ciclopes e controlados pelos agentes inspetores com capacetes amarelos. Em Volta Redonda, por exemplo, com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, é criada a Escola Técnica Pandiá Calógeras (ETPC), uma unidade de ensino básico-técnico, com uma estrutura física que impressiona até os dias de hoje, comparável a Faculdades e Campus de Universidades. A cidade do aço foi remodelada, como uma protótipo de um novo país, ordenado e disciplinado, bairros operários na parte baixa da

---

<sup>21</sup> Acesso em 02/04/2022

<<https://www.scielo.br/j/er/a/vMbbX59ZF966XWGck3XfXSM/?lang=pt#not1a>>

nova cidade como do Conforto e no relevo alto com vista do centro e da CSN, o Laranjal com suas mansões, lar dos engenheiros e diretores onde Amaral Peixoto interventor do Rio de Janeiro recebia Getúlio Vargas para jantares e reuniões. Esse mesmo interventor, genro do presidente ditador, ao recebê-lo em seu sítio onde hoje se encontra o bairro retiro (local onde fora um espaço de uma antiga fazenda de café hoje não identificável fisicamente), apontou a região relativamente plana às margens do Rio Paraíba do Sul, que poderia ser o local da tão sonhada siderúrgica. Coincidência ou não, foi o local exato onde seria a siderúrgica. A nova cidade surgiria com a construção de unidades escolares vitais para uma cidade industrial. Controle ideológico característico do Estado Novo para a massa e quadros técnicos formados na própria cidade. Havia escola especial para a formação de professoras (Instituto Manoel Marinho) em local de destaque próximo a Praça Brasil, no Centro da cidade, onde encontramos escultura em bronze de corpo inteiro de Getúlio, inaugurado pelo próprio, havia unidade escolar inicialmente comandada por padres apenas para os meninos (Macedo Soares), a escola das freiras para as meninas (Nossa Senhora do Rosário), uma escola Batista fundada por um casal de estadunidenses ao lado do prédio do Escritório Central da CSN, o primeiro grande prédio de Volta Redonda e uma Faculdade privada, a Faculdade de Filosofia e Letras de Volta Redonda, já área de Segurança Nacional, enfim, a educação para todos com fins diferentes a cada classe e de acordo com um pretense mérito, se tornou a partir de então no país, definitivamente, o grande debate acerca de qualquer projeto de nação e da saída do subdesenvolvimento.

Cito Volta Redonda como exemplo de uma nova visão de país a partir do olhar educacional, não apenas pela sua importância histórica na História do Brasil recente e por ter minha história de vida ligada a esta cidade a partir da vinda de meu pai no início da década de 70, tornando-se metalúrgico e ativo participante nas greves da década de 80.

A industrialização tardia do Brasil com sua modernização conservadora trouxe consigo a abertura de salas de aula no período noturno, a constituição de 1934 há menção sobre a necessidade de oferecer educação aos adultos, algo inevitável principalmente nos grandes centros industriais ou cidades como Volta Redonda, que chegou a ter quarenta mil operários diretamente envolvidos na produção de aço sem falar naqueles que trabalhavam indiretamente, servindo-se e também importantes na sustentação da cadeia econômica desta cidade. Ao mesmo tempo, inicia-se no cenário internacional uma convergência de movimentos preocupados com políticas públicas para a educação de jovens e adultos e em

1949, foi realizada a I Conferência Internacional na Dinamarca que discutiu a importância de políticas públicas que fossem voltadas para a educação.

As décadas de 50 e 60 surgiram diferentes concepções sobre a educação de adultos dentro do mundo capitalista, aqueles que a observavam enquanto libertação, conscientização e autonomia intelectual como Paulo Freire no Brasil e outros mais ligados ao capital preocupados com números e com trabalhadores minimamente capazes e menos especialistas nas indústrias que se transferiram para o Sul do Globo, chamado de terceiro mundo, ainda mais com a revolução tecnológica a partir da década de 70.

No caso brasileiro, para Vera Maria Masagão Ribeiro:

No final da década de 50, as críticas à Campanha de Educação de Adultos dirigiam-se tanto às suas deficiências administrativas e financeiras quanto à sua orientação pedagógica. Denunciava-se o caráter superficial do aprendizado que se efetivava no curto período da alfabetização, a inadequação do método para a população adulta e para as diferentes regiões do país. (Ribeiro, 1997: p. 22).

Essas críticas ecoam pela década seguinte em meio a organização dos trabalhadores no campo e na cidade. À luta por trabalho e salário se somam a uma perspectiva de direito à escola, à alfabetização e ao conhecimento.

O golpe de 1964 e o regime que dele surgiu expurgou ideias e pessoas como Paulo Freire que idealizaram e predispuseram pensar em um país mais justo com uma educação popular democrática e popular. A literatura produzida para pensar a educação no decorrer da década dentro do lema Segurança e Desenvolvimento dos governos militares dos eventos produzidos pelo IPES - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e a aproximação com os Estados Unidos e o acordo Mec-Usaid, produziu uma pedagogia tecnicista voltada para atender às empresas internacionais recém instaladas e a reforma educacional de 1971 foi a gênese desse processo alterando sensivelmente a estrutura do ensino em vigor

Freire, que este ano de 2022, relembremos seu centenário, sai do país para não ser preso, leva suas ideias sobre educação popular para outros recantos da América, Europa e vive na prática seu desenvolvimento na África. Estende sua experiência para o mundo e na sua volta ao Brasil no final do regime militar pôde novamente sonhar quando se torna secretário de educação na cidade de São Paulo no governo de Luiza Erundina, um impacto simbólico que na prática não se sustentou e se desenvolveu com outros governos burgueses. Uma experiência para todos que sonham na mudança via educação em meio ao capital, que serve para reflexão.

A década de 80, foi um momento onde as vozes de resistência à ditadura se transformam se organizam em movimentos políticos, sociais e culturais, como o PT - Partido dos Trabalhadores - de Lula, o PDT - Partido Democrático Trabalhista - de Leonel Brizola, o MST - Movimento dos Sem Terra, o MNU - Movimento Negro Unificado, criado ainda em 1978), a CUT - Central única dos Trabalhadores - e tantos outros movimentos que produziram uma seio de reivindicações e esperança, produzindo intensa mobilização popular seja nas greves do período, sejam nas Diretas, na Constituinte de 1988 (que finalmente permitiu o voto dos analfabetos - escancarando a grande tragédia do sucateamento dos investimentos em educação) e nas eleições de 1989. Há uma certa frustração perante tanta luta quando deságua em 1988 e 1989, respectivamente com a ocupação do Exército à cidade de Volta Redonda com posterior invasão da CSN, Companhia Siderúrgica Nacional, assassinando três operários em greve, e, a eleição de Fernando Collor de Melo no segundo turno das eleições presidenciais (minha memória está bem viva sobre esses dois fatos e marcaram profundamente). No campo da educação, os anos 80 foram do surgimentos de ideias pedagógicas contra hegemônicas como a pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani e Crítico Social dos Conteúdos de Libâneo. Muitos livros de História diferenciados são publicados e adotados por escolas públicas e particulares com temáticas mais profundas e críticas em grandes experimentações narrativas (em minha memória, está um livro do antigo 2º grau em que meu irmão mais velho estudou, tendo um de seus autores o professor de História Chico Alencar, político do Rio de Janeiro, cheio de ilustrações e com uma escrita ácida e irônica).

O impacto dessas pressões da sociedade civil por um país mais justo e democrático veio tarde na percepção das lutas travadas pelo povo brasileiro no tempo e no espaço, com avanços possíveis nas brechas do Estado elitista brasileiro. No ponto de vista educacional, a escola pública também sofreu impactos das mudanças e podemos destacar:

- 1988: A Constituição Federal - conhecida pela alcunha de Constituição Cidadã. A ampliação dos direitos sociais com garantia das políticas públicas - vemos aí a importância da escola pública. Podemos aferir que a ideia do direito à educação é muito recente.
- 1990: ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Uma garantia social de educação das crianças e dos jovens.
- 1996: LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394/96. Entra em discussão a ideia da autonomia e da gestão democrática. A escola vai receber um CNPJ a ser

gerida como uma empresa, um claro retrocesso para aqueles que lutavam por uma educação popular com viés da luta de classes

- 2001: - PNE - Plano Nacional de Educação - metas de 2001 a 2010. Avanços na discussão do financiamento da educação e ampliação do acesso à escola.

- 2007 - Fundeb

Mais recente:

- PNE - Plano Nacional de Educação - metas de 2011 a 2020.
- Diretrizes Curriculares – DCMs – reexame do parecer CNE/CEB nº 23 de 2008. Confirmação das diretrizes gerais para a EJA com a garantia da oferta da EJA como direito público subjetivo com qualidade social, democratização do acesso, permanência, sucesso escolar e gestão democrática. O documento não defende o ensino presencial e abre espaço para a mercantilização da EJA com a educação a distância com empresas conveniadas para tal.
- CONAE - Conferências Nacionais de Educação. Na luta de 10% do PIB para a educação pública.
- BNCC e a Reforma do Ensino Médio. A última, a reboque do golpe de 2016 que para as entidades populares que militam na educação, foi uma vitória das entidades empresariais ligadas às fundações pró-mercado. Dilui-se o currículo abrindo disparidades entre o sistema público e particular de ensino. Processa-se o aumento da carga horária obrigatória a distância. Aumenta-se as ofertas de ensino a distância e semipresencial nas redes de ensino.

#### **1.4 A EJA - “... eu não leio para formar-me; eu me formo também lendo, entende?”**

Com as reflexões desenvolvidas até aqui, entendo que um projeto de ensino que gire em torno da leitura e do livro literário, seja na EJA ou em outra modalidade de ensino, necessite também de um currículo que permita o diálogo interdisciplinar e oportunize práticas de leitura como da metodologia para o ensino de História pretendida neste trabalho.

No início deste trabalho, indico a VII Fase da EJA para o desenvolvimento da leitura do romance histórico *Beija-me onde o sol não alcança*. Abaixo, apresento uma parte do

currículo desenvolvido por mim, para a única escola da EJA da cidade de Pinheiral-RJ, está assim determinado:

	<b>Unidade Temática</b>	<b>Objeto de conhecimento</b>
<b>VII FASE</b>	História e memória	Resistências individuais e coletivas do povo brasileiro

As habilidades e competências podem ser adaptadas a partir das histórias individuais e coletivas escolhidas pelos alunos com a ajuda do professor. A partir desse modelo abrangente de currículo, torna-se um facilitador para a escolha de obras literárias para leitura. A formação do leitor literário precisa fazer parte da essencialização do currículo na escola. Dentro do debate, insere-se a discussão da preparação da escola para o impulso ao mundo dos livros de forma permanente em sala de aula através de um trabalho intencional e planejado.

A literatura traz a visão do humano, ela consegue nos transformar. Na literatura, na arte, no silêncio intrapessoal, dialogar naquele mundo, a obra vai dizer muito sobre nós mesmos.

É nesse sentido que se entende como a leitura e a crítica de mundo de Paulo Freire (1988) se insere a partir de sujeitos cognoscentes que estão em constante processo de transformação que extrapolam o limite da escola. A leitura do mundo e da palavra escrita tem uma dimensão crítica, quando o leitor não é crítico, é apenas um instrumento do autor, um repetidor do que lê, não há nesse caso uma real apreensão do significado do texto. A leitura crítica é aquela em que o leitor se assume como sujeito desvelador, nesse sentido, o leitor crítico que reescreve o que lê, recria o assunto da leitura em sua função dos seus próprios critérios e de sua visão de mundo, então, desvela problemas, razão de ser que permite a nucleação dos textos de leitura, “temos de nos adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com seus contextos e o nosso contexto”, dizia Paulo Freire<sup>22</sup>. A leitura crítica se constitui em conhecer não só o texto mas através dele, dialogar com o texto, contextualizar - texto e contexto - exige perguntar, questionar, problematizar, realizando uma conexão com o contexto.

Então, os textos lidos tem uma função política, porque podem tanto esclarecer, explicar e libertar quanto confundir, mascarar ou oprimir, alienar, além disso, o mundo

---

<sup>22</sup> Entrevista-depoimento inicialmente publicada em *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v. 01, n. 0, p. 03-09, novembro/1982

globalizado de tendências neoliberal envolve uma rede de informações de conexões que nos colocam diante de novos desafios de leitura de mundo: complexo, plural, informatizado, excludente por isso, a necessidade da reflexão crítica no ato de ler através do espelho da literatura, do romance histórico, a partir da defesa desta dissertação para com a EJA em especial em sua metodologia de leitura-ensino. A crítica na visão de Paulo Freire viabiliza a necessária disciplina intelectual ao fazer-se perguntas ao que se lê. Então, a leitura crítica tem uma visão humanista além de política porque viabiliza os sujeitos de exercerem a cidadania. Ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa, iniciativa em torno da compreensão, da comunicação que pressupõe uma interação com a leitura anterior de mundo.

Ler não é apenas aprender a decodificar letras e palavras, mas apreender seu sentido, seu significado em um dado contexto e na metodologia criada para a leitura do romance histórico, esse processo é facilitado juntamente com a indispensável mediação do professor de História. A qualidade da leitura é mais importante do que a quantidade de capítulos lidos, mas exigir-se seriedade, compreensão, intencionalidade em voz alta, questionamentos e problematização pois não há conteúdo pronto e acabado. Ele tem o direito a subjetivação e objetivação no diário de leitura - ato da escrita, direito a participar do debate semanal - ato da fala e a votar no que deve ser inserido na linha do tempo da obra escolhida como leitura, de forma coletiva. O individual não desaparece na ação coletiva de leitura e compreensão da obra do projeto, ele se soma, partilha, democratizando o conhecimento, seja histórico, seja lendo o mundo, valorizando os homens e mulheres, sujeitos da EJA, pois este tem mundo a dizer e a ensinar.

Esta convicção pedagógica à participação democrática de leitura, insere-se em um ensino crítico, que envolve o aprender a ler e refletir desde a apreensão dos significados das palavras ditas em seu contexto. A leitura crítica, coletiva, compartilhada, pode ser rigorosa e uma análise mais profunda da razão de ser, dos significados, deve ser indubitavelmente oposta a uma sociedade individualista de um mundo fragmentado em seus discursos de propostas alienantes, desconexas e rasas.

Desta forma, dar voz aos sujeitos da EJA, viabilizando sua participação crítica na sociedade, desenvolvendo elementos de sua subjetividade, a criatividade, a curiosidade, a criticidade, bem como olhar para as necessidades de desenvolvimento integral da pessoa humana é dar respeito ao saber destas pessoas explicitado na sua leitura de mundo, na sua realidade existencial, social e identidade cultural.

A ação educativa nas aulas de História da EJA a partir da leitura de romance histórico implica em direcionar o ser humano a seu potencial como ser pensante, falante, curioso e investigativo, produtor de conhecimento, leitor do mundo, da palavra e da escrita, um ser crítico e agente de transformação social. Ler o que escreveu, dá sentido e um novo significado da leitura, um exercício de empoderamento social dos educandos usando sua autonomia como pessoas e cidadãos.

A estratégia pedagógica para se trabalhar com a afetividade, a sensibilidade, considera o ser humano na sua integralidade não apenas como sujeito racional, mas como ser afetivo. Trabalhar emoções, os sentimentos - roda de conversa (etapa 4 do desenvolvimento didático - ver capítulo 3) - fundamental na EJA e criar laços de solidariedade. Quando Paulo Freire faz a crítica a uma pedagogia tradicional, procura romper com a competição, com a opressão. Ele trabalha com a libertação, práticas de solidariedade, laços de companheirismo, debates com questões da realidade usando o romance histórico como espelho da própria vida, problematizando-a.

A prática contextualizada, problematizadora e significativa para o sujeito além de ser interdisciplinar neste projeto, pretende expandir o letramento de mundo do aluno, criando um clima de segurança, os laços afetivos, éticos, de respeito e solidariedade de sujeitos em formação.

O ensino crítico no ambiente da EJA que se pretende, não apenas discutir política ou uma dada situação social mas, através do romance histórico, relações existenciais que abrem espaço para outras pessoas superarem suas situações de vida e se fortalecerem no processo de transformação na complexidade dos contextos de vida tal, como observados nos três personagens principais da obra literária em questão. A tomada de decisão em prol de uma vida mais justa depende do discernimento sobre o cenário e da conjuntura política, social, cultural e econômica. O que fizeram de nós. O que somos. O que pretendemos ser. A nós e com os outros.

Este itinerário literário, pensado inicialmente para uma fase determinada para a EJA, contribui para uma perspectiva de nos acalmar no fazer pedagógico, a leitura possibilita avanços que podem parecer lentos, mas firmes nos propósitos, pois o tempo de aprender e apreender é respeitado. A objetividade dos fatos e assuntos na narrativa vem acompanhado de subjetividades do leitor. As surpresas do conhecer histórico não é algo para ser guardado na memória em uma prova, mas entendida como um processo de mediação do professor. A partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, o conhecimento histórico da sociedade do vale do

café em regime de escravidão estimula a compreensão da impossibilidade de uma jovem negra neste mundo rural, resistir ao estupro do senhor e a aceitação de Regina Angelorum em seu mucama e depois da falência da fazenda, ter sido mãe e casada com este mesmo senhor já na República? Incongruências e contradições da História na vida como ela é com um quê de Nelson Rodrigues. Relacionar texto e contexto não é fácil para leitores de poucos livros a disposição, mas o romance histórico torna a História mais viva e aparente com cenários e situações que nossos alunos da EJA de vivências marcadas pela resistência, deixa-nos mais próximos da História, tornando-a atraente, próxima.

Disse Saramago (2018) no fim da sua vida que a

(...) sociedade actual nos falta filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.

O tempo disponibilizado de leitura neste projeto e suas disposições práticas vão de encontro ao que exorta Saramago, a busca de uma prática, no nosso caso, de ensino, que explore temas que considerem os interesses objetivos dos trabalhadores e seus saberes pois o que lemos na escola não nos ajuda a ler o mundo. É como insistia Paulo Freire na importância do “inédito viável”. Acentuou Kohan (2019, p. 156) refletindo sobre esse conceito criado:

“Inédito viável significa que o porvir não foi ainda experimentado como tal e, ao mesmo tempo, que ele não é negativamente utópico, mas afirmativamente possível, realizável, exequível. (grifo meu)

A possibilidade de construir reflexões e ideias em momentos pós-leitura nas rodas de conversa - de sentimentos -, lendo os diários de leitura e ouvindo amorosamente os outros, se faz no diálogo tendo o professor enquanto mediador (ele também leitor e parte da troca de ideias). O diálogo é premissa fundamental na relação entre o educando e o educador. Os humanos não se constroem no silêncio, mas nas palavras, na ação reflexiva. Por isso, o diálogo é fundamental, uma exigência e oportunidade de se colocar no lugar de escuta, potencializando a abertura e o respeito. O diálogo é um processo de conversas horizontais na relação professor-aluno. Gera criticidade, respeitando seu repertório de experiências e saberes na direção de construção de subjetividades.

Os sujeitos da EJA - para quem as políticas públicas quase sempre estão em segundo plano - trabalhadores na economia formal, informal, desempregados, donas de casa, sujeitos

coletivos com memórias, histórias e culturas ou nas palavras de Arroyo (2017, p. 13) pessoas com “saberes, valores e identidades, feitos de resistências por emancipação”, com expectativas e interesses diversos que por uma série de motivos foram excluídos da escola.

Essas características demandam formas de aprendizagens, novas configurações de gestão escolar que estejam atentos às necessidades dos sujeitos, a leitura de mundo, com suas visões de sociedade os quais antecedem a leitura da palavra e escrita.

Os dados dos últimos dez anos mostram o decréscimo das matrículas e a diminuição drástica dos recursos destinados à alfabetização de jovens e adultos<sup>23</sup>. O fechamento de turmas presenciais da EJA no país só fez se aguçar na volta às aulas presenciais (Pinheiral-RJ incluída). Esses dados revelam preocupantes, pois comprovam o declínio do atendimento às demandas por escolarização, segmentos populacionais mais necessitados e desprovidos de direito à educação básica, o que corrobora com sua exclusão social.

O desafio de preparar um trabalho para a EJA assume maior complexidade em face do momento histórico de pandemia mundial, reacionarismo na política e pressão neoliberal do tal “Deus do mercado” e suas raízes nos projetos privatistas na educação pública<sup>24</sup>.

A educação precisa de formação técnica, científica e profissional como de sonhos e utopias como nos falava Paulo Freire, a utopia que nos alimenta a caminhar e a resistir. O momento é de resistir, reexistir e reinventar.

A escola continua tendo papel fundamental, é de lá que se estabelece os diálogos, relações de proximidade, de conflitos e de contradições. Não há como superar as desigualdades existentes na educação por meio online (não atende a toda a população) ou de forma semipresencial (é preciso política pública para garantir a presencialidade a todos que necessitam da EJA). Uma escola que ensine a pensar, refletir e recriar, como dizia Freire.

Estamos em um processo de exclusão. Faltam compreensão do contexto, do processo da realidade do aluno, das impossibilidades de políticas públicas neste país. A questão ética e política, estão postas. Humanização é fundamental em Paulo Freire e estamos enfrentando o problema da desumanização. Precisamos olhar dialeticamente. A luta pela humanização preconiza avançar nos espaços possíveis que a gente tem e a educação é um dos principais espaços. Formamos consciências, formamos pessoas e são elas que mudam a sociedade, já

---

<sup>23</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/05/pandemia-desacelera-perda-de-alunos-na-eja-mas-orcamento-segue-em-queda.shtml#:~:text=De%202019%20a%202020%2C%20a,40%20mil%20alunos%20a%20menos.>

<sup>24</sup> Os Fóruns de educação de Jovens e Adultos (EJA) do Brasil entregaram um documento no início de nov. de 2022 a equipe transição do governo Lula mostrando disposição para luta, apresentando a pauta da EJA.

dizia o patrono da educação brasileira, Paulo Freire. É essa esperança que devemos ter. Daí, dentro deste debate constante, tenhamos práticas melhores como a construção desse projeto de mestrado e é essa luta que me move.

## **CAPÍTULO 2 - REGINA ANGELORUM DE SOUZA EM *BEIJA-ME ONDE O SOL NÃO ALCANÇA*, RETRATO DE RESISTÊNCIA NO MUNDO DOS BRANCOS**

*“Como o romance, a História seleciona, simplifica e organiza, resume um século numa página”* (VEYNE, 1978, p. 14). A partir dessa premissa - pelo menos no que diz respeito ao estilo narrativo - em seus mais de quarenta livros, Mary Del Priore buscou contar a história da gente brasileira, dos personagens mais conhecidos da história tradicional até aqueles relegados ao esquecimento, fruto do silenciamento ou simplesmente do interesse em histórias guardadas nos arquivos à espera do historiador. A mesma deu novamente voz aos memorialistas, desmistificou alguns personagens como José Bonifácio e a princesa Isabel e ajudou a contar a história da vida privada dessa gente, nós, povo brasileiro. Suas narrativas históricas expressas em seus livros se tornaram grande sucesso de público. As mulheres quase sempre tem destaque em suas obras com muitos personagens femininos ainda pouco conhecidos como da Condessa de Barral. Uma historiadora atenta a nossa história, que escreve ao grande público com sutileza em textos claros bem cuidados, não se esquece de trazer à História a contribuição e protagonismo das mulheres na construção desse país de raízes patriarcais, não apenas vindas da Europa, mas também indígena e africana. Ao se enveredar na literatura com esse romance histórico, a autora, mesmo incluindo ficção na narrativa, considera a verossimilhança e a plausibilidades históricas, o que torna a obra importante fonte para a história, principalmente para a localidade do Vale do Paraíba fluminense.

Compreender a obra literária que será utilizada como fonte histórica em sala de aula, mostra-se primordial para o êxito que se pretende alcançar em torno dos objetivos de aprendizagem. A “busca pelo entendimento do enunciado da obra”, como dizia Bakhtin, e os diálogos que se produz com a mesma, trazem uma compreensão necessária para que o ato de mediação da obra com os educandos produza segurança para uma comunicação eficiente na narração, nas pausas e esclarecimentos estéticos e históricos, em momentos como na roda de

conversa, consequentes nos passos de leitura coletiva, produzindo a partir dos diálogos, novos enunciados. Bakhtin parte da premissa de que a voz do autor não nasce de um silêncio, mas em resposta a enunciados anteriores. Para ele, assim, “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, p. 291).

Antonia Terra diz que, compreender o enunciado de uma obra significa, entre outras coisas, perceber as suas relações com outros enunciados de outras obras. Em suas palavras:

O autor, quando se expressa, faz de si um objeto para o outro e para si mesmo, dando realidade à sua consciência. Assim, compreender implica a presença de duas consciências: a consciência do autor e a consciência de quem toma conhecimento da presença do autor na obra. Esse ato de compreender é dialógico, na medida em que ultrapassa uma lógica previsível (...) compreensão é sempre diferente para leitores diferentes (...) (TERRA apud BITTENCOURT, 2001, p. 96-97).

Exponho neste capítulo a minha compreensão acerca da obra, sendo condição para entender as escolhas pedagógicas e metodológicas, bem como o produto a ser construído com os educandos no trato do uso da literatura em sala de aula.

O romance histórico escrito por Mary Del Priore é o primeiro da historiadora, conhecida pela excelência na pesquisa histórica a partir da análise de fontes. As minúcias nos aspectos do cotidiano da vida privada expostos em vários livros publicados se encaixaram perfeitamente na obra intitulada: *Beija-me Onde o sol não alcança* (2015).

O livro é uma grande viagem pelo cotidiano do Brasil e da Europa em fins do XIX e passagem para o XX. Os eventos históricos da metade dos oitocentos até a primeira década do século, principalmente do Brasil, foram o pano de fundo para a narrativa real de um triângulo amoroso que sobreviveu através de cartas pessoais de Ana Clara Breves, chamada pela família carinhosamente de Nicota, sobrinha dos reis do café Joaquim e José Breves, e do nobre russo Maurice Haritoff, que veio ao Brasil acompanhar sua irmã que casara com o diplomata brasileiro na França, Luís de Lima e Silva, sobrinho do que viria a ser o patrono do Exército, Duque de Caxias. As cartas pessoais de ambos reconstituem a vida do casal formado um ano depois do desembarque de Maurice no Brasil.

A terceira protagonista do romance, completando o triângulo amoroso, é a escrava criada da Casa Grande, Regina Angelorum de Souza, apresentada à sinhazinha pela “velha escrava” Maria Gata, sua ama de leite, chefe da cozinha e da botica dos escravos, responsável por apresentar Regina ainda criança, uma órfã de mãe Macua recém-chegada da África. Sinhá Nicota (assim chamada pela família e amigos) aceita-a como ajudante de Maria Gata, ajudando a criá-la e lhe ensinando a ler e escrever, o que não era comum para os escravos

rurais da zona rural cafeeira do Vale, ainda mais sendo mulher e negra, o que aumentava o grau de violência e exclusão. A história do casamento da nobreza, a morte da sinhá aos 43 anos em sua fazenda no Vale do Paraíba e a relação ex-conjugal de Maurice e Regina, uma ex-escrava, oficializada já na República, é quase desconhecida na região, quebrado por pequenas inserções com ar de curiosidade nos jornais *Diário do Vale*, *Folha de São Paulo*<sup>25</sup> e algumas páginas na internet, principalmente após o lançamento do livro em 2015.

Como um casamento tão atípico não pode estar presente nas memórias?

Um dos motivos seria a migração dos escravos no pós-abolição, levando essa história para fora da vila do Pinheiro, caindo no esquecimento. Depoimento oral do senhor Mario de Oliveira Pedro em janeiro de 2010 em Pinheiral:

Ele (Joaquim Breves) era tão ruim que quando veio a liberdade, o povo todo deu no pé. Foram tudo se empregar nas fazendas aí de fora, mas o caso é que as fazendas eram dele mesmo! Tudo isso aí era dos Breves, um mundão de terra!<sup>26</sup>

Os jongueiros mais antigos da hoje cidade de Pinheiral chegaram na última década dos novecentos trazendo consigo suas memórias. O projeto da UFF *Passados Presentes* colheu depoimentos de histórias orais da localidade e, dentre as memórias colhidas, nenhuma delas faz menção a essa história contada na obra. Mesmo as pessoas que não abandonaram a fazenda São José do Pinheiro e Bela Aliança e seus descendentes, não reavivaram / compartilharam a história dos casamentos entre o diplomata e a irmã do conde Haritoff, nem o da ex-escrava Regina com o próprio conde. Em Pinheiral, o assunto segue praticamente desconhecido.

Barbara Chase Riboud, autora do romance histórico *La Virginienne* (ainda não traduzido para o português), traz a análise do quase casamento entre Thomas Jefferson e Sally Hemings que durou mais de 30 (trinta) anos. Mesmo tendo dividido durante 34 anos a mesma cama conjugal e ter filhos, não os libertou e tampouco Sally. Thomas Jefferson acreditava não somente na existência das raças, mas também suas hierarquizações. O capítulo 1 do livro: *Sexo na Casa Branca* começa por esta história. Os autores David Eisenbach e Larry Flynt afirmam que hoje, nos Estados Unidos, há pessoas negras descendentes diretas de Thomas

---

<sup>25</sup> Elio Gaspari escreveu em 2004 uma coluna para o jornal Folha de São Paulo sobre o tema. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0808200419.htm>> último acesso em 28 de setembro de 2020.

<sup>26</sup> MATTOS, Hebe et al. Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica e sociocultural do Quilombo de Pinheiral. Niterói: UFF/INCRA-SRRJ, 2010. p.54.

Jefferson, mas que a historiografia norte-americana nunca se interessou por este casamento interracial.

Regina é secundária na trama a partir do olhar da sociedade patriarcal branca sobre a mulher negra, escrava, mucama, sedutora com todos os arquétipos sexuais. A imagem que Nicota e Maurice têm da mesma em seus diários e/ou cartas, inéditas em termos editoriais (algumas reproduzidas *ipsi literis, indicadas em nota pela autora*), reproduzem em parte esses estereótipos e o domínio senhorial-patriarcal sobre as escravizadas como observa-se nesse trecho:

Treze, catorze anos, o que sei? Ela vinha fresca do banho, os cabelos molhados. Toquei-lhe o ombro nu e meus dedos pressionaram sua carne levemente. Ela nem abaixou os olhos. Tem olhos enormes e assustados. “olhos de bezerro”, definiu Nicotáh certa vez. Mas seu olhar é direto e esperto. Não é impudico, apenas leal e franco. Não mostrou qualquer embaraço. Não houve alteração em seu rosto. Ela não ficou ofendida, nem me pareceu zangada. Enquanto eu dizia alguma coisa, ela olhava para o lado. Depois, levantou os panos da saia e mostrou-me seu pequeno tesouro. (...) Com a língua irei percorrer todos os seus acidentes. Cetim, veludo, seda. Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança. A boca, ameixa escura. Sua impotência, eu prefiro chamar de ternura. Sua fragilidade, de sedução. Sua condição de quase escrava e sua pele cor de noite me permitem possuí-la. Sou o senhor, mas é seu cheiro e sua pele que me aprisionam. Depois de respirar seu odor acre e penetrante, qualquer outro me parecerá insípido. (PRIORE, 2010, p. 210-211).

A narração de uma cena de estupro romanceada pelo senhor reproduz a naturalização da violência sexual para com as escravizadas, ato não coibido pela legislação do império onde se impeliu punições a maus tratos e morte de um escravo ou escrava mas não o sexo não consentido.

Outras cartas e diários são frutos da ficção, no intuito de preencher lacunas e fazer a história fluir. A autora procurou compreender a lógica psicológica do casal senhorial instituindo um padrão narrativo individualizado, que seguiu com maestria e singeleza.

O lugar de fala de Regina, que nasceu meses antes do “ventre livre”, é também preenchido pela autora, que, conforme a história se articula com os fatos históricos da decadência do império, do endividamento da família de Maurice Haritoff e dos Breves, cresce e amadurece, desenvolvendo uma narrativa para sua vida que confronta com a imagem estereotipada da mulher submissa e erotizada no imaginário do Brasil que ainda insiste em preservar a mulher negra um lugar de segundo plano. Seria um sinal de resistência? Se sim, méritos para autora que traz no romance novas possibilidades de se enxergar personagens

antes vistos como oprimidos e conduzidos como autores da própria vida, negociando e se relacionando com seus pares e com a branquitude de uma época.

## 2.1 O CARÁTER DA OBRA

O trato das fazendas cheias de mulatos é destaque na obra, afastando a dicotomia entre brancos e negros como classes completamente antagônicas. Mary Del Priore, em entrevistas e mesmo em suas obras, é marcada pela influência do “pai de todos” os pensadores sobre a formação da sociedade brasileira: Gilberto Freire.<sup>27</sup> A influência de Gilberto Freire na obra da historiadora se reflete na escrita desse romance histórico, onde o texto flui cheio de riqueza de detalhes com “cheiros e sabores”, sons e uma capacidade de retratar e levar o leitor a se surpreender com as minúcias históricas de uma leitura fácil sem ser simplória, onde a história está ricamente documentada nas cenas de cada página, com seus personagens característicos de uma época, como realizou a autora nesta obra que é seu primeiro romance.

Del Priore apoia-se nos documentos e sustenta traços de resistência em busca da sobrevivência, que extrapolam a visão marxista da luta de classes. Não nega, mas não a define como grande mobilizadora de mudanças na história brasileira. A revolta dos malês, a revolta de Manoel Congo em 1838 (a mais conhecida do Vale do Paraíba), os quilombos espalhados e a participação negra na Abolição, não tem destaque principal, mas aparecem margeando a narrativa e serve para entender a contradição de um país que relutou ao máximo para fazer a emancipação, como se dizia à época. Sem essas passagens que fazem parte do pano de fundo social do período, teríamos dificuldade de posicionar os personagens em seus determinados papéis dentro da sociedade escravocrata do Vale. A partir disso, alguns trechos:

(...) as senzalas fervilham. Ninguém esqueceu a fuga de quinhentos negros das fazendas Freguesia e Maravilha, há alguns anos. O nome do líder da rebelião, Manuel Congo, é murmurado com medo até hoje. Escravo ferreiro, sabia fabricar armas. Era chamado de “pai” e comandava uma sociedade secreta em que exercia seus poderes espirituais. Curava mordida de cobra e preparava remédios. Graças a Deus, foi capturado, julgado e condenado à morte. Mas seu fantasma ainda está por aqui. (PRIORE, 2015, p. 106).

---

<sup>27</sup> Esquina cultural. Livro de cabeceira #30: Mary del Priore. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MmzAnlXG6so&t=247s>>

1866 - Soube também que há um quilombo pequeno se formando perto da fazenda São Fernando, em Vassouras. Fica próximo aos nossos cafezais, o que me preocupa. Os feitores vêm aumentando a vigilância sobre os escravos vindos das províncias do Norte. São os mais rebeldes, pois lá deixaram amigos e família. Fazem tudo para fugir. O preço do café está seguro e Manuel consegue manter a tua produção. Mas, como diria teu pai (Silvino - Zica), só o olho do dono engorda o boi. (PRIORE, 2015, p. 85).

Os temidos quilombos se espalharam pelo Vale abrigando fugitivos. Então o feitor tranca todos. Não me admira se uma noite ele aparecer à beira do caminho, com uma faca nas costas. Ou no fundo da lagoa com uma pedra no pescoço. Quem o matou? A horrível escravidão. Nem imagino uma fuga em massa ou o massacre dos senhores! (PRIORE, 2015, p. 74).

Essas referências históricas que demarcam as resistências “clássicas” à escravidão e que paralelamente convivem com outras formas de negociações coletivas entre escravizados e senhores, são verossimilhantes ao passado conhecido do Vale pela historiografia, uma aproximação com o passado que a obra contempla sem anacronismos relevantes dentro da narrativa do romance, realizada com esmero pela historiadora. O texto mostra-se profundamente imbricado na realidade histórica mesmo não sendo a aparência do real. É radicalmente histórico e radicalmente inventado. Mas a invenção, pois estamos falando de literatura, é pautada pela possibilidade, visto que a plausibilidade é o que importa em um romance histórico. Temos assim a oportunidade na leitura atenta de investigar ao mesmo tempo que faz pensar e a partir daí criar, pois o leitor também é criador pois a obra não se acaba em si.

A autora que escreveu e conduziu livros sobre a vida privada na história do Brasil, aproveita esses conhecimentos e usa-os largamente durante a narrativa, atraindo para a leitura da obra além dos interessados por narrativas históricas, aqueles leitores interessados nas miudezas da vida privada, nas curiosidades, na satisfação dos interesses mais imediatos, em um texto bem escrito, fluido e envolvente. Até na leitura que seria mais descompromissada, apenas como deleite, a informação histórica é aprendida. Por isso a relevância de exortar a capacidade de conhecimento dos romances históricos ficcionais e de “não ficção” dentro do ensino de história no âmbito do espaço escolar.

As cartas e os diários, fios condutores da história, facilitam a junção dos múltiplos interesses de leitura apontados anteriormente. As correspondências de Maurice Haritoff para a família e amigos, destacam-se não apenas pelas informações do cotidiano, mas também pelo

olhar de um estrangeiro que se apropria e habitua-se à realidade do Rio de Janeiro e do Vale do Paraíba. Expressa, no decorrer do romance, uma visão do Brasil e dos brasileiros e antecipa por décadas a visão de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1936), sobre “descoberta da gênese do brasileiro”. Priore dá voz a Haritoff que após casar com a sobrinha dos reis do café, explicita em carta de 1865 para *maman*, sua generalização sobre os brasileiros:

A hospitalidade tão elogiada é apenas uma política (...) a um custo mínimo de sinceridade (...) vejo, no fundo, uma violência hipócrita, como a que conhecemos no império russo. As eleições, os cativos, as brigas por terras (...) são intensas. Parece que todas as classes conspiram num acordo maravilhoso para fazer triunfar a duplicidade. (...) são falsos homens cordiais. Mandam na vida pública com o mesmo despotismo com que o fazem em casa (PRIORE, 2015, p. 69).

Haritoff compara a Europa, recém-saída das guerras revolucionárias, das greves e sindicatos que fervilhavam no continente, com a realidade brasileira:

Aqui ninguém toma parte em conspirações nem em *meetings* de protesto. Nada se houve sobre eleições nem se lê cartazes convocando o povo a levantar-se contra a opressão. Não se acompanha a cavalo ou a pé um cortejo político. Em suma: vive-se sem política. O que é delicioso para quem tem propensão ao repouso. De um modo geral, disse-me ele, os brasileiros pensam que o mundo gira sobre os eixos, sem sua interferência (PRIORE, 2015, p. 65).

Essa foi uma das várias observações e comparações que o conde Haritoff realizou durante sua experiência de vida no Brasil, trazendo uma ampliação da narrativa para além do triângulo amoroso e das questões sobre a escravidão no Vale. O pano de fundo histórico que o romance emoldura, traz curiosidades que incitam o leitor mais atento à pesquisa e o professor de História em suas aulas, através desses trechos, poderá discuti-los historicamente e ajudar seus alunos em pesquisas sempre que necessário.

## 2.2 RESISTÊNCIA INDIVIDUAL - (...) REGINA ANGELORUM... REGINA SANCTORUM OMNIUM<sup>28</sup>

Centos e vinte e uma páginas depois, Regina Angelorum surge após a narração da história do rápido romance, casamento e viagem de lua de mel em Paris entre Nicota Breves e Maurice Haritoff. Ao voltarem à Fazenda Bela Aliança em Piraí, a sinhazinha encontra sua ama de leite chamada Maria Gata na botica dos escravos e se depara com uma criança escrava nascida poucos meses antes de sancionada a lei 2.040 de 28 de setembro de 1871. Sua mãe falecera recentemente e a velha negra pedira à mãe de Nicota, dona Ana Clara de Moraes Costa, para cuidar da pobre menina. O diário de Nicota assim é descrito:

Aos poucos me acostumei com a coisa entre inseto e bicho que disputava comigo as atenções de tia Maria Gata. Por caridade, comecei a tratá-la: dei um jeito nos cabelos, aliás, de índio. Lisos e escorridos. Limpei e vesti o corpo magrelo. A cabeça brotou no vestidinho de sarja. Fui lentamente vencendo o nojo que a intrusa me inspirava (PRIORE, 2015, p. 122).

No dia de São João, em 1872, que está marcado no diário deste relato, as teorias racistas já tinham chegado ao Brasil fazendo mentes pelo Ocidente. A passividade da raça negra, considerada pelo alemão Gustav Klemm, a frenologia de Franz Gall, o racialismo de Artur de Gobineau e tantos outros floresciam no maior país escravocrata da Terra no século XIX, impulsionando a mentalidade dos escravocratas do Vale do Paraíba, os chamados cafezistas, como eram conhecidos no Rio de Janeiro. A defesa de seus interesses econômicos e políticos encontravam a justificativa necessária para a defesa de seus objetivos utilitaristas. De acordo com Bento, “a discriminação racial teria como motor a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre outro, independentemente do fato de ser intencional ou apoiada em preconceito” (BENTO, 2002, p. 25).

A resistência contra o fim da escravidão ganhava o reforço da Biologia, que inseria o negro como uma subespécie humana atrás dos índios vermelhos e orientais amarelos. A ojeriza de sinhá traduz a mentalidade de uma sociedade decadente econômica e moralmente. Regina cresce fora da Casa Grande, solta “mais parece um macaco”, revela sinhá. A mesma decide ensiná-la a escrever, pois pretendia fazer uma escola para os filhos dos cativos.

---

<sup>28</sup> Quando Regina diz o nome completo, Maurício Haritoff “deu risada. Uma preta com nome de virgem? Regina Sanctorum Omnium...” (p. 201). Significado: Rainha de todos os santos.

A própria personagem Regina nos conta sobre suas impressões a respeito do processo de aprendizado da leitura e da escrita:

Ganhei um diário de siá Nicota pelo meu aniversário de nove anos. O caderno tem até capa de coiro. Ela me diz que sou analfabetizada. Escrevo tudo. Leio tudo. Regiztro as receitas de tia Maria Gata (PRIORE, 2015, p. 142).

Regina, alfabetizada, seria como Luiz Gama ou Harriet A. Jacobs<sup>29</sup>. Mas foge do arquétipo de heroína negra de uma classe oprimida, como Luiza Mahin, Dandara ou Aqualtune, valorizadas por movimentos pró-negritude da atualidade. Apesar da simplicidade em vida, considerando o que se sabe historicamente, transfigura-se, no romance, em uma mulher forte com consciência de sua origem, identidade e escolhas. Suas decisões são autônomas, de acordo com suas possibilidades de sobrevivência. Uma mulher que sobreviveu à escravidão, às vicissitudes da vida, construiu uma família, inclusive ajudando financeiramente com suas economias ao companheiro Maurice Haritoff quando este entrou em completa falência. Em carta às irmãs Vera e Hélène, nos primeiros anos da República, Haritoff confessa: “não é a Regina que eu quero desposar, mas, sim, a mãe de meus filhos, que tudo me sacrificou, até mesmo as poucas economias que possuía”. Regina, foi de escrava a esposa de seu senhor, agora, pilar fundamental da família miscigenada brasileira. Esta história de luta e resistência, poderá ser identificada com a de milhões de mulheres desse país<sup>30</sup>, criando sozinhas seus filhos, como foi o caso de Regina ao se tornar viúva em 1919. Daí seu valor. A obra produz esse sentimento. Sua sobrevivência na primeira infância já prova sua resistência em uma época de grande mortalidade infantil na escravaria.

Thiago de Souza dos Reis, em pesquisa para tese de mestrado intitulada “Morte e escravidão: padrões de morte da população escrava de Vassouras, 1865-1888”,<sup>4</sup> pode servir de padrão para o restante da região do Vale do Paraíba Fluminense. Destaca que:

Mais da metade das crianças escravas morreu de doenças infecto-parasitárias (54%) como a coqueluche e as verminoses (...) Esse grupo também sofreu com as “Mortes violentas e Acidentais” e as doenças da “Primeira infância” (17%), diarréias, assim como as demais doenças do sistema digestivo, foram a terceira causa de mortes entre as crianças escravas (14%) (REIS, 2009, p. 93).

---

<sup>29</sup> Ela nasceu escrava em 1823, na Carolina do Norte, Estados Unidos, e dali fugiu no final da década de 1830. Descreveu sua luta por liberdade em uma autobiografia publicada sob pseudônimo em 1861.

<sup>30</sup> Ver em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/01/23/maes-empendedoras-pesquisa-revela-que-487percent-das-familias-sao-chefiadas-por-mulheres.ghtml>>

O que explicaria o alto índice de morte das crianças?

Na fazenda Bela Aliança, Regina crescia na casa de campo do jovem casal Haritoff, onde tinha festa com batuque aos domingos e orquestra de negros, e circulava pela vizinha fazenda do Pinheiro, de propriedade do comendador Joaquim de Souza Breves. A pequenina crescia em meio às histórias dos mais velhos e construía sua memória. Com nove anos registra:

Regiztro que tia Maria Gata cura mordida de aranha com múzica de atabaques. Pereba de veneno fica boa. A múzica encanta a parte dorida. Regiztro que siá Nicota quando toca piano fica menos triste. Regiztro que múzica é remédiu. A múzica provoca milagre. Regiztro que o sol, a lua e a terra são como a gente, coiza viva. A terra morre e revivi na festa de São João (PRIORE, 2015, p. 142).

As festas dos escravos seriam um exemplo de como os senhorios buscavam o amansamento dos cativos.

(...) É véspera de natal (...) Fabiano veio pedir ao tio José (Breves) que o deixasse, junto com os outros escravos da orquestra, cantar pastoris. Na fazenda é preciso licença para tocar violas, puítas, pífanos e tambores, **mas tio José deixa tudo**. No entremeio da música, os negros hão de dançar o lundu (PRIORE, 2015, p. 27. Grifo meu).

O lundu, jongo, caxambu, batuque, tambor, a “dança dos negros” nas fazendas foi registrada por memorialistas, folcloristas, nas obras de literatura e de viajantes dos novecentos. Proibidos em algumas fazendas do Vale e tolerados em outros, como nas fazendas dos irmãos José e Joaquim Breves. Até hoje, há um grupo de jongo em Pinheiral,<sup>31</sup> que cresceu em volta da fazenda do Pinheiro, de José Joaquim de Souza Breves.

Para Gilberto Freire, a naturalização das relações entre as raças, com uma mistura cultural nova e original, proporcionou o trovejado “patriarcalismo dos trópicos”. Compreendem relações afetuosas entre brancos e negros, um país de mulatos onde o sexo foi um dos fatores para a brandura das relações sociais, segundo o autor. O sociólogo Jessé Souza, em seu livro *Subcidadania brasileira*, em seu esforço para entender a sociedade brasileira, cita-o:

---

<sup>31</sup> Em 2013, através do projeto de Lei 708, o dia 07 de abril ficou instituído como o Dia Municipal do Jongo. Data esta em homenagem ao mestre Cabiúna, um dos responsáveis por manter a tradição viva na cidade. Em 2016 a prefeitura doa uma porção de terra para o grupo de jongo da cidade no Parque das Ruínas. Um memorial foi erguido para contar um pouco da história da escravidão, mas hoje se encontra abandonado.

*A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações de sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprimiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um Deus todo poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva a exagerada tendência para o **sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa grande**, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio (SOUZA, 218, p. 171 apud Freyre, 1957, p. 361, grifo meu).*

Conforme a escravaria ia diminuindo, principalmente a partir de 1850, os casamentos eram incentivados. O número de mulheres era a metade dos homens e a negrinha Regina foi escolhida para casar com Custódio, amigo do feitor Manuel. O episódio é narrado por um jornalista, personagem sem nome do jornal *O Pirahí* (ambos fictícios), um poeta ressentido pelo não reconhecimento, que se autodenominou no final do romance como negro e pobre, tal qual Regina. Durante o romance, faz papel de narrador privilegiado deste *causo*:

Que Regina Angelorum tivesse filhos, aumentando o plantel do conde, como era de praxe. Era aceitar um marido ou ser jogada na estrada. Casamentos entre livres e escravos eram comuns. Um número maior de cativas era escolhido por lavradores que compravam mais tarde, suas alforrias. (...) Regina Angelorum (...) por sua cor e condição, a negrinha seria sempre uma mistura de confiança e suspeita (...) (PRIORE, 2015, p. 187).

Obrigada a casar na igreja, durante três noites não houve consumação do casamento. Chorando aos pés de sua sinhá pediu ajuda.

Queria viver solteira, continuar estudando as sabenças de tia Maria Gata. Não queria se unir a um escravo, um homem de pele mais escura que a dela (PRIORE, 2015, p. 188).

O casamento entre os escravizados foi incentivado por muitos fazendeiros, inclusive pelos Breves, como política interna das fazendas, principalmente a partir dos primeiros anos do fim do tráfico legal em 1850. Nas terras de José Breves, dono da fazenda do Pinheiro, cenário de muitas cenas do romance, essa política foi assumida com mais ênfase. A intenção era manter a paz nas senzalas e garantir a fixação destes à terra, permitindo-lhes construir suas choças e possuir pequenas roças, como um movimento de recompensa, que é claro, não

abrangia a totalidade da escravaria. Na arte da sobrevivência, Regina Angelorum, comparada às outras escravizadas, que, juntamente aos homens, trabalhavam do nascer ao pôr do sol nas plantações, possuía ao menos, uma chance de ter uma vida mais longa. Ela tinha a proteção da sinhá: “Apenas ajudei a criar e a instruir Regina Angelorum. Trato-a como filha da casa, mas sem afeto” (PRIORE, 2015, p. 220). Era a paixão carnal do senhor: “Sou o senhor, mas é seu cheiro e sua pele que me aprisionam” (PRIORE, 2015, p. 211). No pragmatismo de um futuro melhor para si e dos filhos que poderia ter à frente, e, imersa no racismo de cor, hoje, popularizado como estrutural pelo professor Sílvio Almeida, não seria totalmente estranho seu comportamento, ao negar casamento com um escravo de pele mais escura. A luta pela sobrevivência no mundo dos brancos traz-nos uma sensação de plausibilidade ao entendermos o contexto histórico da época e de sua vida dentro dela.

Pelos aspectos mencionados anteriormente, Regina Angelorum foi exceção à regra historicamente registrada. Mostra a força da personagem que mesmo escrava não cedeu à ordem, apesar do risco de ser açoitada ou vendida. Sua sinhá conseguiu que seu tio, padre vigário da matriz de Piraí, anulasse o casamento através de um bom dinheiro para a fachada da igreja. O jornalista acusando-a de não se ver como negra e faz outras conjecturas com ar de detetive e lamenta:

Dava matéria, mas como o patrão não é abolicionista, problema de negro não interessa. No Vale, qualquer assunto referente à escravidão é tabu (PRIORE, 2015, p. 186).

### **2.3 REGINA ESCAPA DO MARIDO, MAS NÃO DE SEU DONO**

Entre a escravaria, mulheres eram escolhidas para serem criadas da casa, podendo se transformar em mucamas e amantes de seus senhores. Com Regina não foi diferente, seduzida por Maurice Haritoff aos treze ou quatorze anos, torna-se a amante. O senhor descreve em minúcias o sexo. O mesmo em seu diário não cita qualquer impedimento por parte dela. Como coisa, podia ser deflorada.

Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança. A boca, ameixa escura. Sua impotência, eu prefiro chamar de ternura. Sua fragilidade de sedução. Sua condição de quase escrava e sua pele cor de noite me permitem possuí-la. Sou o senhor, mas é seu cheiro e sua pele que me aprisionam (PRIORE, 2015, p. 211).

O estupro de Regina ainda menina é romantizado a partir da visão do senhor. A menina sabe que não pode impedir e absorve a violência aceitando-a, transformando uma violência em oportunidade. Ao longo dos anos, Regina se torna uma companheira jovem em contraste com a senhora Nicota, estéril e sempre doente.

O casal Haritoff vive um tempo em Paris e procura médicos que pudessem ajudar na fertilidade do casal, mas sem sucesso. Voltam para o Brasil e passam a viver em Laranjeiras, na capital do império. A fazenda Bela Aliança é uma casa de campo, lugar em que Maurice encontra os afagos de Regina, o que deseja. O cafezal é ainda o meio de esperança para o sustento da bonança.

A violência sexual nos mundos das plantations é uma realidade. A partir da década de 30, nossos intelectuais iniciam a defesa da miscigenação, a mistura que fez do brasileiro um povo único no mundo, mas o silêncio diante da violência sexual durante o período escravocrata perdura. É difícil encontrar trabalhos que falem sobre o tema. Esse silenciamento produz a continuidade dos altos índices de violência sexual no Brasil e os feminicídios<sup>32</sup> chocam uma sociedade hipócrita com fortes traços patriarcais.

Sinhazinha sabe das relações extraconjugais. A sociedade patriarcal lhe faz obediente e submissa. Suas cartas são de uma menina/mulher apaixonada e devotada. A carência lhe é marca. Moça da corte sabe do seu lugar, mas e a negrinha Angelorum? A esposa deita-se com o marido. A escrava poderia ter o destino trágico, documentado ou transmitido oralmente, de tantas outras negras bonitas. Negras que tiveram os seios rasgados, olhos furados, açoites vários e até a morte. Regina teve mais sorte. Talvez a sinhá tenha aceitado o infortúnio ou mesmo não teve coragem para a vingança. O que se sabe é que Regina sobreviveu e o romance expõe o impacto da morte e vida a cada página com naturalidade que surpreende. E assim o era no século XIX, quando a morte fazia parte constante da vida oitocentista, tornando o romance um retrato vivo da época.

## 2.4 ANGELORUM TEM HISTÓRIA

“Em nós, até a cor é um defeito, um vício imperdoável de origem, o estigma de um crime; [esquecem] que esta cor é a origem da riqueza de milhares de [ladrões], que nos insultam; que esta cor convencional da escravidão (...) à semelhança da terra, através da

---

<sup>32</sup><https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contra-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>

escura superfície, encerra vulcões, onde arde o fogo da liberdade”.<sup>33</sup>

Regina é a expressão da miscigenação, pois sua avó macua tem origem em Quelimane, Moçambique,<sup>34</sup> trazida em um dos brigues dos Breves no verão de 1851, quando ela e outros homens, mulheres e crianças desembarcam na ilha de Marambaia, era o mundo dos mortos, pois o branco representa a morte. Os negros eram os vivos.

O desembarque na praia era feito com rapidez. Depois de 1850, trazer africanos escravos era crime e os irmãos Breves assumiram o comércio durante alguns anos após esse período.<sup>35</sup> A avó macua de Regina, após chegar à região do Vale, casou-se com um índio de Ribeirão das Lajes ganhando a alforria. Seu pai, um cafuzo, trabalhou durante alguns anos na fazenda do Pinheiro do tio Joaquim Breves, onde Nicota foi acolhida com sua mãe e irmãs após a morte do pai, coronel Silvino. Em um encontro na fazenda, Regina expõe sua história para Maurice: “ele me parecia ouvir sem escutar”. A ancestralidade contada lhe confere identidade e a realidade de um Vale em decadência dá-lhe consciência com as notícias que rondam a fazenda.

Missiê Maurício (...) disse que os senhores cedo ou tarde vão dar liberdade para os escravos. Mas a terra, que é bom? Nada. (...) Vejo a pobreza em que a negrada vai ficar sem ter onde plantar. No início, feliz, batendo tambores. Depois, mendicando pelas estradas. (...) Não sei até quando vão tolerar minha estadia na fazenda. E o mundo lá fora...? O mundo lá fora só espera para me despedaçar (...) Vou para o meu canto, me deitar e pensar melhor na minha conduta futura. (PRIORE, 2015, p. 209).

A personagem revela certa consciência histórica ao manifestar a percepção de que a terra é um valor e de que nem todos a possuem. Seria um indício de reivindicação política e a autora assim o faz sempre que possível na voz daqueles que viveram a transição da monarquia à República.

Ajudante na farmácia dos pretos, criada da casa, mucama do senhor. Essa realidade faz obter as informações necessárias para ler o mundo. Associa sua realidade aos outros

---

<sup>33</sup> Editorial de Luiz Gama (1830-1882) na Gazeta do Povo em 1º de dezembro de 1880 em que defendia José do Patrocínio de críticas de escravagistas de São Paulo.

<sup>34</sup> Análise de DNA revelou que 12% dos negros traficados para o Brasil eram do sudeste africano. Depois que a Inglaterra começou a combater o comércio negreiro a região de Moçambique se destacou. disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-africa-nos-genes-do-povo-brasileiro/>>

<sup>35</sup> (...) chamado “caso do Bracuí”, desembarque clandestino de escravos africanos ocorrido em 1852 nas terras da fazenda de Santa Rita do Bracuí, então propriedade de José Breves (Abreu, 1995, p. 165-97).

escravos e o futuro incerto lhe faz tomar partido. A terra negada na futura liberdade é uma previsão trágica. Seu futuro cabe a si já que a consciência de classe inexistente.

Não sou nada. Apenas uma agregada, reduzida ao estado de servente, humilhada. Mas vou transformar minha vergonha em desafio e o desafio em triunfo. Só quero tempo (Idem, p. 254).

A autora faz a opção de construir a personagem como alguém capaz de perceber certos aspectos da realidade relativos à sua condição de negra, mulher e escrava. Os trabalhos de pesquisa em muitos de seus livros como *À procura deles e Sobreviventes e Guerreiras*, mostram histórias de homens e mulheres que ultrapassaram barreiras de preconceitos, através do trabalho, do letramento, alcançaram estratos de classe além do que se popularizou no Brasil. Mary del Priore como pesquisadora e escritora sempre procurou revelar aqueles que por diversos motivos foram apagados da memória histórica. Percebendo isso, passamos a compreender por que os personagens deste romance, funcionaram como uma “caixa de ressonância” da consciência daqueles que fizeram de suas vidas um exemplo de resistência.

Falidos, o casal Haritoff retorna à Bela Aliança onde a sobrinha dos reis do café morrerá em 1893. Antes, porém, em abril de 1888, portanto um mês antes da Lei Áurea, houve uma festa na fazenda com a presença do famoso abolicionista Joaquim Nabuco.<sup>36</sup> A antecipação do 13 de maio não surte efeito. Boa parte da escravaria abandona a fazenda, que é hipotecada no Banco do Brasil. Ana Clara Breves ou simplesmente Nicota, morreu em 1893 vendo a escrava Regina grávida do marido.

Antes da morte da sinhá, Regina registra em seu diário:

Não sou coitada. Eu preferia ficar com missiê sem fazer mal a ninguém. Assumo um ar de inocência. Não de inocência abatida e mansa. Ao contrário. É como se a minha, agora, perdida, me fizesse justiça. Mesmo desonrada, passei da cozinha e da senzala para o salão e o quarto de dormir. Agora, um abismo separa a protetora e a protegida. Sinhá Nicota me despreza. Seu silêncio é o castigo pelo passo que dei. Por isso, nunca poderei explicar que minhas relações com *missiê* eram de respeito. Tanto respeito a ponto de aceitar a situação, sem examiná-la. Há uma desproporção de idade e nunca estive apaixonada. Apenas curiosa. Leviana, eu? Não. Penso até que essa é uma história vulgar (Idem, p. 265).

---

<sup>36</sup> A Fundação Joaquim Nabuco guarda em seu acervo a Carta-convite enviada em 22 de abril de 1888 escrita em francês por Maurice Haritoff: "CONVIDANDO-O A CUMPRIR A PROMESSA DE VISITAR A "FAZENDA DA BELLA ALLIANCA", APROVEITANDO A OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR DA **FESTA DE LIBERTACAO DE TODOS OS SEUS ESCRAVOS**."

A antiga relação da protetora e protegida, mais do que uma briga pelo homem, em que Regina sairia como “vencedora”, revela por trás desse cenário, uma série de relações de violência em que as duas mulheres principais da trama sofreriam durante suas vidas. A primeira, Ana Clara, menina branca da família dos Breves que é dada em casamento, não poderia ser nada além de uma esposa fiel ao marido e mãe de seus filhos. Uma vida de silêncio, obediência e atenta às convenções sociais. Ao não conseguir engravidar, carrega o fardo da incompetência, a pior desgraça que lhe poderia abater a uma mulher e esposa. Da mesma forma, ocorreu com Rita, mulher do comendador José Breves, não lhe dera herdeiros. Ao morrer, em idos da década de 70 do oitocentos, ao que parece, não foi esquecida anos depois por alguns ex-escravos, que, juntamente com os primeiros moradores do morro, conhecido na cidade de Pinheiral como Cruzeiro I, construíram a Capela de Santa Rita. Virou “santa”! Curiosamente, pouquíssimos moradores do município conhecem esse local e essa história. Os atuais jongueiros da cidade, destacam esse local como um dos espaços de memória da sua ancestralidade. Ana Clara Breves, a Nicota, vive seus últimos anos de vida na melancolia até sua morte aos 42 anos na fazenda Bela Aliança. Ela também se transformou em santa mas, apenas para Maurice Haritoff e para o jornalista - sem nome - de *O Pirahí* (até onde se sabe), que a amava em segredo. Não teve construída uma capela em sua homenagem e não teve seu nome cantado nos pontos nas rodas de jongo. Já Regina, suportou todas as formas de violência que a escravidão poderia lhe render e ao ser alforriada, decidiu ficar na fazenda, ao contrário de boa parte da escravaria.

A República não implementou as promessas dos abolicionistas. Aquilo que entendemos por preconceito de cor e de classe são fortes demais para a aceitação de Regina como companheira de Maurice Haritoff. Nas cartas trocadas com a família e amigos, ele firma posição e defende a companheira. Assim escreve ao amigo advogado, João Alves Meira:

E se a “pobre rapariga” da Regina herdasse de um Rothschild, qual seria a situação? Ela subitamente se tornaria branca de um dia para o outro, ocuparia uma elevada posição por causa da fortuna (...) Mas se Regina amanhã fosse muito rica, ela não só se transformaria em branca da noite para o dia, mas haveria pessoas que afirmaram ser eu o mulato! (Idem, p. 278).

Seus argumentos, hoje, são debatidos pelos historiadores da atualidade. Vemos:

Estudos como os dos historiadores Peter Eisenberg, Sheila de Castro Faria, Roberto Guedes e, sobretudo, da própria Hebe Maria Mattos

revelam que aquilo que hoje entendemos como cor mudava conforme a condição de cada um. Isto é: mudava de acordo com a posição do indivíduo na escala social e, evidentemente, de acordo com a maneira pela qual ele era percebido pela sua comunidade. Quanto mais alto na escala social, mais branco (PRIORE, 2021, p. 110).

Regina conhecia sua história, sabia quem era sua avó e seu pai, construiu uma identidade perante a violência da escravidão, do estupro, das conversas com negros da fazenda e das visitas importantes que traziam as notícias do Rio de Janeiro, que nunca conhecera. Interpretou o mundo e se colocou nele. Altiava, não se deixou esmorecer. Paciente, deixou o tempo lhe fazer justiça perante a perda da inocência com o seu antigo senhor, que se tornou esposo. Podemos dizer que Regina operou uma resistência individual à opressão infligida desde o nascimento com as armas e as condições em que possuía. Escreveu Mary Del Priore em seu livro, *Á Procura Deles*, que é um prazer conhecer “antepassados que sofreram horrores, mas que nem por isso desistiram de encontrar brechas para que pudessem ser bem-sucedidos no mundo que criaram” (PRIORE, 2021, p. 12).

Os sujeitos transplantados para as Américas das várias Áfricas, ressignificaram suas vidas e mais do que adaptação, criaram condições para mudar o seu espaço de convivência e vivência, principalmente no ambiente urbano. No mundo rural, mesmo em condições muito piores, tivemos o Barão de Guaraciaba, o primeiro negro a receber um título de barão no Império. Ele fazia parte de um pequeno grupo de mestiços de origem africana que conseguiram ascender financeira e socialmente.

Regina, também era fruto da mestiçagem brasileira e ascendeu socialmente casando com um antes rico senhor do café. Após alguns anos de trabalho, após a alforria, juntou economias para ajudar o marido falido. Uma história real que virou romance, muito além de um conto de fadas.

O romance nos faz imaginar como a vida produziu, a partir de determinadas circunstâncias, uma mulher racional, afetuosa, capaz de seduzir, de amar como também de ser amada.

Maurício Haritoff, na última frase de uma carta a um amigo justificando o casamento com Regina, escreveu:

A Inteligência tem o instinto da Verdade; a consciência, o instinto da Justiça, o coração, enfim, o instinto do Amor.  
Maurício (Idem, p. 296).

Fanon, ao analisar a relação da mulher de cor com um homem branco, lendo obras escritas por essas mulheres, reflete “a inferioridade foi historicamente sentida como uma inferioridade econômica” (FANON, 2008, p. 54).

Corroborando a ideia transmitida por este romance, em que a mulher negra, Regina, não tem vergonha de seu relacionamento com o senhor branco. A diferença de classes, de hierarquia, é o que os torna diferentes.

Nunca passou pela cabeça de sinhá Nicota um branco com uma negra? Pois as senzalas estão cheias de mulatos (...) Como diz missiê sobre a sinhá: Sanctas Simplicitas! (...) Negra bonita para ela não tem? É despeito. Aqui mesmo na Bela Aliança, tem Leocádia, tem Tonha (PRIORE, 2015, p. 254-255).

Marie Vieux Chauvet, em *La danse sur le volcan*, retrata a guerra fratricida entre as mulheres brancas e negras na colônia francesa de São Domingos. A chegada dos navios trazendo soldados e funcionários da administração era uma festa. As amantes negras e mestiças usavam roupas e presentes dados pelos maridos brancos. Faziam questão de passar por perto das esposas traídas. Chauvet analisa como a sexualidade no mundo colonial era uma luta em prol da humanidade. Conseguir conquistar um branco, sobretudo casado, visava desconstruir a crença da sub-humanidade do negro? Se o branco está mesmo abusando sexualmente uma mulher negra, automaticamente o mesmo estaria se animalizando, porque se acredita que a negra não é humana.

Anne McClintock, em *Couro imperial*, identifica como a sexualidade faz parte do sangrento cerne dos processos coloniais. Como no Brasil seria diferente quando havia menos mulheres que os homens? Quem na colônia vivia uma relação aberta com uma escravizada ou colonizada perdia considerações diante dos semelhantes brancos. Nunca mais poderia frequentar os clubes sociais dos brancos. Ao amigo Meira, escreveu Maurice:

Que devo eu a esta sociedade de quem tanto falas? Que fez ela por mim? Enquanto fui rico e tive uma bela casa, ela me adulou, procurou e acumulou atenções - e no dia em que me tornei pobre, só o coice de um asno (idem, p. 278).

Acabou Regina dando-lhe três filhos homens, Boris, Alex e Iwann. Casaram-se na República perante a sociedade hipócrita do interior. Pobres, continuaram a viver juntos em um casebre em frente do Rio Paraíba em Barra do Piraí, mesmo após perderem a fazenda para o Banco do Brasil. A linha narrativa do romance termina em 07 de junho de 1919 com a morte de Maurice Haritoff. O jornalista sem nome em uma espécie de epílogo diz dele:

O Russo não tinha mais um tostão e conseguiu, com amigos, o emprego de tradutor na Diretoria-Geral de Povoamento do Ministério da Agricultura. Passava o dia lendo jornais. Na capital, morava na casa de uma sobrinha, onde uma ex-escrava vinha lhe lavar a roupa branca. Aos sábados, Haritoff não via a hora de tomar trem para Piraí. Tinha saudades da família, se queixava dos gastos na cidade, tomava dinheiro emprestado com conhecidos e ficava à espera de favores. Um dos filhos contou-me que ele morreu dando laço na gravata, antes de sair para o trabalho (Idem, p. 299).

Sobre Regina, apesar de sua resistência individual no mundo dos brancos, o jornalista ainda ressentindo da morte da Nicota, sua paixão platônica, expõe toda sua crítica recheada de preconceitos, moralismo e sexismo, aspectos que ainda assombram nossa sociedade:

Maurice se casou com Regina para que a mãe de seus filhos não fosse conhecida como “caída”. Mas, enquanto lhe fazia dois filhos, arrumou outra mulher em Piraí (...) Bem feito! Regina teve de voltar a dor que infligiu a Nicota. “É dando que se recebe”.

(...) deve guardar no fundo do coração, e sem dizer uma palavra a ninguém, a atroz convicção de que matou sua sinhá. Misturou os boiões de remédio e deu-lhe Elixir Paregórico demais. Tenho certeza. Agora, cria galinhas e planta horta num terreno cedido por uma amigo do marido. Bela Aliança deveria se chamar “a casa do remorso”.

(...) Regina Angelorum, negra e pobre como eu, aceitou a relação com Maurice com humildade, como um dom precário e sempre revogável. por pouco, ela pediria perdão por rir ou por existir. Hoje, mãe de três bonitos mulatos, ela oferece sua gratidão ao acaso. Sem defesa diante do futuro que o Russo lhe prometeu, resignou-se ao seu destino. Como se uma potência obscura a comandasse, foi incapaz de desarmar o que lhe pareciam malefícios: ficou sem nada! Todas as sabenças de Tia Maria Gata se revelaram inúteis. Ou o *egum* da própria velha voltou para puni-la (idem, p. 299-300).

Regina viveu até 1954, aos 87 anos, mas a linha do tempo da obra termina em 1919. O vácuo de 35 anos mostra a falta que faz quando você não deixa registros das suas passagens em vida.

Regina viveu e morreu em liberdade no mundo dos brancos. Essa invisibilidade provoca reações e muito debate pode se produzir a partir disso.

## CAPÍTULO 3 - GUIA DIDÁTICO-METODOLÓGICO DO ROMANCE HISTÓRICO: BEIJA-ME ONDE O SOL NÃO ALCANÇA

### Considerações e orientações gerais

- a) O guia didático proposto, foi pensado para turmas de Educação de Jovens e Adultos, mas é plenamente factível seu uso em qualquer etapa da educação básica. Ele busca promover a valorização do cotidiano na História dentro do romance histórico em busca da aproximação entre o passado, memória e História.
- b) Adaptações do guia didático inserem-se na análise do professor a partir do perfil coletivo dos sujeitos que participarão do projeto de leitura literária e da conversa com os mesmos.
- c) O romance histórico *Beija-me onde o sol não alcança* trata de identidades, seja local, regional, cultural, social, religioso, econômico e de usos e costumes de um povo da segunda metade do XIX e dos primeiros anos da República. As possibilidades de diálogos e da história daquele tempo, possibilitam seu uso por educadores e educandos, mesmo estando fora do círculo vivido pelos personagens do Vale do Paraíba, tornando-se opção para seu uso dentro da escola sempre que houver consciência da centralidade do livro como elemento indispensável da educação enquanto fomentadora de consciências.
- d) A ETAPA 1 e 2 contempla a formatação de um mapa temático com a localização da unidade de ensino, em que se pretende desenvolver o projeto e também das residências dos alunos matriculados. A distância entre os dois antigos casarões de café onde foram ambientados o romance histórico poderá ser observada. Os educadores de outras cidades e regiões podem se inspirar e fazer o mesmo nas suas cidades, escolhendo obras que falam da localidade e/ou região, valorizando muitas vezes escritores que nem sempre são conhecidos, mas que conhecem os *causos* e histórias que realçam a identidade e os valores locais.
- e) Este Guia Didático foi pensado a partir da minha impossibilidade de realizar o projeto em aulas presenciais no Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira na cidade de Pinheiral-RJ devido à pandemia mundial da Covid-19, quando no início de março de 2020 as aulas foram suspensas. A sequência e a metodologia escolhida foi pensada para o uso em aulas presenciais. As habilidades e competências pretendidas a partir do contato presencial com seus princípios educacionais humanizadores não encontram

igual performance em aulas remotas síncronas e assíncronas. A realidade econômica social dos alunos em meio à crise econômica na pandemia, revelou um cenário desolador com pouquíssimos alunos participando das atividades via remota, a partir de agosto de 2020, realidade nada diferente do observado nas escolas públicas do país. Com a possibilidade de até 80% de EAD na EJA aprovada pelo Conselho Nacional de Educação no final de 2018, a intencionalidade de incutir programas de cultura literária nas escolas, mostra-se em risco, vide as dificuldades do público da EJA em participar e estudar por conta própria com pouco ou nenhum recurso tecnológico em casa. A maior demanda do país na educação é para EJA e com projeto de oferta de ensino a distância, poderemos observar uma dificuldade ainda maior do direito à escolarização da camada mais empobrecida da população. A partir de 2021, os profissionais da EJA da rede pública de ensino da cidade de Pinheiral-RJ depararam-se com a implementação do ensino semipresencial, mesmo com a negativa destes profissionais em consulta realizada em fins de 2020, sem consulta e debate com a comunidade escolar. A luta pela presencialidade no ensino como valor inalienável à educação de qualidade e socialmente referenciada deve ser meta base. Tal luta deverá ser enfrentada por educadores de todo país não apenas na EJA, mas em outras fases da educação básica. Portanto, a escolha de projetos centrados na literatura onde a interação e o diálogo são fundamentais para a humanização e transformação dos sujeitos, mostra-se também política, pois obriga à discussão em prol de uma escola pública de qualidade contra projetos mercantilistas, neoliberais e de destruição do pouco que resta do estado de bem estar social brasileiro.

- f) As etapas metodológicas servem como preparação e planejamento dos encontros de narração do romance histórico. O trabalho de um projeto é ponto chave para o sucesso de qualquer proposta de atividade escolar. É através dele que se confirma o método e mesmo a obra literária a ser conhecida, bem como antever problemas e realçar possíveis ações nas etapas do guia didático.
- g) O educador que escolhe trabalhar com uma metodologia ativa de educação de projeto de leitura literária, precisará exercitar as qualidades indispensáveis de um professor no uso da sua presença pedagógica, que é a sensibilidade na fala, nos gestos, nas intenções, nas perguntas e respostas, com segurança, parcimônia e empolgação, sabendo mediar com abertura democrática as subjetividades expostas pelos alunos no diário de leitura/ouvinte. O professor é referência para os alunos da Educação de

Jovens e Adultos, o mesmo, ainda é elemento fundamental para o êxito da troca de saberes e mediação entre o conhecimento do livro e a resposta do aprendente. A riqueza do diálogo depende da qualidade da mediação do professor, perceber o momento de provocar com uma pergunta, o momento do silêncio e valorização da resposta do companheiro de leitura que é o aluno.

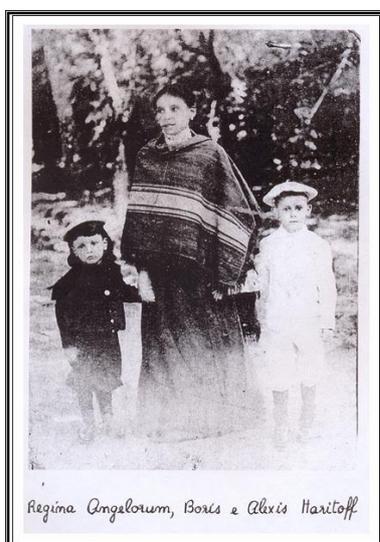
## APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS

Os nomes originais e como são citados nos diários e\ou cartas



**Ana Clara Breves de Moraes Costa**<sup>37</sup> = Nicota ou condessa de Haritoff - a sobrinha dos reis do café no Vale do Paraíba Fluminense, José e Joaquim de Souza Breves, casou apaixonada e viveu presa às normas sociais. Presenciou a ascensão, o auge e a queda da economia cafeeira. Foi retratada em pintura a óleo quando residia com o marido nas Laranjeiras no Rio de Janeiro.

*“Nicota cresceu nos terreiros de café, brincando com as molecas, festejando São João, bordando roupinhas para o menino Jesus da matriz de San’tana (...) Todos conheciam a filha do coronel de polícia Silvino José, a irmã do futuro Visconde de Benevente, a sobrinha dos reis do café (...)”* Jornalista - sem nome (apud Del Priore, 2015, p. 13).



**Regina Angelorum de Souza**<sup>38</sup> = Nascida pouco antes da Lei do Ventre Livre de 1871, foi criada pela velha ama de leite, Tia Maria Gata, com a proteção da sinhazinha Nicota. Consegue trocar a senzala pelo quarto de dormir, em uma vida marcada pela resiliência, uma marca de resistência. Na foto, observa-se Regina e dois de seus três filhos que teve com Maurice.

*“Assumo um ar de inocência. Não de inocência abatida e mansa. Ao contrário. É como se a minha, agora, perdida, me fizesse justiça.”* Regina Angelorum, Pág. 265.

<sup>37</sup> Retrato de Mme. Haritoff. Gustav Richter. Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro.

<sup>38</sup> Disponível em: [http://brevescafe.net/haritoff\\_casamento2.htm](http://brevescafe.net/haritoff_casamento2.htm)

### Maurice Haritoff - Maurício ou conde Haritoff<sup>39</sup>



O russo Haritoff ao casar-se aos 24 anos com uma das herdeiras dos Breves “graúdos”, a jovem Nicota, transformase em fazendeiro de café, dono de escravos e observador dos costumes do Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba.

“Que devo a esta sociedade de quem tanto falas? Que ela fez por mim? Enquanto fui rico e tive uma bela casa, ela me adulou, procurou e cumulou de atenções - e no dia em que tornei pobre, só o coice de um asno.” Maurice Haritoff, pág. 278. (apud Del Priore, 2015, p. 278).

### Personagens secundários

**Tia Maria Gata<sup>40</sup>:** figura comum nas casas das famílias aristocratas do século XIX. Mucama escrava doméstica “de dentro” ou forra, podia acumular funções como ama de leite, comandava a cozinha e/ou a botica dos escravos. A proximidade com a família escravocrata rendia cumplicidade e apego, seja dos senhores e senhoras para com a cativa ou inversamente.



Figura 2: Foto de Isabel Adelaide Leal e da ama-de-leite Mônica, do estúdio de Alberto Henschel, Recife, [1877-1882]. Cartão-de-visita, 6,5 x 10cm. (Coleção Francisco Rodrigues, CFR 2139, Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais)

*“Cruzei o terreiro de café e fui até o hospital dos pretos ajudar tia Maria Gata. Ela perdeu um dedo no monjolo, tem olhos amarelos, e, conhecedora de ervas, cura cãibras amarrando barbante vermelho na canela da gente. Gosto de ficar lá, vendo a negra fazer remédio para a botica dos escravos (...) Ana Clara Breves, Nicota. Fazenda do Pinheiro, dezembro de 1864 (apud Del Priore, 2015, p. 21).*

*“Em meu lugar, ficou Manuel, filho de Tia Maria Gata, para administrar os feitores. Nicotáh o conhece desde pequena. Cada qual mamou num dos peitos da velha negra. E juntos! Maurice Haritoff, em direção a Paris em lua de mel com Nicota (apud Del Priore, 2015, p. 73).*

A personagem criada, incorpora sentido de proximidade dos senhores e escravos, tal qual os Breves tentaram transparecer após o fim do tráfico

<sup>39</sup> Disponível em: <http://brevescafe.net/haritoff.htm>

<sup>40</sup> Imagem ilustrativa disponível em: <https://www.geledes.org.br/amas-mercenarias-o-discurso-dos-doutores-em-medicina-e-os-retratos-de-amas-brasil-segunda-metade-do-seculo-xix/>

atlântico. Realizavam nas suas fazendas casamentos da escravaria, davam certa liberdade para outros proverem suas próprias roças, tolerância com os batuques nas folgas aos domingos, festas e mesmo permissão para ida a vila e cidades próximas. Criavam oficinas e escolas para os trabalhadores livres, forros e escravos. Visitantes estrangeiros registraram tais cenas como do naturalista suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz quando de sua visita à fazenda de São José do Pinheiro, propriedade do comendador José de Souza Breves, propriedade na época localizada em Sant'ana do Pirai, hoje nas terras da cidade de Pinheiral-RJ. Foto abaixo da sede da fazenda que passou a responsabilidade do Ministério da Agricultura na República até 1986<sup>41</sup>.



*O que mais nos interessou foi a sala em que as meninas aprendem costura. Admiro-me que não se tenha cuidado mais, nas nossas plantações do Sul, em tornar as prêtas um pouco hábeis nesse mister. Aqui todas as meninas aprendem a costurar muito bem e muitas delas bordam e fazem rendas com perfeição. Em frente a essa sala, vimos uma oficina de roupas (...) Ref.: AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil, 1865-1866<sup>42</sup>.*

*“É véspera de natal. Fabiano veio pedir ao tio José que o deixasse, junto com os outros escravos da orquestra, cantar pastoris. Na fazenda é preciso licença para tocar violas, puítas, pífanos e tambores, mas tio José deixa tudo. No entremeio da música, os negros hão de dançar o lundu (...) (...) Na do tio Joaquim vai ter Folia de Reis (...)” Ana Clara Breves (Nicota), fazenda do Pinheiro, natal de 1864 (apud Del Priore, 2015, p. 27).*

<sup>41</sup> <https://pinheiral.rj.gov.br/a-cidade/atracoes-turisticas/fazenda-sao-jose-do-pinheiro/>

<sup>42</sup> <http://brevescafe.net/agassiz.htm>

### Jornalista de O Piray (sem nome)



Imagem ilustrativa: tipógrafo negro Francisco de Paula Brito (1809-1861). Foto acervo do real gabinete de leitura<sup>43</sup>.

Este personagem negro, pobre, dono de duas escravas, que ascende lentamente de cargo no jornal Pirahí, simboliza o mulato (expressão usada à época) letrado que ascende socialmente nos oitocentos, formando assim, uma espécie de classe média, que se sente desvalorizada devido à cor e à falta de renda. Este dado corrobora com o Brasil do Império, quando alguns destes, conseguem destaque nas suas áreas de atuação como André Rebouças, Carlos Gomes, Rafael Pinto Bandeira e Machado de Assis. Esta invisibilidade social sofrida pelos letrados de cor, talvez tenha provocado na autora a intenção de não escolher um nome a este personagem proposadamente, uma forma de provocar tal debate sobre um assunto pouco conhecido na história brasileira. Este personagem, tipógrafo e jornalista, também narra aspectos de sua vida no Vale do Paraíba Fluminense, fazendo em alguns momentos o papel de um narrador em primeira pessoa dos principais acontecimentos locais, regionais e nacionais e um observador da vida dos três personagens principais. O mesmo, frustrado pelo não reconhecimento enquanto escritor e jornalista, pelo amor platônico a sinhá Nicota, absorvido pelos preconceitos de raça comuns na sociedade, será um dos que assinam a carta endereçada ao Ministro Visconde de Ouro Preto, que clama contra a abolição, ou seja, um legítimo representante de um grupo social que não consegue fugir do arquétipo ideológico de parte dos profissionais liberais e pequenos proprietários dos dias atuais.

*“Sou filho de crioula forra, mulato e jornalista pobre (...) Moro numa casa térrea no final da rua Direita e só possuo Balbina e Leodegária, duas escravas de ganho.”* Jornalista (sem nome) de O Pirahí (apud Del Priore, 2015, p. 108).

---

<sup>43</sup> <https://www.geledes.org.br/intelectualidade-negra-do-imperio/>

## SUMÁRIO DO GUIA DIDÁTICO

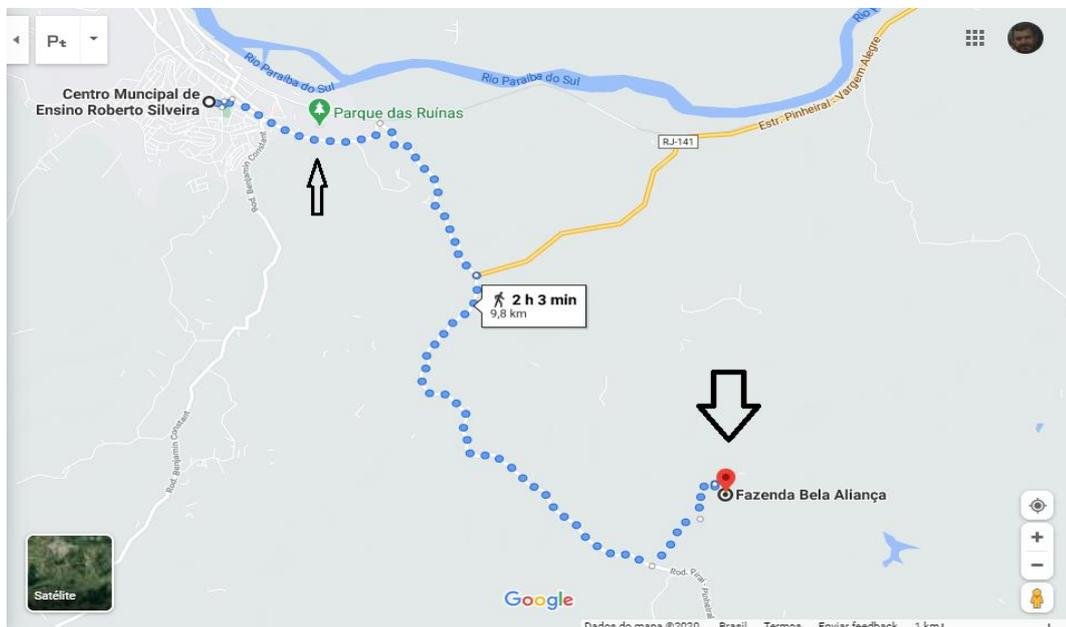
ETAPA	ATIVIDADE	ABORDAGEM	TEMPOS	PÁG.
1	Diagnóstico \ coleta de dados	Pesquisa - biografia coletiva	2	67
2	Apresentação do projeto: mobilização - sensibilização	-Apresentação da obra e da proposta - Discussão e debate	2	76
3	Montagem da linha do tempo	Construção coletiva de painel e início da aprendizagem histórica	2	77
4	Narração - Leitura oral do professor / leitura dos diários - reflexões, debate e síntese	-Narração da obra -escrita individual dos diários de leitura -leitura dos diários - roda de conversa (de sentimentos) -debate e síntese -inserção dados na linha do tempo por meio de consenso criado	20	77
5	Histórias de resistência - Produzindo autobiografias  Preservar e transmitir histórias de vida	-avaliação da experiência e aprendizagens adquiridas - Discutir sobre nosso legado no mundo “Cada um de nós é como um elenco inteiro de personagens em um romance ou peça.”  - registrando histórias pessoais como patrimônio da humanidade	6	78

## Sequência didática

### ETAPA 1 - Diagnóstico / coleta de dados para biografia coletiva

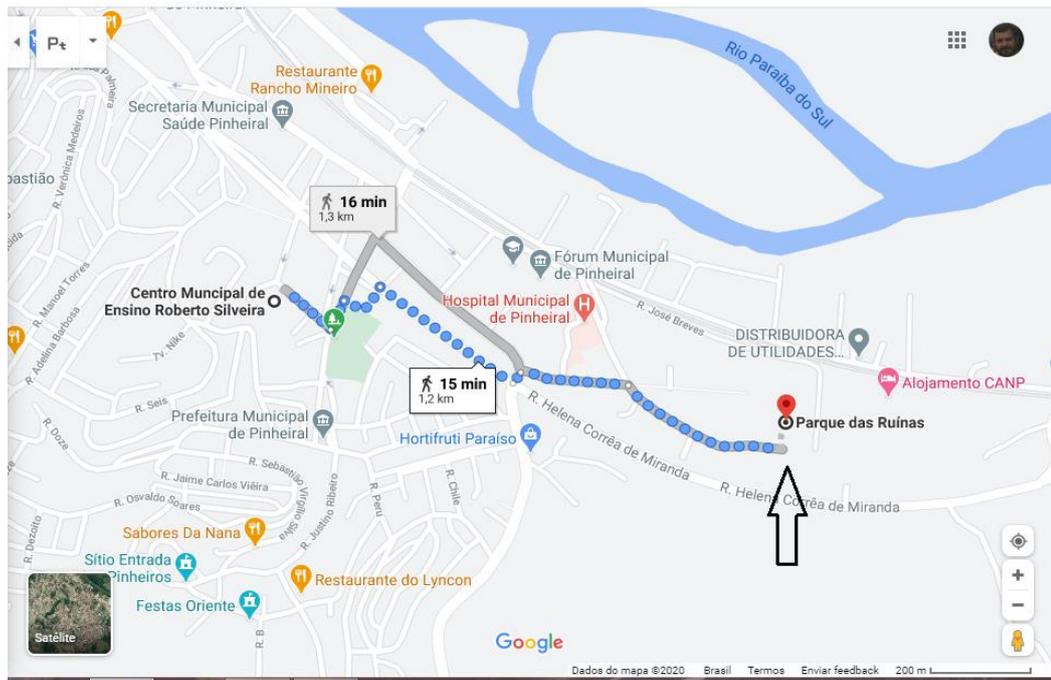
Dados dos educandos serão colhidos com o objetivo de produzir uma biografia coletiva, proporcionando reflexões do educador acerca da relação mediadora do conhecimento a ser adquirido, pensando em possíveis adaptações dos procedimentos didáticos. Os dados da localização das residências dos alunos e da escola e a distância dos casarões de café: São José do Pinheiro e Bela Aliança, que deram origem à cidade de Pinheiral-RJ, serão apresentados em um mapa temático na etapa 2. Para servir como exemplo do que será realizado, podemos verificar a distância/proximidade do Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira para com as fazendas retratadas na obra.

Figura 1<sup>44</sup>



<sup>44</sup> Figura 1: google maps Distância do Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira à fazenda Bela Aliança (9,8 km).

Figura 2<sup>45</sup>



Formulário a ser preenchido:

Os alunos responderão a esses temas/perguntas no formulário google forms na sala de informática da escola de forma pré-agendada. Tempo gasto necessário: 30 minutos

- nome
- idade
- sexo
- cor
- endereço \ bairro
- origem-nascimento
- renda familiar
- longevidade da família na cidade
- motivo de estudar na EJA
- projeto de futuro após-conclusão dos estudos formais
- pontos de história \ memória \ grau de conhecimento sobre os mesmos
- visão sobre a cidade \ pontos positivos e negativos

<sup>45</sup> Figura 2: google maps Distância do Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira até as ruínas da fazenda São José do Pinheiro (1,2 km) hoje chamada de Parque das Ruínas.

- grau de envolvimento social na cidade além da escola (igreja \ esporte \ clube \ música \ dança \ outros)
- prática de leitura \ tempo dedicado
- tema preferido de leitura
- último livro-obra conhecida \ lida por completo
- ler, ouvir ou escrever histórias?
- Quais tipos de atividades você tem realizado com maior frequência durante o período de pandemia?
- Saúde e convivência: Quantas pessoas moram na sua residência, além de você?
- Você tem interagido virtualmente com familiares e amigos?

Considero importante traçar um pequeno histórico da cidade e de sua maior instituição escolar, o CMERS - Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, chamado por muitos moradores de “GINÁSIO”, em vislumbres que ajudarão a compreender as razões que me levam empreender um projeto de literatura na EJA como produto do Profhistória.

A cidade de Pinheiral encontra-se no Vale do Paraíba Fluminense, microrregião do Médio Paraíba (Pinheiral, Piraí, Rio Claro, Barra Mansa, Volta Redonda, Resende, Itatiaia, Porto Real e Quatis), com uma população estimada para 2020 em 25.364<sup>46</sup> pessoas. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil em 2010 (IDHM), havia na cidade, 46,68% da população adulta com 25 anos ou mais sem o ensino fundamental completo<sup>47</sup>. A cidade emancipada em 13 de junho de 1995 no esteio da constituição de 1988, quando ocorreu um aumento no número de municípios, fez-se acreditar através das suas lideranças políticas uma melhoria das condições de gestão pública com aumento de verbas para a localidade. Entrei no primeiro concurso público em 2001 e em 2002 encontrava-me no quadro de servidores, a partir daí iniciei minha história como professor no ensino noturno. Confirmei *in loco* o quadro preocupante da população pouco escolarizada que enchia, no início de cada ano, os bancos escolares. Sou testemunha ocular do fechamento de 16 salas de aulas no ensino noturno (EJA a partir de 2010) na cidade desde 2002 (hoje, existem apenas 5 salas de aula para esta modalidade nesta unidade de ensino) mesmo com o quadro de baixa escolaridade já conhecida por nós por pesquisas oficiais realizadas e mesmo nós professores

<sup>46</sup> Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pinheiral/panorama>

<sup>47</sup> Apenas 56,21% dos jovens na cidade de Pinheiral-RJ tem o ensino fundamental completo, se somarmos os não concluintes com o índice dos adultos que também não concluíram, teremos mais de 50% da população sem o Ensino Fundamental completo. Pinheiral, tem IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) médio na parte de educação de 0.643.

que, residindo na cidade, percebemos de forma mais objetiva, o quadro grave da educação pública municipal. Fecharam salas nas Escolas Rosa Conceição Guedes e Manoel Teixeira Campos e em todas elas eu atuava como professor regente de História. Desde 2005 passei a atuar no Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, agora, única escola com curso noturno na cidade, recebendo também alunos provenientes de Barra do Piraí (do distrito de Vargem Alegre) e Volta Redonda, cidades fronteiriças.

Ao iniciar no mestrado profissional de História (PROFHISTÓRIA), decidi-me concentrar meu pensamento em um projeto de pesquisa que abrangesse a Educação de Jovens e Adultos, onde passei talvez, meu melhores anos como professor, dialogando com a população e aprendendo com a mesma. No Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, criei um currículo para a disciplina de História em 2010<sup>48</sup> (momento criado em vista do PARECER CNE/CEB Nº: 6/2010) especificamente para a EJA (Ensino Fundamental 2): RESISTÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA DO POVO À OPRESSÃO, currículo este realizado pelo único professor de História da EJA na cidade em uma modalidade de ensino que sempre foi deixada de lado pelas políticas públicas municipais e mesmo quando houvera um fomento da EJA a partir do governo Luís Inácio Lula da Silva, não chegou ao “fim da corda”, apesar de ser necessário o reconhecimento da participação do Brasil em Conferências Internacionais da EJA, mas seus norteamientos e conclusões demoraram a chegar nos municípios (quando chegaram !)<sup>49</sup>. Esta instituição é antiga, mas esta modalidade de ensino no ciclo atual, com professores recentemente concursados (alguns como eu do primeiro concurso da cidade em 2001) e pouco “vigiada”, “controlada” pela Secretaria de Educação, talvez esse detalhe importante explique a oportunidade de mudança na organização do currículo e funcionamento do ensino noturno de Jovens e Adultos, segundo Heinz e Korndörfer (2014, p. 10).

*(...) instituições (...) não são espaços imutáveis, mas campos onde o movimento interno de luta e acomodação é de baixa intensidade. Instituições jovens são, normalmente, menos estruturadas e codificadas, o acesso a elas é mais “fácil”,*

---

<sup>48</sup> PARECER CNE/CEB Nº: 6/2010. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5366-pceb006-10&category\\_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5366-pceb006-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192)>

<sup>49</sup> Na minha história, dei aula na maioria dos municípios desta microrregião, deixando amigos e contatos. As capacitações para a EJA são diminutas e muitas das discussões sobre esta modalidade no Brasil e no exterior acabam não sendo levadas ao debate nas escolas. O trabalho corrido diário característico do professor da educação básica, prejudica e muito nosso estudo individual, vide que não tínhamos a lei de um terço de planejamento, esta que ainda estamos lutando para se universalizar nas redes de ensino.

menos regulado, são permeáveis ao social quase de uma forma visível, nelas o movimento é de média ou alta intensidade. (HEINZ, Flavio M. e KORNDÖRFER, Ana P. “*Para que serve uma história social das instituições?*” In Cíntia Vieira Souto et al. (orgs). *Espaços de saber e poder: instituições e seus agentes na Perspectiva da história social*. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2014).

Esta unidade de Ensino foi inaugurada dois meses após o Ato Institucional nº 05, tendo seus primeiros diretores militares, muitos professores também de farda, onde só frequentava quem podia bancar “os custos” implicados a um aluno ou aluna e tinha a “caixinha”, uma espécie de “valor de matrícula”. O Regime Militar além de expurgar educadores como Paulo Freire, seu maior expoente, deixava jovens fora da escola pública, pois era época do fomento às unidades particulares. Eu, quando diretor em 2017 nesta mesma unidade (ficando até 2019), pude ver nos anais de reuniões da época os “Vivas à revolução de 1964 !”, registrados em ata.

Uma cidade conservadora como qualquer outra do Vale com uma unidade de ensino (a maior da cidade até hoje) criada no bojo da ditadura, com sua planta de construção semelhante a uma cadeia, com professores e alunos da cidade “das melhores famílias” (principalmente brancas), tendo construído uma história de perseguições a professores, ter aceitado um currículo radicalizado com foco na luta de índios, negros e operários? Talvez a explicação esteja no abandono das redes de ensino a EJA, não há verbas (quando houve?), poucas capacitações, chegando à discussão da Base Nacional Curricular Comum sem mencionar a EJA. No fundo, senti-me aliviado, com o perdão do absurdo, pois nós, enquanto servidores da educação sabemos que, quando a gestão pública se mexe em prol da educação não promove debate com os educadores, somos silenciados e mantidos fora de tomada de decisões. Essa ironia mostra o absurdo com a realidade encontrada no dia a dia da escola, tendo que enfrentar desafios sem apoio pedagógico e material.

Diante de tantas realidades vivenciadas e identificando as dificuldades no chão da escola, defendo a importância do projeto de narração literária, inicialmente para a VII fase (projeto que visa envolver a escola), sendo necessário conhecer meu público, alunos da EJA fundamental II como condição prévia para adequações da sequência didática pretendida.

Conforme disseram Heinz e Korndörfer (2014, p. 8-9).

*Trata-se de pensar esses agentes à luz de suas propriedades recorrentes, de suas histórias comuns, dos nexos familiares e de*

*formação. O método que muitos historiadores, como nós, têm utilizado para este tipo de trabalho é o da prosopografia ou das biografias coletivas. (...) Sai de cena o ímpeto descritivo e formalista e entram em cena as perguntas “sociais”: quem são, como aí chegaram, como se definem, enfim, como agem os personagens deste cenário. De certa forma, trata-se de ir buscar a “carne” da história, os sujeitos (para usar um termo que já teve o seu momento de glória, mas que caiu num surpreendente desuso) que a fazem. (Idem, p. 8-9).*

Considerando a relevância do método para determinar o perfil coletivo dos discentes da EJA no ensino fundamental II do Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, foi aplicado um questionário no período de 01 de outubro de 2020 a 14 de outubro de 2020. Assim, obtive um retorno de 18 alunos matriculados pelo formulário google e link disponibilizado pelo *Whatsapp*. A instituição iniciou o ano letivo de 2020 com 131 discentes matriculados na EJA, fundamental 2, da VI a IX fase. Nesta pandemia, a secretaria de Educação da cidade de Pinheiral-RJ iniciou as atividades remotas apenas em meados de agosto, portanto, de março a agosto, os discentes tiveram contato muito pequeno com a escola. O quantitativo é suficiente para uma amostra parcial do perfil coletivo dos discentes constituintes desta instituição valendo então sua análise qualitativa para uma análise sociológica a princípio suficiente para, como diz Flávio Heinz, traçar “*características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico.*”<sup>50</sup>

Os temas da pesquisa foram assim divididos:

1. Identificação enquanto membro da instituição, como cidadão, autodefinição de raça, conhecimento pontos de memória da cidade;
2. saúde e convivência;
3. renda e mercado de trabalho;
4. perspectivas do presente e futuro pós-EJA;
5. relacionamento com a unidade escolar nessa pandemia;
6. propensão a participação para projeto de leitura;
7. participação de atividades remotas na Instituição;

---

<sup>50</sup> Entrevista de Flávio Heinz sobre o Workshop “Prosopografia de Profissões Científicas”, que seria realizado pelo mesmo na UFRRJ em novembro de 2018.

## ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Importante ressaltar que os discentes enquanto membros da instituição que aceitaram participar dessa pesquisa possuem, na medida do possível, acesso à internet, mesmo que de forma limitada, e alguns tiveram que ser convencidos do caráter da pesquisa.

Os discentes que responderam à pesquisa se identificaram a partir do nome completo conferido na listagem de alunos recebidos no início do ano, contendo outros dados, confirmando sua identidade. A maior parte pertence a VII e VIII fase, somando 66,6%, sendo os outros distribuídos igualmente na VI e IX fase do fundamental II. Importante que todas as turmas foram contempladas na pesquisa dando um caráter geral da EJA no Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira.

A distribuição da idade que varia dos 15 aos 58 anos contempla a realidade da demografia no ato da matrícula e nesta pesquisa a maioria das respostas foram de alunos adultos. Mesmo que os alunos mais jovens tivessem facilidade no trato da tecnologia do celular, os mais experientes com 50, 51 e 58 anos mostraram-se receptivos com o contato do professor e mais preocupados com a volta às aulas presenciais nas conversas de contato.

Nota-se que a maior parte dos que aceitaram participar da pesquisa são mulheres, totalizando 55,6% enquanto no ato da matrícula perdem de 58 para 73. O menor número de mulheres no ato da matrícula explica-se a partir de conversas nesses quase 19 anos de EJA com elas, da dificuldade de deixar os filhos, maridos, afazeres domésticos, bem como o perigo de andar nas ruas durante a noite. Sendo a maioria nesta pesquisa, as mulheres mostram o vigor demonstrado na escola, muitas líderes de lares e quase sempre em comparação aos homens, menos propensas à evasão.

A maioria se autoindicou parda. Há aí um dado interessante a ser analisado mesmo que de forma parcial neste trabalho. Muitos deles teriam a pele mais escura podendo se notabilizar enquanto negros, mas preferiram indicar a cor parda. Outros, com pele mais clara, ao invés de indicar cor branca, marcaram cor parda (na observação das fotos 3x4 no ato da matrícula e da minha lembrança dos mesmos). A propaganda da miscigenação iniciada com os intelectuais desde *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, fez das escolas públicas no decorrer das décadas um ambiente favorável à propagação da falsa afirmação de “democracia racial” e do conceito de "cordialidade" do brasileiro. O Brasil é reconhecidamente um país miscigenado, mas o preconceito contra os negros continua, com o tão discutido, mas ainda não entendido, “racismo estrutural” de Sílvio de Almeida. Vimos que, concomitantemente às

políticas afirmativas, um número crescente de cidadãos se autodeclarando negros<sup>51</sup>. Fenômeno esse diminuído no interior, como nesta região do Vale do Paraíba marcada profundamente pelos últimos resquícios e defesas em prol da escravidão, território ainda predominantemente patriarcal, ainda com grandes fazendas e uma massa popular empobrecida. Pinheiral, por exemplo, é a cidade mais pobre da microrregião do médio vale<sup>52</sup>. Aqui, tem que ser “muito branco” para ser branco e “muito negro” para ser negro. As pessoas assimilaram e se reconheceram como pardas. Não querem ser discriminadas e não são brancas o suficiente como seus líderes políticos e indivíduos abastados. A cor, enquanto percepção de “lugar no mundo”, mesmo que inconsciente, como critério de ascensão social, está marcadamente presente, conforme os estudos sobre branqueamento realizados pela academia e pelo movimento negro. Podemos citar como exemplo, o jongo da cidade de Pinheiral, dos mais antigos do vale, recebeu o título de “*A capital do Jongo*”<sup>53</sup>, mas, mesmo alguns dos seus componentes têm dificuldade de “politizar” o tema aqui levantado. Tiveram que largar a religiosidade africana para serem aceitos no asfalto e divulgarem seu trabalho nas escolas do município (estava presente na primeira visita do jongo na minha unidade e a primeira palavra de uma representante do jongo foi: - Olha, não tem nada de religião - africana - não, tá!). O preconceito ainda é forte e vigora<sup>54</sup>.

A herança da escravidão é sentida quando se percebe que o ponto de memória mais citado, são as ruínas da fazenda São José do Pinheiro, hoje *Parque das Ruínas* (também abandonado tal como a sede protegida em uma área federal). A cidade de líderes brancos não colocava seus filhos para estudar na então Escola Agrícola Nilo Peçanha, que funcionava na área da fazenda. É como se aquela parte da cidade ao lado do Centro não existisse. Houve um silenciamento da sua história e mesmo a população mais pobre evitava frequentá-la. Estudando no Colégio Agrícola em 1994 e residindo com minha família em Volta Redonda-

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/autodeclaracao-sobe-e-brasil-tem-115-milhoes-de-negros-diz-ibge>

<sup>52</sup> Renda *per capita* de R\$ 16.850,53. Em 92 municípios do Estado do Rio está na humilde 80ª posição. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pinheiral/panorama>>

<sup>53</sup> Em 22 de julho de 2015, foi aprovada a Lei 861 que criou o Parque das Ruínas da Fazenda São José do Pinheiro, onde está localizada a exposição / memorial do projeto, na forma de uma roda de jongo que guarda a memória e a história da experiência negra na cidade, idealizada pelo artista visual André de Castro.

<sup>54</sup> Cito a dissertação de Ione Maria do Carmo, Prohistória UNIRIO, 2012, que estuda a relação do jongo com a religião em São José da Serra. A mesma frisou que em algumas comunidades negras jogueiras houve uma ruptura com práticas religiosas de matriz africana, realizadas pelos antepassados. Acesso em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/teses-e-dissertacoes>

RJ, não entendia essa separação, esse distanciamento entre a cidade e sua população com a fazenda do Pinheiro, origem desta localidade. Movido por essa curiosidade construí como objeto de estudo neste mestrado um romance histórico, que levarei ao conhecimento dos alunos da EJA com histórias da fazenda, da região do vale e fazer pensar os “*passados presentes*”. Uma herança histórica ainda pouco conhecida e reconhecida nos seus espaços de vivência. A maioria absoluta reside nos morros onde se plantava o café. Nota-se que a cidade tem muitos espaços de memória e história identificados pelos alunos, mas ao mesmo tempo indicam um certo espaço para maior aprofundamento, o que abre brechas para meu projeto de dissertação.

Os alunos têm renda de até 2 salários-mínimos e muitos estão desempregados, apenas 3 disseram ter carteira assinada e outros desistiram de procurar emprego revelando desânimo e aceitação do cenário catastrófico que o país vive. Importante dizer que os índices de desemprego analisados e noticiados são das regiões metropolitanas, excluindo o interior do país como Pinheiral, cidade com poucas indústrias, onde o setor de serviços e micro pequenas empresas fazem circular a economia que é eminentemente local. Ao matricularem na EJA, procuram vislumbrar um caminho menos difícil no mercado de trabalho, que pede no mínimo o ensino fundamental, o que leva muitos deles ao trabalho braçal e às mulheres ao trabalho como diaristas. Completar os estudos representa um sonho de chegar à graduação para 22% deles, ao mesmo tempo que 27,7% dos jovens não sabem o que sonhar.

A pesquisa revelou durante a quarentena algumas práticas impossíveis de serem executadas tal como o distanciamento social, pelo número grande de pessoas que vivem na mesma residência (mais de 5), nos bairros considerados mais pobres nos morros das Palmeiras, Cruzeiro I e II. O quadro social preocupante transfigura na pesquisa como “pedidos de socorro” por emprego e ajuda financeira. A população jovem da EJA talvez seja a mais vulnerável com o crescimento do tráfico de drogas e pouca perspectiva de vida a curto e médio prazo. Trazer esse aluno de volta à escola, será desafio para a instituição da qual faço parte. A população que procura a EJA é tradicional, principalmente se focarmos nos adultos, pois dão valor ao tradicionalismo familiar e religioso.

Por último, essa parcela constitutiva da instituição escolar, moradores de Pinheiral, matriculados no Centro Municipal de Ensino Roberto Silveira, na Educação de Jovens e Adultos, responderam às perguntas que vão ao encontro mais direto com meu projeto de dissertação, que reside na formatação de um guia didático para o uso da literatura na EJA.

A maioria absoluta indicou unir a vontade de ouvir e ler histórias, sejam narradas ou compartilhadas com o grupo. Estamos falando de um ponto chave para a educação, porque sem ele o processo de aprendizagem fica comprometido. Os mais velhos indicam positivamente a necessidade de participação em projetos de leitura e saber, enquanto que parte dos jovens se inclina a não participação ou uso da leitura individual e silenciosa. Saber escutar histórias e partilhar leitura depende de maturidade e disciplina, o que dificulta para aqueles que não se encaixaram no mundo da escola regular e transferidos para a EJA noturno, carregam deficiências acumuladas na fala, na escrita e na leitura. Sem o apoio da família, o processo de integração se torna um grande desafio para aquele professor que queira se enveredar pelo caminho da palavra. Interessante notar que os temas escolhidos para uma pretensa leitura se encaixam no projeto de literatura na escola, especificamente no trato do romance histórico *Beije-me onde o Sol não Alcança*, objeto de análise para o trabalho pedagógico-didático na EJA, seja nas escolas de Pinheiral, como nas escolas do Vale do Paraíba Fluminense e mesmo Paulista. Ao observar que 77,8% indicaria participação em um projeto de leitura na escola, penso no caráter da mobilização com os alunos, um estudo que possa fazer sentido para jovens e adultos da EJA, que, apesar de indicarem determinados perfis dissonantes em suas histórias sociais, possam de forma coletiva, ressignificar a história, procurando compreender o silenciamento de certos fatos do passado e, a partir daí, prover de sentido e força para as suas próprias vidas.

Portanto, a biografia coletiva realizada foi um importante instrumento de reflexões, gerando uma perspectiva positiva no tocante ao perfil identificado dos discentes naquilo que os unifica, instrumentalizando a implementação de um projeto educativo literário.

## ETAPA 2 - Apresentação do projeto - mobilização - sensibilização

Inicia-se a apresentação do livro físico, seu tema e título bem como a apresentação da autora, a historiadora Mary del Priore.

A relevância da história do romance real ocorrido na cidade onde os alunos residem e circulam, poderá provocar sensibilização e curiosidade já que elementos físicos ainda são vistos a olhos nus e o quanto de história local poderá ser ainda mais conhecida. Nesse momento o mapa será apresentado, sendo observadas as residências dos alunos e os casarões de café onde se passa boa parte da história presente na obra, bem como a escola, distante a apenas 1,2 km das ruínas da fazenda São José do Pinheiro (transformada há alguns anos em

Parque das Ruínas - ainda carente de cuidados de manutenção) e da antiga fazenda Bela Aliança a 9,8 km de distância (sede em bom estado).

A exibição de fotos antigas das fazendas - passado e presente -, as citações de viajantes que a conheceram, as curiosidades sobre o tema, desconhecidos até então, resultam em um elemento facilitador da compreensão da importância da obra enquanto conhecimento, informação e deleite, enquanto obra literária.

A combinação dessas informações possibilita um nível crescente de desafios instigando os educandos a aceitarem a proposta.

❖ Caso necessário, o professor, pode usar as atividades 1 e 6 – em anexo – para ajudar no envolvimento dos alunos.

### ETAPA 3: Montagem da linha do tempo

Será montada com os alunos uma linha do tempo em forma de cartaz no mural da sala de aula seguindo um prospecto feito pelo professor. O envolvimento deles na fabricação iniciará a percepção do tempo cronológico pretendido, iniciado no ano de 1864 até 1919, ano da morte de Maurice Haritoff. Serão identificados os marcos de separação entre a monarquia e a república.

ETAPA 4: Narração - Leitura oral do professor / leitura dos diários / roda de conversas (de sentimentos) - reflexões, debate e síntese

Obs: Este projeto foi apresentado aos professores da VII fase da minha unidade escolar em reunião online no momento da pandemia mundial no mês de setembro/2020 e aprovado, constituindo-se, os professores, como narradores da obra. A implementação do projeto foi obstaculizada pela mudança das aulas da EJA para um regime semipresencial em 2021.

Os primeiros 30 minutos iniciais serão disponibilizados para leitura. O livro estará disponível na mesa do professor com uma listagem de leitura das páginas a serem lidas naquele momento/dia.

A leitura será realizada todos os dias com o intento de criar uma rotina de leitura.

A aula de História é o catalisador das ideias e abordagens apresentadas durante a semana, sendo divididas em três momentos. O primeiro com a leitura oral de 30 minutos; o segundo, observará a listagem de páginas lidas durante a semana, preenchidas pelos

professores e, assim, iniciará o momento da leitura do diário produzido pelos alunos durante a semana. Os alunos apresentar-se-ão de forma espontânea e lerão seus registros. Seu compartilhamento é criação interpretativa em um fluxo de aprendizado entre ouvir, refletir, escrever e expressar-se oralmente. Na linha do tempo, serão inseridas as informações históricas que são o pano de fundo da obra e também as fases de vida dos três personagens principais. Importante ressaltar o caráter mediador e ponderador do professor especialista, incentivando o debate, ajudando a estabelecer uma objetividade no que deve ser inserido na linha do tempo.

#### ETAPA 5 - Histórias de resistência - Produzindo autobiografias

A sequência didática e seus procedimentos pedagógicos poderão proporcionar reflexões acerca da importância do registro enquanto produto histórico.

Será notada ausência na linha do tempo, do dia e ano da morte de Regina Angelorum, falecida aos 87 anos de idade em 1954, pois o gráfico termina em 1919. O professor poderá dizer que este vácuo temporal é em parte respondido devido à ausência, até o momento, de mais registros históricos sobre a ex-escrava Regina. Sobre isso, questionamentos serão levantados e os educandos serão confrontados com a importância de tomar a própria história para si e não deixar que outros falem por eles. Lembrando que a autora da obra deu voz a Regina. Assumir o lugar de fala da própria história é ação prática da vida, fortalecendo identidade e dialogando com suas próprias memórias.

Aos alunos, será apresentado o site <https://idolink.bio/museudapessoa>, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida, onde vídeos, textos e imagens de indivíduos que deixaram seu registro e contaram sobre seu legado no mundo poderão ser vistos. O professor poderá apresentar o site na sala de informática - se houver - e de forma livre, os estudantes poderão escolher a descrição dos registros que mais lhe convierem. No momento seguinte, recomenda-se fazer uma roda de conversa para que se possa contar sobre a experiência. Não possuindo sala de informática, o professor pode apresentar o *Museu da Pessoa* por meio de um projetor em sala de aula, escolhendo alguns depoimentos, intercalando áudio/vídeo e texto, antes de realizar uma roda de conversa para compartilhar sentimentos.

Com a experiência da linha do tempo da obra estudada como referência, os alunos poderão escolher o que querem marcar na sua história. A área de Português da EJA ajudará na estrutura textual dos mesmos com revisão e apoio nas possíveis dúvidas da língua. A

preferência será pela inserção de textos da História dos alunos no *Museu da Pessoa*.

Dependendo do grau de envolvimento da escola no projeto, poderá ser proporcionado um dia especial na própria unidade, onde os alunos poderão ler suas histórias, valorizando ainda mais suas histórias de vida / luta; conhecerão mais sobre os colegas de jornada escolar, o que proporcionará conexões coletivas de empatia e aliança, pois as vivências ocupam lugar central no conhecimento sobre a vida. A intenção de “olhar para o outro e depois olhar para si”, constitui um excelente exercício de humanização e solidariedade.

Portanto, a importância da autobiografia traz oportunidade de discussão com os alunos sobre:

- ressignificação da vida - relação passado, presente e futuro;
- invisibilidade social, mas visibilidade na família e também na EJA;
- tomar posse da sua história se une a outras histórias pela resistência;
- trajetória de vida e lutas;
- o problema do apagamento da história;
- a discussão sobre a experiência de autogestão é um meio de ressignificação da história;
- oportunidade de compartilhar memórias;
- aprendizagem narrativa.

## AVALIAÇÃO

A avaliação dar-se-á de forma progressiva e cumulativa, distanciando-se do caráter seletivo-classificatório e competitivo sendo, com isso, resistência à pressão da educação neoliberal dos atuais tempos.

Considero importante a reflexão do professor com a ajuda dos professores presentes no projeto sobre o desenvolvimento dos alunos em suas habilidades socioemocionais como:

- autoestima
- sociabilidade
- colaboração
- confiança
- protagonismo

- cooperatividade

Somada às habilidades socioemocionais, proponho também uma autoavaliação dos educandos e do educador em uma percepção enquanto ser existencial e histórico. O que mudou? O que fazer a partir de agora com essa mudança? Estamos mais próximos uns dos outros? Isso nos deixa mais fortes enquanto grupo? Um pensar coletivo de forma interativa, amorosa, humilde, sempre com uma perspectiva de mudança individual e coletiva.

## **Síntese cronológica dos personagens protagonistas Regina Angelorum, Ana Clara Breves e Maurice Haritoff**

### **1ª fase**

**A partir de 1864** - História dos personagens Maurice Haritoff e Ana Clara Breves de Moraes Costa. Encontro dos mesmos na fazenda São José do Pinheiro e casamento na fazenda Bela Aliança recebida como dote. Duração: 96 páginas.

- Novembro de 1864: Maurice Haritoff viaja a bordo do Équateur rumo ao Rio de Janeiro. Chega em dezembro. Primeiras impressões da cidade.
- Janeiro de 1865: Maurice Haritoff chega de trem à estação em Piraí. De charrete chega à Fazenda do Pinheiro. Primeiro encontro entre Maurice e Ana Clara, a Nicota.
- Março de 1865: morre coronel Silvino, o Zica, pai de Ana Clara. Apesar do Luto, José Joaquim de Souza Breves avisa a sobrinha que será “dada em casamento” ao conde russo Maurice.
- Julho de 1865: morte da baronesa de Piraí, a vovó Gangá.
- Outubro de 1865: Conde Maurice analisa a sociedade brasileira. Casamento de Maurice e Ana Clara na fazenda Bela Aliança
- Maio de 1866: Conde Maurice e a condessa Ana Clara embarcam para Paris em lua de mel e fixam residência em Champs-Élysées. Poucos anos depois, Ana Clara adoece e médicos aconselham que o casal volte ao Brasil. A doença seria saudade da sua terra natal.
- 1871: A Comuna de Paris. O casal se abriga em Versalhes

- Março de 1872: depois de seis anos, Conde e condessa Ana Clara voltam ao Brasil e à fazenda Bela Aliança.

## 2ª fase

**A partir da festa de São João de 1872 (página 121)** - Regina Angelorum aparece na história. Início do triângulo amoroso. Casal Haritoff vive entre o Vale do Paraíba e Paris. Duração: 126 páginas.

- 1873: irmãos Haritoff comparecem às exéquias de Napoleão III na Inglaterra.
- 1874: Maurice Haritoff desembarca no Rio de Janeiro. No mesmo navio chegam imigrantes em consequência da unificação italiana e alemã.
- Regina Angelorum aprender a ler e escrever e ajuda a velha escrava Tia Maria Gata a registrar as receitas da botica dos escravos
- 27 de novembro de 1876 morre a mãe de Ana Clara (Ana Clara de Moraes Costa)
- 1877: Na fazenda Bela Aliança, Ana Clara em diário reclama de solidão e abandono.
- 1877: Maurice Haritoff vai para os balcões no início da guerra russo-turca, enquanto a região do vale do Paraíba enfrenta a decadência do café. No diário, reclama que está sangrando dos dois lados do Atlântico.
- Regina passa os dias na farmácia dos negros com a Tia Maria Gata e sinhá Nicota.
- Ana Clara parte para Paris. Escreve para Maurice tentando autorização para vê-lo em vão.
- 1878: Maurice Haritoff volta de São Petersburgo sem ter ido para o campo de batalha.
- Regina Angelorum é tão curandeira quanto a velha escrava Maria Gata, ao mesmo tempo, aprende as crendices religiosas com a sinhá Nicota Breves.
- 1879: Na fazenda Bela Aliança e Pinheiro os feitores arrumam casamento para os escravos. Regina Angelorum diz não ao casamento arranjado com o escravo Custódio, ferreiro-chefe. O casamento acontece mas Regina resiste e não se deixa tocar por três noites. Sinhá Nicota Breves consegue com o padre da família em Piraí a anulação do casamento.
- Regina Angelorum registra em diário a conversa com *missiê* Maurício na fazenda Bela Aliança a história da chegada de sua avó macua de Moçambique na ilha de Marambaia no verão de 1851. A mesma é da terceira geração no cativeiro no Brasil.

### 3ª fase

**A partir de 1881** - História vivida entre Rio de Janeiro e o Vale do Paraíba. Decadência do Vale. Morte de Ana Clara. Casamento entre Maurice e Regina Angelorum. Vem a República. Morte de Maurice. Regina sem registros do fim da vida. Duração: 99 páginas.

- O casal Haritoff vai morar nas Laranjeiras em um palacete dos mais belos da corte, “(...) próximo ao caminho novo de Botafogo e a uma chácara de tio José Breves”. (pág. 206).
- Em seu diário, Regina Angelorum faz reflexões sobre o fim da escravidão.
- Maurice Haritoff relata abuso sexual em Regina Angelorum. “Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança”. Regina, transforma-se na mucama preferida do conde.
- 2 de julho de 1881: Mãe de Maurice em correspondência relata a decadência financeira da família.
- Outubro de 1881: morre a mãe de Nicota. A Condessa narra a diminuição de escravos, a baixa do preço do café e a derrocada dos plantadores endividados antes com os tios Breves, agora com o Banco do Brasil. Apesar da crise, o casal Haritoff esbanja dinheiro com festas e *soirées*.
- Janeiro de 1883: na farmácia de seu Freixo e na redação de *O Pirahí* se fala de tudo um pouco, da campanha abolicionista, dos políticos, da colonização e migração.
- 30 de maio de 1884: A irmã de Maurice, viúva do sobrinho do Duque de Caxias, fala sobre Abolição, a derrocada do preço do café, política e costumes da corte
- Maurice nas visitas ao cafezal faz visitas sexuais a Regina. Retira-lhe a virgindade. “Antes de gozar, retirei-me. Não queria decabacá-la ou fazer-lhe um filho. A resignação passiva de Regina Angelorum me irritou. Que estúpida apatia. Afinal, o que quer essa menina”.
- 15/10\1885: Diário de Notícias - *Caxambú*. Suas famosas águas visitadas pela família real e alta sociedade como o duque Haritoff.
- Julho de 1886: Casal Haritoff deixa a corte para fixar residência na fazenda Bela Aliança em Piraí. Leiloam-se os objetos de decoração do palacete para conseguir dinheiro e pagar as dívidas.
- Nicota cada vez mais infeliz e abatida.
- Reproduz-se carta autêntica de uma amante de Maurice (pág.239 e 240).

- Regina Angelorum relata cotidiano e solidão.
- Maurice relata paixão por Regina. “*O que seria uma febre passageira, um capricho, está se tornando uma paixão. Ela me ofereceu sua juventude, sinceridade e entusiasmo ingênuo. Anima-se no trabalho e me olha como se eu fosse o homem mais importante, quando, na atual condição, me sinto o último*”. (pág.244)
- janeiro de 1887: Maurice fala sobre racismo, preconceito e imigração.
- Alforria na fazenda Bela Aliança. O russo convida Joaquim Nabuco para assistir à alforria de um grupo em festejo na fazenda. “*Elogiou a Nossa Senhora no altar e chamou Nicota de Redentora!*” (pág. 249)
- Novembro de 1886: Nicota Breves discorre sobre a traição do marido com Regina. “*Regina desabrocha. Eu, murcho*”. (pág. 252)
- No seu diário, Regina faz uma análise da sua vida no mundo dos brancos. “*Os brancos acham que a gratidão deve brotar de nossos corações espontaneamente. Que respeito e amizade seriam moedas de troca por casa e comida*.” (Pág. 254)
- 08\04\1888: Diário de Notícias - notícias. Fugas, alforrias e abolicionismo.
- Junho de 1888: Nicota Breves faz considerações sobre a abolição. “*Nas primeiras noites roncaram os tambores. O grito de liberdade dos pretos estava no ar. Depois, passada a histeria e a bebedeira, o silêncio se instalou no Vale*”. (pág. 260).
- Dezembro de 1889: Maurice Haritoff penhora a fazenda Bela Aliança. Declara amor a Regina Angelorum.
- Regina desabafa sobre sua ex-sinhá: “*Não sou uma coitada. Eu preferia ficar com missiê sem fazer mal a ninguém (...) Assumo um ar de inocência. Não de inocência abatida e mansa. Ao contrário. É como se a minha agora, perdida, me fizesse justiça. Mesmo desonrada, passei da cozinha e da senzala para o salão e o quarto de dormir. Agora, um abismo separa a protetora e a protegida. Sinhá Nicota me despreza. Seu silêncio é o castigo pelo passo que dei. (...) Leviana, eu? Não. Penso até que essa é uma história vulgar*”. (pág. 265).
- Fevereiro de 1893: Ana Clara Breves, a Nicota, em seus últimos registros em vida, chama Regina de ingrata e exaspera suas últimas lamúrias. “*Com tanta paciência eu a criei, dei-lhe teto, vesti e eduquei. Mas entregar-lhe meu esposo? Nunca. (...) Agora meu marido tem uma amante prenha. Soube só de ver seu rosto, quando ela me estendeu o copo com o remédio. Ao sair, deixou seu cheiro de terra e ervas no ar*.”

*Terá um filho. Só espero que Maurice cuide bem dessa mulher e da criança. Pois, se eu morrer antes do seu nascimento, virei buscar o moleque.*” (págs. 266 e 267)

- 25\03\1893: Gazeta de Notícias - Morre madame Ana Clara Haritoff.
- Nasce o filho de Regina Angelorum, mas morre antes de completar dois anos. “*Sinhá veio buscar José quando ele tinha quase dois anos. Maurício ficou muito doente. Igual a Tia Maria Gata quando sinhá morreu. (...) Se emprenhar de novo, vou querer casar*”. (pág. 273). Terá mais três filhos com ela, Bóris, Aléxis e Iwann.
- Correspondências de Maurice Haritoff ao amigo Meira - João Alves Meira (foi um advogado muito famoso em Pirai por ter defendido um escravo contra Joaquim José de Souza Breves). Nelas, contrapõem críticas a sua nova vida com a ex-mucama de Nicota, Regina. Uma delas, é autêntica. Trechos:

*“Mas quando se comete uma falta e se deseja repará-la, até onde deve ir o sacrifício? Não é mais a razão que deve guiá-lo, mas a consciência”.* (pág. 274)

*“O mundo pode desprezar uma mulher que se perdeu por fraqueza, mas o homem que se aproveitou desta fraqueza e que não a trata com respeito é o último dos miseráveis”.* (pág. 275)

*“Todos os teus argumentos têm por base o ponto de vista social, mundano, corrompido, injusto e egoísta. Assim, a justiça tem dois pesos e duas medidas. Uma para os poderosos e ricos, e outra para os pobres e deserdados”.* (pág. 275)

*“Ofereça-me hoje a mulher mais bela e mais rica do universo, eu não a desposaria. Até ainda reconheço o grito da consciência, pois foi o amor que tive depois aos meus filhos e a estima e gratidão para com sua mãe que me fez reconhecer o erro que eu ia cometer”.* (pág.276-277)

*“Pelo teu ponto de vista, nenhum viúvo deveria casar novamente. Será que por eu ter tido por primeira mulher uma santa, de quem até hoje venero a memória, não devo nunca mais me casar? Ou então, que se o fizesse fosse com uma pessoa pertencendo à sociedade (...)”.* (pág.277)

*“E se “a pobre rapariga” da Regina amanhã herdasse de um Rothchild, qual seria a situação? Ela subitamente se tornaria branca de um dia para o outro, ocuparia uma elevada posição por causa da fortuna - mas não poderia se casar, não poderia desposar outro homem, pois seus filhos são meus, eu também não poderia desposá-la, porque, apesar de sua grande fortuna, continuaria a ser “uma pobre rapariga” a*

*quem não se deve nenhum reparação e seria inadmissível para a sociedade”*. (pág. 277 e 278)

*“Mas se Regina amanhã fosse muito rica, ela não só se transformaria em branca da noite para o dia, mas haveria pessoas que afirmariam ser eu o mulato!”* (pág. 278).  
*“Que devo a esta sociedade de quem tanto falas? Que fez ela por mim? Enquanto fui rico e tive uma bela casa, ela me adulou, procurou e cumulou de atenções - e no dia em que me tornei pobre, só o coice de um asno”*. (pág. 278).

*“Eu ajo somente de acordo com meu coração, e não com a razão”*. (pág. 280). *“Há oito meses não vou ao Rio, e praticamente não saio da fazenda, vivendo abandonado por todos (...) (...) Foi ela - Regina - que me amparou, sempre me aconselhando e erguendo meu moral abatido”*. (pág. 284). *“A fortuna não vai embora sozinha, ela leva também nossos amigos”*. (pág. 285).

*“Teu cavalo de batalha é origem da pobre Regina, mas não se deve remexer muito nos ancestrais em um país onde existiu a escravidão. Após vinte e cinco anos de permanência no Brasil, todo brasileiro me confessou em particular que ele, sim, era branco. Mas seus vizinhos eram duvidosos. Todos usaram as mesmas expressões. De modo que não fiquei sabendo se todos são brancos ou negros. Somente um me afirmou não ser branco - foi Patrocínio (filho de uma escrava e um vigário, foi um farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Destacou-se com uma das figuras mais importantes dos movimentos abolicionistas e republicanos no país)”*. (pág. 294).

- Correspondência autêntica de Maurice Haritoff à família. Discorre sobre o relacionamento com Regina, os filhos e o cenário de sua vida após a decadência do café no Vale.

*“Minha carta será longa, é uma verdadeira confissão. Talvez a última (...) Como você sabe, tornei-me um viúvo dez anos atrás. Um ano depois de minha viuvez, mantive relação com Regina, a quem você conhece. Como isso me sucedeu, nem eu mesmo sei... o isolamento, a necessidade de uma companheira, um resto de juventude, a solidão, a convivência permanente com uma menina tão gentil - que eu mesmo criara enfim, eu me deixei levar... O fato é que aconteceu. O fato é que aconteceu. Eu tirei sua virgindade. É preciso que eu insista nesse ponto. Perdoe-me (...)”*. (pág. 282)

*“Um ano depois da minha ligação com Regina tivemos um filho, o pequeno José (...) Com dois anos e meio de idade, ele teve broncopneumonia e foi arrebatado da minha*

*ternura pela morte inexorável, em oito dias. Escapei de morrer, também; tive uma espécie de paralisia (...) No fim de três dias, estávamos de novo sozinhos a nos consolarmos um ao outro”.* (pág. 282 e 283)

*“Como você deve saber, nesses últimos anos a minha situação financeira tornou-se crítica. Estou quase arruinado. Os preços irrisórios do café, a falta de dinheiro e, sobretudo, de crédito, um desânimo completo me impediram de cuidar da fazenda, e somente a condescendência do banco e de seu presidente fizeram com que a fazenda não fosse penhorada. Procurei um emprego, mas com família é difícil encontrar qualquer coisa que sirva”.* (pág. 284).

*“Sacrifiquei-me totalmente a meus filhos. Rio por causa deles e com eles (...) Depois de ter evitado que, durante a infância, tivessem a menor dor física, a menor contrariedade, devo, agora, por causa de um preconceito mundano, arriscar que quando se tornem adultos alguém mal-intencionado os chame de bastardos, insultando assim sua mãe?”.* (pág. 284).

*“Na minha idade, não necessito mais de mulheres; não é a Regina que eu quero desposar, mas, sim, a mãe de meus filhos, que tudo me sacrificou, até mesmo as poucas economias que possuía (...) Eu não tenho nem nunca tive preconceito racial. Esse assunto não deve entrar em questão. Eis minha confissão terminada (...)”.* (pág. 286).

- 14/03/1906 - No oratório da fazenda Bela Aliança, Maurício Haritoff e Regina Angelorum de Souza assinam a escritura de contrato Nupcial. Reprodução do “Assento de casamento do Comendador Maurício Haritoff e Regina Angelorum de Souza” - livro 5º de casamentos da Matriz de Santana do Piraí, folha 15.

## ÍNDICE TEMÁTICO DA OBRA

A função desses fragmentos é apresentar indicações facilitadoras de leitura, uma amostra da riqueza de historicidade do romance histórico *Beija-me o sol não alcança*. Os apontamentos podem variar de leitor a leitor conforme o interesse. O nosso, é a familiarização histórica da obra.

- ESCRAVIDÃO NO XIX - HISTÓRIA, COTIDIANO E RESISTÊNCIA
- ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO - PAISAGEM RURAL E URBANA
- FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS - PANO DE FUNDO
- FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES
- LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES
- RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR
- SABERES POPULARES
- USOS E COSTUMES

Abreviações:

História - HIST.

Paisagem - PAIS.

Escravidão - ESC.

Festas Populares - FEST.

Lendas - LEND.

Crendices - CREND.

Superstições - SUP.

Religiosidade - REL.

Saberes Populares - SAB.

Costumes - COST.

TEMA	PÁG.	TRECHO
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	211, 230, 231 e 244	<p style="text-align: center;"><b>Abuso Sexual - Regina é símbolo</b></p> <p>“Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança. A boca, ameixa escura. Sua impotência, eu prefiro chamar de ternura. Sua fragilidade, de sedução. Sua condição de quase escrava e sua pele cor de noite me permitem possuí-la (...)”.</p> <p>“Ela se encolheu como um bicho. Arrastei-até o cadeiral. - Sente-se nos meus joelhos. Dei uma ordem seca. Seu cheiro veio com ela, que sentou-se. Não como uma criança, de joelhos juntos, aninhada no peito. Mas de pernas abertas, sobre as minhas. Tonteei. A pouca luz que vinha do quarto iluminou seu rosto zebrado pelas lágrimas. (...) Acariciei os seios, o ventre, o púbis encaracolado (...) - Abra mais as pernas. Levantei a camisola (...) Quanto mais me excitava, porém, mais pensava em Nicota. Quantas vezes a traí, mas, com uma criança? Antes de gozar, retirei-me. Não queria descabaçá-la ou fazer-lhe um filho (...) A resignação passiva de Regina Angelorum me irritou. Que estúpida apatia. Afinal, o que quer essa menina?”. Pág. 230 e 231.</p> <p>“Ontem, com um único gesto, levantei seu vestido e encontrei a inacreditável nudez. <i>Regina Angelorum est Deus em nobis</i><sup>55</sup>!”. Pág. 244.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	13, 68, 73, 74, 110, 186, 187 e 196	<p style="text-align: center;"><b>Controle dos cativos:</b></p> <p>“O pai, coronel Silvino, mandava em todos, do padre, à força policial, e se encarregava de manter a ordem nas terras da família. Negro fujão, quilombola, ladrão, roubo de gado, invasão de terras? O couro comia. Protegia o comércio de víveres e escravos feitos pelo cunhado, Joaquim Breves, do litoral de Marambaia e Itacuruçá para o alto da Serra.” (PAI)</p> <p>“Abro as janelas e vejo os cafezais a perder de vista. À tarde, os escravos vem tomar a minha bênção, dizendo - <i>Siô seja louvado</i>. Fico de pé na varanda, coberta das flores azuis da glicínias,</p>

<sup>55</sup> est *Deus em nobis* - tradução: Deus está conosco

		<p>contando cada cabeça de homem ou de gado que chega”. Pág. 68</p> <p>“Habituei-me com relativa facilidade ao cotidiano da fazenda: ouço tocar o sino para acordar os escravos quando nasce o sol. Da varanda, assisto sua formação, inspeção e distribuição de tarefas diárias dadas a diferentes grupos pelos feitores. Depois, há uma reza coletiva, da qual nada entendo. Os cativos usam palavras tribais ao português, mas parece que a religião é uma forma de doutriná-los aos costumes civilizados. Há fazendas cujas capelas trazem sempre santos negros, como Elesbão e Benedito ou um São Baltazar, para lhes inspirar simpatia e convencê-los de que os queremos bem”. Pág. 73 e 74.</p> <p>“(…) Faço questão de memorizar os rostos negros que se curvam, colhem e levantam, curvam, colhem e levantam, sem aparente cansaço (…)</p> <p>Dom José disse-me que, outrora, os cativos moravam em casinhas de barro, mas os plantéis e o preço dos cativos cresceram tanto que, atualmente, é preciso maior controle”. Pág. 74.</p> <p>“(…) Em meu lugar, ficou Manuel, filho de Tia Maria Gata, para administrar os feitores. Nicotáh o conhece desde pequena. Cada qual mamou num dos peitos da velha negra. E juntos!”. Pág. 75.</p> <p>“Manuel faz um trabalho excepcional. Não tenho perdido escravos com fugas ou doenças. Pelo contrário, casamentos por ele organizados aumentaram o plantel. Tenho paz na senzala e há novas crias. Na verdade, preservamos a escravaria do tempo do sogro que não conheci. Isso deu estabilidade nas fazendas. Quem compra pretos novos de outras províncias paga preço alto e recebe problemas”. Pág. 110.</p> <p>“(…) ordens de um feitor (Manuel) poderoso que dirige com mão de ferro o trabalho dos cativos, controlando para que cada ordem do patrão seja cumprida. Ele não só responde pelas tarefas realizadas, mas é o mediador entre o conde e a escravaria. Queixas? Ele que comunica. Mas, nesse caso, resolveu que não o faria”.</p>
--	--	---

<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>17</p>	<p><b>Apogeu do café no Vale do Paraíba:</b></p> <p>“Na primeira noite, jantamos com o comandante. Ele nos falou sobre as mudanças no império. Armazéns cheios até a boca de ouro verde. O café plantado e colhido por negros. Será muito diferente da servidão que tivemos na Rússia? (...) servos substituídos por escravos africanos” (HIS)</p>
<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>27, 37, 42, 49, 50, 65, 66, 74, 75, 85, 181, 182, 187, 208, 219, 220, 247</p>	<p><b>Cotidiano dos escravos “do eito” e “de dentro” nas fazendas do Vale do Paraíba:</b></p> <p>“É véspera de natal. Fabiano veio pedir ao tio José que o deixasse, junto com outros escravos da orquestra, cantar pastoris. Na fazenda é preciso licença para tocar violas, puítas, pífanos e tambores, mas tio José deixa tudo. No entremeio da música, os negros hão de dançar o lundu. (...) imitando os reis magos, os negros em bando vão sair a noite e percorrerão Pirai louvando o nascimento do Deus menino”.</p> <p>“(…) é preciso explicar aos escravos de dentro<sup>56</sup> a profusão de talheres e copos. E de como servir o vinho adequado a cada prato”.</p> <p>“A banda composta pelos escravos da fazenda de tio Joaquim virá tocar”. Pág. 37.</p> <p>“Os escravos de dentro se perfilarão na escada da frente: elas com suas saias brancas, aventais vermelhos e turbantes imaculados. Eles, de camisa nova e calças compridas. Os pajens e copeiros, de dólma e gaforina aparada. A orquestra enviada por tio Joaquim afinou os instrumentos. Ao som de um trecho da <i>Sonata in D Minor</i> de Scarlatti (...)” Pág. 42.</p> <p>“Aqui vivem cerca de quatrocentos escravos. Mal consigo sair do quarto sem cruzar com alfaiates, carpinteiros, costureiras, enfermeiros, copeiros, tropeiros, mucamas e até um “formigueiro” que... mata formigas! Todos vêm receber ordens e partem como flechas para suas atividades. Entre as muitas mulheres, senhoras ou escravas, há como</p>

<sup>56</sup> Escravos de dentro, homens e mulheres, que trabalhavam dentro de casa. Diferentes dos escravos do eito, que trabalhavam no campo, e dos “de ganho” que vendiam produtos nas ruas e cujos ganhos iam para os senhores.

	<p>que uma vida apagada e subterrânea. Vida silenciosa, quase toda dentro de casa, pondo em prática habilidades miúdas que você apreciaria nas criadas: bordados e costuras”. Pág. 49.</p> <p>“Os primeiros meses do ano são reservados à adubação e à capina dos pés de café. Atravessamos as avenidas de arbustos verdes, evitando os cativos, com enxadas e chapéus de palha, que trabalham ininterruptamente. São homens e mulheres, elas com os filhos amarrados por um pano, às costas”.</p> <p>“Quanto ao casamento (...) Vera está ajudando na escolha do enxoval (...) As escravas costuram dia e noite os modelos enviados pelas modistas da Corte (...) Da rua vêm os gritos dos negros e o cheiro do café cru. Respiro e ouço os palavrões dos carroceiros”. Pág. 65.</p> <p>“Chegou setembro e cai a noite (...) Os escravos que oferecem seus serviços no Campo de Santana se recolheram a algum zungu<sup>57</sup> para beber, conversar e jogar”.</p> <p>“(...) deixarei Tia Maria Gata. Percebi o laço que liga minha existência a essa mulher forte, imponente e autoritária, perfumada de murta e manjerição. Ao mesmo tempo escrava e membro da família, quantas vezes a vi brigar com mamãe por causa de “<i>nossa fia</i>”, para depois chorar só, sentindo-se injustiçada. O que sei sobre o bem e o mal não aprendi com meu tio padre, mas com ela e suas estórias exemplares. Ela embalou meu sono, cuidou do meu peito misturando leite com mastruço, me ensinou a rezar e cantar velhas orações e canções”.</p> <p>“Cada um deve se ocupar de dois mil pés por dia. Depois do pôr do sol, eles regressam dos campos. O toque de recolher é dado entre oito e nove da noite, quando se internam nas pequenas células da senzala. As únicas aberturas são frestas gradeadas. Há nova contagem (...)”. Pág. 74.</p> <p>“Ah, o domingo! Vejo-os partindo para a Vila, onde já tem fregueses, com carás, bananas,</p>
--	---

<sup>57</sup> Tabernas onde se reuniam cativos e libertos.

		<p>amendoim, produtos que cultivam, caças, vivas ou mortas, os cestos e cuias que produzem. Vão contentes. Podem então fumar, tocar viola, jogar e beber aguardente sendo servidos pelo caixeiro branco”. Pág. 75.</p> <p>“Sei nadar e nadar muito com as negrinhas no rio. Todas juntas, camisas brancas e compridas, o algodão colado aos peitos e coxas, aos gritos”.</p> <p>“Maria Gata sempre enfiada no hospital dos pretos, preparando suas mezinhas. Dos meus, morreram no mês passado”. Pag. 85</p> <p>“Escreverei a Maurice (...) Dir-lhe-ei, também, que mando todos os negros para o cafezal, de manhã e à tarde. Comigo fica só Emília, que está com uma barriga enorme”. Pág. 181, 182.</p> <p>“Casamentos entre livres e escravos eram comuns. Um número maior de cativas era escolhido por lavradores que compravam, mais tarde, suas alforrias”. Pág. 187.</p> <p>“Não fui abençoada com o dom natural da maternidade. Apenas ajudei a criar e a instruir Regina Angelorum. Trato-a como filha da casa, mas sem afeto”. Pág. 220.</p> <p>“O grão-duque esteve na fazenda por cinco dias. Todas as manhãs saíamos a cavalo para ver os campos e os cafezais. À tardinha, a orquestra de cativos tocava instrumentos que ele considerou “curiosos”: tam-tans e batuco”. Pág. 247.</p>
<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>245, 246</p>	<p style="text-align: center;"><b>Maus tratos</b></p> <p>“Certa vez, vi conhecida baronesa lançar um lenço mais de vinte vezes ao chão apenas para ter o prazer de gritar: “Ô negrinho! Apanha meu lenço”.</p> <p>“Soube de um casal que, em viagem à França, levou um menino de apenas cinco anos. Era uma curiosidade que exibiam. Depois de tiritar, por dias, acororado num canto de lareira, a criança morreu de frio”.</p>

		<p>“O grão duque, chocado, viu nas ruas da corte um negro usando uma máscara de ferro. Expliquei-lhe: é maneira de castigar bebedeiras”.</p>
<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>108, 119, 145, 246, 247, 250</p>	<p style="text-align: center;"><b>Forros, mulatos e escravos de ganho</b></p> <p>“Sou filho de crioula forra, mulato e jornalista pobre. Moro numa casa térrea no final da rua Direita e só possuo Balbina e Leodegária, duas escravas de ganho”.</p> <p>1972 -“O preço do negro de ganho disparou: “Um preto de vinte e dois anos, carpinteiro e lustrador, vale 1.500\$; um moleque de dezesseis anos, copeiro e pagem, vale 1.600\$; um preto cozinheiro ou uma cozinheira de forno e fogão, além de doceira, 1.200\$”. Pág. 119.</p> <p>“Acabo o trabalho na redação e me arrasto até a casa, onde o trabalho na redação e me arrasto até a casa, onde a canja de Balbina me aguarda. Quentinha. Tomo uns goles de cachaça: “Prô santo”. Depois, vou adormecer sabendo que não tenho charutos, nem cavalos. Não tenho título de barão como o Guaraciaba, que é mais preto do que eu, possui fazendas nas províncias do Rio e Minas (...) hoje tem mais de quatrocentos escravos” ‘W “barão de chocolate”. Há vários. São contra libertar os escravos. Eu também”. Pág. 145.</p> <p>“O que mais me impressiona é a raça mulata. É evidente que, um dia, ela será chamada a governar o país. Tem, infelizmente, as qualidades e os defeitos das raças das quais é oriunda. Mas, por outro lado, dá provas de uma inteligência notável”. Pág. 246.</p> <p>“A grande quantidade de negros livre é o ponto escuro no horizonte brasileiro. Seu número já ultrapassa o dos brancos. É de temer que queiram uma revanche e vinguem o passado. Esperemos, porém, que o Brasil não tenha conflitos como os que marcaram a independência do Haiti”. Pág. 247.</p> <p>“(…) o Russo está de beijo caído pela negrinha Regina Angelorum. Quer imitar o barão de Tinguá, Pedro Correa e Castro, que teve com a escrava</p>

		<p>Laura filhos mulatos a quem deixou sua fortuna”. Pág. 250.</p> <p>“Nunca passou pela cabeça de sinhá Nicota um branco com uma negra? Pois as senzalas estão cheias de mulatos (...) Negra bonita para ela não tem? É despeito. Aqui mesmo na Bela Aliança, tem Leocádia, tem Tonha”. Pág. 255.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	30, 31, 40	<p><b>Escravos nas ruas do Rio Janeiro:</b></p> <p>“Ontem, enquanto Luís César apresentava Vera à família, tentei caminhar pelo que chamam aqui de “Centro”. Fui recepcionado por uma multidão de pretos e mulatos que, num vozerio ensurdecedor, oferecem seus serviços. Eles têm um aspecto embrutecido. Soube que, há pouco mais de vinte anos, o Rio ainda tinha um mercado onde os africanos eram expostos como carne humana. Hoje são vendidos em leilões domésticos, anunciados nos jornais.”</p> <p>“Por toda parte desta cidade ensolarada, o preto predomina (...) vi refletidas as camisas grosseiras com que os senhores cobrem o corpo magro dos escravos. A falta de sapatos e chapéus denuncia sua pobreza e condição. A mulheres andam -se me permite a vulgar informação - nuas da cintura para cima, por vezes um lenço atado no pescoço que cai sobre o peito. Umas usam turbantes, outras arranjam os cabelos crespos com arte. Todas vestem saias decoradas com enormes folhos<sup>58</sup>.” Pág. 31.</p> <p>“E há o canto dos negros carregadores de café. Corpulentos e fortes, correm em bandos de dez ou vinte, em trote compassado e com pesados sacos na cabeça... Imagine mamam, cantando! A música parece aliviar a dureza do trabalho”. Pág. 40.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	35, 181, 198, 199,	<p><b>Tios de Ana Clara - Os reis do café: Irmãos José e Joaquim Breves:</b></p> <p>“Devem sua fortuna ao café e ao tráfico de escravos, que é proibido por lei desde 1850. Trazem os africanos em barco próprio, levam serra acima e negociam com lucro de quatrocentos por</p>

58 babado franzido ou pregueado que se coloca em roupas

200, 201

cento”.

“Tio Joaquim mandou convidar-me para ir à sua fazenda da Grama: seis mil escravos e cento e cinquenta mil arrobas de café por ano. É demais. Vai aumentar minha dor de cabeça. Vovô, barão de Piraí, só colhia catorze mil" E nós, despolpamos apenas três mil. Estou tão fraca que não conseguirei ir a cavalo. Terei que tirar os escravos do cafezal, para levar-me na rede”. Pág. 181.

### **Tráfico pós 1850 - Bracuhy**

“No verão de 1851, eles foram descarregados em outra região de manguezais: a ilha de Marambaia (...) Na praia da Armação, feitores se preparavam para examinar a carga recém-chegada. (...) Do lado da praia, os homens sabiam que era preciso esvaziar rápido o brigue. Afinal, vender gente estava proibido. O contrabando era crime”. Pág. 198 e 199

“(...) na Baía de Marambaia, a desestiva se fazia com rapidez. A avó contou que mal tocam a areia, homens e mulheres se punham em fila. Os feitores, sem se incomodar com o sexo, examinavam cada um da cabeça aos pés: músculos, articulações, axilas e virilha. Os olhos, a voz, os pulmões e artelhos, enfim, nada era esquecido (...) Aqueles cujas peles tivessem sido esfregadas com pólvora e suco de limão para ficarem brilhantes, um artifício que disfarçava doenças, eram separados e avaliados depois. (...) Minha avó era uma negra macua, veio num desses brigues (...)” Pág. 200 e 201

“Há algumas dezenas de metros dali, grossas colunas de pedra e cal suportavam o telheiro de uma senzala. Escondida por um renque de coqueiros e pela vegetação de grandes folhas, era um espaço para a “engorda”. Na porta, cercado dos homens de confiança, esperando a mercadoria chegar, a figura do comendador. (...) A avó o conheceu bem. Seus cabelos escuros enquadravam um perfil fino, de lábios bem desenhados, olhos brilhantes e queixo voluntarioso. Sinhá Nicota diz que o tio é um exemplo de beleza romântica, podendo parecer um jovem de alma velha. Tudo que seu olhar pousa, homens, coisas, terras, lhe

		<p>pertence. E terras que vão do mar até Minas Gerais: é o chamado Reino da Marambaia”. Pág. 200</p> <p>“Por trás da calma do rosto sem idade, queima um espírito cabeludo. Para os cativos, existem um personagem diabólico escondido nos trajes elegantes. Acostumado a dar ordens desde pequeno, sinhô Joaquim é frio como cobra. Assim fala com eles: Vai-te diabo!. A vara de marmeleiro descaindo sobre a carapinha. Ao vê-lo, murmuravam entre si: “Ngoma vem”, “O sinhô vem chegando”. Também era chamado de cumbi: o sol. “O cumbi virô, ei, ei, ei...”. As palavras ditas no meio de uma canção, era sinal de alarme”. Pág. 200</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	40	<p><b>Senzala nos edifícios do Rio de Janeiro:</b></p> <p>“No último andar, empoleira-se cozinha e senzala, para controlar a fuga de cativos”.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	51, 74, 85, 106, 150, 229, 248, 249	<p><b>Fugas, revoltas e quilombolas</b></p> <p>Comentário de Nicota sobre Maurice Haritoff:</p> <p><i>“Tem bom coração. Dias desses viu na estrada um escravo acorrentado, sendo levado para a cidade. Quis apear e discutir com os guardas. Era um quilombola”.</i></p> <p><i>“Os temidos quilombos se espalharam pelo Vale abrigando fugitivos. Então o feitor tranca todos. Não me admira se uma noite ele aparecer à beira do caminho, com uma faca nas costas. Ou no fundo da lagoa com uma pedra no pescoço. Quem o matou? A horrível escravidão. Nem imagino uma fuga em massa ou o massacre dos senhores!”.</i> Pág. 74.</p> <p>1866 - <i>Soube também que há um quilombo pequeno se formando perto da fazenda São Fernando, em Vassouras. Fica próximo aos nossos cafezais, o que me preocupa. Os feitores vêm aumentando a vigilância sobre os escravos vindos das províncias do Norte. São os mais rebeldes, pois lá deixaram amigos e família. Fazem tudo</i></p>

*para fugir. O preço do café está seguro e Manuel consegue manter a tua produção. Mas, como diria teu pai (Silvino - Zica), só o olho do dono engorda o boi.” Pág. 85*

*“(...) as senzalas fervilham. Ninguém esqueceu a fuga de quinhentos negros das fazendas Freguesia e Maravilha, há alguns anos. O nome do líder da rebelião, Manuel Congo, é murmurado com medo até hoje. Escravo ferreiro, sabia fabricar armas.*

*Era chamado de “pai” e comandava uma sociedade secreta em que exercia seus poderes espirituais. Curava mordida de cobra e preparava remédios. Graças a Deus, foi capturado, julgado e condenado à morte. Mas seu fantasma ainda está por aqui.” Pág. 106*

*“(...) três escravos da fazenda Concórdia, todos vindos de outra província, tocaiaram e mataram a golpes de foices o feitor Claudino, por tê-los punido no dia anterior. O corpo ensanguentado do homem seguiu amarrado ao burro até a sede: um recado.” Pág. 106.*

*“E o que dizer das maroteiras dos escravos? O infeliz, o descarado José Angola, excelente falquejador de machado, trabalhava na roça e tinha saúde de ferro. Mas, muito difícil de se submeter. Depois de muitas fugas e problemas, me vi obrigado a colocá-lo à venda”. Pág. 150.*

*1883 - “(...) numerosos anúncios oferecendo gratificação pela captura de escravos fugidos (...)”. Pág. 223.*

*Vera Haritoff em 1884 -“Teme-se uma revolta da escravaria. A violência nas ruas, com as temidas maltas de capoeiras, não é contida pela polícia, pois esta tem nos seus quadros homens acusados de roubo e assassinato”.*

*“(...) em São Paulo, uma sociedade secreta chamada “Os Caifazes” promove a fuga de escravos. O porto de Santos, que embarca café, virou um quilombo a céu aberto. Todos acolhem e ajudam fugitivos. Em Cubatão, um massacre de escravos por tropas do exército levou o clube militar a repudiar a utilização do Exército em sua perseguição. Em Paraíba do Sul, escravos fugidos*

		<p><i>foram açoitados até morrer. A imprensa abolicionista reagiu com tanta violência que a pena de açoite foi banida do código criminal”.</i> Pág. 248.</p> <p><i>“(...) eles estão transformando a vida dos fazendeiros num inferno. Trabalham mal, dormem de dia e batucam à noite. Outro dia, anônimos encapuzados invadiram a cadeia de Vassouras para libertar fugitivos e lincharam os guardas!”</i> Pág. 248.</p>
<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>64, 106, 107, 119, 125, 186, 199, 200, 219</p>	<p><b>Crise da mão de obra escrava e legislação:</b></p> <p><i>“(...) Eles são em menor número desde que se impôs a proibição ao tráfico, o que provocou muita cólera”.</i></p> <p><i>“O governo apresentou um projeto de lei para libertar os nascidos de mãe escrava. O chamam de o “ventre livre”. Mas quem substituirá os braços que irão se deslocar? Quem indenizará a propriedade abalada em seus fundamentos?”</i></p> <p><i>“No seu conservadorismo o governo se inquieta com a possibilidade de uma agitação incontrolável e, no imobilismo, tenta esquecer as transformações que vão pelo país. A tática do silêncio para defender a escravidão continua. Ninguém a discute no parlamento. Os senhores sabem que sua posição é insustentável, tanto mais quanto a Inglaterra os quer asfixiados. Ninguém move uma palha? Os escravos sim. Cabulam, conspiram, até matam. Cresce o medo.”</i> Pág. 106 e 107.</p> <p><i>“A lei número 2.014 libertou os filhos de mulheres escravas. Diz o texto que ao completar oito anos o Estado indenizará o senhor em 600\$000 réis, ou ele será utilizado até vinte e um anos. Se a mãe falecer antes de a criança chegar à idade, o menor será colocado à disposição do governo. Maus tratos excessivos? Cessa a prestação de serviços”.</i> Pág. 107</p> <p><i>“Luta pela liberdade dos negros? O projeto de proibição do tráfico entre escravos entre províncias dorme na gaveta, e a falsificação de papéis para fazer circular essa gente pobre, um</i></p>

		<p><i>negócio bem sucedido</i>”. Pág. 119.</p> <p><i>“Estamos fazendo todo o possível. Melhorias nas senzalas, menor controle aos domingos, e ma chérie se ocupa de uma negrinha como se fosse sua filha. Comprei máquinas. Isso ajuda e poupa os cativos”</i>. Pág. 125</p> <p><i>“É sabido que na Bela Aliança e no Pinheiro os feitores casam todos os escravos, Ninguém que ser bom. Apenas manter a paz nas senzalas. (...) O feitor deu-lhe ordem para casar. Com a proibição de escravo novo, a senzala tinha cerca de dois homens solteiros para cada mulher”</i>. Pág. 186.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	107	<p><b>Tráfico interno:</b></p> <p><i>“Veio muito escravo do Nordeste, pois os engenhos de cana estão de fogo morto. O resultado é o que já sabemos. Chegou muito homem jovem e só, sinônimo de violência e insurbodinação”</i>.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>		<p><b>Matrimônio na Bela Aliança:</b></p> <p><i>“Fora da capela particular, o barulho dos brasileiros, gargalhadas, vozes altas, gritos dirigidos aos escravos e, lógico, suas respostas no mesmo tom. (...) a orquestra de dom José e um batuque de tambores africanos que não deixou ninguém dormir. Aos escravos foi dado fumo e cachaça para comemorarem”</i>.</p>
<b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b>	119, 126, 136, 187, 223, 245, 246, 247	<p><b>Visões sobre a escravidão:</b></p> <p><i>“O encantamento da cidade como “paraíso tropical” desapareceu. A causa? Insalubridade. Minha opinião: à medida que o escravo africano foi introduzido na economia, as moléstias epidêmicas se multiplicaram”</i>. Pág. 119</p> <p><i>“Enxergo traços africanos até na família de Nicotáh, que me asseguram ter origem portuguesa. São os efeitos da escravidão, pois ela nunca será coisa boa (...) na semana passada, adentrou a fazenda um escravo fugido da vizinhança. Trazia o lombo coberto de sinais de chicote que foram cauterizados, sublinho, cauterizados com sal e limão. Fiquei chocado e lhe dei abrigo, contra a</i></p>

		<p><i>vontade de Manuel. Ele me corrigiu: “Sinhô, aqui se quebram as leis, não as regras. E a regra é simples: senhores contra escravos (...) Mulatos e negros se detestam”. Pág. 126</i></p> <p><i>“E a opressão contra os cativos, os pobres, os que nada têm, se fantasia de amor à ordem. Essa ordem que fingimos existir nas senzalas quando sabemos que, mal cai a noite, os negros fazem o que querem (...) barões de café querem crer que são civilizados. Merde, jamais! (...) o melhor é fingir que nada enxergo e aproveitar os lucros do cafezal”. Pág. 126.</i></p> <p><i>“Os ricos, que nunca trabalharam e vivem de rendas, têm horror a qualquer atividade. Habitam um mundo egoísta e seco. (...) Se os escravos ganharem a liberdade e acharem que a sociedade lhes deve do que viver, o que faremos?!” Pág. 137.</i></p> <p><i>“Por sua cor e condição, a negrinha (Regina) seria sempre uma mistura de confiança e suspeita”. Pág. 187.</i></p> <p><i>1881 - “(...) o cancro está entranhado. Pois prosseguem os leilões de escravos, um cativo foi condenado pela morte de seu senhor e o aluguel de amas de leite se tornou uma indústria lucrativa. Lucram também os jornais, inclusive o nosso com numerosos anúncios oferecendo gratificação pela captura de escravos fugidos”. Pág. 223.</i></p> <p><i>“D. Pedro II precisou fechar os olhos ao tráfico de negros, pois apenas eles eram capazes de suportar o trabalho no campo, sob o sol de fogo brasileiro”. Pág. 246.</i></p>
<p><b>ESCRAVIDÃO NO XIX</b></p>	<p>212, 214, 249, 250</p>	<p><b>Pequenos proprietários de escravos</b></p> <p><i>“Mas como podemos fazer se não consigo imaginar a vida sem minhas duas escravas? (...) Assinei uma lista de pequenos proprietários de escravos do Vale em que pedimos ao ministro Cotegipe que não deixe tal desastre acontecer. Dependemos de nossos cativos e eles dependem de nós. Do que viverão, se forem libertos?”</i></p>

		<p><i>“Outros propuseram escrever ao imperador, pedindo ajuda e proteção. Que sua majestade não esquecesse as indenizações (...) De minha parte, assinei esta semana uma carta que pede ao Ministro Cotegipe que não dê abolição. Só tenho duas escravas e preciso delas”.</i> Pág. 249 e 250</p>
<p><b>ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO</b></p>	12	<p><b>Anúncio de falecimento:</b></p> <p><i>“Da Serra do Sinfrônio a São João Batista do Arrozal, de Rio Claro a São João da Barra, de Vassouras a Valença, os sinos chamaram para missa em sufrágio de sua alma.”</i> (REL)</p>
	16	<p><b>Chegada de Luís César, Vera e Maurice Haritoff ao Brasil, Rio de Janeiro:</b></p> <p>“Graças à conjunção de vapor e vela, o ÉQUATEUR entra, rapidamente, nas águas do Brasil. O Cruzeiro do Sul cintila entre fiapos de nuvens. Respiro o cheiro das matas tropicais (...) mergulho no silêncio no hemisfério Sul.”</p>
	23, 24, 114	<p><b>Entrada na baía de Guanabara:</b></p> <p>“Maman querida, às sete horas da noite entramos na baía de Guanabara. Na língua local, quer dizer “mar do seio”, por causa de sua forma arredondada e águas piscosas.”</p> <p>“Um colar de luzes se estendia até a extremidade esquerda, terminando numa grande curva. Luís César explicou tratar de Botafogo, localidade de belas residências, inclusive as de sua família, e do palácio dos príncipes imperiais. Mais a direita, as chamas brilhavam em inúmeros terraços, subindo, bem alto as encostas dos morros (...) Um fenomenal granito, que parece modelado por Deus, guarda a enseada. É o Pão de Açúcar.”</p> <p>“Sob uma luz esplêndida, a manhã revelou a beleza da paisagem (...) No horizonte, a serra verde, a ilha das cobras, largamente fortificada esconde as inúmeras e férteis colinas da ilha do governador. Na extremidade sul, se entra na baía de Niterói. As</p>

<p><b>ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO</b></p>		<p>colinas baixas, arredondadas como as demais da Praia Grande, oferecem um aspecto pitoresco com curvas e sinuosidades, emprestando à paisagem um ar romântico. Tudo se anima num panorama circular composto de montanhas, matas, rochedos e grupos de casas. Encarapitada sobre um pequeno monte, a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, a quem os viajantes pedem proteção ao deixar o império.”</p> <p>“Fiquei surpreso com os navios de formas e tamanhos variados. Em grupos, avivam a paisagem lembrando que os ingleses mantêm um comércio ativo com os brasileiros (...) Desde cedo, vimo-nos rodeados por diversas embarcações de terra, tripuladas por negros que vinham especular o que queríamos desembarcar e oferecer frutas frescas (...)” (HIST)</p> <p>“Que linda manhã e da chegada! (...) Lá estavam os grandes rochedos, o Pico do Pão de Açúcar e a baía paradisíaca. Navegamos rapidamente em meio às fortalezas enquanto o forte São João disparava os tiros de boas vindas”. Pág. 114</p>
<p><b>ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO</b></p>	<p>29, 30, 39, 114, 135, 207</p>	<p><b>Cidade do Rio de Janeiro:</b></p> <p>“A cidade está situada numa faixa plana, circundada pelo mar. Na parte sul, morros: de Santa Teresa, Santo Antônio e Castelo. A serra menor, ao norte, situada na praia atrás da cidade, também tem morros: do Livramento, do Valongo, da Conceição e de São Bento, onde se destaca um belo convento. (...) Em toda a parte, uma multidão de negros, cantando e berrando, se locomovem como aranhas, trabalhando.” (HIST)</p> <p>“No centro, onde estou temporariamente, tampouco há jardins. As casas se alinham, umas coladas às outras, em ruas estreitas e escuras. (...) O palácio do imperador é um casebre na região de nome São Cristóvão”.</p> <p>“(…) a rua do Ouvidor, onde estou instalado, se parece com a artéria de qualquer cidade populosa do Sul da Europa”.</p> <p>“Estou na maior cidade da América do Sul (...)”</p>

		<p>misturam-se aqui brasileiros e estrangeiros de todos os climas. A maior parte da população, porém, é negra”.</p> <p>“Os despejos são um negócio portátil e não subterrâneo. São os cativos que levam nas costas enormes pipas repletas do que, em Paris, deixamos discretamente nos <i>retretes</i>. O sentido da audição também é ferido pelo confuso falatório dos negros, pois eles são de proveniência variada”.</p> <p>“As ruas são estreitas demais, com exceção da rua Direita, recentemente calçada com pedras vindas da ilha de Wight. Os edifícios raramente possuem mais de três ou quatro andares”. Pág. 40.</p> <p>“Bondes urbanos puxados por cavalos se cruzando em todas as direções pelas ruas tortuosas e irregulares. (...) pág. 114</p>
<b>ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO</b>	33, 113	<p><b>Cidade de Pirai:</b></p> <p>“De longe avistei as duas torres abobadadas e o frontão triangular da matriz de Santana, cuja calçada varremos em penitência, pela manhã”. (REL)</p> <p>“(…) me falta inspiração, a culpa é de Pirai, esse vilarejo de província. (...) infinitos cafezais, igreja, escravos. A melancolia da praça, o silêncio das casas à noite”. Pág. 113.</p>
<b>ESPAÇO NATURAL E GEOGRÁFICO</b>	48	<p><b>Vale do Paraíba:</b></p> <p>“Estou à beira de um rio, tão imponente e belo quanto o Neva ou o Sena. A ferrovia recém-inaugurada que tomamos para o interior lembrou-me as gravuras do Voyageur Universel: deixamos para trás a baía, resfolegamos serra das Araras acima entre granitos cobertos por florestas, cruzamos vegetais gigantescos, árvores de altura prodigiosa, águas com pirogas transportando mercadorias. Vimos pescadores e lavadeiras. Depois, foram culturas de cana, milho e cafezais a perder de vista (...) levaram-me para dentro do Brasil (...)”</p>
	30, 111	<p><b>Servos na Rússia X escravos no Brasil:</b></p> <p>“<i>Servos russos seriam diferentes dos africanos e os</i></p>

<p><b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b></p>		<p><i>homens mais felizes da terra? Lógico que não. Esmagados por seus senhores, morriam de fome, sofriam violências físicas, moravam em buracos ou isbás cobertas de palha (...) Na Rússia, a humanidade ainda patina (...)</i></p> <p><i>“Foram vinte e dois milhões de homens, não civilizados e sem moral, a quem se deu liberdade. Liberdade que confundiram com licença. A evitar no cafezal”.</i> Pág. 111.</p>
	<p>35, 36, 63, 85 e 98</p>	<p><b>Guerra do Paraguai:</b></p> <p><i>“O imperador brasileiro partiu para a guerra, dizendo que será um confronto curto e cirúrgico.”</i></p> <p><i>“(...) à véspera da partida para o sul do tio de Luís César, o barão de Caxias, falou-se muito mal do imperador. O barão é contra a guerra. Diz que o Brasil não tem exército. Melhor seria guarnecer as fronteiras. Queixou-se de que as fileiras da infantaria são formadas não por soldados mas por bandidos!”.</i> Pág. 36</p> <p><i>“Os jornais estão cheios de notícias sobre a guerra no sul. O tio de Luís César tinha razão: o império não está preparado. Os paraguaios capturaram a cidade de Uruguaiana e as ruas da capital estão cheias de voluntários para integrar batalhões. Os que podem, pagam ou compram escravos para substituí-los, numa demonstração de falta de coragem. (...) Por sua vez, os negros cativos correm para o exército, pois lhes foi prometida liberdade se... se voltarem vivos”.</i> Pág. 63.</p> <p>1866 - <i>“Na Exposição Nacional, um balão caríssimo foi exposto: é a nova arma de guerra brasileira. Arma necessária, pois fomos batidos na batalha de Curupaiti numa derrota humilhante: nossas tropas foram massacradas ao atacar as trincheiras paraguaias. Os jornais dizem que o marquês de Caxias assumiu o comando das forças de terra e mar e que os escravos designados para o serviço do exército serão libertados ao fim da guerra. Sabemos, porém, que ninguém vai tirar cativos dos cafezais para agradar ao imperador”.</i> Pág. 85. (ESC)</p> <p><i>“O maior conflito armado internacional na</i></p>

		<i>América do Sul se acabou. E trouxe mudanças. O império enviou em torno de cento e cinquenta mil homens à guerra e somente cem mil retornaram (...) e o pequeno Paraguai teve cerca de trezentas mil vítimas entre civis e militares. Fome e doenças ceifaram a valer. A carnificina abalou o império e sacudiu a alma nacional”.</i>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	40, 77 e 83	<p><b>Intervenção francesa no México:</b></p> <p>“<i>Li que os Estados Unidos pediram a retirada das tropas francesas no México”.</i></p> <p>“<i>França mergulhada em problemas (...) Napoleão III retirando as tropas do México (...)</i>” Pág. 77.</p> <p>“<i>(...) mataram o imperador Maximiliano (...)</i>” Pág. 83.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	40	<p><b>Brasil é o café</b></p> <p>“<i>Soube que se planta tanto, mas tanto café, que não sobra terra para alimentos. O império é obrigado a importar milho, arroz e feijão dos Estados Unidos da América do Norte e da Europa”.</i></p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	64	<p><b>Revoltas:</b></p> <p>“<i>Os preços do feijão, arroz e farinha são altos. O povo saiu às ruas gritando: “Queremos carne sem osso e farinha sem caroço”<sup>59</sup>”. Repressão violenta contra os revoltosos! Fala-se em carestia, pois, os escravos só plantam café.”</i></p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	32, 64	<p><b>Revolta Liberal de 1842</b></p> <p>Maurice Haritoff em carta para a mãe em Paris: “<i>(...) O sogro de <sup>60</sup>Vera, o Barão de Tocantins José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, é homem vigoroso. Recebeu seu título por ter, como coronel, sufocado uma rebelião numa província não distante do Rio, chamada Minas Gerais. Ao lado</i></p>

59 População pobre de Salvador, ocupou a Câmara de Vereadores e o Palácio do Governo, em protesto contra a carestia, que ficou conhecida por Revolta da Farinha. Ver artigo no livro *Revolta, motins e revolução de organização* de Mônica Duarte Dantas.

60 Vera Haritoff veio ao Brasil acompanhada do irmão Maurice Haritoff para conhecer a família do marido Luís César (sobrinho de Duque de Caxias).

		<p><i>do irmão, que agora parte para a guerra, esmagou uma das muitas revoltas liberais contra o imperador.”</i></p> <p><b>Política do Segundo Reinado:</b></p> <p><i>“Para obter estabilidade, o imperador alterna conservadores e liberais no Ministério: um rodígio que parece fazer todos felizes!”.</i></p>
<p><b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b></p>	<p>64, 99, 119, 136, 203, 226, 246 e 251</p>	<p><b>Imigração e colonização</b></p> <p><i>“Na corte, se comenta sobre passar do trabalho escravo para o trabalho de homens livres, vindos da Europa, como se está fazendo nos Estados Unidos. Na província de São Paulo, já há estrangeiros nos cafezais. Mas no Vale, silêncio. Lá, os cafeicultores se defendem dizendo que libertam seus cativos quando nascem ou casam, e que não são maltratados, ao contrário dos Estados Unidos onde negros não podem andar nas ruas, nem entrar nas igrejas”.</i></p> <p><i>“(…) Ao voltar ao Brasil, inscreva-se num dos clubes de agricultores: o Fluminense ou o da Lavoura para defender seus interesses. Ali se começa a discutir a imigração de europeus, chins<sup>61</sup> e americanos - desses chegaram oitocentos e quarenta e três outro dia. Mas os plantadores de café sabem que nada substitui o trabalho servil”.</i> Pág. 99.</p> <p>1872 - <i>“Os fazendeiros clamam o abandono da lavoura. Em seis anos, entraram apenas cento e três mil setecentos e cinquenta e quatro imigrantes entre portugueses, alemães e americanos. Urge convencer o europeu de que a justiça no Brasil é uma realidade, a liberdade de consciência, um fato sério e não uma promessa ilusória”.</i> Pág. 119</p> <p><i>“Não cheguei só. O vapor trouxe muitos imigrantes. As unificações da Alemanha e da Itália expulsaram os camponeses de suas terras. As cidades se encheram, mas não há ocupação para todos. Antes, eles iam direto para os Estados Unidos da América. Agora, vêm também para o México, Argentina e Brasil. Aqui, procuravam as</i></p>

<sup>61</sup> Chineses.

		<p><i>fazendas de café de São Paulo</i>”. Pág. 136</p> <p>1883 - “<i>O problema da colonização é outro assunto debatido no legislativo. A imigração chinesa, para a qual o império tomou medidas concretas, provoca críticas</i>”.</p> <p>1887 - “<i>Os chineses, raça deteriorada e preguiçosa, não deram, até agora, resultado. Os alemães fundaram uma pequena colônia em parte alta e montanhosa do país que se aproxima um pouco da Europa (GEO). Na província de São Paulo, adotaram italianos nos cafezais (...)</i>”. Pág. 246.</p> <p>“<i>Na Europa, jornais falam mal do Brasil. Alemães foram despejados de uma colônia e a opinião pública do país é contrária ao envio de seus compatriotas. O rei Humberto da Itália proibiu o embarque de italianos, pois não há garantias mínimas para os imigrados</i>”. Pág. 251</p>
<p><b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b></p>	<p>74, 85, 107, 150, 151, 203, 219, 228, 244 e 250</p>	<p><b>Decadência do Vale cafeeiro fluminense</b></p> <p>“<i>Diferentemente do que fazem no Caribe, aqui falta capina mais suave e adubação. Em Bela Aliança, a erosão do solo já vai ficando evidente (...) Lá nas ilhas do Caribe, se colhem cerca de trinta arrobas por mil pés. Aqui, cinquenta ou sessenta. Aqui, lhes damos a noite de sábado, para fazer batuques e danças, e o domingo inteiro</i>”.</p> <p>“<i>Quanto ao Vale, começaram a circular notícias sobre pequenas fazendas cujas hipotecas não foram pagas, e suas terras, perdidas para os comissários de café. Os pretos dados em garantia foram revendidos</i>”. Pág. 85.</p> <p>“<i>Aqui tem fazendeiro rico em terras e escravos, mas pobre em dinheiro (...) Não sei como a Bela Aliança, vai enfrentar as mudanças</i>”. Pág. 107</p> <p>“<i>Quem são esses terríveis paulistas? Parece que empregaram novas técnicas e têm relações mais dinâmicas com os empregados. Possuem mais estradas de ferro (...) fecunda terra roxa. Moram na grande capital da província e aplicam seu dinheiro em indústrias e bancos</i>”. Pág. 136.</p>

	<p><i>“As terras frias do Vale do Paraíba estão dando frutos velhos, malformados e chochos. (...) Faz parte da lógica dos cafezais avançar de manter bárbara sobre a natureza com técnicas arcaicas, arrancar ao máximo em termos de quantidade. (...) A compra de escravos tem que se manter constante, imobilizando capitais consideráveis”.</i> Pág. 150.</p> <p><i>“Não faltam outras pragas: a da borboletinha. (...) O inimigo são as saúvas. e sobre como combatê-las, há uma pobreza de invenções”.</i> Pág. 151.</p> <p><i>“O preço do café no Vale começou a cair e não vai parar. Há vários agricultores e fazendeiros endividados junto às casas comissárias, e estas, junto aos bancos, que não querem mais financiar os cafezais. Os que mais precisam de capital são os que menos cuidam das plantações (...) O aumento das terras cultivadas ou de escravos não vai retardar a decadência das lavouras velhas e esgotadas”.</i> Pág. 203</p> <p>Vera Haritoff em 1884 - <i>“(...) a derrocada do preço do café obrigou os parentes de Luís a hipotecar a belíssima fazenda e o cafezal que tinham em Valença”.</i> Pág. 228.</p> <p><i>“Tenho todas as razões, pretextos ou desculpas para odiar o império do Brasil. Detestá-lo por minha bancarrota, por ter que ouvir essa língua bárbara, por ter visto minha fatura engolida por essas casas comissárias, elas também quebradas e substituídas por bancos. Bancos!”.</i> Pág. 244.</p> <p><i>“Muitas fazendas já estão hipotecadas e foram entregues aos bancos. Os antigos donos se mudam para a capital em busca de empregos públicos. Abandonaram seus mortos no cemitério, venderam as lembranças de família...”.</i> Pág. 250.</p> <p><i>“Temos publicado as listas dos bens de famílias, antes poderosas, em leilões. Multiplicam-se anúncios de vendas de escravos para se tentar recuperar, ao menos em parte, o capital empatado”.</i></p>
	<p><b>A reforma urbana em Paris:</b></p>

	80	<p>“De fato, a cidade é magnífica e os canteiros de obras feitas pelo prefeito Haussmann estão em toda parte. Mais de vinte mil casas foram destruídas para se construir mais de quarenta mil. (...) Luís Napoleão em pessoa desenhou casas para os operários e fez os banqueiros participarem da renovação da cidade (...) iluminados por luz elétrica, imagine”.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	83, 95, 127 e 128	<p style="text-align: center;"><b>França de Napoleão III</b></p> <p>“Luís Napoleão deu espaço aos deputados republicanos, eles ganharam a votação pelo direito de greve, granjeando, por sua vez, o apoio dos operários das inúmeras fábricas que crescem ao redor da capital. Sobre eles, diz-se que são ameaçadores. “Classes perigosas”, martela a imprensa: mistura de pobres e trabalhadores capazes de querer nossas cabeças, acusados de desordeiros e criminosos. Paris é rica e é pobre (...) é um resumo da Europa”.</p> <p>“Napoleão, o pequeno, como diz Victor Hugo, tentou satisfazer o povo ao criar o regime de pleno emprego e amordaçar as elites (...) se apresentou como defensor da ordem e da segurança”.</p> <p>“Agora, os anos se tornaram difíceis. Paira o perigo da guerra com a Prússia (...) O imperador não se conformou em ver a França atrás da Alemanha”. Pág. 95.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	109 e 136	<p style="text-align: center;"><b>A Comuna de Paris</b></p> <p>“A Comuna deixou lições. (...) foram os famintos, saídos das classes populares, que defenderam Paris e não aceitaram o armistício (...) reagiram (...) Entre março e junho, metade da população da cidade fugiu. (...) passamos esses últimos meses em Versailles, de onde, aliás, partiram as tropas que sufocaram os rebeldes. Impiedosa repressão: de dezessete a vinte mil fuzilados. (...) A verdade é que a passagem do império para a República é desastrosa. O ódio que nos tem aqueles que nada possuem é abissal. Querem nos exterminar. (...) A Comuna foi um aviso alarmante”.</p>

		<p>“Faz pouco, vi o efeito da república na França. Num primeiro momento, explosão e alegria. Cidadãos nas ruas, todos juntos fora dos muros das fábricas em manifestações que saudavam a ruptura política. (...) Quando os prussianos chegaram à capital e as usinas fecharam, dois terços dos empregos desapareceram.(...) Como é sabido, o entusiasmo da população levou à defesa apaixonada da cidade, com cidadãos pegando em armas”.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	88 e 89	<p align="center"><b>Perseguição dos judeus na Europa</b></p> <p>“(...) Soube que depois da repressão à insurreição polonesa em 1883, as minorias se tornaram visadas (...) judeus são acusados de formar um Estado dentro do Estado”.</p> <p>“Aqui estamos longe de ver uma perseguição social, mas há suficientes sintomas de que a comunidade israelita começa a impacientar a França. Da Alemanha chega um odioso cheiro de ato de fé e, na semana passada, o Spectator de Londres descreveu os israelitas, assassinos de Jesus, como uma corporação isolada e egoísta (...)”</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	98	<p align="center"><b>Manifesto Republicano</b></p> <p>“Brutal mudança se deu internamente: a divulgação do Manifesto Republicano coincidiu com a intensificação da campanha abolicionista”. Pág. 98.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	149, 150, 157, 158, 178 e 179	<p><b>Rússia \ Guerra da Criméia e revolta nos bálcãs</b></p> <p>“Lugar preferido para a família imperial (...) Guerra em que o império russo lutou contra a aliança da França, Inglaterra, império otomano e o reino de Piemonte-Sardenha. (...) Medo da expansão russa que queria uma saída para o mar. (...) batalhas terríveis arrasaram a bela península”.</p> <p>“Apesar do Tratado de Paz de Paris, o império Russo iniciou nova guerra, invadindo os Bálcãs em consequência da repressão da repressão turca às revoltas de estados balcânicos”. Pág. 150.</p>
		<b>Seca no Nordeste</b>

	146 e 177	<p>“Nordeste, não chove. A seca vem dizimando plantações, gado e gente”.</p> <p>“Recebi um telegrama contando que refugiados da seca estão invadindo as cidades do Nordeste. Milhares de famintos vagueiam pelas ruas de vilarejos tão pobres que não como fazer caridade”.</p>
<p><b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b></p>	<p>177, 186, 209, 219, 223, 246, 249, 251, 260, 261, 262 e 263</p>	<p><b>Abolicionismo \ Abolição \ pós-abolição</b></p> <p><i>“(…) os escravos atrevidos começavam a desobedecer e as relações amistosas entre senhores e cativos não se sustentavam mais. Panfletos com mensagens do tipo “Fuja, fuja e você será livre” começavam a ser distribuídos. Barqueiros se recusaram a transportar negros vendidos de uma província para a outra. Meetings com oradores inflamados contra a escravidão se multiplicam e até jornais femininos se posicionam pela abolição. É um desrespeito à propriedade. Talvez o começo da anarquia!”</i></p> <p>“Redação de O Pirahí em 1879 - <i>“(…) o patrão não é abolicionista, problema de negro não lhe interessa. No Vale, qualquer assunto referente à escravidão é tabu. Questões de princípios! O jornal é muito sério. Não quer discussão com essa gente. Finge que nem sabe que existem clubes abolicionistas”</i>. Pág. 186</p> <p>Regina Angelorum: <i>“Vejo a pobreza em que a negrada vai ficar sem ter onde plantar. No início, feliz, batendo tambores. Depois, mendigando pelas estradas. (...) Não sei até quando vão tolerar minha estadia na fazenda. E o mundo lá fora...? O mundo lá fora só espera para me despedaçar”</i>. Pág. 209.</p> <p>Nicota Breves em 1881 - <i>“Ao morrer, mamãe alforriou vinte escravos. (...) Muita gente está dando liberdade aos seus cativos, em vida ou na morte. O número de escravos diminui em Piraí. E só se fala em emancipação.”</i> Pág. 219.</p> <p>Jornalista de O Pirahí: <i>“O país parece viver a marcha de uma revolução. Na ordem do dia estão as conferências e a propaganda entusiasmada pela abolição. A Gazeta da tarde e A República são os órgãos que mais vibram pela causa do escravo.</i></p>

*Políticos e jornalistas se alternam nas bancadas, e as senhoras começam a trabalhar para a realização de festivais abolicionistas, multiplicando declamações e concertos em seu favor”. Pág. 223.*

1887 - “Se a escravidão fosse repentinamente abolida, o país estaria arruinado”. Pág. 246.

“(…) o barão de Friburgo dera festa, selada por trezentas libertações. E o Ribeiro de Avellar, visconde de Ubá, mais mil. Bandalheira! Ninguém sabe se nossa generosidade será retribuída com gratidão. Pág. 249.

“Conta-se que o russo convidou Joaquim Nabuco para assistir à alforria de um grupo, em festejo na Bela Aliança. O político veio, elogiou a Nossa Senhora no altar e chamou Nicota de redentora!”. Pág. 249.

“O contrato que vinha sendo preparado com a Casa Rothschild, em Londres, para um empréstimo de seis milhões de libras a 4,5%, só foi fechado porque os ingleses contam com a abolição”. Pág. 251

“A colheita estava pra ser feita (...) era preciso esperar até embarcar o café em setembro. Era a chance de pagar dívidas. Mas a opinião pública batia os pés. De toda parte, choveram pedidos à princesa regente (...) Depois, do dia 13 (...) assinou com uma caneta de ouro a lei que pôs fim à escravidão no império. Mais de dez mil pessoas a aclamaram da praça em frente ao Paço Imperial”. Pág. 260

“Nas primeiras noites roncaram os tambores. O grito de liberdade dos pretos estava no ar: - Tão bom como tão bom!. Depois, pausada a histeria e a bebedeira, o silêncio se instalou no Vale. Um silêncio de cemitério”. Pág. 260.

“Lembro bem: foi depois da festa de “libertação” que oferecemos na fazenda. Eu estava na varanda quando Maurice chegou de Piraí com os papéis. As escravas de dentro e de fora se juntaram, os homens por trás delas (...) - Vocês estão livres... Não há mais prisões... (...) Na mesma noite em

		<p>fila, os escravos receberam suas cartas de alforria. Acenderam-se tímidas fogueiras. Um zumbido medroso deu lugar às cantigas africanas”. Pág. 261.</p> <p>“Os primeiros grupos saíam à noite, se escondendo no mato por um tempo até se perderem pelas estradas. Muitos caminharam por dias, sob um sol vermelho e violeta, perdidos no Vale, esse reino vasto e desconhecido”. Pág. 261.</p> <p>“(…) surpresa de uma lei que passou em quatro ou seis dias (...) o recado do imperador foi dado: "Arranjem-se como puderem!" (...) Piraí viveu ruína impiedosa de milhares de famílias e viu fazendas virarem taperas em dias. Porém, o governo (...) deixou os senhores caídos no chão (...)”. Pág. 262.</p> <p>“Os empregados brancos ganham, ao dia, trezentos réis a mais que os negros. A escravidão deixa rastros. Mesmo os manuais de agricultura dizem que os ex-cativos são preguiçosos, ignorantes e selvagens”. Pág. 263</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	225	<p style="text-align: center;"><b>Decadência do Império</b></p> <p>"Não se diz mais a nau do governo... Mas a canoa do governo<sup>62</sup> (...) Saído da galhofa e enforcada no tédio, essa lacrimosa força sentada no paço do imperador e, sobretudo, no recinto do Senado durou pouco: seis meses. Enquanto governou o partido liberal nada fez que tivesse cunho democrático. Negou o casamento civil, a separação entre Igreja e Estado, a abolição, pois, como todos nós, é proprietário de escravos. E tudo isso estava no programa do partido”. Pág. 225.</p>
<b>FATOS E EVENTOS HISTÓRICOS</b>	209	<p style="text-align: center;"><b>A República</b></p> <p>“<i>Missiê</i> Maurício passa os dias na lavoura ou em Piraí. (...) Disse que a República vem aí e que ele já viu isso em sua terra. Vai ter baderna, tiros e violência. Disse que os senhores cedo ou tarde vão dar liberdade para os escravos. Mas terra, que é bom? Nada”. Pág. 209</p>

62 A referência à canoa do governo vem a partir da expressão cunhada pelo escravocrata cafeicultor Martinho Álvares da Silva Campos (1816-1887), médico, senador e conselheiro do império que ao presidir o gabinete liberal por 163 dias no início de 1882, batizou seu ministério como “a canoa do pai Martinho”. Sérgio Buarque de Holanda (2004).

<b>FESTAS POPULARES E TRADIÇÕES</b>	27	<b>Natal de 1864:</b> “Vamos tirar o presépio das caixas. Vai ter canjica até faltar. Bandejas com guloseimas embrulhadas em papel recortado vão circular entre as fazendas, agradecendo bondades. Na do tio Joaquim vai ter Folia de Reis.”
	68	<b>Casamento na fazenda de café</b> “O padre era um parente, recurvado como um caracol, a cabeça toda branca e ar cansado, que lançava olhares pouco graciosos à assembléia. (...) seguiu-se um banquete, baile, taças de caríssimo sorvete (...)”
<b>FESTAS POPULARES E TRADIÇÕES</b>	71	<b>Dia de Finados:</b> “A visita ao cemitério já começou e levarei flores ao túmulo de papai e vovó Gangá.”
<b>FESTAS POPULARES E TRADIÇÕES</b>	107	<b>Festas religiosas</b> “ (...) quem não muda é Nicota, de quem sempre lembro na igreja. Saíamos juntos. Ela de anjo (...) eu me exibia de centurião para enxotar os cães que atravessassem a fila silenciosa de devotos. O andor era carregado por moços. Seu Silvino, com outros notáveis de Piraí, levava o pendão aonde iam inscritas as letras S.P.Q.R. - SENATUS POPULUS QUE ROMANUS -, que o povo traduzia por salada, pão, queijo e rapadura! (...) Durante as trezenas, tinha o leilão de objetos que os devotos ofereciam: frangos, leitões, doces e frutas. O Pinheiro e a Fazenda das Palmeiras mandavam o que tinham de melhor”.
<b>FESTAS POPULARES E TRADIÇÕES</b>	129	Maio de 1874 - “Muitas vezes fui levar encomendas de mãe para sinhá Ana Clara, em época de festa. Mãe fazia balas de estalo. O barão as punha no bolso e distribuía, a mancheias, aos convidados”. Pág. 129
<b>FESTAS POPULARES E TRADIÇÕES</b>	130, 131	<b>Festa da Botada</b> “Nicota moça eu encontrei numa festa da Botada na fazenda. Era o fim de um mês de agosto e padre Breves foi benzer o canavial (...) De véspera, enfeitaram a casa da fazenda e mais construções.

		<p>No terreiro, as bandeiras flutuavam nas extremidades de bambus verdes. (...) Nesse dia, com exceção da gente envolvida com a festa, ninguém mais trabalhava. Teve ceia. Os escravos batucavam depois do jantar. Os foreiros cantaram e dançaram. (...) Padre Breves veio e disse a missa (...) com um ramo de arbusto, preparado para esse gesto e mergulhado na água Benta, aspergiu o engenho e os presentes. Sinhá Ana Clara, com Nicota e suas irmãs, além das mucamas enfeitadas, trouxeram os primeiros feixes de cana, envoltos em fitas coloridas, para serem bentos e passados na moenda (...) correu bebida”.</p>
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>		<p><b>Nicota no leito de morte:</b></p> <p>“Um negro já deve ter ido buscar folhas de canela, cravo e laranjeira, para estendê-las na entrada da casa.”</p>
	10	<p>“Quando sair meu caixão num coche de cavalos com plumas escuras na cabeça, os criados irão apagar os rastros da morte. Minha camisola e roupa de cama serão doadas ou queimadas. A casa será varrida com especial cuidado de empurrar a poeira pela porta da frente, que ficará semicerrada, impedindo o retorno de minha alma. No quintal, jogarão fora a água do último banho e enterrarão meu cabelo e unhas cortadas em lugar previamente escolhido por Maria Gata. As pistas serão embaralhadas para que eu não volte. Para que eu veja que não há mais lugar para mim. Depois que eu fechar os olhos, meu nome deixará de ser pronunciado.”</p>
		<p>“Guiada por São Miguel, aspirada pela lua, minha alma há de passar à Via Láctea. Na cidade de Piraí, as badaladas da agonia hão de cair da torre, pedindo orações. Os passantes hão de se descobrir, ajoelhar e bater no peito”</p>
	27 e 28	<p><b>Ana Clara (Nicota) em um sonho:</b></p> <p>“Lembrei-me de um sonho que tive ontem à noite: estava à beira de um precipício, um homem veio em minha direção e me tomou nos braços (...) O</p>

		sonho foi premonição, disse tia Maria Gata. Mandou-me fazer “ <i>promessa prá achá homi bão</i> ”. Meus manos estão prometidos ou casados. Eu ainda não.” (COST)
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	34	“Adormeci sem comer porco com farofa e sonhando com a sorte que tia Maria Gata tirou. Ela colocou um prato cheio d’água sobre uma toalha branca e limpa encima da mesa. Esfregou por diversas vezes uma agulha nas mãos, dizendo palavras difíceis de se entender. Depois a soltou sobre a água. Não boiou. Afundou. Não me casarei jamais.” (REL)
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	50	“A menina-moça <i>Anaclarrá</i> . É um sacrário de inocência. Gosta de contar histórias: a do mão pelada, e da menina sofredora que vira pomba, a da árvore do pranto. Dá risadas ao final e me diz: contar estórias de dia cria rabo”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	91	“(…) dizem que o diabo se insinua na alma pelos pontos fracos do organismo que sangra (…) ela (Tia Maria Gata) diz que, bebido, o sangue mênstruo enlouquece as pessoas. Que escurece espelhos e metais além de servir para feitiços e ligadura de amantes. É perigoso e poderoso ao mesmo tempo. Na fazenda, ficávamos isoladas. Só passavam as escravas com paninhos brancos, para serem lavados em bacia especial, longe dos olhos de todos.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	91, 92 e 148	<p><b>Método para engravidar:</b></p> <p>“Tia Maria Gata faria com que Maurice urinasse pela argola da tampa de uma sepultura num cemitério, ou tomasse chá de folhas de figueira-do-inferno. Revolveria nossa cama para destruir as obras do demônio. Far-me-ia lavar as partes com erva-pombinha e assa-fétida. Rezaria para Santo Hilário, protetor das famílias grandes. Eu só não aceitaria meter percevejos no cano. Vi uma vez uma escrava a quem ela fez isso para, “<i>desperta as coisa adurmicida</i>”. A moça não parou de se coçar por dias. O que diria <i>maman</i> se me visse fazendo um único gesto inadequado?!</p> <p>“Antigamente, mandava-se lavar as partes pudentas com cozimento da semente e flor de uma erva vulgarmente chamada pombinha, defumando depois com dente de defunto lançado em tijolo</p>

		feito em brasa, amaciado com aguardante e untado com assa-fétida. Tiro e queda. Tia Maria Gata conhece a receita”. Pág. 148
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	105 e 106	<p style="text-align: center;"><b>Fogo-fátuo</b></p> <p>“(…) em seu paletó havia fogo<sup>63</sup> (…) quando de súbito foi envolvido numa elevada labareda. Aos gritos e pulos, saiu Marciano campo afora até que se viu livre do fogo, que sumiu por encanto, não havendo no local nenhum vestígio de sua passagem.(…) Fatos desse naipe comprovam a existência de energias, raios e espíritos”.</p>
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	138, 139 e 140	<p>“Comentam ainda que o negro Benedito caminhou sobre brasas no dia de São João sem sentir dor. Ou que um espelho rachara: sinal de morte na casa. As crianças vão sempre dormir com o susto de bichos infernais: o caipora ou o lobisomem. O choro mais triste de um deles era sinal de que o papa-figo devorava um malcriado ou respondão.</p> <p>“Se a meia-noite se ouve ruído de patas de cavalos, de rodas e até a voz áspera do boleiro, é o carro da alma penada que passa”. Pág. 140.</p> <p>“Quem cruza perto da igreja matriz, ouve gemidos, vê almas penadas. O uivo de um cão? Mau agouro”.</p> <p style="text-align: center;">“Coruja cantando, chama morte”.</p> <p style="text-align: center;">“Borboletas escuras que adejam nos finais de tarde: bruxas!”</p> <p>“Para proteção, melhor defumar os quartos com arruda e alecrim verde”.</p> <p>“Sair de casa para satisfazer uma necessidade pode levar a um encontro perigoso”.</p> <p>“A esposa responsável pela morte do detestável do marido pode encontrá-lo no leito”.</p> <p>“Um criminoso jamais estará seguro de escapar à vingança de sua vítima”.</p> <p>“E ai de quem não respeitar a última vontade de</p>

<sup>63</sup> Fogo fátuo: luz que aparece à noite, ger. emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, e que é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas; boitatá, fogaréu.

		<p>um moribundo! O castigo é certo”.</p> <p>“Sim, confiamos no além. Temos a necessidade de sonhar, para o bem ou para o mal. De adivinhar as linhas do futuro. De curar males físicos por meios milagrosos”.</p>
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	142	Regina em diário - “ <i>Rezistro</i> que o Sol, a lua e a terra são como a gente, <i>coiza</i> viva. A terra morre e <i>revivi</i> na festa de São <i>Juão</i> ”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	154	“Sinhá toma banho com óleo de arruda para quebrar mau-olhado”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	184	<p>“Não há bom católico que corte uma banana transversalmente, porque seu miolo apresenta a figura de uma cruz”.</p> <p>“Que ao cair alimento ao chão devemos dizer: “Para as almas! Evita que o diabo coma”</p>
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	220	“Tia Maria Gata é uma boba. Mas como não ser tocada por visões do sobrenatural e intuições sobre o futuro?”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	243	“Comida de negro, descoberta pelos índios. Minha avó contava que uma menina, desgostosa de ser abandonada por seu pai por ser mulher, decidiu ser útil a sua família de outra forma. Pediu pra ser enterrada viva e, no lugar onde foi enterrada, nasceu uma planta de mandioca”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	246	“Mais de uma vez vi senhores europeus (...) mordidos por eles (...) Na farmácia da fazenda, aplicamos o permanganato de potássio do dr. Lacerda contra o veneno do dente africano”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	272	“Por alguns dias, quando a chama dourada do lampião oscilava, eu sabia: era a sinhá passando... Sua alma bafejava um aviso. Quando o morrão crepitava, era ela, tentando nos falar. Também olhei dentro dos armários. Encontrei toalhas e cobertores molhados: era a alma de sinhá que tinha mijado. Sandálias separadas pela manhã? Ela as usou”.
<b>LENDAS, CRENDICES E SUPERSTIÇÕES</b>	273	Regina - “Sinhá veio buscar José quando ele tinha quase dois anos. Eu queria enterrá-lo na biqueira da casa, como se faz na minha família. Evitei

		chorar, para que as lágrimas não pesassem nas asas do anjo”. Pág. 273.
		<b>Ana Clara (Nicota) no leito de morte:</b> “Outra voz puxa Creio em Deus Pai e a Oração dos Agonizantes. Rezam alta e baralhadamente. Toque de sineta. É o padre, meu tio”.
		“Imobilizada, lembro que me esqueci de dizer quantas missas quero por minha alma”.
<b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b>	10 , 11,	“Guiada por São Miguel, aspirada pela lua, minha alma há de passar à Via Láctea. Na cidade de Piraí, as badaladas da agonia hão de cair da torre, pedindo orações. Os passantes hão de se descobrir, ajoelhar e bater no peito”.
		“Uma falsa calma encarna na voz que tenta me confortar: Pede a Nosso Senhor Jesus Cristo que perdoe seus pecados, tome posse de tua alma e a limpe com o preciosíssimo sangue que por ela derramou. Nada tenho a confessar”.
		“Melhor amortalhada no hábito de Nossa Senhora do Carmo, com touca e peitoral de opala branca”.
		“Sinto os toques da da extremo-unção: nos olhos, orelhas, nariz, boca e mãos, instrumentos do pecado”.
<b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b>	13, 202	<b>Sobre Ana Clara (Nicota)</b> “Nicota cresceu nos terreiros de café, brincando com as molecas, festejando São João, bordando roupinhas para o menino Jesus da matriz de San’tana.” (COS)
<b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b>	33	<b>Natal:</b> “A missa do galo é obrigatória. Tia Maria Isabel ofereceu o manto de veludo bordado a ouro de Nossa Senhora das Dores (...) A igreja estava cheia de gente e velas. O coro meio desafinado entoava (...)”.
<b>RELIGIOSIDADE -</b>	59	<b>Morte da baronesa - vovó Gangá:</b> “Vovó Gangá fechou os olhos antes de ver meu casamento. Acordei com o som das cinco

<p><b>INSTITUCIONAL E POPULAR</b></p>		<p>badaladas do sino da matriz e o barulho do viático<sup>64</sup> chegando, pois o povo vinha junto, cantando “O senhor de fora...” (...) O sacramento veio debaixo da umbela de seda carmesim cujas varas de prata eram carregadas por seis pessoas. (...) A comunhão foi o sinal infalível de que ia morrer. Morreu”. (COST)</p>
<p><b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b></p>	<p>59, 77, 87, 138, 139, 185 e 235</p>	<p><b>Religiosidade popular:</b></p> <p>“Tia Maria Gata confessou que fez magia para me arranjar marido”.</p> <p>“Tia Maria Gata não está aqui para me consolar, dizendo que tudo tem um sentido. Só ela jogava búzios sobre os panos coloridos e dava um significado à vida. Búzios, criaturas marinhas, nacaradas e pintadas de azul: os <i>dilogum</i><sup>65</sup>. Era preciso que caíssem de boca para cima para que ela ouvisse o que contavam”.</p> <p>“O catolicismo nos trópicos mistura danças, música de atabaques e crença vindas da floresta ou da África”. Pág. 87.</p> <p>“(…) dona Francisca de Jesus de Souza Breves. Ela é grande sensitiva (...) ela faz mesa. Somos um pequeno grupo, todos leitores da revista O Eco do Além Túmulo. O sobrenatural existe. Padre João não consegue evitar que os negros comentem a abertura de uma casa de santo ou a visão de <i>eguns</i><sup>66</sup> na encruzilhada da estrada. Em noites de lua cheia e à volta de um prato de angu, eles murmuram sobre “luzinhas misteriosas” e sobre o retorno de cativos mortos, injustiçados por seus senhores’.</p> <p>“Padre João ignora. Mas, nestes tempos de irreverência, todas as cidades têm em cada rua um templo, e em cada homem uma crença diversa. (...) A cidade pulula de religiões. Basta para em qualquer esquina, interrogar. A diversidade de cultos espanta. São swedenborguianos, pagãos,</p>

<sup>64</sup> sacramento da comunhão ministrado em casa aos enfermos impossibilitados de sair ou aos moribundos..

<sup>65</sup> “O dilogún é um método de adivinhação no qual os deuses, através de Exu, falam diretamente através das caídas dos búzios. Ver CAPONE, Stefania. O pai-de-santo e o babalaô: interação religiosa e rearranjos rituais na religião dos Orishas. R. Pós Ci. Soc. v.8, n.16, jul./dez. 2011.

<sup>66</sup> Nome que se dá à alma dos mortos na África Ocidental.

		<p>fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da vida, reveladores do futuro, amantes do diabo, descendentes da rainha de sabá, judeus, cismáticos, espíritas, badalaôs de Lagos, todos os cultos, todas as crenças, todos os sustos...” Pág. 139.</p> <p>Tia Maria Gata - “Ela foi talhar o ar da casa, com orações, defumações e gestos em cruz, tendo nas mãos galhos de arruda. Fez a cerimônia em duas sextas-feiras seguidas, no pino do meio dia. Nessa hora, proibiu-se que homens e mulheres pecassem. Depois, a casa foi cuidadosamente espanada, vasculhada e varrida, enterrando-se o lixo bem longe”. Pág. 185.</p> <p>Ana Clara, 1886 - “Pedi à tia Maria Gata que me lesse a sorte. Para ela os fatos são a parte visível de uma escrita escondida. Ela jogou os Búzios combinando frases e palavras. Entendi: só a força do espírito pode nos salvar do desespero”.</p>
<b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b>	66 e 84	<p><b>Dia a dia:</b></p> <p>“Ah! Deus reina sobre o mundo! Derrepente, tudo escuro, um dilúvio de fogo, trovões e o barulho das grossas gotas no telhado. Acendi uma vela na cômoda dos santos e rezei a Santa Bárbara, protetora das tempestades”.</p> <p>“Todo domingo e dia santo se enchem as mesmas igrejas, com os mesmos devotos”. Pág. 84.</p> <p>“Os brésiliens são muito católicos e descendentes dos portugueses, entre os quais ainda vigora o Santo Ofício sob um nome nome: Sacra Congregação da Romana e Universal Inquisição”. (HIST)</p>
<b>RELIGIOSIDADE - INSTITUCIONAL E POPULAR</b>	52	<p>“Levei-o para conhecer Tia Maria Gata, na farmácia. Não fiz bem pois ela estava preparando meu xarope de assa-peixe - uma catanga de açúcar queimado e folhas - e ele ficou sabendo que sofro do peito”.</p>
	122	<p>“(…) cedo se mostrou disposta a sair pelos campos,</p>

<p><b>SABERES POPULARES</b></p>		<p>buscando tomilho para fumigações e banhos de pé; urtiga para diarreias; sálvia para tingir lãs e tratar gengivas irritadas; poejo, como repelente de insetos”.</p>
<p><b>SABERES POPULARES</b></p>	<p>142</p>	<p>Regina - “<i>Rezistro</i> as receitas de Tia Maria Gata. <i>Rezistro</i> que Tia Maria Gata cura mordida de aranha com <i>música</i> de atabaques. Pereba de veneno fica boa. A <i>música</i> encanta a parte dorida. <i>Rezistro</i> que siá Nicota quando toca piano fica menos triste. <i>Rezistro</i> que a música é <i>remédiu</i>. A <i>música</i> provoca milagre”</p>
<p><b>SABERES POPULARES</b></p>	<p>153</p>	<p>Sinhá pediu que anotasse o nome estrangeiro e a receita depois. Fiz assim. Mentha Pulegium - poejo, seu nome deriva de pulex, que significa pulga, explicou a sinhá. Um ramo esfregado na pele é perfeito contra picadas de mosquito, pulgas, piolhos e carrapatos. Seu cheiro se conserva por muito tempo. A melhor forma de conseguir mudas é semeando no outono e na primavera. Seu óleo tóxico é perigoso, pode produzir convulsões violentas. O melhor é usá-lo em banhos de pés para resfriados. É santo remédio quando, feito chá, é aplicado nos olhos inflamados”.</p> <p>“Origanum majorana gosta de sol e tem florzinhas de diversas cores. Conhecido aqui como manjerona. Propaga-se por mudas e seu companheiro é o orégano. Cura dores nas juntas e em óleo quente pode ser aplicada nos lugares mais doloridos. Bom em gargarejo para dores de garganta. É abortiva. Associada à felicidade conjugal. (CREND.)</p>
<p><b>SABERES POPULARES</b></p>	<p>184 e 185</p>	<p>“Desaparecimento de abelhas e marimbondos? Estiagem. Quando as formigas na beira do rio mudam de casa, é sinal de enchente”.</p> <p>“O ar pode trazer um demônio, inspirador ou perturbador da conduta normal. E povoado de seres invisíveis, se intromete na vida das pessoas. Príncipe do ar é sinônimo para Satanás. Tia Maria Gata percebe no ar traços e vestígios, mistérios e avisos. - <i>É ar di qui vai acontecê alguma coisa</i> -, diz...”</p>
<p><b>SABERES POPULARES</b></p>	<p>259</p>	<p>“Tia Maria Gata deixou sobre o mármore do lavatório a jarra de água de flor de laranjeira, um copo e o açúcar. - <i>Prá acarmá parpitação</i>”.</p>

<p><b>USOS E COSTUMES</b></p>	<p>9 e 10</p>	<p><b>Ana Clara (Nicota) no leito de morte:</b></p> <p>“Na mesa dos santos, toalha branca e velas de cera pura.”</p> <p>“Quero ser enterrada com os sapatos de laço franceses. Não! A tradição exige enterro sem ornatos. O luxo deve, pois não se penetra assim a bem aventurança”.</p>
		<p>“Quem está ao pé do leito se curva, une as mãos, se abraça, troca palavras com Maurice. Fragilizados por meu fim próximo, vão encontrar reconforto nos gestos e palavras, fortificando o mundo dos vivos. Tais ritos protegem os que estão ainda nele”.</p>
<p><b>USOS E COSTUMES</b></p>	<p>12, 59 e 272</p>	<p><b>Costumes pós-morte no Vale:</b></p> <p>“Às margens do rio Pirai, “rio dos peixes” ou do Paraíba, “mar ruim, à hora das ave marias, recomendou-se a falecida à última misericórdia”. (PAI\REL)</p>
		<p>“Alfaiates, seleiros, sapateiros, ferreiros, boticários, bilhares e até fogueteiros fecharam suas portas na cidade. Casas de secos e molhados fizeram o mesmo (...) A família distribuiu esmolas entre os mais pobres.” (REL)</p> <p>“A pedido de Maurício, cortei as unhas, que enterrei no laranjal, e joguei fora as águas com que a lavei. Molhei uma mecha de algodão na lâmpada do Santíssimo da capela e coloquei no peito dela”. Pág. 272. (SUP)</p> <p>“Com Tia Maria Gata, cantamos as doze incelências, para os doze apóstolos abençoarem o anjo da guarda que veio buscar a sinhá. Quando as visitas partiram, fiz defumadores para quebrar qualquer mal que tenha ficado”. Pág. 272. (REL)</p>
	<p>28, 31, 43 e 59</p>	<p><b>As “sinhás”:</b></p> <p>“Pela manhã, eu saía do oratório onde fui rezar o terço pela alma de papai, quando ouvi o tio José dizer à mamãe: “Agora que Vica morreu, é preciso casar essa menina” (...) Desde que papai morreu estamos morando com eles”</p>

		<p>(...) pude ver brasileiras à janela ou a caminho da missa. Ao perceber que são olhadas, elas se retiram. Seus olhos e cabelos, que penteiam à chinesa, são escuros como obsidianas. Só saem às ruas acompanhadas de suas negras e seus filhos. Casam-se aos quatorze anos ou menos - foi o que soube.” Pág. 31</p> <p>“Eu bem que queria ter minha mãos beijada também. É uma doutrina absurda essa de que não pode beijar as mãos de moças solteiras”. Pág. 43.</p> <p>“(…) olhar de pena que a família lança sobre as primas de mamãe. Elas tiveram que viver na fazenda como bicho do mato, entre o pessoal de serviços (...) Não ter marido e filhos é desvio”. Pág. 60</p>
<b>USOS E COSTUMES</b>	31, 39 e 40	<p style="text-align: center;"><b>Nas ruas do rio de Janeiro:</b></p> <p>À tarde, uma berlinda com cocheiro negro vestido de veludo veio me buscar. Jantei na casa de Luís, que tem mesa aberta. No caminho para o subúrbio de Botafogo, considerado o <i>Saint-Germain-des-Prés</i>. ” (PAIS)</p> <p>“Há os berros dos portugueses, as pragas dos marinheiros ingleses, o peditório dos mendigos, os tambores da Guarda Nacional e o toque dos sinos das igrejas, que informam os casamentos, nascimentos, mortes e até incêndios”. Pág. 39.</p> <p>“Ninguém entra ou sai de um veículo público sem tirar o chapéu, e o cumprimento é sempre correspondido, até por quem não se conhece. Quando os animais empacam, os passageiros esperam calmamente olhando pelas janelas, como se aquilo fizesse parte do programa, até o veículo se mover de novo”. Pág. 40.</p>
<b>USOS E COSTUMES</b>		<p style="text-align: center;"><b>Casamentos da classe senhorial:</b></p> <p>“(…) a endogamia na família é assustadora. Casam-se tio e sobrinhas ou primos, dando em gente feia, mas em excelentes alianças políticas e fortunas estáveis”.</p> <p>“No Vale, a maioria dos casamentos acontece em</p>

<p>32, 33, 44, 56, 57, 58, 60, 61, 115, 116 e 117</p>	<p>família. Grandes fazendeiros unem suas famílias a tios, sobrinhos ou parentes funcionários do império. Aqui tudo gira em torno das fortunas, que devem se igualar, para sobrar”. Pág. 44.</p> <p>“(…) tio José chamou-me no salão de fumar: - As meninas do Vale não se casam. São dadas em casamento. Já falei com sua mãe. Apesar do luto, vai preparar o enxoval”.</p> <p>“O noivado exige convenções. Uma delas foi beijar a mão da velha baronesa de Piraí, aqui chamada de vovó Gangá”. Pág. 57</p> <p>“(…) após a missa que parentes e escravos assistem na capela da fazenda, dom José avisou que tinha uma boa notícia. Pediu a sobrinha que se achegasse, apontou-me com o dedo e disse: eis o seu futuro marido (…). Aqui não há liberdades. Os pais ou seus substitutos discutem as futuras alianças em segredo. E uma vez passado o ar gélido das negociações, a moça é avisada. Ou melhor, cai o veredicto sem discussões (..) trata-se de uma fusão de fundos, não de corações”. Pág. 58</p> <p>“Quanto à minha noiva, não tenho dúvidas de que me obedecerá e respeitará, ilimitadamente (…). Há de me oferecer gentileza e afeto, pois serei o soberano do lar”. Pág. 58</p> <p>“Meu noivo está contente. No meu dote seguem a fazenda Bela Aliança e os sítios Velho, Maria Barbosa e Serrote. (..) Depois da cerimônia quando o sacristão apresentar o livro fechado para mamãe colocar a esmola devida, lhe pedirei para meter ali gorda manjuba. Uns dobrões de ouro, se ainda houver, para manter a tradição”.</p> <p>“Maurice me ofereceu (..) joias pequenas e grande (..) é um prêmio por minha virgindade”.</p> <p>“Devo me casar, não para satisfazer o apetite da natureza, mas para ter um amigo e protetor, explicou mamãe. A mulher, ser menor e frágil, só existe amparada pelo homem (..)”.</p> <p>“Sobre a infidelidade do marido (..) por sua vida mais livre e por sua educação, é mais tentado a cometer infidelidade conjugais, sem que por isso</p>
---	---

		<p>grande nódoa o emporcalhe. O mundo olha com indulgência a traição cometida pelo homem, mas não desculpa de maneira alguma a da mulher”.</p> <p>“Em voz baixa, mamãe recomendou que, no quarto e no leito, houvesse pudor e castidade. Porque a mulher que se abandona a todos os caprichos e fantasias se faz desprezível não só aos olhos de sua própria consciência, mas também de seu marido (...)”</p> <p>“Era virgem e agora tenho que ser mãe (...) A procriação, vocação primordial da esposa, é obrigatória”. Pág. 115.</p> <p>“O prazer é sempre mais forte para o homem, pois os fios do cérebro masculino são mais tensos e firmes (...) Nós, segundo o dr. Villemont, ao contrário, temos o miolo mais mole, espírito mais inconstante e imaginação mais fraca (...) o casamento só é bem sucedido quando fecundo”. Pág. 116.</p> <p>“Maurice nada cobra. Ele me repete que o papel do homem é de se apoderar da companheira e modelá-la à sua imagem e semelhança. E o dela, consolá-la das fadigas e do trabalho, sendo ao mesmo tempo mãe, irmã e esposa. No meu íntimo, sou obediente e cumpro minha função”. Pág. 117.</p>
<p><b>USOS E COSTUMES</b></p>	<p>203, 204, 206 e 207</p>	<p><b>Festividades na corte</b></p> <p>“É época dos bailes. Baile do Catete, baile dos Estrangeiros, baile da Praia Grande, baile de Mata Cavalos. Há pranto e agastamento dos que não são convidados. É terrível o desapontamento para quem tem promessa de valsa com fulana ou sicrano. O dos Estrangeiros é um luxo, um espavento! (...) A cantoria? Proscrita. A moda é a contradança. Quem viu uma viu todas, pois que todas acabam na “cadeia de união (...)”.</p> <p>1881 -“À tarde, Maurice acostumou-se a passar no Café do Rio para saber das novidades. Ali se reúnem os monarquistas que discutem se a república virá. A vida externa é festiva, variada e intensa. Em toda parte cresce o luxo e o dinheiro parece abundar. fala-se em trezentos e sessenta e cinco bailes por ano. E, de janeiro a dezembro,</p>

		toda a gente vai a espetáculos de ópera italiana no Imperial Teatro Pedro II, às sociedades coreográficas, com seus títulos bucólicos e mitológicos - A Campestre, a Vestal, a Sífide -, ao cassino fluminense”. Pág. 207.
<b>USOS E COSTUMES</b>	32, 40, 84 e 86	<p style="text-align: center;"><b>Convivência e trato social</b></p> <p>“Brasileiros têm em comum conosco a calorosa recepção (...) ela é entusiástica que nos sentimos ligados a eles desde o primeiro dia. Sua flexibilidade de caráter permite que se comportem como ingleses, franceses ou alemães segundo suas necessidade e circunstâncias. Porém não deixam nunca de ser provincianos: mais devotos do que virtuosos, mais apaixonados do que amigos, e sempre violentos quando querem alguma coisa”.</p> <p>“(...) aprendi três palavras que serão necessárias para os negócios que pretendo fazer no Brasil: paciência, amanhã e espera um pouco! Para evitar contratempos, um comerciante estrangeiro deve contratar um “despachante”, indivíduo encarregado de tornar essas palavras inócuas mediante farta distribuição de propina entre os empregados e suboficiais do estabelecimento”. Pág. 40.</p> <p>“Na casa das Machadas, nos receberam como eu gosto, e dali fui aos Amarais que me ofereceram presentinhos de frutas. Estão gratos pelo que teu pai (Silvino) fez por eles: antes de finar-se, arranjou-lhes um lote de esscelentes escravos”. Pág. 84. (ESC)</p> <p>“Exmo. Sr. Conde Haritoff (...) Subscrevi esmola para o Asilo de Santa Leopoldina, uma obra muito meritória e que dá valor à fortuna de sua família. Sua excelência terá, assim, a consideração de barões e viscondes seus vizinhos. Solicitei um mutirão de escravos para limpeza e assoreamento dos caminhos que ligam Bela Aliança a Piraí, tal como fazem seus parentes<sup>67</sup>”. Pág. 86.</p>
	32, 44 e 45	<p style="text-align: center;"><b>Senhores e compra de títulos:</b></p> <p>“A situação de Vera (...) maman, é excelente (...) Sua pele branca, cabelos claros, roupas e jóias lhe conferem toda aura aristocrática necessária a essa</p>

67 Bela Aliança ainda é ligada por essa estrada de terra.

		<p>gente que, pelo que se soube, compra seus títulos. O barão custa 750\$000 réis, já o de marquês é mais caro: 2.020\$000 réis”.</p> <p>“O prestígio aumenta quando há títulos e honrarias na família (...) Não é o caso dos breves. Tampouco temos brasões na família de papai. Ele costumava dizer que d. Pedro distribuía títulos depois de passar por Vassouras, alguns anos atrás. Quem lhe deu cama e baile, ganhou... Dos títulos distribuídos, quase metade foi conferida a gente ligada ao café: fazendeiros e comissários. Vovô, barão de Pirahy, foi um deles.”</p> <p>“Os títulos com nomes tupis-guaranis, invenção do imperador para afirmar a nobreza de um império recente, eram motivo de riso entre os tios José e Joaquim. Se bem me lembro, um visconde de Suassuna é um veado preto. Um visconde de Muritiba, de um lugar onde há moscas. Barão de Cambati quer dizer barão do macaco preto (...) Pág. 45.</p> <p>“(...) os barões do café não estão habituados a usar sapatos ou garfos, têm poucas letras e trocam os RR pelos FF. Os quatro contos de réis que se paga pelos títulos do império não impedem que seus joanetes estourem as botinas de elástico”. Pág. 151</p>
<p><b>USOS E COSTUMES</b></p>	<p>36, 37,41, 54, 84, 129, 147, 176, 177, 221 e 241</p>	<p style="text-align: center;"><b>Dia a dia</b></p> <p>“(...) ontem mesmo, entrou uma aqui com um braseiro contendo ervas odoríferas para “defumar” o quarto contra insetos”.</p> <p>“Mamãe e tia Rita estão numa atividade só. Rabiscam o cardápio das refeições, controlam a prataria que sai dos armários, mandam esconder as escarradeiras”. Pág. 37.</p> <p>“O fogão, a trempe de sabão, tudo queimando à lenha e escurecendo as paredes. Negras doceiras quebram ovos, batem manteiga, cozinham frutas. (...) o óleo de mamona derrete nas paredes fumegantes. É preciso bastante para encher as lamparinas que iluminarão os jardins. Do varal de bambu pendem cheirosas linguças e lanhos de toucinho. Fujo dali com meu quinhão de angu com</p>

		<p>leite”.</p> <p>“Aqui ninguém toma parte em conspirações nem em <i>meetings</i> de protesto. Nada se ouve sobre eleições nem se lê cartazes convocando o povo a levantar-se contra a opressão (...) Em suma: vive-se sem política”.</p> <p>“Devo retornar ao Vale e fazer a corte a toda família. Aproveitarei a temporada de caça às capivaras e pacas, um tipo de porco que circula perto do rio, ao cair da tarde”. Pág. 54.</p> <p>Dezembro de 1866 - “A moda é olhar fotografias e fazer jogos de palavras. Peço-lhe que envie fotografias tuas e de Maurice para que possa exibi-las nas visitas que faço e onde sou recebida com todas as amabilidades (...)”</p> <p>“Na fazenda, depois de pedir a bênção ao sinhô e à sinhá, eu corria para ajudar os meninos a fazer armadilha para caçar guaiamus na beira do rio. Ou a preparar visgo com leite de gameleira para pegar passarinho”. Pág. 129</p> <p>“Estávamos todos à volta do balcão da farmácia do seu Freixo, preparador de emplastos e sangrador. Seu Freixo costumava dizer que num país em que a ocupação geral é estar doente, saber curar é serviço patriótico. Ali, todos os dias, ao cair da tarde, resolvíamos o futuro da nação”. Pág. 147.</p> <p>“(...) aqueci a água no grande fogão de lenha. Enchi a bacia de lata, que empurrei até a despensa. Derramei meu extrato de ervas aromáticas para colorir e perfumar o banho (...) Diferentemente da sinhá, não deixei nada. Nem o corpinho de algodão”. Pág. 241.</p> <p>Regina - “Tia Maria Gata ainda viu José nascer. Rezei muito para Nossa Senhora do Bom Parto (...) despachei rápido e enterrei o umbigo do menino na porteira do curral para ele ter muito gado e terras. Defumei o corpinho molengo com alfazema e só dei banho com quinze dias”. Pág. 272 (REL)</p>
<p><b>USOS E COSTUMES</b></p>	<p>82</p>	<p><b>Verão em Paris:</b>  “As mulheres saíam sob sombrinhas para tomar limonada, e os homens cerveja”.</p>

## ● SUGESTÕES DE ATIVIDADES COM OS ESTUDANTES

As atividades a seguir, foram inspiradas nos temas abordados pela obra *Beijame onde o sol não alcança*, servindo como sugestão de trabalho em sala de aula para qualquer etapa da educação básica além do foco desta dissertação que é pensar a literatura na Educação de Jovens e Adultos. As cinco atividades sugeridas foram pensadas para serem executadas de forma coletiva.

O professor tem o papel fundamental de provocar as discussões necessárias e ser aberto e valorizar as falas de seus alunos de forma humana e generosa. Pesquisas adjacentes podem ser feitas e mesmo procurar os textos integrais para buscar mais itens de debate e informação.

Um guia didático que empreende conhecimento da obra, metodologia a ser aplicada na escola e atividades sugeridas que expandem o conhecimento e a reflexão, formam uma tríade suficiente para amparar o educador que queira se embrenhar no universo da literatura, da história e da transformação dos sujeitos na escola.

Portanto:

- Fique atento às pesquisas históricas recentes para empreender uma análise do grau de historicidade do romance;
- Leia juntamente com os alunos o texto da atividade, explicando a fonte de onde foi retirado;
- Os exercícios não têm por objetivo pontuar conhecimento puramente interpretativos e sim analisar conceitos e entender a lógica das afirmativas, corrigindo-as sempre que possível;
- A leitura da obra e o trabalho com as atividades são coletivos. Deixe os momentos individualizados para pesquisas que possam enriquecer os conhecimentos adquiridos e é claro, criar momento para partilha e debate.

## ATIVIDADE 1

- É indicado que cada aluno possa ter o texto impresso e que seja realizada sua leitura em voz alta. Divida-os em grupos para resolver as atividades.

### *Fazenda do Pinheiro - Visita de Agassiz em 1865*



**Jean Louis Rodolphe Agassiz, naturalista suíço, visitou o Brasil em 1865, indo do Pará ao Rio de Janeiro. Coletou inúmeras espécies de animais e vegetais, que hoje fazem parte do Museu de História Natural em Geneve - Suíça. Abaixo o seu relato de viagem, quando**

**visitou a fazenda do Pinheiro do Comendador José de Souza Breves.**

*Acabo de passar dois ou três dias da semana muito agradavelmente. Alguns amigos me decidiram a visitar juntamente com eles uma das maiores fazendas da vizinhança do Rio, propriedade do Comendador Souza Breves (José de Souza Breves, irmão do "rei do café"). Em quatro horas, a Estrada de Ferro Dom Pedro II nos leva à Barra do Piraí; depois continuamos mansamente nossa caminhada, montados em burros, ao longo das margens do Paraíba, através de uma paisagem calma e muito linda, menos pitoresca entretanto que a que cerca o Rio. Ao por do sol chegamos à fazenda situada numa esplanada que domina o rio e donde se abrange encantadora perspectiva de águas e florestas.*

*Acolhem-nos com uma hospitalidade que dificilmente, penso, encontrará equivalente fora do Brasil. Não se pergunta quem sois, donde vindes, e abrem-vos todas as portas. Desta vez éramos esperados; mas não é menos verdadeiro que, nessas fazendas onde há lugar à mesa para cem pessoas, se necessário for, todo viajante que passe é livre de parar para ter pouso e refeição. Vimos vários desses hóspedes de passagem: um casal, entre outros, absolutamente desconhecidos dos donos da casa, que ficara por uma noite, mas que a doença tinha surpreendido antes da partida, prolongava a sua estada havia perto de uma semana; essas pessoas pareciam estar inteiramente em sua casa. Contam-se nesta propriedade cerca de dois mil escravos, dos quais uns trinta são empregados no serviço doméstico. A habitação encerra tudo o que é necessário às exigências duma população tão numerosa: há farmácia e hospital, cozinhas para os hóspedes e para os negros, uma*

*capela, um padre, um médico. A capela é um pequeno oratório somente aberto para as cerimônias e adornado com muita elegância, com vasos de ouro e de prata, tendo uma toalha de altar em seda vermelha, etc..*

*Situa-se na extremidade de uma sala muito comprida, que, embora utilizada para os misteres, torna-se, durante as missas o ponto de reunião de todos os habitantes da fazenda. A dona da casa nos levou a visitar, certa manhã os diversos locais de trabalho. O que mais nos interessou foi a sala em que as meninas aprendem costura. Admiro-me que não se tenha cuidado mais, nas nossas plantações do Sul, em tornar as prêtas um pouco hábeis nesse mister. Aqui todas as meninas aprendem a costurar muito bem e muitas delas bordam e fazem rendas com perfeição. Em frente a essa sala, vimos uma oficina de roupas, que pareceu bastante semelhante à nossos "sanitary rooms" (grandes oficinas improvisadas, durante a guerra, pelas senhoras norte-americanas, para a confecção de roupas, etc., destinadas aos doentes - Nota da tradução francesa), com suas peças de lã ou de algodão, que as negras cortavam e costuravam para os trabalhadores do campo.*

*As cozinhas, as oficinas e os quartos dos negros circundam um terreiro espaçoso plantado de árvores e de arbustos, em volta do qual há uma passagem coberta, calçada de tijolos. Aí os prêtos, jovens e velhos, pareciam um formigueiro; desde a velha ressequida que se gabava de ter cem anos, mas não mostrava com menor orgulho seu fino trabalho de renda e corria como menina para que se visse como era ainda ativa, até os garotinhos, todos nus, que engatinhavam a seus pés. Esta velha recebera a sua liberdade havia muito tempo, mas, por dedicação à família dos antigos senhores, nunca a quis deixar. São fatos que dão à escravidão no Brasil uma fisionomia consoladora e permitem esperar muita coisa. A emancipação geral é aqui considerada como um tema para discutir, o regular por lei a ser adotado. Fazer presente a um escravo da sua liberdade nada tem de extraordinário.*

*À noite, quando depois do jantar tomávamos o café na varanda, uma orquestra composta de escravos (Banda do Pinheiro, onde tocavam os escravos Bruno, Bevenuto, Brás, entre outros) pertencentes à fazenda nos proporcionou boa música. A paixão dos negros por essa arte é fato notado em toda parte; esforçam-se muito aqui para aprendê-la, e o Sr. Breves mantém em sua casa um professor a quem os alunos na verdade, fazem honra. No fim da noite os músicos foram introduzidos nas salas e tivemos um espetáculo de dança, dado por negrinhos que eram dos mais cômicos. Como diabretes, dançavam com tal rapidez de movimentos, com tal impulso de vida e alegria espontânea, que era impossível não os acompanhar. Enquanto durou o baile, portas e janelas se achavam obstruídas por uma nuvem de vultos prêtos, no meio do qual se destacavam aqui e ali uns rostos quase brancos, pois aqui, como em toda parte, a escravidão acarreta suas fatais e deploráveis consequências, e escravos brancos não são raridade extraordinária.*

Ref.: AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil, 1865-1866. Disponível em  
<<http://brevescafe.net/agassiz.htm>>

• **A partir do texto, podemos dizer corretamente (marque com um X):**

- ( ) A propriedade visitada por *Jean Louis Rodolphe Agassiz*, naturalista suíço em 1865, era a fazenda São José do Pinheiro. Hoje, parte dela situa-se no *Parque das Ruínas* em Pinheiral.
- ( ) O cientista *Agassiz* passou pela região do Vale do Paraíba para patrocinar abolicionistas.
- ( ) A missão científica do suíço na vila de Pirahy tinha a missão de encontrar os índios Puris Coroados.
- ( ) A descrição da visita do cientista sobre a fazenda de José Joaquim de Souza Breves foi breve e sem muita importância para a história da região do vale.

• **A partir do entendimento do texto, marque a ÚNICA afirmativa FALSA.**

- ( ) A fazenda do Pinheiro tinha um palacete dos mais belos da região do Vale do Paraíba no século XIX.
- ( ) A fazenda de São José do Pinheiro era conhecida por hospedar viajantes e receber visitas ilustres.
- ( ) A fazenda do Pinheiro tinha hospital, farmácia e até mesmo as “pretas” como descreveu *Agassiz*, aprendiam costura e muitos negros formavam uma banda de música.
- ( ) O viajante estava preocupado com a população escravizada, relatando o horror que tal sistema o despertava.

• **A partir do texto, marque a(s) afirmativa(s) VERDADEIRA(S).**

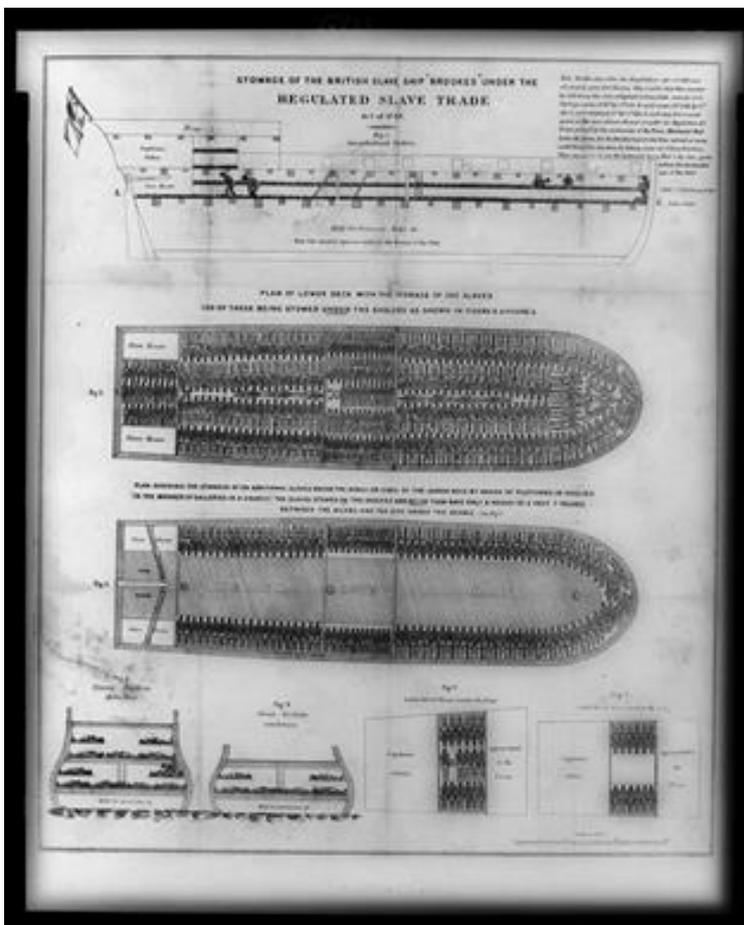
- ( ) O viajante notou durante a noite em meio a dança e música dos “pretos”, “uns rostos quase brancos” que representavam os pardos da fazenda do Pinheiro que ele dizia se tratar de “fatais” e “deploráveis consequências”, mostrando um preconceito comum à época.
- ( ) O cientista com o relato de viagem, procurou detalhar não apenas a fazenda, mas as pessoas que nela viviam, sejam livres ou escravos.
- ( ) A capela onde ocorriam as missas, servia como ponto de encontro de todos da fazenda do Pinheiro.
- ( ) No texto, podemos observar a presença de abolicionistas na expedição de *Agassiz*.

- O registro do viajante relata a orquestra dos escravos e as danças. Elas são apresentadas aos visitantes da fazenda São José do Pinheiro, como uma ação de violência em que os escravizados são obrigados a tocar instrumentos ou dançar?  
(Ao professor de História cabe destacar os interesses de senhores e escravos nesses momentos de “folga” do trabalho compulsório)

## ATIVIDADE 2

- É indicado que cada aluno possa ter o texto impresso e que seja realizada sua leitura em voz alta. Divida-os em grupos para resolver as atividades.

### A ilustração que inflamou o movimento abolicionista britânico



Era o ano de 1788 quando membros do movimento abolicionista britânico publicaram uma ilustração que logo se tornaria uma arma na luta contra a escravidão. O desenho mostrava a planta do *Brookes*, uma embarcação que transportava milhares de africanos escravizados para a cidade de Liverpool, na Inglaterra. A imagem detalhava friamente como era possível alocar mais de 400 seres humanos empilhados na posição horizontal em apertadas tábuas de madeira com pouco mais de um metro de altura no porão do navio. O *Brookes* era o típico navio negreiro que vemos

atualmente em filmes e livros didáticos, responsáveis por inundar as Américas e o Caribe com seres humanos escravizados. Contudo, as condições desse tipo de transporte ainda eram pouco conhecidas pela sociedade da época, que não tinha televisão, cinema ou mesmo fotografia. Mostrá-las por meio de um registro visual (quase um infográfico) deu grande fôlego ao movimento abolicionista.

Em 1787, o abolicionista Thomas Clarkson, historiador formado em Oxford, com o apoio de membros da comunidade Quaker inglesa, iniciou uma investigação visando expor os horrores do tráfico de pessoas. Juntos, eles e outros abolicionistas britânicos formaram o Comitê para Abolição da Escravidão, que visava fazer lobby junto a membros do Parlamento

em favor da causa abolicionistas. No curso da investigação, Clarkson viajou para Liverpool e Bristol, onde visitou portos, entrevistou membros da tripulação e coletou equipamentos utilizados nos navios. Durante essa pesquisa, chegou à planta do *Brookes*. O político e banqueiro William Elford foi um dos primeiros a espalhar a ilustração do convés do *Brookes*, ao lado do livreiro James Phillips e da chamada “Sociedade para Efetuar a Abolição do Comércio de Escravos”, fundada em 1787 por Clarkson e por uma dúzia de homens que trabalhavam numa gráfica de Londres e lutavam pela abolição.

Todos se assustaram com o layout do navio. Estavam lá todas as medidas do horror dos africanos: convés, seções transversais e vistas laterais. Representava-se os africanos escravizados como cargas quaisquer, sem vida ou direitos. Conscientes do poder da imagem, os abolicionistas britânicos sabiam que a planta do *Brookes* poderia contribuir para a condenação não só dos navios negreiros como de todo o tráfico de escravos. Com a disseminação do desenho, o debate cresceu cada vez mais e ganhou adeptos de diversos parlamentares abolicionistas. O deputado Charles Fox, um dos principais políticos da Câmara dos Comuns, classificou o comércio de escravos como algo “vergonhoso” e que, portanto, não deveria ser regulamentado, como vinha sendo feito por seus colegas, mas destruído. Fox recebeu o apoio de vários intelectuais, inclusive conservadores, como foi o caso de Edmund Burke. Também foram importantes os relatos do deputado abolicionista William Dolben, que descreveu os horrores vividos pelos africanos, transportados quase sempre com as mãos e os pés acorrentados, submetidos a espaços insalubres. No total, calcula-se que os abolicionistas britânicos tenham feito aproximadamente 7 mil cópias do documento só no formato pôster. Nos anos seguintes, a imagem foi publicada em livros e jornais da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, tornando-se rapidamente símbolo da brutalidade do comércio de escravos. O crítico de arte Tom Lubbock descreveu o desenho do *Brookes* como “talvez a imagem mais influente politicamente já feita”.

Os efeitos políticos da imagem não foram sentidos imediatamente – e é difícil saber com precisão o quanto ela afetou as decisões que levariam a abolição da escravidão pelo Império Britânico. O Ato de Wilberforce, que aboliu “a compra, venda, permuta ou transferência de pessoas que deveriam ser usadas como escravas” por parte do Império Britânico só foi aprovada em 1807; e a própria escravidão não foi por lá abolida antes de 1833. Apesar disso, a ilustração do *Brookes* teve uma importância significativa, sensibilizou milhares de pessoas dentro e fora da Grã-Bretanha para a causa abolicionista. Segundo Roman Krznaric, Clarkson e seus simpatizantes “planejaram estimular as pessoas para a ação

expondo-as aos traumas e sofrimentos experimentados diariamente pelos escravos, de modo que pudessem se pôr no lugar deles e imaginar a realidade de suas vidas”.

**Disponível em:** <https://www.cafehistoria.com.br/a-ilustracao-que-inflamou-o-movimento-abolicionista-britanico/>

**Agora responda:**

1) Dê um novo título para o texto: \_\_\_\_\_

Justifique a escolha: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) Qual a importância desta ilustração para o movimento abolicionista inglês? Por que a ilustração não teria o mesmo impacto no Brasil na época em que foi publicado? (o professor pode fazer uma relação entre o abolicionismo inglês e o brasileiro)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Reescreva a frase que você considera mais importante para o entendimento do texto. Justifique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

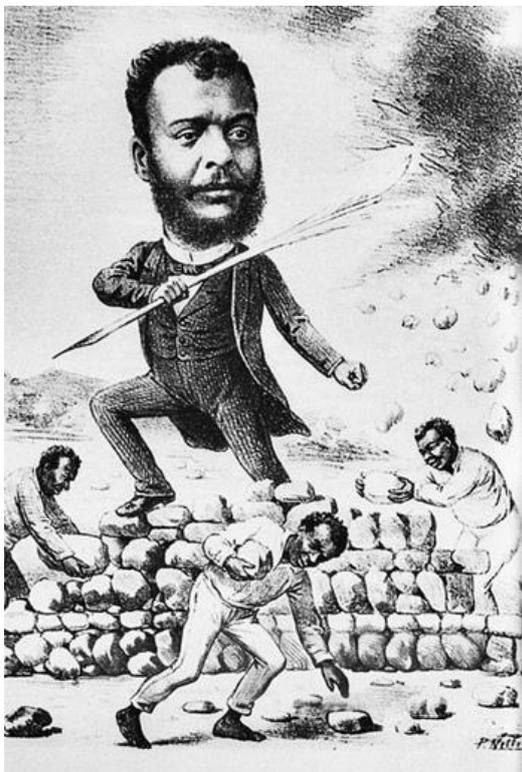
4) A ilustração da reportagem teve como objetivo “estimular as pessoas para a ação expondo-as aos traumas e sofrimentos experimentados diariamente pelos escravos, de modo que pudessem se pôr no lugar deles e imaginar a realidade de suas vidas”.

DEBATE: Quais os temas sensíveis da atualidade em nossa sociedade que precisam ser colocados em discussão urgentemente? Que meios deveriam ser necessários para estimular as pessoas a agir?

### ATIVIDADE 3

- É indicado que cada aluno possa ter o texto impresso e que seja realizada sua leitura em voz alta. Divida-os em grupos para resolver as atividades.

#### Luiz Gama, ativista abolicionista



Luiz Gama nasceu na Bahia livre, era filho de uma africana livre e de um fidalgo de origem portuguesa, cujo pai o nome ele nunca revelou. Aos 10 anos, seu pai o vendeu como escravo e foi para São Paulo. No cativo, aprendeu a ler e escrever e conquistou a sua liberdade após provar que havia nascido livre. Daí em diante, sua paixão pelas letras e seu espírito aguerrido não pararam de crescer. Publicou, em 1859, uma coletânea de poemas satíricos, “*Primeiras Trovas Burlescas*”, onde faz uma crítica social e política da sociedade brasileira, denunciando as questões raciais do ponto de vista negro, na primeira pessoa. Ativista da causa republicana e abolicionista, colaborou com a sua pena em diversos jornais: *Diabo Coxo*, *Cabrião*,

*Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo*, *Radical Paulistano*, *A Gazeta da Corte*, onde atuou junto com outros abolicionistas negros como Ferreira de Menezes, André Rebouças e José do Patrocínio. *O Radical Paulistano* era o órgão de comunicação do Partido Liberal Radical, abolicionista e republicano. Neste jornal, Luiz Gama denunciava violações das leis por parte dos representantes dos senhores. Denunciava sentenças e apontava os erros cometidos por juízes e advogados.

Na sua missão de libertar e garantir o direito dos escravizados, Luiz Gama valeu-se de uma “brecha” no próprio sistema escravista: a lei de 7 de novembro de 1831 que extinguiu o tráfico negreiro. Por esta lei, aqueles trazidos para o Brasil depois desta data seriam considerados livres. Luiz Gama dedicou-se com afincos e gratuitamente a libertar pessoas escravizadas de várias províncias do Brasil. Mesmo não sendo “diplomado”, era advogado

autodidata com grande cultura jurídica. Luiz Gama possuía uma provisão, documento que autorizava a prática do direito, dada pelo Poder Judiciário do Império. No século XIX, só existiam duas Faculdades de Direito: a de Olinda e São Paulo, de forma que era comum a existência de profissionais do direito *provisionados* ou *rábulas*. A formação prática de profissionais ocorria nas mais diversas funções, como engenheiros, dentistas, médicos, entre outras. A figura do advogado provisionado existiu até a década de 1960, quando o exercício da advocacia passou a ser prerrogativa exclusiva dos bacharéis em direito. Em 2015, a Ordem dos Advogados do Brasil concedeu o título de advogado a Luiz Gama, reconhecendo a sua importância como jurista. Em 2018 recebeu o título de Patrono da Abolição da Escravidão no Brasil e teve seu nome inscrito no livro dos heróis da pátria. Justa homenagem para o advogado da liberdade.

Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/luiz-gama-ativista-abolicionista#:~:text=Luiz%20Gama%20nasceu%20na%20Bahia,provar%20que%20havia%20nascido%20livre>

**Agora responda:**

1. De que forma a vida e a luta de Luiz Gama podem nos inspirar?

---

---

2. Qual frase ou palavra do texto mais lhe chamou a atenção?

---

---

3. Associe o texto a charge de Luiz Gama.

---

---

4. “O escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa”. Esta forte frase de Luiz Gama, remete a defesa da luta até às últimas consequências em prol da liberdade.

DEBATE: Nos atuais tempos, o que significa estar em estado de LIBERDADE?

#### ATIVIDADE 4

- É indicado que cada aluno possa ter o texto impresso e que seja realizada sua leitura em voz alta. Divida-os em grupos para resolver as atividades.

#### **Quilombo como organização, luta e resistência das mulheres**

“Nas formas de organização de resistências, as mulheres tiveram participação efetiva nos quilombos, mas por conta dos processos mais globais que vivemos de invisibilidade das mulheres, até quando começamos a contar a história, o patriarcado só honra a existência e história dos homens. Mas o que eu vejo é que é impossível afirmar que as mulheres ficaram em uma posição secundária nesse processo, porque elas também estavam submetidas ao sistema escravocrata e estavam na resistência”, explica Cecilia Godoi, integrante do coletivo Cabelação e mestra em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Falar de quilombos é falar de resistência e por isso é importante marcar o papel das mulheres nesse processo que é histórico, mas também contemporâneo. Historicamente, esses territórios não eram espaços que tinham apenas referências masculinas em sua organização política, econômica e social. As mulheres sempre foram muito importantes para sua estruturação, desenvolvimento e luta. “Os quilombos eram uma forma de organização que já existiam em África, em que se fazia resistência ao sistema colonial que estava se alastrando por lá e que estava transmigrando as pessoas. Essa é a primeira base para a gente poder pensar qual a potência do quilombo”, explica a cientista social, cuja própria origem familiar está ligada às comunidades de Feijão e Queimadas, em Mirandiba (PE).

Logo, quilombos não eram esconderijos de escravos. “É essa percepção que se construiu de que os quilombos eram como um campo de refugiados, com pessoas desnorteadas e perdidas que foram para algum lugar e ficaram no meio da mata sem saber o que fazer e para onde ir”, pontua Cecilia, que também resgata esses espaços como uma das formas de organização do povo negro no Brasil. “Assim como os portugueses chegaram aqui e construíram um sistema de sociedade colonial com base na colonização e escravidão, quando os africanos chegam aqui, começam naturalmente com o processo de se estabelecer socialmente e a instaurar um tipo de organização e sociedade a partir da ideia que se tinham de África”.

<https://www.brasildefatope.com.br/2016/11/28/quilombo-como-organizacao-luta-e-resistencia-das-mulheres- adaptado>

**1) De acordo com o texto, os quilombos eram:**

- a) esconderijos de escravos.
- b) campos de refugiados.
- c) formas de organização do povo negro no Brasil.
- d) reproduções das organizações coletivas africanas.

**2) De acordo com o texto, podemos dizer que os quilombos representavam:**

- a) um modo de vida tolerado no Brasil.
- b) um símbolo de aliança com os brancos.
- c) núcleos de tráfico de escravos.
- d) quilombo como organização, luta e resistência.

**3) De acordo com o texto, podemos afirmar:**

- a) as mulheres tiveram papel importante na formação e organização dos quilombos.
- b) os africanos após chegarem ao Brasil, esqueceram sua origem e aceitaram a cultura na nova terra.
- c) os quilombos eram exclusivamente locais de fugitivos do cativoiro.
- d) os quilombos eram formas de organização político-social criadas no Brasil para fazer frente à escravização.

**4) Marque a alternativa CORRETA.**

- a) Há descendentes diretos dos antigos quilombolas nos dias atuais.
- b) Não há descendentes diretos dos antigos quilombolas nos dias atuais.
- c) Os quilombolas nunca quiseram se integrar à sociedade colonial.
- d) As mulheres sempre se submeteram aos homens nos quilombos.

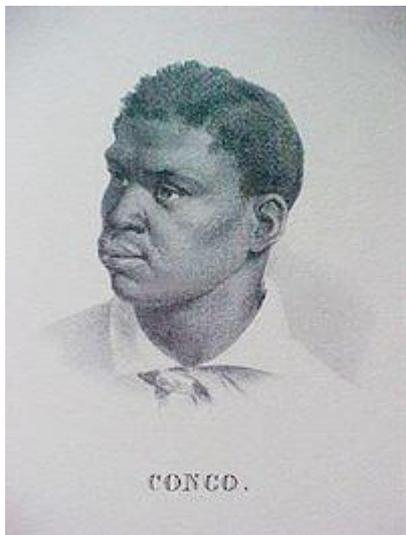
**5) A partir do texto e com a ajuda do professor(a) de História, marque as afirmativas corretas.**

- a) Havia nos quilombos, a presença de índios e brancos pobres.
- b) As relações dos quilombos com vilas e cidades eram assíduas.
- c) Havia autoridades que toleravam os quilombos.
- d) No Vale do Paraíba fluminense podemos destacar a existência do Quilombo São José da Serra.

## ATIVIDADE 5

- É indicado que cada aluno possa ter o texto impresso e que seja realizada sua leitura em voz alta. Divida-os em grupos para resolver as atividades.

### Quilombo de Manoel Congo<sup>68</sup>



Durante a década de 1830, a economia cafeeira começou a despontar no Brasil Império, principalmente na região fluminense do Vale do rio Paraíba. A afluência de escravos para as fazendas da região aumentou, sendo ainda intensificada a exploração do trabalho. No contexto de início da produção cafeeira, estourou mais uma revolta de escravos, que se consubstanciou na tentativa de formação do que ficou conhecido como Quilombo de Manoel Congo.

É indicado como uma tentativa em decorrência da efemeridade do Quilombo de Manoel Congo, situado no município de Vassouras no Rio de Janeiro. Porém, o medo suscitado nos latifundiários da região manteve viva a memória dessa luta dos escravos, conhecida também como Revolta de Paty dos Alferes.

A revolta ocorreu em novembro de 1838 entre os escravos do capitão-mor Manuel Francisco Xavier, que detinha algumas fazendas na região. O motivo do levante contra o fazendeiro teria tido origem após a morte do escravo Camilo Sapateiro pelo capataz de uma de suas fazendas. Indignados com o assassinato do companheiro de cativeiro, os escravos liderados pelo também escravo e ferreiro Manoel Congo resolveram protestar junto ao latifundiário, que prometeu tomar providências. Porém, essas providências nunca foram colocadas em prática.

O não cumprimento da promessa deixou ainda mais indignados os escravos. O assassinato de Camilo era um excesso brutal dos hábitos disciplinares de trabalho na fazenda. Como o senhor não tomou providências, os escravos mataram o capataz. Após essa ação, os escravos fugiram. A fuga em massa de cerca de 200 escravos ocorreu em duas fazendas do capitão-mor, entre os dias 06 e 10 de novembro de 1838.

Nas matas da região, liderados por Manoel Congo, os escravos iniciaram a constituição de um quilombo. Com as ferramentas e armas saqueadas das fazendas de Manuel Francisco Xavier, os escravos africanos e nascidos no Brasil pretendiam iniciar as lavouras para sua subsistência e garantir sua defesa.

O cordelista Medeiros Braga, em trecho de seu cordel O Quilombo Manoel Congo, a saga de um guerreiro, representa da seguinte forma a ação:

Manoel Congo com cuidado  
Muitos escravos juntou,

<sup>68</sup> Imagem disponível em <https://acervo.racismoambiental.net.br/2012/01/19/1838-quilombo-de-manuel-congo/>

Recolhidas várias armas  
Mantimento e cobertor,  
Passaram, seguindo a trilha,  
Na Fazenda Maravilha  
E já outros libertou.

Entretanto, a experiência não duraria muito tempo. Preocupados com essa ação em massa dos escravos, as autoridades da região resolveram pedir o apoio da Guarda Nacional para caçar os fugitivos. As forças militares foram lideradas por Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, que em 11 de novembro conseguiu capturar a maioria dos escravos, sendo que alguns foram mortos.



Eles foram julgados pela fuga de 16 escravos. Quase todos foram condenados a 650 chibatadas, sendo aplicadas 50 por dia, para que não morressem durante o castigo. Tal situação poderia causar um prejuízo ainda maior ao proprietário dos escravos. Esses escravos foram ainda obrigados a utilizar um gonzo de ferro no pescoço por três anos.

Porém, era necessária ainda uma punição exemplar para inibir novas fugas em massa. Indicado como líder da rebelião, Manoel Congo foi condenado à forca, em 1839. A sentença foi cumprida no Largo da Forca, sendo que Manoel Congo não teria direito a enterro. Receosos de novas fugas, os latifundiários da região criaram ainda uma cartilha para orientar os

fazendeiros e evitar que episódios como o ocorrido na freguesia de Paty do Alferes se repetissem. O Quilombo de Manoel Congo era a evidência de que os escravos continuariam sua luta contra a escravidão.

Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-manoel-congo.htm>>

### Responda o que se pede:

- **Sobre a Revolta de Paty do Alferes em 1838 e a formação do quilombo de Manoel Congo em Vassouras podemos dizer que:**
  - a) Os escravos fugidos das fazendas lutavam por melhores salários e posse de terras.
  - b) A decadência do café no Vale do Paraíba trouxe uma instabilidade e enfraquecimento dos senhores, daí as fugas constantes.
  - c) A Revolta de Paty dos Alferes e o Quilombo de Manoel Congo ocorreram em períodos históricos distintos.
  - d) Ocorrem dentro de um contexto de expansão das fazendas de café do Vale do Paraíba Fluminense e consequente aumento do fluxo de escravos para a região.

- **Sobre Manoel Congo, podemos dizer que:**
  - a) Líder negro, conseguiu fugir após investidas da Guarda Nacional.
  - b) Era feitor de fazenda em Valença, sendo apontado como traidor pelos escravos da região.
  - c) Apontado como líder do quilombo em Vassouras, fruto de fuga de escravos da região do Vale.
  - d) Foi um barão do café da primeira metade do século XIX.
  
- **Sobre o Quilombo de Manuel Congo, podemos dizer:**
  - a) nunca existiu. É uma história fantasiosa criada pela literatura.
  - b) durou pouco tempo, sendo massacrado pela Guarda Nacional.
  - c) durou quase um século, tendo fim apenas quando foi abandonado pelos moradores.
  - d) deixou amplos registros de suas atividades durante meio século.
  
- **PARA DEBATE:** Marianna Crioula foi alçada como heroína do Estado do Rio de Janeiro, com Lei 5.808/14. Ela, ao lado de Manoel Congo, foram os líderes da revolta de Paty do Alferes em 1838. O problema é que seu nome nem sempre é lembrado, nada diferente de tantas revoltas e revoluções na História, onde as lideranças femininas são deixadas em segundo plano. Como podemos tentar explicar esse fenômeno?

## ATIVIDADE 6

A partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, da autora Mary del Priore, responda o que se pede.



- Abaixo, observamos Ana Clara Breves de Moraes Costa (imagem 1) e Regina Angelorum (imagem 2). A primeira, foi realizada em tela sobre óleo no final da década de 70 do século XIX, quando Ana Clara residia com seu marido Maurice Haritoff em uma palacete nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro e a segunda, observarmos uma fotografia tirada nos primeiros anos da República, destacando Regina com dois de seus três filhos, época em que ocorreu seu casamento em regime civil com Maurice.

Imagem 1



Imagem 2

1- Descreva cada imagem separadamente.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2- Sobre a imagem 1, podemos dizer que foi realizada em qual contexto histórico? Marque com um X as afirmativas corretas.

- a)  Á época em que foi realizada a pintura, o Brasil vivia uma grande mobilização popular em prol da abolição da escravidão - O Abolicionismo.
- b)  Enquanto o casal Haritoff realizava luxuosas festas em seu palácio nas Laranjeiras no Rio de Janeiro, o Vale do Paraíba Fluminense já enfrentava a decadência da produção de café.
- c)  Nesta época, o Exército brasileiro já exibia traços de politização em seus quadros, devido principalmente a experiência da Guerra do Paraguai.
- d)  O Brasil vivia o fim do padroado com a separação definitiva entre Estado e a Igreja.

3- Sobre a imagem 2, podemos dizer que foi realizada em qual contexto histórico? Marque com um X as afirmativas corretas.

- a)  O país vivia uma época de consolidação da República. Destaca-se a Política dos Governadores e o Convênio de Taubaté.
- b)  O Vale do Paraíba Fluminense enfrentava uma decadência política e econômica.
- c)  O mandonismo político e o clientelismo caracterizavam o Brasil da Primeira República.
- d)  A Monarquia entrava no Terceiro Império com o reinado de Isabel.

4- Coloque (A) para Ana Clara Breves e (B) para Regina Angelorum de acordo com suas passagens de vida contada na obra.

- ( ) Sua avó foi uma das últimas escravizadas a chegar ao Brasil.
- ( ) Viveu em obediência às regras sociais.
- ( ) Soube resistir às violências da escravidão.
- ( ) Casou-se apaixonada.
- ( ) Negou casar-se forçadamente.
- ( ) Suas cartas e correspondências sobreviveram ao tempo.
- ( ) Apesar de alfabetizada, não deixou registros escritos sobre sua vida.
- ( ) sofreu com o preconceito de cor e classe.
- ( ) Seus últimos anos de vida não foram contados na obra.

## ATIVIDADE 7

**Proposta de debate em roda de conversa a partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, da autora Mary del Priore.**

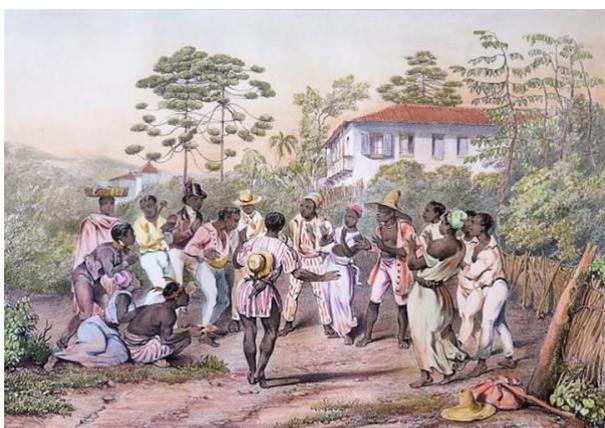


**Procedimento:** Leitura em voz alta do trecho do livro (p. 27).

“É véspera de natal. Fabiano veio pedir ao tio José que o deixasse, junto com outros escravos da orquestra, cantar pastoris. Na fazenda é preciso licença para tocar violas, puítas, pífanos e tambores, mas tio José deixa tudo. No entremeio da música, os negros hão de dançar o lundu. (...) imitando os reis magos, os negros em bando vão sair a noite e percorrerão Piraí louvando o nascimento do Deus menino”

**Intencionalidade e perguntas:** refletir sobre o papel do Jongo e de outras manifestações culturais na organização social e política local.

- Na sua localidade, é preciso pedir “licença” para promover alguma manifestação cultural em lugares públicos?
- Você conhece alguém que participa do Jongo ou da Folia de Reis? Qual outra manifestação cultural existe em sua região? Faça uma conexão entre elas e a história da sua cidade.
- Lundu era um dos nomes usados para expressar as festas com batuques e danças dos escravizados. Hoje, no Vale do Paraíba, é mais conhecido pelo nome de JONGO. Respectivamente, observamos abaixo a litogravura de Johann Moritz Rugendas intitulada *batuque*<sup>69</sup> e uma roda de jongo no Parque das Ruínas<sup>70</sup> em Pinheiral.



- Quais semelhanças e diferenças podemos destacar.

<sup>69</sup> BATUQUE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2992/batuque>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

<sup>70</sup> Acesso em <https://mundonegro.inf.br/a-magia-da-roda-de-jongo-uma-saudade/>

## ATIVIDADE 8

**Proposta de debate em roda de conversa a partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, da autora Mary del Priore.**



**Procedimento 1:** Leitura em voz alta do trecho do livro (p. 254).

Em seu diário, Regina faz uma análise da sua vida no mundo dos brancos.

*“Os brancos acham que a gratidão deve brotar de nossos corações espontaneamente. Que respeito e amizade seriam moedas de troca por casa e comida.”*

**Procedimento 2:** Leitura em voz alta da reportagem: *Madalena: A escravidão nas senzalas modernas das grandes cidades*, no site do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho.

<https://www.sinait.org.br/site/noticia-view?id=19915%2Fmadalena+a+escravidao+nas+senzalas+modernas+das+grandes+cidades>

**Procedimento 3:** Esclarecimento por parte do professor sobre os termos \conceitos CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE HISTÓRICA.

**Debate:** De que forma podemos relacionar a fala de Regina em uma época de escravidão legal com as mulheres empregadas domésticas libertadas dos dias atuais?

## ATIVIDADE 9

A partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, da autora Mary del Priore.

**Saberes populares das plantas:** Leitura em voz alta (p. 153-154).



“Sinhá pediu que anotasse o nome estrangeiro e a receita depois. Fiz assim.

*Mentha pulegium* - poejo, seu nome deriva de *pulex*, que significa pulga, explicou a sinhá. Um ramo esfregado na pele é perfeito contra picadas de mosquito, pulgas, piolhos e carrapatos. Seu cheiro se conserva por muito tempo. A melhor forma de conseguir mudas é semeando no outono e na primavera. Seu óleo tóxico é perigoso, pode produzir convulsões violentas. O melhor é usá-lo em banhos de pés para resfriados. É santo remédio quando, feito chá, é aplicado nos olhos inflamados.

*Origanum majorana* gosta de sol e tem florzinhas de diversas cores. Conhecido aqui como manjerona. Propaga-se por mudas e seu companheiro é o orégano. Cura dores nas juntas e em óleo quente pode ser aplicada nos lugares mais doloridos. Bom em gargarejo para dores na garganta. É abortiva. Associada à felicidade conjugal.

*Papaver somniferum* ou dormideira. De suas amêndoas, faz óleo de cor loura e transparente, adequado à preparação de alimentos crus ou cozidos. Ele não faz luzes. Soberbas flores com cápsulas que se abrem com a ponta do canivete para recolher as lágrimas. Depois de colhido o ópio, misturar a água ou mel. Calmante. Sinhá mandou amarrar fita preta no bocal. Perigo.

*Cajanus flavus* ou ervilha-de-angola. Ervilha saborosa, as flores e pontas dos galhos são boas para o peito. Sumo das folhas socadas, para hemorragias”

“(…) ontem mesmo, entrou uma aqui (escrava) com um braseiro contendo ervas odoríferas para “defumar” o quarto contra insetos” (p. 36)

“(…) cedo se mostrou disposta a sair pelos campos, buscando tomilho para fumigações e banhos de pé; urtiga para diarreias; sálvia para tingir lãs e tratar gengivas irritadas; poejo, como repelente de insetos” (p. 122)

- Perguntar sobre o conhecimento dos alunos sobre as plantas e ervas destacadas.
- Dividir os alunos em grupos para pesquisar com seus familiares e amigos, outras plantas e ervas que podem ser usadas em nosso dia a dia. Pedir para trazer por escrito.
- No próximo encontro, os grupos apresentarão seus registros. Após a partilha, será montado um banco de saberes de plantas e ervas com suas funcionalidades.

## ATIVIDADE 10

A partir da obra *Beija-me onde o sol não alcança*, da autora Mary del Priore.

**Lendas, crendices e superstições:** Leitura em voz alta.



À beira da morte: “Um negro já deve ter ido buscar folhas de canela, cravo e laranjeira, para estendê-las na entrada da casa” (p. 10)

(...) irão apagar os rastros da morte. Minha camisola e roupa de cama serão doadas ou queimadas. A casa será varrida com especial cuidado de empurrar a poeira pela porta da frente, que ficará semicerrada, impedindo o retorno de minha alma. No quintal, jogarão fora a água do último banho e enterrarão meu cabelo e unhas cortadas em lugar previamente escolhido (...)

(...) As pistas serão embaralhadas para que eu não volte. Para que eu veja que não há mais lugar para mim. Depois que eu fechar os olhos, meu nome

deixará de ser pronunciado” (pág. 10).

“Lembrei-me de um sonho que tive ontem à noite: estava à beira de um precipício, um homem veio em minha direção e me tomou nos braços (...) O sonho foi premonição, disse tia Maria Gata. Mandou-me fazer “*premissa prá achá homi bão*”. Meus manos estão prometidos ou casados. Eu ainda não” (pág. 27-28).

“Adormeci sem comer porco com farofa e sonhando com a sorte que tia Maria Gata tirou. Ela colocou um prato cheio d’água sobre uma toalha branca e limpa encima da mesa. Esfregou por diversas vezes uma agulha nas mãos, dizendo palavras difíceis de se entender. Depois a soltou sobre a água. Não boiou. Afundou. Não me casarei jamais.” (pág. 34).

“A menina-moça *Anaclarrá*. É um sacrário de inocência. Gosta de contar histórias: a do mão pelada, e da menina sofredora que vira pomba, a da árvore do pranto. Dá risadas ao final e me diz: contar estórias de dia cria rabo” (pág.50).

Método para engravidar: “Tia Maria Gata fazia com que Maurice urinasse pela argola da tampa de uma sepultura num cemitério, ou tomasse chá de folhas de figueira-do-inferno. Revolveria nossa cama para destruir as obras do demônio. Far-me-ia lavar as partes com erva-pombinha e assa-fétida. Rezaria para Santo Hilário, protetor das famílias grandes. Eu só não aceitaria meter percevejos no cano. Vi uma vez uma escrava a quem ela fez isso para, “*desperta as coisa adurmicida*” (pág. 91)

“Comentam ainda que o negro Benedito caminhou sobre brasas no dia de São João sem sentir dor. Ou que um espelho rachara: sinal de morte na casa. As crianças vão sempre dormir com o susto de bichos infernais: o caipora ou o lobisomem. O choro mais triste de um deles era sinal de que o papa-figo devorava um malcriado ou respondão (pág.139).

“Se a meia-noite se ouve ruído de patas de cavalos, de rodas e até a voz áspera do boleiro, é o carro da alma penada que passa” (Pág. 139).

“Quem cruza perto da igreja matriz, ouve gemidos, vê almas penadas. O uivo de um cão? Mau agouro” (Pág. 139).

“Coruja cantando, chama morte” (Pág. 139).

“Borboletas escuras que adejam nos finais de tarde: bruxas!” (Pág. 139).

“Para proteção, melhor defumar os quartos com arruda e alecrim verde” (Pág. 139).

“E ai de quem não respeitar a última vontade de um moribundo! O castigo é certo” (Pág. 139).

- Quais destas lendas, crendices e superstições são conhecidas?
- Buscar com os alunos outras histórias conhecidas na cidade.
- Organizar um banco de dados com histórias locais - com os registros, criar uma página na internet na perspectiva da História Pública e divulgar nas mídias da cidade.

**Intencionalidade:** Valorizar a memória para a compreensão da história local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a dissertação, sinto que concluí em parte, um ciclo que inicia antes dos meus estudos no Mestrado Profissional em Ensino de História/ PROFHISTÓRIA. Lembro dos primeiros encontros com outros mestrandos onde fui interpelado a pensar sobre a causa, o possível incômodo que teria gerado a busca pela continuação da minha formação acadêmica. E, ao pensar sobre, refleti sobre minha formação enquanto ser humano, as interconexões sobre os diferentes estágios formativos, as escolhas que fiz e daquelas que não realizei por questões inerentes a minha vontade, fez-me processar reflexões e conclusões. Destas, pude perceber minhas contribuições para o mundo vindas da minha pessoa e também enquanto professor de História. Dentre tantas coisas, busquei saberes escolares construídos com meus pares, alunos, professores e outros profissionais de ensino, partindo do pressuposto de que não fazemos nada sozinhos nesta vida. A partir disso, quero inferir que esta dissertação foi uma culminância da minha História vivida na flor dos meus 22 anos na educação e 45 incompletos neste mundo, como forma de reforçar o entendimento da escolha deste trabalho, gostaria de tecer um rápido vislumbre sobre minha vida.

A minha formação humana inicia-se em minha casa com meus pais, minha mãe, professora e Orientadora Educacional, meu pai metalúrgico da Companhia Siderúrgica Nacional, ativo participante do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. As passagens deles e histórias em campos de atuação social influenciaram enormemente meu caráter enquanto sujeito-cidadão. Minha mãe, levava-me ainda pequeno, na década de 80 do século passado, assistir às noites suas aulas de Psicologia da Educação na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Volta Redonda/FERP, hoje UGB, quando não podia ficar sozinho em casa, devido minha tenra idade. A minha infância foi brincando no meio dos livros e provas que ela corrigia nos finais de semana e assim estive interessado em ajudá-la até sua aposentadoria anos atrás. E meu pai levava-me no Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda em suas reuniões, na Avenida Amaral Peixoto. Acompanhava-os e não reclamava. Ao contrário, valorizava esses momentos. Não era raro as visitas aos acampamentos do Movimento dos Sem Terra em Volta Redonda e Barra Mansa assistir as missas dos “padres vermelhos” comandados pelo bispo da Diocese de Barra do Pirai/Volta Redonda, o saudoso Dom Valdir Calheiros, falecido em 2013, a quem pude ter conversas já adulto como professor. A greve dos metalúrgicos de 1988 na CSN, foi um marco na luta sindical do país, recém saído da ditadura e já sob a égide de uma nova constituição. A solidariedade dos

moradores de Volta Redonda para com os operários grevistas, meu pai dentre eles, foi notável e marcante. Ao levar cigarros a meu pai no alambrado da empresa na Vila Santa Cecília, sabia que estava forjado em mim algo diferente. A minha adolescência foi de rebeldia e inconformismo na era FHC e no fim de seu governo, cursava graduação em História e participava ativamente do diretório estudantil. Formado em 2001, fiz pós-graduação na Universidade Cândido Mendes em História do Brasil. Iniciei a docência imediatamente e a partir daí, conhecer muita gente, muitas realidades, de escola de periferia à escola grande particular. Eu obtive experiências concomitantemente à sala de aula, como coordenador de História e diretor responsável pela Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nessas andanças, estive sempre com um livro de História embaixo do braço, com muito criticidade na palavra e coragem nas ações.

O mestrado profissional em História apareceu em minha vida em um momento de angústia sobre meu futuro enquanto professor, que já passara metade da sua vida profissional na luta por uma educação verdadeiramente popular em meio a políticas educacionais precarizantes nada casuais, tal qual dizia Darcy Ribeiro. E parafraseando Paulo Freire, nunca esperei e não espero que as classes dominantes possam desenvolver uma educação que favoreça os mais humildes. Fiz minhas escolhas e lutei pelo justo sem me preocupar em me adequar a conveniências e a política de educação do momento. Como membro da classe trabalhadora, acredito na sua capacidade de reação e juntamente com ela, procurei formas de ensino suficientemente plurais que pudessem formar uma maior conscientização do tempo presente.

A maneira como encaro minha própria história, com um inconformismo que permeia meu caráter, influenciou a maneira como encarei a condução das minhas reflexões e decisões dentro destes anos no PROFHISTÓRIA.

A finalização deste mestrado, é sem dúvida, uma importante vitória pessoal à nível de formação profissional mas também, um instrumento para o fortalecimento do ensino de História, especialmente na EJA, modalidade de ensino tão atacada pelas redes de ensino e suas reformas. Foi atuando na Educação de Jovens e Adultos no noturno, que vivi importantes momentos enquanto professor e pensador de projetos, amadurecimento paulatinamente com as trocas de conhecimentos e saberes com pessoas das mais variadas idades e vivências. Como mais um “passageiro da noite”, como escreveu Miguel Arroyo, senti-me parte integrante de uma corrente de histórias interligadas, um trabalhador tal qual os outros

“passageiros”, que lutam pela sobrevivência. Na EJA que forjei, definitivamente, minha consciência enquanto educador.

No decorrer do mestrado, procurei associar a experiência pessoal e profissional à construção de uma dissertação de mestrado que contemple um arcabouço teórico, que seja suficientemente aplicável para a promoção de conscientização, que busque uma História libertária, ressignifique a vida no presente, fortaleça o espírito coletivo de luta a partir de interesses mútuos e que produza uma reflexão sobre presença da literatura na escola, uma sensibilização e humanização para a classe trabalhadora. É preciso conhecer a realidade para mudá-la. Não por acaso, escolhi a literatura, especialmente através do romance histórico, ensinar um ensino da História em um formato sensível e prazeroso. A leitura em voz alta contempla as habilidades e competências inerentes ao processo cognitivo da leitura, traz equidade no tempo comum a todos, onde a descoberta de significados e sua partilha dentro do grupo, democratiza o conhecimento, o respeito às subjetividades, usando a fala enquanto necessidade de comunicação e expressão. A mediação do professor nesse processo é fundamental. Daí, a importância do Guia Didático encontrado no capítulo 3, um manual de apoio à mediação a ser executada, como sequência didática, aprofundamento histórico do romance sugerido com atividades que fazem referências na história do livro, usado como complemento de leitura e também outras sugestões de obras com base históricas, que vão além dos romances históricos. O guia, o produto desta dissertação, é pioneiro no estudo do uso do romance histórico na Educação de Jovens e Adultos até o momento, tornando-se itinerário para o trabalho pedagógico do professor, favorecendo o processo de ensino aprendizagem nesta e em outras modalidades de ensino. Estou comprometido em continuar essa pesquisa e ampliar contribuições e estudos sobre o uso do Romance Histórico no ensino de História.

Dar vida a História através da literatura é um componente que permeia a civilização humana há tempos e nela forjamos diferentes sentidos através dos tempos. Por que seria diferente agora? E por que não unir as potencialidades da literatura e da História como peças-chave para o entendimento da realidade? Assim, foi discutido e defendido nessa dissertação. O professor-leitor, ao se deixar imbuir por essa ideia, poderá, a partir deste projeto de mestrado, de forma coletiva, primordialmente, lutar contra possíveis censuras prévias em favor da liberdade de ensinar e aprender, de propor conteúdos no ensino de História usando a literatura. Uma concepção mais democrática de ensino, que abra espaço para a humanização, para a consciência histórica e a partir daí, sujeitos sensíveis ao mundo e que queiram

transformar seus espaços de vida, é o que queremos. Este trabalho convida todos a mudar e serem conduzidos a liberdade. A utopia antecede a conquista.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. “O caso do Bracuhy”. In: MATTOS, Hebe. e SCHNOOR, Eduardo.(Orgs.) **Resgate: Uma Janela para o Oitocentos**. Rio de Janeiro: Top Books, 1995.
- AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- ANHEZINI, K. **Escrituras da história: da história mestra da vida à história moderna em movimento** (um guia). Guarapuava: Unicentro, 2009.
- ARROYO, M. G.. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão**. p. 221-230. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Currículo, território em disputa**. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Passageiros da Noite: Do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites — século XIX** / Celia Maria Marinho de Azeredo; prefácio de Peter Eisenberg — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BARTHES, R. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMANN, E. S. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. Salvador - BA, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. 161f
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Tradução: Paulo Bezerra. 6º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol.1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iracy Carone, Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).
- BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: Das Cruzadas ao século XX**. Tradução: Luís Oliveira Santos, João Quina Edições – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BITTENCOURT Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- CAINELLI, Marlene. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar história**. Coleção pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2009.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas**. Tradução: Maria Letícia Ferreira São Paulo: Contexto, 2012, p. 21-57.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro-RJ: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Do ensaio “O direito à literatura”**. In: *Vários escritos*. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.). Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. R. de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**; [tradução Laura Sandroni]. - São Paulo: Global, 2007.
- CORREIA, Janaina dos Santos. **O uso da fonte literária no ensino de história. Diálogo com o romance "úrsula" (final do século XIX)**. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-197. 2012.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Romance Histórico: as ficções da história**. *Itinerários*, Araraquara, 23, 29-37, 2005.
- DALVI, Maria Amélia; RESENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: SP: Parábola, 2013.
- Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**/Organização: Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.) - 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- EISENBACH, David. FLYNT, David. **Sexo na casa branca**. Tradução: Paulo Polzonoff Júnior. 1ª ed. Gutenberg, 2013.
- ESTEVEVES, Antonio R. **O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras**. Letras de hoje. Porto Alegre, UNESP, v. 42, n.4, p. 114-136, dezembro de 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 194.
- FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Collin, 1953.
- FERNANDES. Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Apresentação de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Global editora, 2013.
- FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.**
- FISCHER, Steven R. **História da Leitura**. Tradução: Claudia Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 149 p. (O Mundo, Hoje, v. 10)
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 148 p.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Política e Educação: ensaios**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In \_\_\_\_\_. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

HARTOG, François. **Situações postas à história.** *Revista de História*, São Paulo, n. 166, jan./jun. 2012, p. 17-33.

\_\_\_\_\_. **Introdução - Ordens do tempo, regimes de historicidade.** *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.* Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.17-41.

HEINZ, Flavio M. e KORNDÖRFER, Ana P. “*Para que serve uma história social das instituições?*” In Cíntia Vieira Souto et al. (orgs). *Espaços de saber e poder: instituições e seus agentes na Perspectiva da história social.* Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. p. 7-16.

HORTON, M.; FREIRE, P. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** Tradução de Vera Lúcia M. Josceline. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula, conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2010.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica.** 1º ed. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Episódios de racismo cotidiano Jess Oliveira (Tradutor). Edição: 1. Cobogó, 2019.

LACAPRA, Dominick. **História e o romance.** Tradução de Nelson Schapochinik. Texto publicado em 1985 in *History Criticism*, Ithaca e Londres. Cornell University Press. pp 115-34.

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal.** 1º ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.

LEMOS, Renato (org.). **Bem traçadas linhas, a história do Brasil em cartas pessoais.** Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOPES, Rodrigo Smaha; FLECK, G. F. **Romance Histórico: Outra Via de Inteligibilidade do Passado. Diálogo e Interação,** v. 11, n. 1, 2017, p. 90.

LORIGA, Sabina. **Memória, história e literatura.** *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 19-30, jul.-dez. 2017.

- LOURENÇO, Thiago Campos Pessoa. *O império dos Souza Breves nos oitocentos: política e escravidão nas trajetórias dos Comendadores José e Joaquim Breves*. Dissertação de mestrado. Niterói. UFF. 2010.
- LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A teoria do romance**. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1º ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.
- MARIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. Coleção literatura e ensino. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARTINS, Willian Mendes. **A Modernidade e a teoria do Romance de G. Lukács**. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 8, n. 3, p. 263-273, 2008.
- MATTOS, Hebe et al. **Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica e sociocultural do Quilombo de Pinheiral**. Niterói: UFF/INCRA-SRRJ, 2010. p. 54.
- MIRANDA, Sonia Regina. **Temporalidades e cotidiano escolar em redes de significações: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo**. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 4, 2013, p. 35-79.
- MONTEIRO, Ana Maria ; PENNA, Fernando de Araujo. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr, 2011.
- MORAES, Dislane Zerbinatti. **Aprender História com textos literários: entre modelos de interpretação e construção de significados históricos em sala de aula**. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*, 27, 2013, Natal -RN. XXVII.
- NICODEMOS, Alessandra. (Org.). **Conhecimento e docência**. 1º ed. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2020, p. (111-129).
- NISKIER, Arnaldo. **História da Educação Brasileira: de José de Anchieta aos dias de hoje, 1500-2010**. 3º ed. São Paulo: Editora Europa, 2011.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Ensino de História: Literatura e Cotidiano Escolar**. *ENCONTROS – ANO 12 – N. 22*, p.80-97, 2014.
- PAIVA, José Maria de. **Educação jesuítica no Brasil colonial**. In: LOPES, E. M. T.; FARIA, L. M. de; VEIGA, C. G. (Orgs.). *500 ano de educação no Brasil*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura.** História da Educação, Pelotas, 2003, p. (31 – 45).
- \_\_\_\_\_. **História e história cultural.** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESSOA, Thiago Campos. **O império da escravidão: o complexo Breves no vale do café (Rio de Janeiro, c.1850 – c.1888).** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.
- PRIETO, Heloísa. **Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança.** São Paulo: Angra, 1999.
- PRIORE, Mary del. **Beije-me onde o sol não alcança: uma história de amor no século XIX.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000.** São Paulo: Planeta, 2020.
- \_\_\_\_\_. **À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a história do Brasil, da Colônia à República.** São Paulo: Benvirá, 2021.
- REIS, Thiago de Souza dos. **Morte e escravidão: padrões de morte da população escrava de Vassouras, 1865-1888.** Rio de Janeiro. UNIRIO. 2009.
- RÜSEN, Jorn. *El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la concienciamoral.* *Revista Propuesta Educativa*, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.
- RIBEIRO, V. M. M. (Coord.) **Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental.** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do "ser negro": um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** [S.l: s.n.], 2005.
- SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro.** Rio de Janeiro: Leya, 2018.
- SAVIANI, D. **Historia das Ideias Pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- UNESCO, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática.** Brasília: 2008.
- VEYNE, Paul. **Comment on écrit l'histoire.** Paris, Seuil, 1978.
- WOODSON, Carter Godwin. **A Deseducação do Negro.** São Paulo: Medu Neter Livros, 2018. 180 páginas. 1ª edição.

JOZEF, Bella. **Literatura e história: um diálogo de textos.** In: Hispanista, [Internet] <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo396.htm>

## SITES

Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/>.

BEILER, Aloysio Clemente M. I. de J. Breves. *Breves café História do café no Brasil Imperial, 1996/2016. O dono do Pinheiro e o Bracuy.* Disponível em <<http://brevescafe.net/it02a.htm>>. Último acesso em: dezembro de 2021.

BEILER, Aloysio Clemente M. I. de J. Breves. *Breves café História do café no Brasil Imperial, 1996/2016.* Haritoff - um nobre russo na corte brasileira. Disponível em: <<http://brevescafe.net/haritoff.htm>>. Último acesso em: setembro de 2021.

BEILER, Aloysio Clemente M. I. de J. Breves. Brevescafé. História do café no Brasil imperial. Disponível em: <http://brevescafe.net/>. Acesso em dezembro de 2021.

Café História. Divulgação científica de História desde 2008. Entrevista com o historiador Arthur Lima de Avila, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 6 de março de 2018 Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historiador-hayden-white-morre-aos-89-anos/#:~:text=%E2%80%93%20Hayden%20White%20demonstrou%2C%20com%20seu,contr%C3%A1rio%2C%20segundo%20ele%2C%20era%20samente>>. Último acesso em: 30 de novembro de 2020.

Café História. André Cabral Honor. Podemos aprender História com romances históricos? Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/podemos-aprender-historia-com-romances-historicos/>. Último acesso: julho de 2022.

Carta de Belo Horizonte - XVI ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2019. Disponível em: <http://forumeja.org.br/rj/sites/forumeja.org.br/rj/files/CARTA%20DE%20BELO%20HORIZONTE%20-%20XVIeneja.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2022.

Centro de alfabetização, leitura e escrita (CEALE) Faculdade de Educação da UFMG. Glossário CEALE – Leitura expressiva. Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/leitura-expressiva>. Último acesso em março de 2022.

Centro de alfabetização, leitura e escrita (CEALE) Faculdade de Educação da UFMG. Glossário CEALE – Leitura em voz alta. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-em-voz-alta>. Último acesso em março de 2022.

Diário do Vale. Um real conto de fadas em Pinheiral. Disponível em: <https://diariodovale.com.br/destaque/um-real-conto-de-fadas-em-pinheiral/> Acessado durante o mês de janeiro – 2020.

**Folha de São Paulo. Pandemia desacelera perda de alunos na EJA, mas orçamento segue em queda. Disponível em:** <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/05/pandemia-desacelera-perda-de-alunos-na-eja-mas-orcamento-segue-em-queda.shtml#:~:text=De%202019%20a%202020%2C%20a,40%20mil%20alunos%20a%20menos>. Último acesso em agosto de 2022.

Folha de São Paulo. O Conde Haritoff, a rica Nicota e a negra Regina. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0808200419.htm>. Acessado em janeiro - 2020.

**G1/Globo.com. Pesquisa revela que 48,7% das famílias são chefiadas por mulheres. Disponível em:** <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/01/23/maes-empendedoras-pesquisa-revela-que-487percent-das-familias-sao-chefiadas-por-mulheres.ghtm>. Último acesso em julho de 2022.

**G1/Globo.com. Femicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo. Disponível em:** <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contr-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Último acesso em dezembro de 2022.

Jornal Regional. Fazenda Bela Aliança – Barra do Piraí. Disponível em: <http://www.jornalregional.rio/jornalregional2/noticia/buscarNoticia?id=4918>. Acessado durante o mês de fevereiro de 2020.

Museu da Pessoa. Museu virtual colaborativo de histórias de vida. Disponível em: <https://idolink.bio/museudapessoa>. Último acesso em dezembro de 2022.

- PERES, Guilherme. Maurício Haritoff, uma aventura nos trópicos. Histórias Fluminenses. Disponível em: <https://historiasfluminenses.wordpress.com/pagina-inicial/mauricio-haritoff-2/>. Acessado em: fevereiro de 2021.
- Pesquisa Fapesp. A África nos genes do povo brasileiro. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-africa-nos-genes-do-povo-brasileiro/>. Último acesso em março de 2022.
- Portal MEC. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf). Último acesso em julho de 2022.
- Unitevê UFF. Palestra com o Prof. Sidney Chalhoub (Harvard University) intitulada Literatura e Escravidão, com moderação do prof. Ronald Raminelli Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hXxKaFYyg7g&list=WL&index=22>>. Último acesso em: agosto de 2022.
- Sempre um papo. Beije-me onde o sol não alcança, Mary del Priore no Sempre um papo em BH. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BTUCA4\\_CyO4&t=3372s](https://www.youtube.com/watch?v=BTUCA4_CyO4&t=3372s). Acesso em dezembro de 2021.
- USP/ Educação e pesquisa. Jane Soares de Almeida. Disponível em: <http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp-content/uploads/2016/07/Livro-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Pesquisa-v42-n3-2016.pdf>. Último acesso em abril de 2022.

## ANEXO

### **Sugestões de romances para você, professor(a), se inspirar e pensar seu uso na escola**

A escolha de uma obra literária para ser trabalhada em sala de aula passa por um período de estudo e análise de diversos livros. O tempo necessário para uma definição e sua leitura na escola muitas vezes não coincide com o tempo proposto pelas redes de ensino para o processo educativo. Por isso, ter manuais didáticos que ajudem na compreensão de determinadas obras contribui para a rapidez do processo.

É preciso buscar boas obras, aquelas que inspiram, que façam sentido, que tragam conhecimento, ainda mais se forem uma história escrita a contrapelo como dizia Walter Benjamin.

A maior parte das obras indicativas a seguir, são romances históricos e suas resenhas.

#### ● **PANO DE FUNDO HISTÓRICO: ANTIGUIDADE**

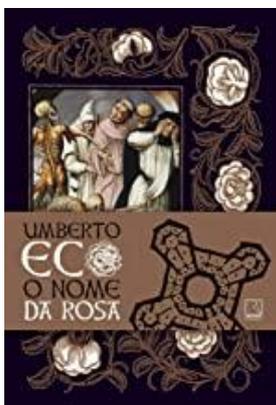
##### **1. Memórias de Adriano.** Marguerite Yourcenar (Tradução: Martha Calderaro, Nova Fronteira, 2019)



Essa obra foi escrita durante boa parte da vida de Yourcenar, a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Francesa. Depois de idas e vindas na escrita, lançou-a em 1951. O livro de característica epistolar mostra o jovem futuro imperador Marco Aurélio. Em primeira pessoa, a obra mergulha nas reflexões de Adriano sobre a vida depois do suicídio do amor de sua vida, o grego Antínoo, afogado no rio Nilo aos 19 anos. Em um contexto histórico, literatura e filosofia se encaixam perfeitamente.

## ● PANO DE FUNDO HISTÓRICO: MEDIEVO

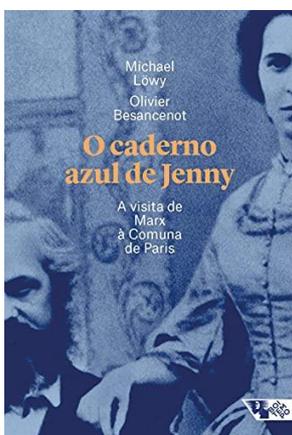
1. **O nome da Rosa**, 592 págs. Umberto Eco (Tradução Ivone Benedetti, Record, 2019)



Umberto Eco é reconhecidamente um grande medievalista da Universidade de Bolonha. Se aventurou na ficção e nos brindou com uma obra espetacular: “O nome da Rosa”. O livro tem a sofisticação erudita do autor — citações em latim, discussões teológicas, a descrição dos dias regidos pelos horários das preces — emprestada ao romance policial. O enredo se passa em 1327, quando o frade franciscano William de Baskerville chega a uma abadia beneditina no norte da Itália para investigar uma morte misteriosa. O narrador é o escudeiro de Baskerville, Adso de Melk, que decide registrar suas memórias antes de morrer.

## ● PENSANDO MARX E A COMUNA DE PARIS

1. **O Caderno azul de Jenny**. 151 páginas. Michael Löwy e Olivier Besancenot. Editora Boitempo, 2021.



O caderno azul de Jenny: Marx em Paris, de Michael Löwy e Olivier Besancenot, é uma obra de ficção que acompanha Karl Marx e sua filha mais velha Jenny Marx em uma suposta viagem a Paris, durante os acontecimentos da Comuna. Os autores reconstruem o que seria o Caderno azul de Jenny, um diário que retrata essa passagem da dupla pela cidade.

Descoberto por um descendente da família Longuet num velho baú, esse documento, que permaneceu inédito e cuidadosamente escondido por Jenny por tantos anos, foi escrito em alemão, inglês e francês, e descreve em detalhes a visita clandestina de Jenny e de seu pai Karl a Paris em abril de 1871. Ao ser apresentado a Besancenot e Löwy, que se tornam de imediato "editores improvisados" de Jenny, como se definem na introdução do livro, surge a oportunidade de trazer a público esse achado histórico.

Um dos aspectos fundamentais do diário é registrar o encontro e as enriquecedoras discussões de Marx e Jenny com os communards, entre eles, personagens históricos como Leo Frankel,

Eugène Varlin, Charles Longuet, Elisabeth Dmitrieff e Louise Michel. Marx, que se disfarça, tingindo o cabelo de preto e encurta a barba, na tentativa de passar despercebido nessa viagem secreta, fica fascinado com a experiência, observa e descobre uma nova forma de fazer política.

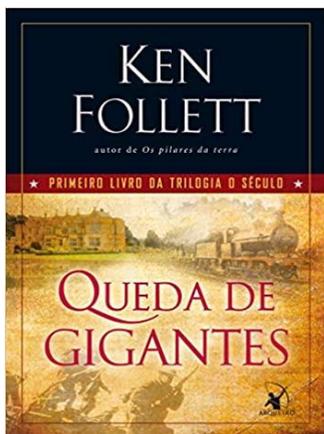
- **CONTEXTO HISTÓRICO: INÍCIO DO SÉCULO XX**

1. Os dois primeiros livros da Trilogia O Século

- **Queda de Gigantes** (908 pg)

- **Inverno do Mundo** (874 pg)

Ken Follett (Tradução: Fernanda Abreu e Fabiano Morais, Arqueiro, 2010)



Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, primeiro volume da trilogia "O Século", de Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos. De maneira brilhante, Follett descreve a saga de famílias de diferentes origens e apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

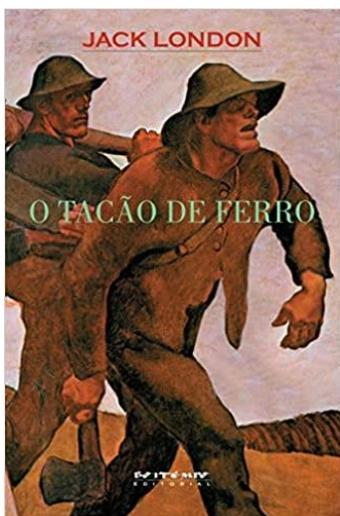
Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o

assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha. Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, *Queda de gigantes* retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando. É inegável a sobeja criatividade de Ken Follet no manejo de tantas personagens num longuíssimo enredo na cruzada bem sucedida de abarcar um recorte amplo da história contemporânea. Numa boa mistura de ficção e realidade Ken Follet levou a bom termo seu objetivo de cativar o leitor por um tempo bastante generoso. O foco de Ken em sua trilogia é a dramatização de muitos momentos históricos destacando aqueles de maior impacto na humanidade e que transformaram completamente a nossa sociedade. Follet procura evidenciar na sua narrativa as possíveis vivências das famílias que participaram daqueles eventos contextualizando e tornando verossímil cada situação. Ainda que muitos personagens sejam ficcionais, há um elenco de nomes reais de pessoas (estadistas) que fizeram parte efetiva daqueles instantes. Nesse sentido, Follet contribui excepcionalmente para um aprendizado histórico. A força narrativa de Follet é bastante vigorosa uma vez que consegue transportar o leitor para o centro das tensões a que o momento se reporta. E muitos desses eventos são excruciantes e narrados com muita propriedade.

O terceiro livro da trilogia não tem o mesmo dinamismo dos dois primeiros livros recomendados e o final das histórias deixou muito a desejar, mas como é uma análise particular, não impede sua leitura posterior.

Resenha parcialmente retirada e disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Queda-gigantes-Ken-Follett/dp/859929685X>>

## 2. **O Tacão de Ferro**, 270 págs. Jack London (Tradução: Afonso Teixeira Filho Boitempo, 2002).



Jack London inspirou-se em sua vida e de sua esposa para criar os personagens principais, Ernest e Avis Everhard. Apresenta, porém, um aspecto da vida de Jack London, talvez menos conhecido do leitor brasileiro: o de militante político. O Tacão de Ferro transcende os gêneros literários tradicionais, justapondo ficção científica, polêmica social e romance. A habilidade estilística de London constrói uma narrativa em tempos múltiplos. O conteúdo do manuscrito é visto pelo editor fictício, que faz suas

observações de rodapé apoiado na perspectiva do tempo futuro, como fato histórico. Do ponto de vista da época em que foi publicado, o livro é um exercício de antecipação histórica e um relato profético. Hoje, quase um século após sua publicação original, reconhecemos no livro de Jack London uma profecia que realizou, ao menos em parte, historicamente. Esta edição, lançada pela Boitempo Editorial, conta com tradução de Afonso Teixeira Filho, especialista em literatura inglesa e russa, e com prefácio de Anatole France, publicado originalmente na edição francesa de 1932. Apresenta ainda um posfácio de Leon Trotsky, escrito em 16 de outubro de 1937 e publicado originalmente na revista *New International* de abril de 1945.

O lançamento do livro ocorreu em 1907. Socialista revolucionário, London previu a ascensão do fascismo e a luta dos povos contra os senhores da guerra e a oligarquia. Foi acusado à época de pessimista, mas o tempo lhe fez juz à extrema capacidade de análise objetiva do momento histórico em que vivia em um futuro sombrio onde apenas a força revolucionária poderia vingar o sangue derramado de inocentes.

## ● PANO DE FUNDO HISTÓRICO: PERÍODO ENTREGUERRAS

1. **M, o filho do século.** 812 páginas. Antonio Scurati (Trad. Marcello Lino, Intrínseca, 2020).



O autor percorre a vida de Benito Mussolini para contar a ascensão do líder fascista italiano. É o primeiro volume de uma série que vai até 1925. O futuro Duce, um aproveitador na política e contraditório, vai da participação em grupos socialistas à arregimentação de pessoas rancorosas e briguentas como ele próprio. Um personagem importante para ser conhecido, pois suas atitudes foram exportadas para outros países, expandindo o fascismo pelo mundo no período entreguerras. O livro ganhou o Prêmio Strega, na Itália.

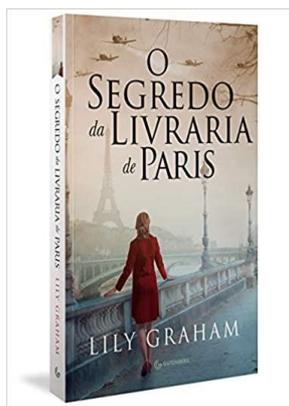
**2. Os quatro-ventos.** 384 páginas. Kristin Hannah. Editora Arqueiro, 2022.



Um épico arrebatador sobre amor, heroísmo e esperança durante a Grande Depressão, uma época em que a própria terra parecia se voltar contra seus habitantes. Texas, 1921. Passada a Grande Guerra, uma nova era de abundância parece surgir no horizonte. Mas, para Elsa Wolcott, considerada velha demais para se casar numa época em que o matrimônio é a única opção das mulheres, o futuro parece sombrio. Até a noite em que conhece Rafe Martinelli e decide mudar o rumo de sua vida. Com sua reputação em ruínas, ela acaba tendo que se unir a um homem que mal conhece. Treze anos depois, o mundo é bem diferente: milhões estão desempregados devido à Grande Depressão e à seca que devasta as Grandes Planícies, dizimando plantações e provocando tempestades de areia. Tudo está morrendo na fazenda Martinelli, inclusive o casamento de Elsa e Rafe, e cada novo dia é uma batalha pela sobrevivência. Nesse momento incerto e perigoso, ela deve fazer uma escolha angustiante: lutar pela terra que tanto ama ou deixar tudo para trás e partir para o Oeste, rumo ao desconhecido, em busca de uma vida melhor para sua família. Com o estilo apaixonante de Kristin Hannah, Os quatro ventos é uma história sobre resiliência e a força do espírito humano para sobreviver à adversidade, vista pelos olhos de uma mulher cujo sacrifício e cuja coragem representam toda uma geração.

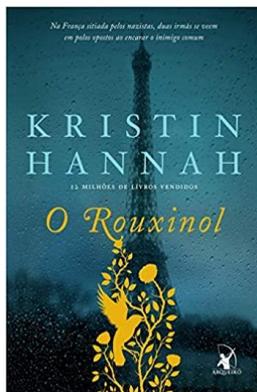
● **PANO DE FUNDO HISTÓRICO: II GUERRA MUNDIAL**

**1. O Segredo da Livraria de Paris**, 208 págs. Lily Graham (Tradução: Eliza Nazarian, Gutemberg, 2020)



A personagem Valerie nasceu na França e foi levada para Londres aos 3 anos, durante a guerra. Quando descobre que possui um avô vivo, ela volta a Paris e começa a trabalhar na livraria dele. Aos poucos, descobre a história de sua família e um pouco mais de si mesma. Os nazistas ocupam Paris e passa a testemunhar as crueldades da ocupação alemã. É um romance histórico emocionante sobre família, amor, amizade e esperança.

2. **O Rouxinol**, 432 páginas. Kristin Hannah (Tradução: Claudio Carina, Arqueiro, 2015)

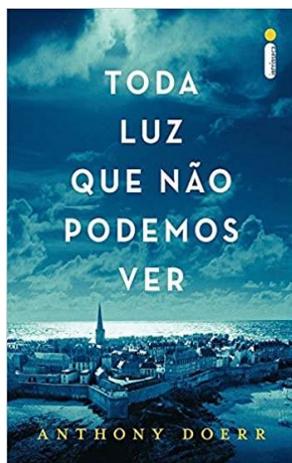


Uma escrita sensível, história emocionante e final surpreendente. O livro de Kristin Hannah conta a trama de duas irmãs francesas que arriscaram suas vidas para salvar outras pessoas durante o Nazismo. Por um lado, temos Vianne Mauriac, que é obrigada a hospedar soldados alemães após a partida de seu marido para o fronte. Sozinha com sua filha, o único caminho para proteger sua família é ajudando os invasores. Já Isabelle Rossignol, irmã de Vianne, não aceita a presença dos nazistas e deseja fazer a diferença na guerra. Para lutar contra a invasão, ela se junta à Resistência, colocando-se em perigo. Separadas pelas circunstâncias e ideais distintos, ambas precisarão fazer escolhas difíceis para sobreviver. Entre paixões, perdas e sacrifícios, a autora nos apresenta duas mulheres corajosas e uma história tocante do início ao fim.

Comentários em parte, extraído de autoria de Deborah Strougo, disponível em:

<https://mybest-brazil.com.br/19296#:~:text=Deborah%20Strougo%20%7C%20O%20Rouxinol,-Kristin%20Hannah&text=O%20livro%20de%20Kristin%20Hannah,seu%20marido%20para%20o%20fronte.>>

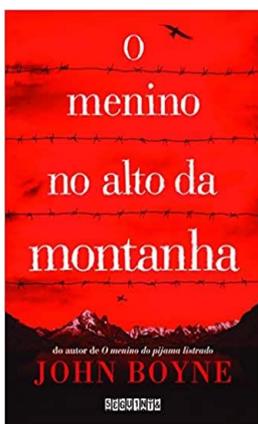
3. **Toda Luz que Não Podemos Ver**, 528 págs. Anthony Doerr (Tradução: Maria Carmelita Dias, Intrínseca, 2015).



Alemanha.

Aqui acompanhamos dois personagens: uma menina francesa cega e um garoto alemão aspirante a engenheiro. Este livro me proporcionou um misto de emoções porque pude perceber que nem todos que estavam vivendo a situação da guerra, do medo, da dor e da perda sabiam o que estava acontecendo ou conheciam as motivações de toda aquela tragédia. Ao mesmo tempo, pude concluir que cada ser humano que viveu naquela época carrega suas cicatrizes. Sempre fico bastante emocionada com histórias sobre o Holocausto e essa não foi diferente. Impressionante ler sobre as consequências dessa tragédia mundial em dois lugares: França e

Comentários em parte extraídos e disponível de forma integral em: <[#### \*\*4. O Menino no Alto da Montanha\*\*, 232 págs. John Boyne \(Tradução: Henrique de Breia e Szolnoky, Seguinte, 2016\)](https://mybest-brazil.com.br/lists/17727#:~:text=ANTHONY%20DOERR%20%7C%20Toda%20Luz%20que%20N%C3%A3o%20Podemos%20Ver,-R%24%2034%2C11&text=Este%20livro%20me%20proporcionou%20um,motiva%C3%A7%C3%B5es%20de%20toda%20aquela%20trag%C3%A9dia.></a></p></div><div data-bbox=)

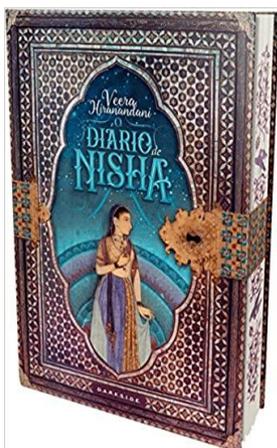


Do mesmo autor do Menino do Pijama Listrado. A narrativa acontece durante a Segunda Guerra Mundial, com a história do pequeno Pierrot que, após ficar órfão, vai morar com sua tia em uma casa no alto da montanha e tem sua vida mudada completamente. Com o tempo o personagem vai se transformando, principalmente após conhecer Hitler e se tornar um seguidor de suas ideias. O livro mostra como não apenas pessoas jovens consideradas inocentes podem ser convencidas mas também aqueles mais experientes na vida. Nem sempre pessoas que votam no fascismo são fascistas, um caso a se pensar graças também ao

livro.

### ● **PANO DE FUNDO HISTÓRICO: PÓS II GUERRA**

#### **1. O Diário de Nisha**. 288 págs. Veera Hiranandani (Tradução: Débora Isidoro, Ed. Darkside, 2019)



Para alguém com tanta dificuldade em verbalizar seus sentimentos e opiniões, Nisha sempre teve muito a dizer: em seu diário, a garota escreve cartas para sua falecida mãe, compartilhando a dolorosa experiência de ser uma refugiada durante a imigração forçada da Partição da Índia. Embora recheada de licenças poéticas, a narrativa epistolar do livro foi fortemente baseada na memória histórica da família da autora – a costura entre realidade e ficção sensibiliza o leitor para os milhões de pessoas afetadas por guerras, conflitos

internos, perseguições políticas e violações dos direitos humanos na maior crise humanitária de refugiados desde a II Guerra Mundial. O Diário de Nisha é uma obra emocionante e reflexiva que discute sobre intolerância religiosa e os traumas gerados por decisões governamentais que não levam em consideração a vida e a existência dos indivíduos sob seu poder.

## 2. **Detalhe menor.** 83 págs. Adania Shibli (Tradução: Safra Juban, Todavia, 2021)



No verão de 1949 — um ano depois do Nakba, episódio catastrófico que expulsou mais de 700 mil palestinos de suas terras —, soldados israelenses atacam um grupo de beduínos no deserto do Neguev, dizimando a todos, exceto uma adolescente, que é capturada e violentada. Anos mais tarde, uma palestina busca desvendar alguns dos detalhes que cercam o caso. Com uma prosa inquietante, este livro ressoa de maneira fervorosa a experiência da expropriação.

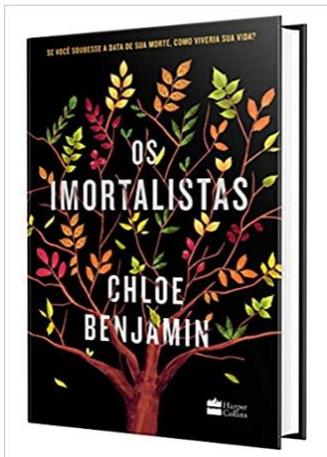
"Detalhe menor" é curto, mas profundo. Um livro de uma autora palestina que pega dois momentos centrais da história da Palestina e coloca-os como espelhos, ligados por um acontecimento aparentemente banal, mas revelador da violência que é a ocupação atual do território. A escrita de Adania Shibli consegue realizar o que pretendia, o que é um grande feito.

Dividido em dois episódios, o primeiro é um relato monótono em terceira pessoa de uma ocupação paranoica israelense, buscando estabelecer a fronteira do recém-criado Estado. Escrito de forma repetida, somos tragados no cotidiano de soldados que enfrentam ameaças invisíveis, mas muito reais para eles, até o momento da tragédia violenta que rompe o tédio. Na segunda parte, em primeira pessoa, acompanhamos uma palestina que descobre, por acaso, o incidente anterior e que ocorreu no mesmo dia de seu nascimento, mas 25 anos antes. Esse detalhe menor leva ela na busca obsessiva de mais detalhes, sem ela própria saber o motivo. Agora podemos ver mais de como é a vida sob ocupação também.

Ambos os momentos conseguem se sustentar pela ótima escrita da Adania Shibli, que consegue manter a tensão mesmo nos momentos em que nada ocorre. E apesar de ser uma obra ficcional sobre eventos reais, é um retrato vívido e esclarecedor da

ocupação que palestinos vivem até os dias atuais. No final, este é um livro potente na indignação e revolta. Recomendadíssimo.

**3. Os Imortalistas.** CHLOE BENJAMIN (Tradução: Santiago Nazarian, HarperCollins, 2018).

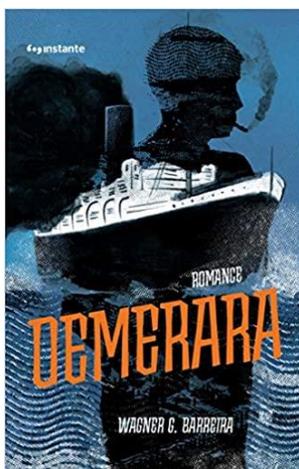


A história de Os Imortalistas se passa nos EUA, entre 1969 e 2010. Acompanhamos quatro irmãos que pedem para uma vidente adivinhar o dia em que vão morrer. A vidente, por sua vez, faz a revelação individualmente. Desde então, as atitudes dos irmãos diante dessa revelação são as mais diversas e, no decorrer da narrativa, observamos como cada um deles vai viver e quais decisões tomarão. No decorrer da história acompanhamos várias transformações dos EUA, bem como a descoberta da Aids, em 1980 e como a sociedade lidou com a doença. Acompanhamos

também a perplexidade da nação norte-americana ao sofrer o ataque terrorista às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, entre outros fatos históricos. O livro é de tirar o fôlego e traz inúmeras reflexões.

Comentários em parte extraídos e disponível de forma integral em: <[● \*\*PANO DE FUNDO HISTÓRICO: BRASIL\*\*](https://mybest-brazil.com.br/lists/17727#:~:text=CHLOE%20BENJAMIN%20%7C%20Os%20Imortalistas,-R%24%2028%2C40&text=A%20hist%C3%B3ria%20de%20Os%20Imortalistas,vez%2C%20faz%20a%20revela%C3%A7%C3%A3o%20individualmente.></a></p></div><div data-bbox=)

**1. Demerara, 152 págs. Wagner G. Barreira (Instante, 2020).**



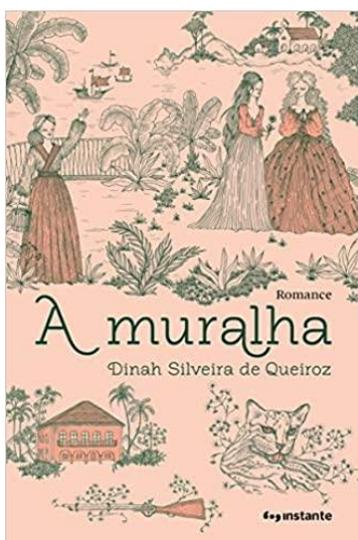
"O romance de estreia de Wagner G. Barreira conta a trajetória do jovem Bernardo, que embarca no navio que trouxe a gripe espanhola para o Brasil — e dá nome ao livro. Bernardo nasceu na Galícia, no norte da Espanha. Ainda criança foi para um orfanato na cidade de Vigo, onde estudou e perdeu a chance de se tornar padre. Em 1918, dois anos após deixar a instituição, leva uma vida

errante, vivendo de pequenos golpes ao redor do porto. Convencido por um amigo e precisando desaparecer por um tempo, embarca no vapor Demerara a caminho da América do Sul, na mesma viagem que trouxe a pandemia de gripe espanhola para o continente. Mistura de ficção e eventos históricos, o livro de Wagner G. Barreira dá voz ao narrador personagem ao relatar a travessia do Atlântico, a acusação de ter assassinado o amigo, a prisão em Santos, a convivência com infectados pelo vírus, a fuga para São Paulo e as dificuldades de adaptação na cidade em construção pelas mãos de imigrantes de todo o mundo. Demerara nasceu a partir de conjecturas sobre as origens do avô paterno de Barreira. De Bernardo, o protagonista e narrador, pouco se sabe de fato: era galego, chegou ao Brasil no navio Demerara e morreu no dia do batizado do único filho. Fora esses três fatos, tudo mais é ficção, tentativa de recriar a vida do antepassado a partir do ponto de vista do escritor, que fez uma abrangente pesquisa sobre os fatos históricos do período. Do prefácio de LAURENTINO GOMES “Os leitores destes trágicos anos 20 do século XXI se reconhecerão de imediato nas páginas deste pequeno, inspirado e muito oportuno romance. Seu roteiro tem como cenário um ambiente familiar para os brasileiros de hoje: uma devastadora pandemia provocada por um coronavírus, no caso o da gripe espanhola, que entre janeiro de 1918 e dezembro de 1920 matou entre 20 e 100 milhões de pessoas ao redor do mundo. “[...] Em Demerara, o repórter e o romancista se conjugam de forma habilidosa. Por essa razão, quem se interessa por pesquisa histórica vai logo se perguntar: o que é real e o que é ficção neste enredo? A dúvida tem fundamento. Antes de construir seu romance, o autor pesquisou exaustivamente personagens, circunstâncias e paisagens da época em que situa seu protagonista e narrador. Muitos dos nomes e acontecimentos que incorporou à narrativa tiveram existência real e estão bem documentados nos arquivos e livros de história. “[...] A cuidadosa equação entre ficção e história verídica reforça o encanto da obra de Wagner G. Barreira e comprova que no código genético do escritor de hoje se mantém vivo e forte um DNA anterior, o do jornalista, repórter e pesquisador. Só essas qualidades já fariam de Demerara um livro que merece ser lido e apreciado por todas as pessoas que se interessam por boa e refinada literatura.” Por que ler este livro? Bernardo Gutiérrez Barreira foi, na vida real, ninguém menos do que o avô do autor. O livro nos mostra que em cem anos, entre a gripe espanhola e a covid-19, os métodos de combate ao vírus permanecem os mesmos: distanciamento social e o uso de máscaras eram, e continuam sendo, as melhores terapias. É um romance histórico narrado em primeira pessoa com uma prosa elegante e envolvente, que captura a atenção do leitor da primeira à última linha. Ao longo da obra, o autor coloca habilmente na boca de seu protagonista

perguntas a respeito da viabilidade e do futuro do Brasil, questões ainda sem respostas adequadas neste início de século XXI. Temas: pandemia, gripe espanhola, contágio, Primeira Guerra Mundial, imigração, século XX, resignação, esperança, construção."

Comentário disponível em: <https://www.amazon.com.br/Demerara-Wagner-G-Barreira/dp/6587342078>

## 2. A MURALHA, 400 págs. Dinah Silveira De Queiroz (Instante, 2020).



"Considerado um best-seller nacional, narra as paixões, a coragem e a violência dos primeiros desbravadores do Brasil no início do século XVIII, com destaque para a força das personagens femininas. A muralha foi publicado originalmente em 1954, em comemoração ao quarto centenário da cidade de São Paulo. Cristina é a jovem romântica que vem de Portugal para casar-se com Tiago. Decepciona-se logo ao desembarcar do navio: seu prometido não a aguarda. E, para chegar a Lagoa Serena, a propriedade da família do noivo, precisa enfrentar dificuldades a fim de transpor a muralha da Serra do Mar, que separa o litoral da vila de São Paulo de Piratininga. Mas Cristina

terá de lidar com muito mais do que as vicissitudes de uma terra selvagem: a indiferença de Tiago, que parece só querer bem às estrelas, e os hábitos tão distintos daqueles do Reino. A paisagem e os costumes do tempo colonial são reconstituídos por Dinah Silveira de Queiroz — ela própria descendente do bandeirante Carlos Pedroso da Silveira —, com destaque para as enérgicas personagens femininas: afinal, eram as mulheres que administravam e defendiam a casa enquanto os homens partiam nas bandeiras. Depois de ter sido dado em capítulos na revista O Cruzeiro, o romance é publicado integralmente e logo se tornou um fenômeno editorial. Recebeu a Medalha Imperatriz Leopoldina por seus méritos históricos, e, no ano de seu lançamento, a autora foi contemplada com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. A muralha foi lançado em Portugal, no Japão, na Coreia do Sul, na Argentina, na Alemanha e nos Estados Unidos e foi por várias vezes objeto de adaptação no rádio e na TV brasileiros, sendo a última no formato minissérie feita por Maria Adelaide Amaral e exibida pela Rede Globo em 2000. Elogios “A escritora

transpôs para seu romance um mundo inteiro de gente, de paixões e de sucessos violentos, dentro de um cenário igualmente copioso e dolorido: esse episódio da infância de um povo, turbulenta e sensacional, não é apenas um quadro, de limites curtos: é todo um grande painel — um painel de proporções portinarescas.” — Rachel de Queiroz, 1954 “Num momento da história no qual o patriarcalismo, em seus estertores, parece mais cruel tanto para as mulheres quanto para os homens, percebo e reafirmo a importância da obra de Dinah para que acreditemos na força da luta e da capacidade das mulheres e para que os varões tenham verdadeira compaixão de si mesmos e se aliem a nós para construir, agora, sim, um Novo Mundo, com a natureza e a humanidade enfim resgatadas dos desastres que nos acabrunham.” — Maria Valéria Rezende, 2020 Por que ler este livro? Em 1980, Dinah Silveira de Queiroz tornou-se a segunda mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras (a primeira havia sido Rachel de Queiroz). A muralha é um romance histórico, em tom épico e celebrativo, inspirado na Guerra dos Emboabas. As relações interpessoais e de interesse são bastante atuais, além de levarem à reflexão e possibilitarem o entendimento de nossa realidade. Relançar esta obra contribui para a recuperação e a preservação da história literária nacional e o resgate de escritoras negligenciadas. A obra está fora das livrarias desde a primeira metade da década de 2000."

Resenha disponível em: <https://editorainstante.com.br/produtos/combo-romances-historicos/#:~:text=A%20muralha%3A%20A%20Considerado%20um,da%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.>

### 3. **Tempo de Graça, Tempo de Dor.** Frances de Pontes Peebles (Arqueiro, 2019).



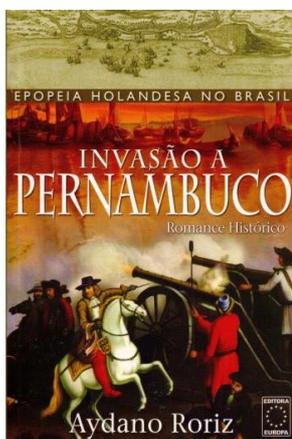
Tempo de Graça, Tempo de Dor, de Frances de Pontes Peebles, começa no Nordeste brasileiro de 1930, passa pelo Rio de Janeiro e pelo surgimento do samba, e até mesmo por Los Angeles, na Era de Ouro hollywoodiana. Maria das Dores é filha de uma empregada em um grande engenho de açúcar em Pernambuco. Maria das Graças é a sinhazinha. Graça é mimada e instável, mas uma sonhadora e uma inconformista. Dor é fria e insensível, assim como leal e inteligente. Elas desenvolvem uma amizade de atritos e aventuras, e acabam escapando do engenho para as perigosas e sensuais ruas do Rio de Janeiro para se tornar cantoras famosas. Li Tempo de

Graça, Tempo de Dor em 2019 e nunca esqueci por ser um romance nacional único. É envolvente, fascinante e musical, além de trazer um retrato crítico sobre o Brasil da época. Os personagens são humanos e a trama é uma viagem ao passado com drama, ação e romance. Nascida na miséria e órfã de mãe, Das Dores trabalha na cozinha de um grande engenho de açúcar em Pernambuco, nos anos 1930. Um dia, a chegada de uma menina muda tudo. Graça, a filha mimada do novo senhor da fazenda, é esperta, bem alimentada, bonita – e encantadoramente malcomportada. Vindas de mundos tão diferentes, elas constroem uma amizade que nasce das travessuras em dupla, floresce em seu amor pela música e marca para sempre sua vida e seu destino. Quando veem o que o futuro no engenho lhes reserva, elas fogem para o Rio de Janeiro em busca de uma carreira como divas do rádio. Mas só uma está destinada a se tornar uma estrela. À outra restam os bastidores, longe das atenções e do reconhecimento do público.

Começando no Nordeste e passando pelas ruas da Lapa, no Rio de Janeiro, e pela Los Angeles da Era de Ouro hollywoodiana, *Tempo de Graça, Tempo de Dor* é o comovente retrato de uma amizade inabalável, marcada pelo orgulho, pela rivalidade e pelo ressentimento.

Escrito em forma de memórias, conta as alegrias e o lado sombrio do relacionamento de duas mulheres que encontram na música, e às vezes uma na outra, o sentido da própria existência.

#### 4. Invasão a Pernambuco - epopéia holandesa no Brasil, 438 págs. Aydano Roriz (Europa, 2014)



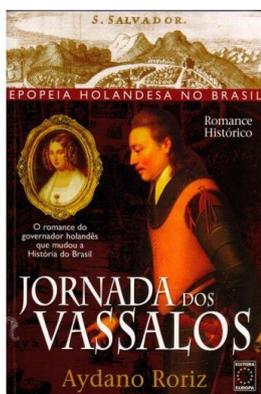
Tornar-se independente do Império Espanhol não estava nada fácil para a Holanda. A guerra durava 47 anos. Entretanto, distante da Europa, em pleno Mar do Caribe, um golpe de sorte, aliado à ousadia e à coragem de um corsário holandês, virou o jogo. Agora, a Companhia das Índias Ocidentais - WIC "nadava em dinheiro". Decidiu-se voltar a invadir o Brasil, desta vez tomando Pernambuco, que eles chamavam Zuikerland, ou "Terra do Açúcar". O diário - verídico - de um jovem mercenário alemão, a

serviço da WIC no Brasil, detalha os bastidores da grandiosa operação. A batalha por Olinda durou apenas um dia. No entanto, fora das muralhas, escondido na mata, o

governador, Matias de Albuquerque, resistia bravamente com táticas de guerrilha. E uma vez lhe tendo sido revelado um antigo segredo pelo comissário da Santa Inquisição, aos holandeses só restara recomeçar do zero, construindo uma nova cidade: Recife. Nesse meio-tempo, uma Princesa de Orange funda um reino nas Antilhas; a Espanha mergulha em grave crise econômica; e, na França, o cardeal Richelieu começa a expandir seu poder. Fascinante, "Invasão a Pernambuco" é um desses livros que prendem a sua atenção, dosando entretenimento e conhecimento da primeira à última página. Um romance histórico, com personagens de carne e osso, repleto de aventuras, curiosidades e surpresas.

Disponível em: <<https://www.europamet.com.br/invasaoapernambuco/?trilogia=true>>

## 5. **Jornada dos Vassalos**, 484 págs. Aydano Roriz . Editora Europa, 214.

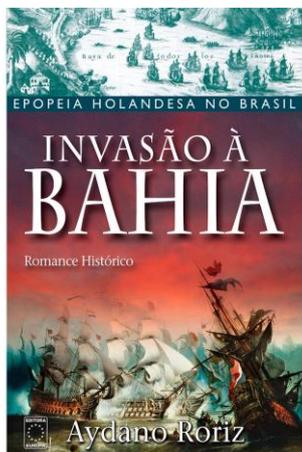


Desde 1580, para todos os efeitos práticos, Portugal era província da Espanha. Boa parte da Europa, também. A diferença era que a minúscula Holanda lutava contra o domínio espanhol pela sua independência. À força das armas, duas grandes empresas de navegação holandesas conseguiram quebrar o monopólio do comércio luso-espanhol no Oriente, e até se apossar da Cidade do Salvador, capital do Brasil. Van Dorth, o governador da

Companhia das Índias Ocidentais, queria transformar a Bahia no "celeiro do mundo". Fez muito. Sofreu, igualmente. Seja pelo tragicômico choque religioso e cultural entre baianos e holandeses. Pelos amores interesseiros, proibidos ou clandestinos. Ou pela aproximação com a Casa da Torre de Garcia d'Ávila - o castelo-sede do maior feudo do Ocidente. Nos anos de 1620, as guerras e a politicagem corriam à solta no Velho Mundo. Demorou para que o Império Espanhol se propusesse tentar retomar a Bahia. Mas uma vez decidido, reuniu uma imensa frota luso-espanhola de 66 navios e, à expedição, deram o nome de "Jornada dos Vassalos". Ocorre que, a meio caminho da Bahia, os portugueses se rebelaram. Embarque nessa jornada. Como numa superprodução do cinema, você irá se divertir, se emocionar e se surpreender, como expectador privilegiado de momentos quase desconhecidos da História da Europa e do Brasil.

Resenha disponível em: <https://www.amazon.com.br/Jornada-dos-Vassalos-Aydano-Roriz-ebook/dp/B00QQQ9WRY>

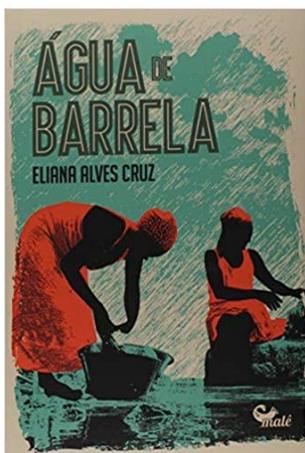
**6. Invasão à Bahia.** 464 págs. Aydano Roriz. Editora Europa, 2014.



Ao alvorecer do dia 9 de maio de 1624, uma armada de 27 naus da Companhia das Índias Ocidentais entrou na Baía de Todos os Santos, com destino à cidade de São Salvador, Bahia. Qual era o seu objetivo? O que os levou a embarcar no Mar do Norte, a 10 mil quilômetros de distância, para empreender tão perigosa travessia até o Atlântico Sul? E por que escolheram a Bahia? Invasão à Bahia, romance histórico de Aydano Roriz, traça um retrato vívido de uma das primeiras empresas multinacionais da história, ao mesmo tempo em que recria um período tão fascinante quanto turbulento do Brasil-colônia. Uma aventura extraordinária, que vai prender você até a última página.

Resenha disponível em: <https://books.apple.com/br/book/invas%C3%A3o-%C3%A0-bahia/id930067463>

**7. Água de Barrela.** Eliana Alves Cruz. Editora Malê, 2018.

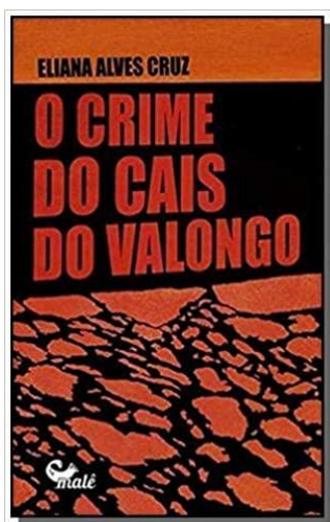


As muitas mulheres negras presentes no romance água de barrela, de eliana alves cruz encontram no lavar, passar, enxaguar e quarar das roupas das patroas e sinhás brancas um modo de sobrevivência em quase trezentos anos de história, desde o brasil na época da colônia até o início do século xx. O título do romance remete a esse procedimento utilizado por essas mulheres negras de diferentes gerações e que garantiu o sustento e a existência de seus filhos e netos em situações de exploração, miséria e escravidão. A narrativa inicia-se com a comemoração do aniversário de umas

das personagens após viver um século de muitas lutas, perdas, alegrias, tristezas e principalmente resiliência. Damiana, personagem central para a narrativa, cansada das batalhas constantes e ininterruptamente travadas pela liberdade, se vê rodeada por sua família e se recorda dos tempos de lavadeira.

Resenha disponível em: < <https://www.editoramale.com.br/product-page/%C3%A1gua-de-barrela>>

## 8. O Crime do Cais do Valongo, 202 págs. Eliana Alves Cruz. Malê, 2018.



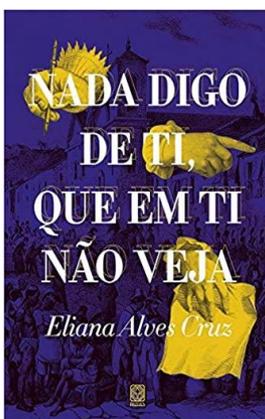
Um corpo amanhece em um beco, envolto em uma manta e com pequenas partes cortadas. O crime do cais do valongo, de eliana alves cruz, é um romance histórico-policial que começa em moçambique e vem parar no rio de janeiro, mais exatamente no cais do valongo. O local foi porta de entrada de 500 mil a um milhão de escravizados de 1811 a 1831 e foi alçado a patrimônio da humanidade pela unesco em 2017. A história acontece no início do século 19 e é contada por dois narradores — muana e nuno — que conviveram com a vítima: o comerciante bernardo vianna. Eis aqui um romance fundado em fatos históricos comprovados, mas que é uma excelente aula sobre alguns dos aspectos do processo de escravidão aqui no Brasil. A autora toma como ponto de partida um crime ocorrido no Rio de Janeiro e o local onde o corpo foi jogado e a partir daí, estabelece uma série de ligações entre os diversos países africanos, fornecedores de escravos, e o Brasil. Destaca a importância histórica do Valongo não só porque ali eram desembarcados os cativos, como também pelo cemitério de covas rasas onde eram sumariamente atirados os que morriam ao chegar. Como se sabe, e a autora destaca, o cais e o cemitério acabaram soterrados para a construção de um novo porto. Hoje Valongo, depois de escavações, está aberto a visitas e é Patrimônio Histórico da Humanidade da UNESCO.

Mas o texto oferece muito mais. Graças a uma mistura bem dosada de misticismo e fatos, a indicar o cuidado da autora nas pesquisas, o leitor acaba sendo levado a uma viagem por vários mundos, sempre focado na estúpida realidade do escravismo, das lutas tribais e o tratamento dispensado pelos donos aos seus escravos. Nesse aspecto o livro oferece momentos terríveis. Mas é bom não esquecer algumas partes que deleitam o leitor, como a em que descreve a criação do homem pela Grande Mãe, Nipele (o seio que

alimenta). O enredo, em si, é simples. Narrado, alternadamente, por dois personagens, o mestiço, jornalista Nuno Alcântara Moutinho e pela escrava Muana Lomuê, alfabetizada, leva o leitor a viajar pelo mundo real do Rio de Janeiro de antanho, por recantos da África, passando por uma dura descrição da travessia feita por um navio negreiro, as condições de vida a bordo e o tratamento dado a vivos e mortos pela tripulação. Para completar, a magia dos pratos da cozinheira Roza e das colchas-mortalhas tecidas com vagar por outro escravo, Marianno. No final os três conseguem o status de libertos.

Sem dúvida um livro imprescindível para quem se interessa por boa literatura e tem interesse na história real do Brasil.

**9. Nada digo de ti, que em ti não veja**, 200 págs. Eliana Alves Cruz. Pallas, Malê.



Uma cidade com milícia, racismo, fake news, delação premiada, conservadorismo, fanatismo religioso e ruas sujas. Parece 2020, mas esse é o Rio de Janeiro de 1732, ano no qual está ambientado o romance histórico “Nada digo de ti, que em ti não veja”, terceiro de Eliana Alves Cruz e o primeiro da autora premiada pela Pallas Editora. A narrativa é eletrizante. Entre as temáticas, salta aos olhos a transexualidade, raras vezes presente em uma trama de época, e as fake news tão em voga, através de cartas anônimas que ameaçam

revelar alguns dos segredos mais bem guardados dos integrantes das duas famílias ricas que se cruzam nas 200 páginas do título. “Nada digo de ti, que em ti não veja” é também, como adiantou Elisa Lucinda na apresentação, a história de um amor impossível, forte e verdadeiro.

Comentários disponível em: <https://www.amazon.com.br/Nada-digo-que-n%C3%A3o-veja/dp/6556020001>

**10. Um defeito de cor**, 952 págs. Ana Maria Gonçalves. Record, 2006.



Tendo uma idosa cega africana como protagonista, a obra narra sua travessia da África para o Brasil em busca do filho vendido como escravo para o Brasil. No decorrer da travessia, ela conta sua vida marcada por mortes, violências e escravidão. Os fatos históricos acompanham sua jornada na imersão do cotidiano e na vida dos personagens, dão uma contribuição para o entendimento da formação do povo brasileiro com uma narração que prende a atenção do início ao fim. Um defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves faz-nos refletir sobre nossas mais profundas raízes.

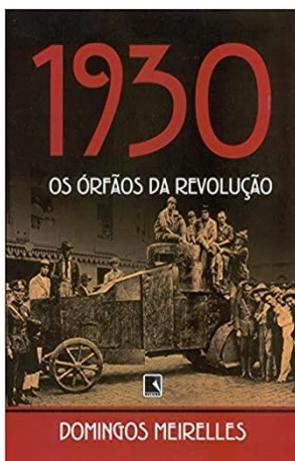
**11. A Marcha, romance da abolição**, 159 págs. Afonso Schmidt. Brasiliense, 1981.



O autor promoveu em seus livros, a História do Brasil, narrando eventos pouco discutidos e conhecidos na memória oficial. Este romance se passa nos momentos que antecederam a abolição da escravatura, quando milhares de cativos fugiam das fazendas, ocupando vilas e cidades, levando a elite nacional a um estado de apavoramento tal que contribuiu para que a lei emancipatória levasse poucos dias para ser assinada pela princesa Isabel. Destacase na obra, movimentos de repressão, como do exército, fechando as estradas na baixada paulista, para impedir a chegada de dezenas de negros considerados fugidos, este episódio, faz lembrar o estivador negro de Santos chamado Pio, que liderou uma fuga em massa nos arredores de Itu e quando o grupo descia a Serra do Mar, foi surpreendido por forças policiais e massacrados.

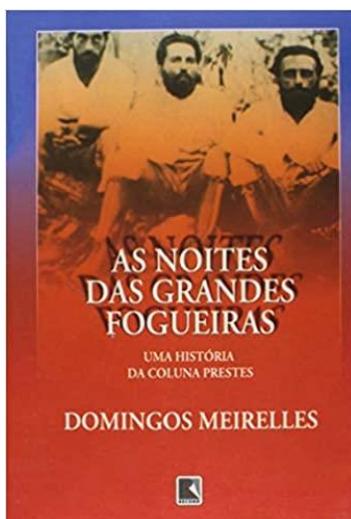
A dura vida dos negros, os abolicionistas, o Quilombo do Jabaguara e seu líder Quintino de Lacerda, são retratados vivamente tornando-se o livro indispensável para se conhecer um pouco da realidade brasileira escravocrata e pensar que o 13 de maio mais do que uma farsa ou ação exclusiva da “redentora”, fora resultado de uma ampla mobilização popular e revolucionária. Este livro, sem dúvida, mereceria uma nova edição.

**12. 1930: os órfãos da revolução**, 770 páginas. Domingos Meirelles, Record, 2005.



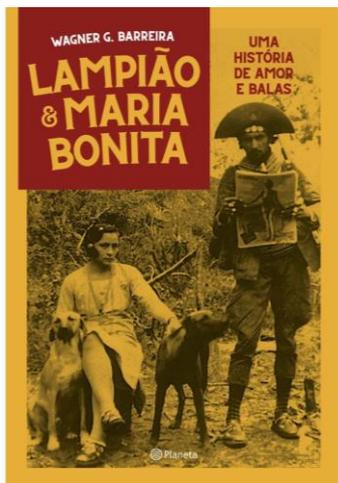
Mais do que uma rebelião militar, a Coluna Prestes foi uma das mais extraordinárias marchas revolucionárias que já aconteceram no Brasil. Em **1930: OS ÓRFÃOS DA REVOLUÇÃO**, o jornalista Domingos Meirelles acompanha os tenentes da Coluna Prestes desde o exílio, em 1927, até seu retorno clandestino ao Brasil para deflagrar o movimento que depôs o presidente Washington Luís. Neste abrangente trabalho de pesquisa sobre a conspiração que deu origem à Revolução de 1930, o livro analisa o período imediatamente posterior à Coluna Prestes, movimento que Meirelles abordou em *As noites das grandes fogueiras* - que relata as origens da rebelião de 5 de julho de 1924, quando um grupo de jovens tenentes do Exército que participara do frustrado levante do Forte de Copacabana, em 1922, toma de assalto os quartéis da Força Pública de São Paulo.

**13. As noites das grandes fogueiras**, 770 págs. Domingos Meirelles, record, 1995.



Com base em farta documentação e testemunhos, o jornalista Domingos Meirelles narrou a rebelião militar que representou grandes sentimentos de revolta que provocaram o fim da República Velha. A saga da marcha revolucionária que ficou conhecida como coluna Prestes que durou dois anos e meio, entrou para a História do Brasil. Após rigorosa pesquisa e muitas entrevistas, A reconstituição do cenário político, econômico e social em que se passou o processo de revolta dos tenentes inicia-se com a rebelião de 5 de julho de 1924, quando um grupo de jovens tenentes do Exército que participara do frustrado levante do Forte de Copacabana, em 1922, toma de assalto os quartéis da Força Pública de São Paulo. Jovens que empreendem uma saga inesquecível de despreendimento comove e faz refletir sobre os anseios de luta na atualidade em prol de um país mais justo e democrático.

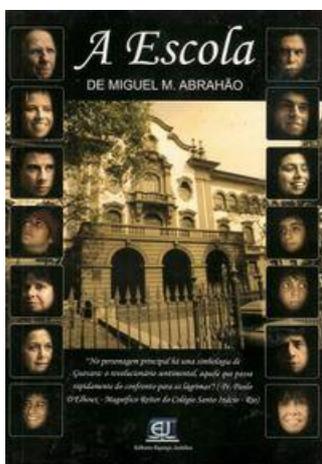
**14. Lampião e Maria Bonita: Uma história de amor entre balas. 224 págs. Wagner Barreira, Planeta, 2018.**



Lampião é um sujeito raríssimo cuja história não se encerra. Circunscrito a seu ambiente, o semiárido nordestino, Virgulino Ferreira da Silva, bandido, assassino, terrível, encontrou Maria da Déa, casada, inquieta, aventureira. A união da dupla e a vida entre seus seguidores apresentou ao país, preocupado em ser moderno, uma forma diferente, assustadora e sedutora de viver. Gênio militar inato, galanteador, sábio, pernóstico, malvado, justo... Quantas pessoas foram capazes de reunir tantos defeitos e qualidades? Quantas mulheres abandonaram

tudo para seguir o grande amor? Testemunhada, contada, recontada, reescrita, a vida e o amor de Lampião e Maria Bonita, um legítimo romance de aventura, só podem ser projetados como ficção coletiva, erguido sobre as fundações deixadas por tantos outros narradores que se aventuraram a contar seu romance. A saga dos dois é uma história verdadeira que, até hoje, alimenta a mística do cangaço e continua mexendo com o imaginário popular.

**15. A Escola. Onde Está Um, Estão Todos. 220 págs. Miguel M. Abrahão, ed. Espaço Jurídico, 2022.**



O livro tem como pano de fundo os anos 30, durante a ditadura do Governo Vargas, especificamente entre os anos de 1932 e 1935. O professor Bolívar Bueno, envolvido com idéias perigosas para a época, exerce forte influência e controle emocional sobre seus alunos do tradicional educandário Wolfgang Schubert, enquanto divide sua atenção para com as professoras Rosário e Suzy e enfrenta as intrigas do Reverendo Otto Stockhausen e de sua assistente, senhorita Catarina e se envolve em conflitos históricos, com riqueza de detalhes, como a Revolução Paulista de 1932, os atritos entre o PCB e o

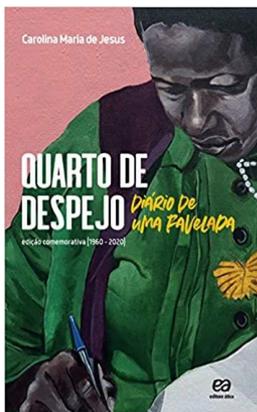
Integralismo, além de apresentar fatos reais e interessantes sobre a Intentona Comunista de 35.

**16. Hoje mando um abraço para ti, pequenina.** 160 págs. André Cabral Honor, ed. Escaleras, 2020.



Premiado com uma bolsa promovida pela Biblioteca Nacional e pelo extinto Ministério da Cultura no ano de 2014, o livro é fruto de uma vivência de anos de pesquisas históricas sobre a Paraíba do século XVIII. A triste jornada do capitão-mor José Jerônimo de Castro e Melo, que passa 33 anos à frente da Capitania da Paraíba, odiando cada segundo de sua presença no local, tem sido objeto de encanto para pesquisadores que se debruçam sobre aquele período. Sempre tangenciando e nunca adentrando fundo na sua figura, os trabalhos históricos registram o capitão, mas também se abstêm de percebê-lo nas suas contradições e complexidade.

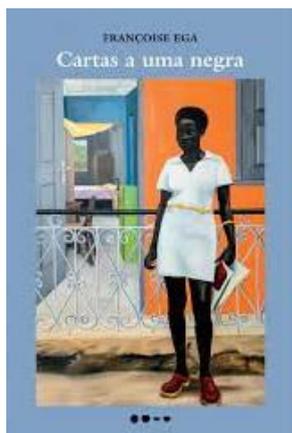
**17. Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada.** 264 págs. Carolina Maria de Jesus. Ed. Ática, 2021.



O diário de Carolina Maria de Jesus relata o cotidiano triste e cruel de uma mulher que sobrevive como catadora de papel e faz de tudo para espantar a fome e criar seus filhos na favela do Canindé, em São Paulo. Em meio a um ambiente de extrema pobreza e desigualdade de classe, de gênero e de raça, nos deparamos com o duro dia a dia de quem não tem amanhã, mas que ainda sim resiste diante da miséria, da violência e da fome. E percebemos com tristeza que, mesmo tendo sido escrito na década de 1950, este livro jamais perdeu sua atualidade.

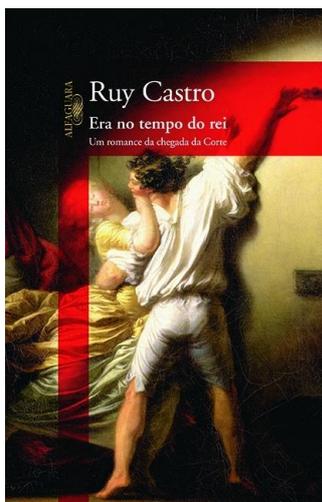
além do texto original da autora, este livro conta com um prefácio assinado pela escritora Cidinha da Silva, fotografias dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus e uma fortuna crítica com escritores como Alberto Moravia; críticos literários, como Marisa Lajolo, Carlos Vogt, Elzira Divina Perpétua, Fernanda Miranda; historiadores, como José Carlos Sebe Bom Meihy, e jornalistas, como Audálio Dantas, responsável pela publicação da primeira edição do livro, e Otto Lara Resende.

**18. Cartas a uma negra.** 256 págs. Françoise Ega. Ed. Todavia, 2021



A antilhana Françoise Ega trabalhava em casas de família em Marselha, na França. Um de seus pequenos prazeres era ler a revista Paris Match, na qual deparou com um texto sobre Carolina Maria de Jesus e seu Quarto de despejo. Identificou-se prontamente. E passou a escrever "cartas" — jamais entregues — à autora brasileira. Nelas, relatava seu cotidiano de trabalho e exploração na França, as dificuldades, a injustiça nas relações sociais, a posição subalterna (e muitas vezes humilhante) a que eram relegadas tantas mulheres como ela, de pele negra e originárias de uma colônia francesa no Caribe. Aos poucos, foi se conscientizando e passou a lutar por seus direitos. Quando morreu, em 1976, era um nome importante na sociedade civil francesa. Cartas a uma negra, publicado postumamente, é um dos documentos literários mais significativos e tocantes sobre a exploração feminina e o racismo no século XX. Concebido como um conjunto de cartas, datadas entre 1962 e 1964, o texto vai ganhando profundidade e variedade estilística à medida que a autora mergulha no processo de escrita — a ponto de o livro poder ser lido como um romance. Entre seus personagens, além das babás, empregadas domésticas e faxineiras, estão também as autoritárias (e tacañas) patroas e seus filhos mimados. A tensão principal se dá na relação entre patroas e empregadas: a atitude imperial de umas e a completa falta de direitos das outras. São histórias por vezes chocantes de trabalhadoras sem acesso a saúde, férias ou mesmo a uma moradia minimamente confortável. Tudo isso é relatado de forma pungente e expressiva, tendo como "leitora ideal" a escritora brasileira, que, ao longo de sua trajetória, teve experiências semelhantes. Pois ambas, Ega e Carolina, lutaram pelo mais básico: a dignidade na vida e na literatura.

**19. Era no tempo rei.** 248 págs. Ruy Castro. Ed. Alfaguara, 2007.



O cenário é o Rio de 1810, dois anos depois da chegada da Família Real portuguesa, com as ruas vivendo uma agitação jamais vista em uma cidade das Américas. Os personagens são nobres e plebeus que existiram de verdade e outros saídos da mais delirante imaginação. Em Era no tempo do rei, nem tudo o que se lê neste livro aconteceu - mas podia ter acontecido. Afinal, o autor é Ruy Castro. Os heróis

de Era no tempo do rei são o príncipe D. Pedro e seu amigo Leonardo, um menino de rua, ambos com 12 anos. Os dois garotos endiabrados tomam a cidade de assalto, envolvendo-se nas mais empolgantes cabriolas. Na pista deles, estão o temível major Vidigal, a prostituta Bárbara dos Prazeres, a vingativa princesa Carlota Joaquina, o pio padre Perereca, o sinistro inglês Jeremy Blood, granadeiros, ciganos e capoeiras. Como pano de fundo, a luta pelo poder no Brasil, em Portugal e nas colônias espanholas no Prata. Era no tempo do rei é um romance malandro e picaresco, com tudo que isso significa: erotismo, crítica, sátira, humor e muita ação. É também uma festa de cheiros, comidas, roupas, costumes, palavras e expressões da época. Nunca a História do Brasil foi tão irresistível.

**20. Os Perigos do Imperador.** 200 páginas. Ruy Castro. Editora Companhia das Letras, 2022.



Combinando o melhor da ficção com a reconstituição histórica, Ruy Castro cria uma trama de tirar o fôlego que faz do imperador d. Pedro II o alvo de uma conspiração antimonarquista. Em 1876, d. Pedro II embarcou num vapor rumo aos Estados Unidos para as comemorações do Centenário da Independência americana e passou três meses conhecendo o país. Em *Os perigos do imperador*, Ruy Castro parte desse episódio verídico e constrói um romance eletrizante, que imagina um atentado fatal contra o monarca orquestrado por republicanos brasileiros. Fazem parte dessa trama o poeta Sousândrade, que à época vivia em Nova York; James O'Kelly, repórter do New York Herald; Deoclecio de Freitas, dono de um virulento periódico antimonarquista; e Leopoldo Ferrão, a peça-chave para a execução do plano. Além, é claro, do grande elenco da corte imperial. Presente no livro está toda a versatilidade de Ruy Castro como escritor. Com a experiência de biógrafo, reconstitui habilmente a atmosfera do Brasil e dos Estados Unidos do século XIX; como romancista, tece uma narrativa intrigante que intercala a voz do narrador com diários, cartas, reportagens e editoriais, fazendo o leitor se questionar sobre o que de fato aconteceu.

## 21. Novo Mundo em Chamas. 414 páginas. Viktor Waewell. 2020.

Batalhas sangrentas, os amores e as agruras, com negros fugidos no mato, um exército dos fidalgos e índios que comem gente, neste épico histórico arrebatador, por uma das novas

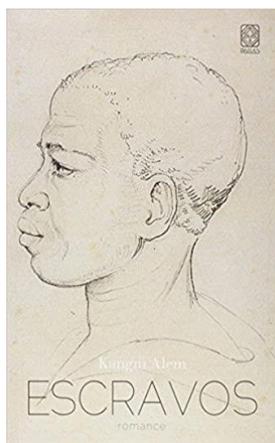


vozes da literatura brasileira. Quando fidalgos expulsam os invasores holandeses do Nordeste, sua máquina de guerra volta-se para o interior, para a grande região de Palmares, lar de povoações fortificadas dos negros e de tribos selvagens remanescentes. O objetivo dos senhores: recapturar milhares de escravos e dominar o território. O competente sargento Ernesto, negro nascido livre, filho de uma ex-escrava e um português, é o enviado para traçar a rota de ataque para o exército dos senhores, acompanhado de um índio como guia. Porém, no caminho, Ernesto irá se deparar com um mundo desconhecido por ele. A mata de Palmares é pontilhada por pequenas

e grandes vilas, gente trabalhando a terra, as grandes malocas sobressaindo-se na mata. Ele vai conhecer Diara, uma bela guerreira disposta a morrer pela liberdade. E vai se deslumbrar com as fortalezas nos topos dos morros, protegidas por guerreiros pretos. Agora Ernesto terá que decidir de que lado lutar no embate iminente: a batalha pelo destino de Palmares e do Brasil. Ao mesmo tempo, Teresa, mucama de um poderoso fidalgo, vai enfrentar violências, com uma força que aprende a conhecer, para um papel decisivo na trama.

- **Escravidão - Conexão África-Brasil**

1. **Escravos**, 264 págs. Kangni Alem (Pallas, 2011).



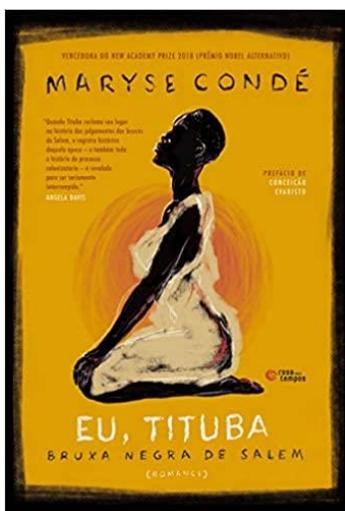
No final do século XVIII e início do século XIX, a onda de revoltas de negros escravizados resultou num clima generalizado de histeria antinegro nas colônias, do qual nem as metrópoles brasileiras escapariam. Mas a principal inovação nesse período foi o envio de negros “indesejáveis” de volta à África, para que não perturbassem a ordem escravista. A maioria dos escravos expulsos do Brasil era composta por negros alforriados antes da abolição da escravidão no Brasil (1888). Os que retornaram do Brasil tiveram certamente muitos motivos, mas não é possível esquecer, entre eles, a violenta

repressão à Revolta dos Malês (1835). Graças aos libertos retornados, formava-se na costa

ocidental da África uma elite profissional e política que, lá, conseguira o que a aristocracia agrária e escravista lhes negara nas Américas. Escrito pelo dramaturgo e escritor togolês Kangni Alem, *Escravos* conta a história dos primeiros afro-brasileiros. No início do século XIX, o tráfico negreiro fez a fortuna dos senhores de escravos e seus aliados no continente africano. O único que se atreve a falar contra a escravidão, o rei Adandozan, é deposto. Seu súdito mais fiel, um jovem mestre de rituais, é vendido para um comerciante Inglês e enviado como escravo ao Brasil. Kangni Alem narra a saga desse personagem que, depois de 24 anos como escravo e de participar de inúmeras revoltas, retorna à África para honrar a memória do seu rei, morto no esquecimento, para um país que o tornara estrangeiro.

- **Resistência negra na América escravocrata**

1. **Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem. 252 págs. Maryse Condé (Autor), Natalia Borges Polesso (Tradutor). Ed. Rosa dos Tempos, 2019.**



Livro premiado de uma das mais importantes escritoras negras da atualidade, vencedora do New Academy Prize 2018 (Prêmio Nobel Alternativo) Tituba, mulher negra, nascida em Barbados, no século XVII, renasce, três séculos depois. Torna-se outra vez real, pelas mãos da premiada escritora Maryse Condé, vencedora do New Academy Prize 2018 (Prêmio Nobel Alternativo). No início do livro, Maryse Condé anota: "Tituba e eu vivemos uma estreita intimidade durante um ano. Foi no correr de nossas intermináveis conversas que ela me disse essas coisas que ainda não havia confiado a ninguém." Da mesma forma, quem lê Tituba poderá ouvi-la falar, do invisível, desestabilizando estruturas cristalizadas, mediando novas concepções de identidades e culturas e protegendo as pessoas insurgentes. Aqui, essa personagem fascinante, é retirada do silêncio a que a historiografia lhe destinou. Filha de uma mulher negra escravizada, viveu cedo o terror de ver a mãe assassinada por se defender do estupro de um homem branco e de saber que o pai se matou por causa do mesmo homem branco. Cresceu sob os cuidados de uma mulher que tinha o poder da cura e que a iniciou nos mistérios. Adulta, apaixonou-se por John Indien e abdicou, por ele, da própria liberdade. Uma das primeiras mulheres julgadas por praticar bruxaria nos tribunais de Salem, em 1692, Tituba fora escravizada e levada para a Nova Inglaterra pelo pastor Samuel Parris, que a denunciou. Mesmo protegida pelos espíritos, não pôde escapar

das mentiras e acusações da histeria puritana daquela época. A história de Tituba é a história das mulheres da diáspora e do povo negro. É também a história de todas as pessoas que seguem a própria verdade, em vez de professar a fé do colonizador. É a história dos e das dissidentes e dos seres de alma livre. Por isso é uma história bela e complexa, cujo final, a despeito dos infortúnios, é sempre benfazejo, pois é a história dos que resistem. "Para saber de Tituba, a bruxa negra de Salem, é preciso acompanhar quem sabe lidar com a alquimia das palavras. Maryse Condé tem as fórmulas, as poções mágicas da escrita." - Conceição Evaristo Disponível em: <https://arcus-www.amazon.com.br/Eu-Tituba-Bruxa-negra-Salem-ebook/dp/B07Y8WF549>

- **A chegada do colonizador branco à África**

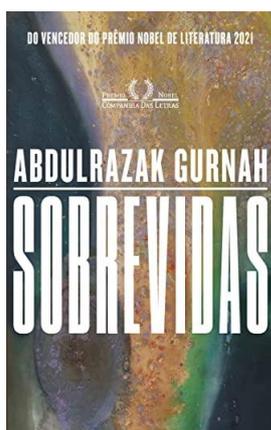
1. **O Mundo se despedaça.** 240 páginas. Chinua Achebe. Ed. Companhia das Letras, 2009.



O mundo se despedaça conta a história de um guerreiro chamado Okonkwo, da etnia ibo, estabelecida no sudeste da Nigéria, às margens do rio Níger. O momento que a narrativa retrata é o da gradual desintegração da vida tribal, graças à chegada do colonizador branco. Os valores da Ibolândia são colocados em xeque pelos missionários britânicos que trazem consigo o cristianismo, uma nova forma de governo e a força da polícia. O delicado equilíbrio de costumes do clã vinha sendo mantido por gerações, mas então atravessa um momento de desestabilização, pois os missionários europeus e seus seguidores, africanos convertidos, começam a acorrer às aldeias de Umuófia pregando em favor de uma nova crença, organizada em torno de um único Deus. A nova religião contraria a crença nas forças anímicas e na sabedoria dos antepassados, em que acreditam os ibos. Além disso, os homens brancos trazem novas instituições: a escola, a lei, a polícia. Okonkwo, o mais bravo guerreiro do clã, é dos principais opositores dos missionários, mas ele não contava com a adesão à nova crença de muitos de seus conterrâneos, vizinhos e companheiros de aldeia. Entre eles está ninguém menos que seu primogênito, Nwoye. Também aderem à religião do homem branco aqueles que foram marginalizados pela sociedade tradicional, os párias ou osus, as mulheres, os jovens sem perspectiva. Como escreve o diplomata e estudioso das literaturas africanas Alberto da Costa e Silva, no prefácio ao livro, o romance de Achebe é uma das obras

fundadoras do romance nigeriano contemporâneo. Segundo ele, o livro "narra a desintegração de uma cultura, com a chegada do estrangeiro, com armas mais poderosas e de pele, costumes e ideias diferentes". Mas, para o ensaísta, Chinua Achebe, que escreve em inglês, "é cidadão de uma Nigéria criada pelo colonizador" e sabe que a "História não é boa nem má, nascemos dela, de seus sofrimentos e remorsos, de seus sonhos e pesadelos". O romance é considerado um dos livros mais importantes da literatura africana do século XX e fundador da moderna literatura nigeriana.

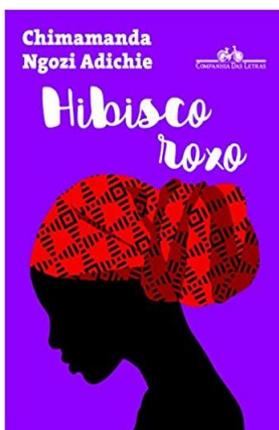
**2. Sobrevidas.** 373 páginas. Abdulrazak Gurnah. Ed. Companhia das Letras, 2022.



Deutsch-Ostafrika, início do século XX. Os colonizadores avançam violentamente pela África, dizimando povos e impondo regras e costumes. No litoral do oceano Índico, Khalifa e Asha estão tentando ter o primeiro filho e logo conhecem Ilyas, que chega à cidade para trabalhar. Ainda menino, ele fora raptado por um askari das tropas coloniais e anos depois descobre que os pais morreram e que sua irmã, Afiya, está vivendo em condições deploráveis. Já Hamza chega em busca de emprego e segurança e lá acaba se apaixonando por Afiya. Num período de lembranças traumáticas, ele integrara a Schutztruppe, lutando contra o próprio povo ao lado dos colonizadores. Neste romance magistral, Abdulrazak Gurnah joga luz sobre as consequências devastadoras da opressão e do colonialismo sobre todo um continente. Enquanto os personagens vivem, trabalham e se apaixonam, pairam sobre eles o fantasma da guerra e a possibilidade de que novos combates arrasem a vida de todos mais uma vez.

- **África**

**1. Hibisco roxo.** 328 páginas. Chimamanda Ngozi Adichie (Autor), Julia Romeu (Tradutor) Companhia das Letras, 2011.



Protagonista e narradora de Hibisco roxo, a adolescente Kambili mostra como a religiosidade extremamente “branca” e católica de seu pai, Eugene, famoso industrial nigeriano, inferniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai,

contador de histórias encantador, e a irmã, professora universitária esclarecida, temendo o inferno. Mas, apesar de sua clara violência e opressão, Eugene é benfeitor dos pobres e, estranhamente, apoia o jornal mais progressista do país. Durante uma temporada na casa de sua tia, Kambili acaba se apaixonando por um padre que é obrigado a deixar a Nigéria, por falta de segurança e de perspectiva de futuro. Enquanto narra as aventuras e desventuras de Kambili e de sua família, o romance também apresenta um retrato contundente e original da Nigéria atual, mostrando os remanescentes invasivos da colonização tanto no próprio país, como, certamente, também no resto do continente. “Uma história sensível e delicada sobre uma jovem exposta à intolerância religiosa e ao lado obscuro da sociedade nigeriana.” - J.M. Coetzee

Comentário disponível em: <https://www.amazon.com.br/Hibisco-roxo-Chimamanda-Ngozi-Adichie/dp/8535918507>

- **Levante negro**

- 1. O maior revolucionário das Américas: a vida épica de Toussaint Louverture.** 600 páginas. Sudhir Hazareesingh. Ed. Zahar. 2021.



Toussaint Louverture, a figura mais emblemática da Revolução Haitiana, dedicou sua vida à construção de uma sociedade baseada na igualdade. Autodidata que se tornou erudito e general do exército francês, Toussaint liderou a imensa revolta de escravizados que libertou a colônia franco-caribenha de Saint-Domingue em 1791 — e culminou com a proclamação da primeira república negra livre e independente no mundo. Foi o guia de seu povo, comandante do exército republicano e, por fim, seu governador.

Em *O maior revolucionário das Américas*, Sudhir Hazareesingh acompanha cada passo da jornada deste personagem memorável: desde seus triunfos contra as tropas francesas, espanholas e britânicas até sua ousada promulgação de uma Constituição autônoma. Toussaint se tornou um farol para os escravizados do Atlântico e para muitas gerações de progressistas republicanos, tendo inspirado figuras como Frederick Douglass, movimentos anticoloniais e antirracistas e as ideias seminais de negritude do século XX.

